



BESTSELLER INTERNACIONAL

DEBBIE
MACOMBER
Laços de Vida





© Dan Gregory Meyer

Debbie Macomber é uma das grandes autoras bestseller do New York Times. Presença assídua nos tops de várias publicações, é das escritoras mais lidas em todo o mundo, com mais de 170 milhões de exemplares vendidos.

Galardoada com inúmeros prêmios RITA e Holt Medallion, já venceu o RT Book

Reviews Lifetime Achievement Award, o B.
Dalton Award e em 2010 a associação
Romance

Writers of America atribuiu-lhe o Nora
Roberts Lifetime Achievement Award.

Laços de vida

Debbie Macomber

Publicado em Portugal por:

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Starting Now

© 2013, Debbie Macomber

Edição publicada por acordo com Ballantine Books, uma chancela da The Random House Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.

Tradução: Clara Caldeira

Design da capa: © Manuel Pessoa

Imagem da capa: © Shutterstock

1.^a edição em papel: março de 2014

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68411-0

A Theresa Park,
por abrir portas e alargar os meus
horizontes

Capítulo 1

Era isso mesmo. Só podia ser isso.

No momento em que Libby Morgan ouviu a assistente dizer-lhe «Hershel pede-lhe que vá ao gabinete dele», soube que alguma coisa se passava. Ah, tinham circulado rumores no escritório sobre despedimentos e reformas

antecipadas. Estes boatos só vinham confirmar aquilo que ela pressentia que Hershel lhe iria comunicar. Esperava por aquele momento há seis longos anos.

Libby sempre se perguntara como se iria sentir quando finalmente recebesse a notícia. Desejava agarrar-se a esta sensação de expectativa feliz o máximo que pudesse. Olhando para trás, deve ter intuído que algo iria acontecer, porque vestira o seu melhor fato saia-casaco às riscas,

optando por uma saia travada em vez das calças informais. Felizmente, tinha marcado cabeleireiro no dia anterior. Já deveria ter cortado o cabelo há muito, mas, vendo agora como lhe ficava bem, sentiu que valia cada cêntimo dos cem dólares que Jaques lhe cobrara. Um bom corte de cabelo fazia maravilhas ao seu aspeto. Usava-o agora castanho-escuro com risco ao meio, mais curto na nuca, com as pontas longas junto à linha do rosto enroladas em torno do queixo.

Jacques referira várias vezes a sorte que ela tinha por ter um cabelo tão volumoso. Não achava ter a mesma sorte quando ele lhe sugeriu que depilasse as sobrancelhas. Mas tinha razão: ficava bem assim. Delicada. Profissional. Prometeu a si mesma não deixar passar tanto tempo entre idas ao cabeleireiro.

Libby não se considerava uma beldade. Demasiado realista e sensata por natureza, estava bem consciente dos seus defeitos físicos.

Na melhor das hipóteses, podia ser engraçada, ou pelo menos fora isso mesmo que dissera o ex-marido Joe. Tinha consciência de que era apenas banal. Altura mediana, peso regular; cabelo e olhos castanhos, sem características extraordinárias. Porém, no íntimo era um dínamo. Dedicada, trabalhadora, ambiciosa. O estofo ideal para uma sócia.

Pegou no bloco de notas de folhas amarelas e dirigiu-se para o opulento gabinete da direção. Aparentemente mantinha-se calma e composta, mas sentia o coração

acelerado e a cabeça a girar.

Finalmente. Finalmente estava prestes a ser recompensada pelas escolhas difíceis e pelos sacrifícios que tinha feito.

Libby estava no sexto ano de um percurso de oito para se tornar sócia. Com sorte, encontrava-se na iminência de atingir o objetivo em que apostara apaixonadamente desde o primeiro minuto em que fora contratada como advogada associada do departamento de Fundos e Património da Burkhart,

Smith & Crandall, uma importante e onerosa firma de advogados, com sede em Seattle. Ia tornar-se sócia, antes ainda do que previra.

Embora não quisesse parecer demasiado confiante, estava subentendido que ninguém o merecia mais do que ela. Libby trabalhara mais, durante mais tempo e com melhores resultados do que qualquer outro advogado contratado pela empresa. A sua competência legal também não passara despercebida no complexo projeto de gestão patrimonial de

Martha Reed. Libby tinha um grande número de horas faturadas e essa velha senhora desenvolvera uma preferência por ela. Nos últimos dois meses, dois sócios haviam passado pelo seu gabinete para lhe elogiarem o trabalho.

Libby quase que sentia a mãe a olhá-la do céu, sorridente e orgulhosa. Molly Jo Morgan morrera de cancro da mama quando Libby tinha treze anos. Antes de morrer, a mãe pegara-lhe na mão e dissera-lhe para trabalhar arduamente e

nunca ter medo de perseguir os seus objetivos. Aconselhara Libby a sonhar alto e avisara-a de que existiriam escolhas dolorosas e sacrifícios ao longo do caminho.

Esse último verão da vida da mãe marcou o percurso de Libby. Desejava deixar a mãe orgulhosa, embora ela não viesse a assistir aos seus sucessos. Hoje, estava certa, era um daqueles momentos de «Vês, mãe? Olha para mim!».

Muito cedo na escola secundária, Libby definiu como objetivo vir a tornar-se advogada.

Era presidente do Clube de Debate e conhecida por apresentar bons argumentos, qualquer que fosse o lado da discussão. Alcançar o seu objetivo não fora fácil. A bolsa de estudos na universidade ajudara, mas as despesas eram muitas e o dinheiro pouco. Como complemento, trabalhou como empregada de mesa e fez bons amigos. Quando já estava avançada nos estudos de Direito, arranjou trabalho como jurista na zona de Seattle.

O seu percurso profissional sofreu um pequeno desvio quando se casou com Joe Wilson. Joe trabalhava como cozinheiro e conheceram-se no restaurante onde ela servia à mesa. Quando se mudou de Spokane, ele acompanhou-a de bom grado para a zona de Seattle e arranjou rapidamente emprego num restaurante barato. Era o rapaz mais simpático do mundo, mas o casamento deles estava condenado desde o primeiro dia. Joe

contentava-se com o que tinha, ao passo que Libby tinha ambição de ser muito mais. O ponto decisivo ocorreu quando o marido quis que ela fizesse uma pausa na carreira para constituírem família. Joe queria ter filhos e Libby também, mas não podia correr o risco de ser arrumada na «prateleira das mães» no escritório. Pediu-lhe que fosse paciente, que esperasse mais dois anos. Na verdade, nem seria preciso tanto tempo. Mal se afirmasse no escritório, isso deixaria de ter tanta importância.

Mas Joe estava impaciente. Receava que, depois daqueles dois anos, ela quisesse mais um e depois outro. Nada do que então dissera o convencera do contrário.

Hershel levantou a cabeça quando ela entrou no gabinete. Não estava sorridente, mas isso era normal.

– Sente-se, Libby – pediu-lhe, apontando para a cadeira do outro lado da secretária.

Um dia, o seu gabinete teria este aspeto, pensou Libby, com

confortáveis cadeirões de pele com ar antigo, estantes enceradas e um globo terrestre. Fotografias da mulher de Hershel e dos filhos contemplavam-na do aparador atrás da secretária. A fotografia dele num barco perturbava-a sempre. Hershel encarava a objetiva, o cabelo revolto pelo vento, o barco à vela a cortar as ondas do Pacífico num dia cristalino, com o céu tão azul como as águas das Caraíbas. O barco rasava de tal forma o limite da água que ela sustinha a respiração

com medo de que a embarcação se virasse por completo.

A fotografia era inspiradora para Libby, porque lhe provava que um dia, como sócia, também ela teria férias e desfrutaria da vida longe do escritório. Contudo, para o conseguir, o seu único foco teria de ser o compromisso com a empresa, com os clientes e com o trabalho.

Sentou-se descontraída na cadeira que Hershel lhe indicara, cruzando as pernas. Estava a par das intenções da direção. O que a

surpreendeu foi a expressão evidente de grande desassossego estampada no rosto dele. Era típico de Hershel fazer este anúncio de forma circunspecta.

– Interessei-me pessoalmente pelo seu caso desde o dia em que foi contratada para este escritório – disse, pousando a caneta na secretária. Deteve-se algum tempo para se certificar de que esta ficava perfeitamente alinhada.

– Sei disso e estou-lhe grata. – Libby recostou-se no confortável estofo. – Têm sido seis anos

maravilhosos. Tenho trabalhado arduamente e sinto que sou uma mais-valia para a empresa.

– Tem feito um excelente trabalho.

Libby resistiu ao impulso de o lembrar das muitas horas faturadas que acrescentara a vários processos.

– É uma colaboradora esforçada e uma excelente advogada.

Libby permitiu-se um momento para saborear aquelas palavras. Hershel não era uma pessoa dada a

grandes elogios.

– Obrigada. – Endireitou-se na cadeira, antecipando o que poderia acontecer. Primeiro, ele iria sorrir e anunciaria que, depois de discutido o assunto com os outros sócios, gostariam de...

A sua projeção foi interrompida por Hershel, que prosseguiu o discurso, dizendo:

– Estou certo de que está a par do desafio que os últimos seis meses têm representado para a empresa... – Assestou os olhos nela e Libby viu neles tristeza e

preocupação, à medida que aquelas sobancelhas grossas se juntavam, franzindo-se. – Tivemos um decréscimo significativo nos lucros devido à recessão.

Uma sensação de formigueiro começou a insinuar-se-lhe na base do pescoço. Aquela conversa não estava a seguir o rumo que antecipara.

– Eu, decerto, fiz a minha parte – sentiu-se obrigada a lembrá-lo. Mais do que qualquer outro advogado da equipa, especialmente

Ben Holmes, pensou, mas não disse. Às seis da tarde, pontualmente, Ben saía do escritório.

Hershel pegou na caneta que pousara com tanto cuidado sobre a mesa instantes antes e segurou-a entre as palmas das mãos.

– Cumpriu uma parte substancial e esse é um dos motivos que tornam esta decisão particularmente difícil.

– Decisão? – repetiu ela, enquanto uma sensação de pavor dominava qualquer entusiasmo

sentido antes.

– O problema é que a Libby não «engrossou o caudal» – declarou ele. – Não trouxe nenhum grande cliente para a empresa.

Encontrar potenciais clientes era quase impossível, tendo em conta as horas que trabalhava. Libby tentara estar presente em encontros sociais, mas não era especialmente dotada para as relações públicas. Sentia-se inconveniente quando se metia em conversas alheias ou iniciava um

diálogo. Com pouco assunto além do trabalho, achava-se inapta e desastrada. Nem sempre fora tão tímida, tão titubeante.

– Hershel – começou ela, verbalizando a sua suspeita, o seu maior medo. – O que me está a tentar dizer? Não me está a despedir, pois não? – Solto uma gargalhada incrédula.

O sócio sénior suspirou lentamente e fez um sinal com a cabeça.

– Não consigo expressar-lhe o quanto lamento ter de fazer isto.

Não é a única. Vamos dispensar cinco pessoas. Como pode imaginar, não foi uma decisão fácil.

A primeira preocupação de Libby foi com a sua assistente.

– Sarah?

– Ela está bem. O contrato será renovado.

O coração de Libby esmoreceu.

– Oferecemos-lhe uma indemnização generosa. – Hershel entrou em pormenores, mas Libby ficou gelada, atordoada, incapaz de acreditar que aquilo estava mesmo

a acontecer. Pessoas com quem tinha trabalhado, pessoas que conhecia, estavam a perder os empregos. Ela estava a perder o emprego. Porque não se apercebera disso? Detestava pensar que estava tão desligada da realidade que não se tinha dado conta de nada.

– Se me é permitido, gostava de lhe dar também um conselho, Libby.

O choque ainda não lhe passara e, porque tinha a garganta seca, não respondeu. Só conseguiu ficar a

olhar para ele, aterrada, descrente, completamente abalada.

– Não quero que pense nisto como um fim. É um novo começo para si. Uma das razões por que me interessassei pessoalmente pelo seu caso tem a ver com o facto de a Libby me recordar eu próprio há uns anos. Também sentia necessidade de me afirmar. Também investi em tornar-me sócio em detrimento de tudo o resto, tal como a vi fazer. Perdi a infância dos meus filhos. Quando estavam no secundário,

continuavam estranhos aos meus olhos. Felizmente, consegui compensar o tempo perdido. O que lhe quero dizer é que eu sacrifiquei mais do que era razoável e vejo-a cometer os mesmos erros.

Libby tentou concentrar-se, mas não conseguia superar o facto de estar subitamente desempregada. Pestanejou várias vezes, procurando compreender o que se estava a passar. Não ajudou. O nó no estômago apertava-se.

– Espero – continuou Hershel – que aproveite este tempo para

encontrar mais equilíbrio na vida. A partir de agora.

– Desculpe? – perguntou ela, encarando-o e pestanejando nervosamente. Uma parte daquele seu entorpecimento começara a dissipar-se. Só conseguia pensar que entregara a vida, o casamento, tudo o que lhe pertencia, àquela empresa e que eles estavam prestes a empurrá-la porta fora.

– Quero que goze a vida – sublinhou Hershel. – Uma vida verdadeira, com amigos e

interesses fora do escritório. Há um mundo inteiro à sua espera!

Libby continuava a fitá-lo. Será que Hershel não compreendia? Ela tinha uma vida, e essa vida estava naquela empresa. Era apaixonada pelo seu trabalho e agora arrancavam-lho das mãos.

– Quem vai trabalhar com a Martha Reed? – perguntou. Com certeza aquilo não passava de um enorme engano. Martha Reed era uma das clientes mais importantes do escritório e gostava de colaborar com ela.

– Libby, não me está a ouvir. A decisão já foi tomada. A empresa está a ser mais do que generosa.

– Generosa... – repetiu, soltando uma gargalhada sem energia. A raiva dominou-a, e ela pôs-se de pé. O bloco caiu discretamente no chão quando apertou as mãos junto ao tronco. – Esta é uma decisão indigna de si, Hershel. Está a cometer um erro. Pensei que me defendia... – Sentia o calor abasarlhe o pescoço e subir-lhe às faces. Apertou os lábios com força. Era

inútil discutir: como ele dissera, a decisão já fora tomada; mas, por tudo o que era mais sagrado, queria deixar-lhe bem claro que não aceitaria a situação de ânimo leve. Espetando um dedo acusador na secretária, olhou-o de forma dura e frontal e declarou:

– Espero que saiba que ainda hoje vou arranjar outro emprego.

– Para o seu bem, espero que não, mas se for esse o caso... assim seja.

– Vai arrepender-se disto, Hershel. Dei-lhe a si e a esta

empresa tudo. – Sem se dar ao trabalho de procurar novos argumentos, deu meia-volta e saiu do gabinete de forma intempestiva.

Com o coração acelerado, Libby aproximou-se do seu pequeno gabinete. Quando Sarah a viu, estacou de repente, os grandes olhos castanhos e expectantes fixos nela.

– Então? – perguntou Sarah.

– Fui... fui despedida.

Caiu-lhe o queixo.

– Está a brincar?

Um segurança aproximou-se do gabinete e ficou junto à porta, a observá-la enquanto ela arrumava as suas coisas. Libby abriu uma gaveta com estertor e começou a despejar o conteúdo para a secretária.

– Parece-te que estou a brincar?

Sarah estava tão atordoada quanto Libby instantes antes.

– Mas porquê?

– Pergunte ao Hershel.

Libby comprimiu os lábios enquanto lutava para controlar a

fúria.

– E então... então e eu?

Sarah afundou-se numa cadeira, sentindo que os joelhos lhe falhavam.

– Não se preocupe, já perguntei. O seu contrato vai ser renovado.

– Não acredito nisto!

– Não acredita?

Libby ficou sem palavras, atirando naquele momento o que restava nas gavetas para um saco grande que tinha à mão.

– O que vai fazer?

– Fazer? – repetiu Libby, embora

a pergunta fosse retórica. – Que mais há a fazer? Arranjar outro emprego. Serei contratada por outro escritório antes de sair deste edifício. Foi o que disse ao Hershel, e acredito nisso. Os da Jeff Goldstein andam atrás de mim há anos.

Não era exagero. Jeff tinha entrado em contacto com ela duas ou três vezes desde que começara a trabalhar na Burkhart, Smith & Crandall, para sondar se ela estava satisfeita com o trabalho. Era a

primeira pessoa a quem ligaria. Já começava a formar na sua cabeça uma lista de potenciais empregadores. Muitos escritórios de advogados consideravam-se iam afortunados se a pudessem contratar.

Bateu com a última gaveta, pegou na pasta e atirou para cima da secretária os documentos em que tinha trabalhado várias horas em casa, na noite anterior. A seguir, pegou no saco com os seus objetos pessoais e pô-lo ao ombro.

– Libby – disse Sarah, indicando

o segurança com o olhar.

Francamente, toda a pressa era pouca.

– Acho que não aguento aqui nem mais um minuto.

Hershel oferecera-lhe um conselho paternal, dando a impressão de ser tão justo e superior... tão condescendente. Bem, respondera-lhe à altura. Ele iria lamentar este dia. Cometera um grande erro e não tardaria a percebê-lo. Ao longo da vida, Libby enfrentara desafio sobre desafio e

superara-se sempre. Desta vez não seria diferente.

Se a morte da mãe lhe ensinara alguma coisa, era que deveria fazer o que fosse preciso para ultrapassar as contrariedades. Perdera-a muito jovem e passara por um divórcio. Sobreviveria a isto também, tal como a tudo o resto.

Forçou-se a sorrir, engoliu em seco e olhou para Sarah.

– Vá dando notícias.

– Claro que sim – prometeu a assistente. – Avisa-me quando arranjar emprego?

– Naturalmente.

Quando se empregasse outra vez, pediria a Sarah para se juntar a ela. Formavam uma boa equipa. Trabalharam juntas tantos anos que eram como uma dupla de atletas, mantendo o passo acertado, intuindo as necessidades e expectativas uma da outra. Da última vez que falara com Jeff, Libby tinha insistido na ideia de que, se alguma vez fosse para o escritório dele, teriam de contratar Sarah também. Ele garantira-lhe

que isso não seria problema.

Sem olhar para trás, Libby saiu do escritório. Sentiu-se observada por alguns colegas, mas decidiu ignorá-los. À porta do seu gabinete, Ben Holmes começou a dizer qualquer coisa, mas, perante um olhar fulminante de Libby, mudou de ideias. Ainda bem. Não gostaria de ouvir o que ela tinha para lhe dizer.

Mesmo antes de chegar ao elevador, já levava o telemóvel na mão. Depois de uma breve chamada para o serviço de

informações, entrou em contacto com a Goldstein & Goldstein.

– Queria falar com Jeff Goldstein, por favor – disse à rececionista. – Diga-lhe que é Libby Morgan.

Passaram imediatamente a chamada.

– Libby, como está?

– Estou ótima. – Foi direta ao assunto. – Ligou-me há uns meses a perguntar se eu estava satisfeita com o meu lugar, está recordado?

– Sim, claro. Mas isso foi há um

ano e meio.

– Há tanto tempo? – Passara a correr. – Neste momento, estou disponível para integrar a Goldstein & Goldstein.

– A sério? – A voz dele oscilou ligeiramente. – Como lhe disse, isso foi há mais de um ano. Desde então, tivemos uma quebra significativa de atividade. Quase toda a gente teve. Não estamos a contratar associados.

A notícia desanimou-a, mas Libby não deu parte de fraca.

– Não há problema, Jeff –

respondeu, continuando a andar a um ritmo cadenciado. Estava agora fora do edifício e misturava-se com a confusão das ruas de Seattle, num passo brusco e determinado. O céu escuro e nublado de março refletia bem o seu estado de espírito. Começaria a chover a qualquer momento.

– Com o seu percurso, tenho a certeza de que não terá dificuldade em encontrar trabalho – continuou Jeff.

– Penso que não – confirmou,

assegurando-se de que a sua voz transmitia confiança. – Quis dar-lhe a notícia em primeira mão, já que mostrou interesse anteriormente.

– Agradeço-lhe o gesto. Se surgir alguma coisa, é a primeira pessoa a quem ligo.

– Ótimo. Agradeço a sua disponibilidade – rematou Libby.

– Sem problema. Mantenha-se em contacto.

– Sim – respondeu, abreviando o discurso, na pressa de terminar a chamada.

Lamentou ter telefonado a Jeff

num impulso. Deveria ter pensado melhor no que dizer, em vez de agir emocionalmente e irritada. Mesmo agora, ainda estava a deitar fumo, aprisionada entre a incredulidade e a indignação.

A caminhada até ao prédio onde vivia demorou quinze minutos. Morava numa rua movimentada e segura o suficiente a ponto de lhe permitir andar por ali a pé muito cedo de manhã e bastante tarde à noite. Esperou que tal continuasse a acontecer, quando estivesse

noutro escritório.

Mudando o saco de um ombro para o outro, para equilibrar o peso que sentia nas costas, Libby tentava manter a compostura ao atravessar a porta do prédio. Estava tão segura de que agora é que era, tão confiante de que o seu trabalho empenhado e os sacrifícios que fizera seriam finalmente reconhecidos. Ser despedida era inacreditável.

Só agora começava a cair em si.

Libby sempre tivera vocação para o sucesso. Na escola

secundária fora distinguida como melhor aluna e esteve sempre entre os dez melhores classificados no curso de Direito. Tinha trabalhado muito para obter esses resultados. Trabalhava muito para tudo.

Impaciente, Libby deu três voltas à sala, a cabeça a mil à hora. O céu ficara ainda mais escuro e uma chuva leve batia nas janelas, desenhando um rasto molhado e curvo nos vidros. Era março no Pacific Northwest.

Libby precisava de pensar. Prioridades: atualizar o curriculum vitæ.

Ligou a máquina de café, preparou uma chávena e levou-a para o escritório. Pousou-a sobre uma base e olhou para a fotografia da mãe, no canto da secretária. Ela parecia encará-la diretamente.

«Eu sei, mãe. Não te preocupes. Isto é temporário. Nem tudo está perdido.»

Foi nessa altura que reparou numa planta ao lado da moldura

onde tinha a fotografia da mãe. Nem sequer sabia que tipo de planta era, mas, fosse como fosse, estava castanha e engelhada. Tinha murchado por negligência.

Capítulo 2

Quatro meses depois

Com a pasta bem segura na mão, Libby Morgan saiu da última entrevista com a dolorosa sensação que também não conseguiria este emprego. A economia estava a dar-lhe cabo de todas as hipóteses. O currículo destacava as suas

qualificações profissionais. Hershel tinha-lhe deixado uma brilhante carta de recomendação e no entanto nada tinha resultado.

Quatro meses!

Encontrar outro emprego não deveria ser problemático. Mas era. Ninguém estava a contratar. Ninguém estava interessado. Libby perdera já a conta ao número de escritórios a que se candidatara, à quantidade de entrevistas a que fora. Seguia as sugestões de amigos e, mesmo assim, nada.

Algumas vezes, estivera perto de conseguir, mas ficava sempre em segundo lugar. Nunca sentira o ego e a autoestima tão em baixo nem nunca estivera tão deprimida em toda a sua vida. Não ter nada para fazer com o tempo livre era sinónimo de morte lenta. Precisava desesperadamente de trabalhar.

Quando entrou em casa, largou a pasta e deixou-se afundar no aconchego do sofá. O botão do meio do casaco estava quase a soltar-se. Como se tudo não bastasse, tinha engordado. Quatro

quilos e meio. Quatro horrorosos quilos e meio. Desabotoou o casaco e fez um ar enjoado. Nada lhe servia. Nada parecia estar certo. Nem a vida. Nem as roupas. Nada.

O telefone tocou e, pensando que poderia ser um potencial empregador, deu um salto para atender.

– Libby Morgan – disse, fazendo um esforço para soar feliz e positiva.

– Libby, é a Sarah. Como correu a entrevista?

Encolheu os ombros, desiludida. Quem estava a enganar? Ninguém lhe ia ligar por causa de um emprego.

– É a mesma história de sempre: há pelo menos quarenta candidatos para cada vaga que abre.

Mesmo antes de a entrevista terminar, Libby sabia que não ficaria com o lugar. Nos meses que tinham passado desde que deixara a Burkhart, Smith & Crandall, desenvolvera um sexto sentido

quanto às suas hipóteses. Por duas ou três vezes, soubera que estava na corrida. Chegou a ir a segundas e às vezes a terceiras entrevistas e, no entanto, sempre com o mesmo resultado. Desculpe, fica para uma outra vez. Esteve quase, mas não deu.

– Como estão as coisas no escritório? – perguntou Libby. Restava-lhe esperar que Hershel e os outros sócios reconhecessem o erro e lhe pedissem para voltar. Há quatro meses, se o tivessem feito, ter-se-ia rido na cara deles e

mandá-los-ia dar uma volta ao bilhar grande. No entanto, ao longo das últimas semanas, a sua atitude amaciara bastante. Queria trabalhar. Precisava de trabalhar. Não aguentava a luta constante de se preparar para a próxima entrevista apenas para acabar frustrada e com dúvidas acerca do seu valor.

– Estava com tanta esperança que desta vez conseguisse – continuou Sarah.

Libby também.

- Não desanime – disse Sarah.
- Não.

Como se isso fosse possível!
Ainda nem era meio-dia e ela já se sentia tão abatida e derrotada.

- Tenho de ir andando.
- Adeus.

Os telefonemas da assistente já não eram tão frequentes como no primeiro mês. Na verdade, hoje em dia era sobretudo Libby que procurava Sarah. Ela estava ocupada e absorvida e as conversas eram breves. Libby sabia que era

difícil para Sarah trabalhar com Ben Holmes. Segui-la-ia de bom grado para outro escritório, se lhe fosse dada a oportunidade.

Libby decidiu que estava a precisar de uma pausa. Não voltara a Spokane desde o Natal de há dois anos. Não via o pai nem a madrasta desde então. Dava-se bem com Charlene, a mulher com quem o pai casara quando já estava a terminar a escola secundária. A relação delas era calorosa. Charlene era suficientemente simpática, e não pretendia fazer de mãe dela, o que

era ótimo. Libby conservava as memórias da mãe e esforçava-se por cumprir o potencial que Molly vislumbrara nela.

Infelizmente, Libby nunca fora muito chegada ao pai. Analista de sistemas informáticos, era um funcionário civil da Força Aérea e tinha sido sempre uma figura distante. A família sofrera o primeiro choque emocional com a morte de Timmy, o irmão mais velho de Libby, vítima de atropelamento e fuga por um

condutor bêbado enquanto andava de bicicleta na rua. O pai nunca conseguira recuperar da morte trágica do filho. Embora Libby só tivesse vaga percepção disso, o desaparecimento do irmão criou tensão no casamento dos pais. Logo depois, foi diagnosticado um cancro à mãe.

Depois da morte do filho, Robert Morgan fechara-se por completo. Em muitos sentidos, aquele condutor bêbado roubou-lhes mais do que a vida daquela criança. Destruiu a família. Os pais nunca

mais voltaram a ser os mesmos. Longe iam os tempos em que o pai se ria às gargalhadas ou brincava com ela. Em pequena, adorava quando ele lhe pegava e a fazia rodar no ar, vezes sem conta. Não se lembrava de ter voltado a brincar com ela, depois de perderem Timmy.

Durante o tempo em que viveram só os dois, pouco falavam. Quando, na escola, foi escolhida para o Quadro de Honra Nacional, o pai nem apareceu na cerimónia.

Não lhe tirou fotografias ao lado de um rapaz no dia do baile de finalistas, como os outros pais faziam, e no Natal e nos aniversários oferecia-lhe dinheiro. Parecia, pura e simplesmente, não se importar com ela. Ainda assim, era família. A única família.

Era da mãe que tinha saudades, agora mais do que nunca. Desejava afogar-se nos braços dela e ser consolada, tal como fazia quando era pequena e tinha medo. A mãe conseguia sempre animá-la. No primeiro ano, quando Libby não foi

convidada para a festa de aniversário de um colega, a mãe levou-a a tomar chá num restaurante caro. Usaram chapéus especiais e luvas e comeram sanduíches de pepino. Passados todos estes anos sobre a morte da mãe, Libby ainda tinha saudades dos abraços e dos bilhetes que ela costumava escrever e colocar na marmitta que levava para a escola.

Pegou no telefone e procurou, na sua parca e dececionante lista de contactos, o número do pai em

Spokane. Charlene atendeu ao terceiro toque.

– Olá, Libby – disse ela, parecendo feliz por a ouvir.

Falaram alguns minutos, trocando comentários simpáticos, até que Libby perguntou:

– Queria saber se tu e o pai têm planos para o fim de semana. Pensei ir aí visitar-vos.

Charlene hesitou.

– Está tudo bem?

– Sim, claro. Preciso só de sair da rotina.

Precisava era de objetivos, de

ter alguma coisa para fazer além de andar às voltas em casa e dar lentamente em doida.

– Ainda não estás a trabalhar?

– Ainda não. – As palavras quase ficaram presas na garganta. Sentia-se tão derrotada.

– O que tu precisas é de mimo – sussurrou Charlene com doçura. – Vem cá, eu faço-te comida boa. Descobri uma nova receita de macarrão com queijo que ando para experimentar.

– Não preciso de macarrão com

queijo – disparou Libby, depois de uma gargalhada histérica. – Preciso de requeijão.

– Oh, querida, engordaste?

– É do gelado – lamentou-se Libby. Serões a ver o Jay Leno e a promoção do sabor do mês eram os culpados. Sem grande razão para se ir deitar, era frequente ficar acordada até à uma ou duas da manhã. Libby sabia que devia abdicar dos petiscos noturnos, mas não conseguia disciplinar-se. Tinha poucas compensações. Até há alguns meses, não fazia ideia de

como um gelado poderia ser reconfortante para um espírito atormentado.

– Inscreve-te num ginásio – sugeriu Charlene. – Ajuda. O teu pai quer falar-te.

– Libby, então? – perguntou-lhe o pai. Robert Morgan nunca fora um pai caloroso ou afetivo, mas depois de perder Timmy e Molly, não sabia de todo lidar com a filha.

– Pensei em ir até aí para vos ver – respondeu Libby. – Já não vou a casa há algum tempo.

– Por outras palavras, ainda não arranjaste emprego?

A pergunta soava a acusação.

– Estou a tentar, pai – retorquiu, contrariando o impulso de dar uma resposta defensiva. Não era por falta de vontade que ainda não tinha arranjado emprego. Tinha-se tornado um farrapo, sujeitando-se de cara alegre a rejeição atrás de rejeição. Parecia que, quanto mais tempo estava desempregada, menos interessante se tornava para um potencial empregador.

– Bem, podes vir fazer-nos uma visita. – Robert sublinhou a última palavra.

Visitar. Não ficar. Visitar.

Libby suspirou, forçada a aprender mais uma amarga lição de humildade.

– Obrigada, pai.

Nesse fim de semana, Libby foi de carro até Spokane, ao início do dia de sábado, e ficou até ao final da manhã de domingo. A visita foi breve e boa. Charlene tratou-a de forma simpática, enquanto o pai

achou importante insistir em conselhos que não tinha pedido nem desejava.

Não desistas.

Tenta com mais afinco.

Não sejas esquisita.

Disponibiliza-te para começar por baixo.

Põe-te à prova.

Ele dissera tudo aquilo como se Libby nunca o tivesse tentado.

Na segunda-feira de manhã, seguindo os conselhos da madrasta, Libby descobriu um ginásio nas redondezas através da internet,

passou por lá para dar uma vista de olhos e, no final da visita, assinou um contrato de vinte meses. Devia ser mais cuidadosa com as despesas, mas, à velocidade a que estava a engordar, sairia mais barato pagar mensalidades de ginásio do que remodelar todo o guarda-roupa.

– Preciso de roupa especial para as aulas de ioga e Pilates? – perguntou à rapariga animada que lhe fez a visita às instalações. Apresentara-se como Gina e tinha o

corpo de uma Miss Universo.

– Nada de especial. Só roupa larga e confortável.

Libby soltou uma risadinha.

– Se eu tivesse alguma coisa larga, não me tinha inscrito no ginásio...

– Tem graça!

Libby não achava a mínima piada.

No dia seguinte, às oito da manhã, chegou a um ginásio cheio de gente. Todas as máquinas estavam ocupadas e o som dos mecanismos giratórios enchia a

enorme sala. Tinha vestido umas calças tipo fato de treino e uma t-shirt, e sentia-se incrivelmente desenquadrada. As outras mulheres eram elegantes e usavam roupas com várias cores bem combinadas. Olhando em volta, tinha a sensação de ser a mulher mais gorda do espaço.

– Pode ocupar uma máquina – ouviu dizer um homem alto, bem-parecido, mais ou menos da sua idade, quando ela se aproximou da fila das passadeiras rolantes.

– Obrigada.

Esperou até ele terminar, subiu para a passadeira e marcou os botões para andar mais de um quilómetro e meio, a uma velocidade rápida. Antes de concluir o exercício, pensou que ia vomitar. Não podia imaginar que estava tão em baixo de forma.

Mais tarde, tentando recuperar o fôlego, sentou-se num banco no balneário e inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. O relógio de parede

marcava nove horas. Estaria diante da secretária a esta hora, se ainda estivesse empregada, e com certeza já teria trabalhado duas horas a sério. Mas isso era passado. Agora o dia inteiro estendia-se à sua frente, completamente em branco. Pelo menos, neste momento, estava a abater os quilos que ganhara.

Depois de tomar banho e mudar de roupa, voltou para casa e passou a hora seguinte ao computador, numa inútil procura de ofertas de trabalho. Fez uma pausa para

almoçar, viu o noticiário do meio-dia e um quarto de hora de uma telenovela que passou a seguir. Quando percebeu que estava a ficar interessada no enredo, desligou a televisão abruptamente e voltou para o computador. Em alguns dias da semana anterior, até tinha feito uma sesta. Uma sesta a meio do dia! Era chocante. Só a ideia de ver telenovelas e dormir sestass horrorizava-a. Uma desconhecida tomara o seu corpo de assalto. Tinha de encontrar uma forma de

combater esta invasão hostil.

Quando chegou ao ginásio, na manhã seguinte, uma mulher, mais ou menos da sua idade e com um aspeto profissional, ocupou o cacifo ao lado. Parecia-lhe vagamente familiar. E de repente lembrou-se. Era uma advogada de um dos maiores escritórios da cidade. Libby demorou alguns minutos para se lembrar do nome dela. Megan... Maggie... não, Maddy Qualquer Coisa. Porquê, mas porque é que ela não tinha prestado mais atenção?

O pai dera-lhe apenas um conselho útil: precisava de conviver mais no âmbito profissional.

O problema é que Libby estava tão obcecada em tornar-se sócia que não investira o suficiente em fazer amizades profissionais. Não que não tivesse amigos. Fazia um esforço para se manter em contacto com colegas da universidade. Mas não sabia como desenvolver as relações profissionais. No entanto, estava disposta a aprender. Nesta altura do campeonato, faria

qualquer coisa que a ajudasse a abrir portas a um emprego.

– Olá – cumprimentou Libby, sorrindo. – Maddy, não é?

Maddy voltou-se, olhando para ela, mas a sua cara era inexpressiva.

– Sou a Libby – esclareceu, mantendo o sorriso. – Libby Morgan, da Burkhart, Smith & Crandall. – Achou desnecessário informá-la de que estava, na verdade, desempregada.

– Ah, olá.

Não parecia estar a reconhecê-

la.

Libby não sabia o que dizer a seguir.

– Vem aqui muito? – Oh, meu Deus, isto parece uma deixa de engate! – Eu acabei de me inscrever... é a minha primeira semana e confesso que é difícil.

Abanou a mão junto à axila numa tentativa desajeitada de ser engraçada. Na verdade, estaria a ser mais patética do que divertida.

– Venho cá três manhãs por semana – respondeu Maddy, e

voltou-se para a amiga ao lado. As duas abandonaram a área dos cacifos e dirigiram-se para o ginásio.

Embaraçada, Libby olhou para o outro lado. Pegou numa toalha pequena a caminho da sala principal do ginásio e procurou uma máquina para começar o exercício. O step estava livre e ela pensou em experimentar. Trinta minutos depois, sentia que precisava de ser reanimada. Os pulmões ardiam e os músculos da barriga da perna gritavam em sinal de protesto.

Gina, a dupla da Miss Universo que lhe mostrara o ginásio, falou com Libby enquanto esta hiperventilava e sugeriu-lhe programas de exercícios cardiovasculares. Todos pareciam um sacrifício. A partir de agora, ficava-se pela passadeira.

Quando Hershel a incentivou a arranjar uma vida, Libby ficara ofendida. Tinha uma vida e era ótima, muito obrigada! Gostava do trabalho e vivia num bom apartamento. Não podia desejar

mais nada. Bem, além de se tornar sócia, claro. Mas, nas últimas semanas e meses, apercebera-se de que ele tinha razão. Para ser franca, aqueles a que chamava amigos não passavam de conhecidos. Sentia-se incapaz de criar novas relações. Desempregada, era como um peixe fora de água.

De regresso a casa, Libby pegou no telefone e ligou a Robin Hamlim, a amiga mais próxima dos tempos de faculdade. Antigas parceiras de estudo, Robin era agora

procuradora distrital em Seattle e uma profissional tão empenhada e dedicada como Libby, ou melhor, como Libby costumava ser. Uma hora e meia depois, Robin devolveu a chamada.

– Então, que se passa? – perguntou Robin, no seu tom habitualmente direto.

– Podes almoçar comigo?

– Quando? – respondeu-lhe ela, distraída.

– Um dia qualquer desta semana. – Ou da seguinte ou da

próxima depois dessa, pensou Libby.

– Tenho quinta-feira livre. Ao meio-dia no The French Cafe da Blossom Street?

– Claro. – Libby não conhecia The French Cafe nem a Blossom Street, mas descobrir ambos os locais estava à distância de um clique.

– Boa! Até lá então.

Na quinta-feira, Libby já se tinha sentado numa das poucas mesas da esplanada e feito o pedido, quando Robin chegou, dez minutos

atrasada.

– Desculpa o atraso, vim assim que pude.

– Não há problema.

A amiga estava com bom aspeto. Talvez um pouco mais forte, mas Libby não estava em condições de fazer críticas, especialmente desde que deixara de conseguir apertar as calças. Robin trazia um elegante fato azul-marinho com uma saia a direito. Usava o cabelo mais curto do que Libby se recordava. Na verdade,

não conseguia lembrar-se da última vez que tinham estado juntas. Falavam ocasionalmente ao telefone desde que estava à procura de emprego, mas as conversas eram sempre curtas. Bruscas. Libby perguntava-se se antes também causava essa impressão aos outros. Provavelmente. Estava sempre com pressa para encerrar um processo ou a correr para uma reunião.

– Já fiz o pedido – informou-a Libby. Sabia que Robin chegaria atrasada e que tinha pouco tempo.

– E o que é que vou almoçar? –
perguntou Robin, rindo-se.

– Meia sanduíche de peru, sopa
de ervilhas e ice tea.

– Perfeito – Robin puxou a
cadeira e sentou-se à sua frente. O
guarda-sol protegia-as do calor de
julho.

Assim que Robin se sentou, o
empregado pousou os dois pratos,
os copos com ice tea e retirou-se
com o pedido que Libby colocara na
mesa.

– Como corre a procura de

trabalho? – perguntou Robin, pegando na sua meia sanduíche.

Libby hesitou, com dificuldade em admitir o grau de desespero a que estava a chegar.

– Vai andando.

– Já tens emprego?

Libby abanou a cabeça.

Robin suspendeu o movimento de levar a sanduíche à boca.

– Só podes estar a brincar.

– Quem me dera.

– Talvez te consiga arranjar uma entrevista lá na Distrital, para procuradora?

Libby pegou-lhe na mão.

– Agradeço a oferta, mas não.

Vira como Robin tinha mudado desde que aceitara um emprego na Procuradoria Distrital. Estar todos os dias exposta a assuntos criminais tornara-a mais brusca e pessimista.

– Lembras-te de te ter contado que o Hershel Burkhart sugeriu que eu devia arranjar uma vida?

– O FDP.

Libby sorriu. Variava entre a raiva e um certo afeto. Gostava de

Hershel, apesar de lhe ter causado um grande desgosto. Pelos vistos, Robin não partilhava a sua perspetiva.

– Sabes que mais? – perguntou Libby, obrigando-se a encarar a verdade. – Começo a achar que ele tinha razão.

– Tu tens uma vida, Lib.

Libby negou, com um gesto de cabeça.

– Não tenho não, já não tenho. E sinto-me tão infeliz que mal sei o que fazer comigo. Ah, inscrevi-me num ginásio. – Isso era um aspeto

positivo. – Senti que tinha de fazer alguma coisa depressa, depois do peso que ganhei. – Felizmente, Robin decidira não fazer referência a esse aspeto. – Estou tão gorda.

Robin quase se engasgou com a sanduíche.

– Não estás tão gorda.

– Estou sim. Olha!

Levantou-se e mostrou-lhe o cinto desapertado.

– Engordei quatro quilos e meio.

Nada me serve.

– Não estás nada gorda –

insistiu Robin – Se alguém está em baixo de forma, sou eu. Ganhei quase sete quilos nos últimos seis anos e não há maneira de me ver livre deles.

Os olhos de Libby abriram-se de espanto e abanou as mãos, enquanto terminava de mastigar um bocado da sanduíche e engolia.

– Vem para o ginásio comigo! Transpiramos juntas estes quilos a mais.

Robin abanou a cabeça de imediato.

– Como se eu tivesse tempo

para treinar.

– Tens de arranjar tempo.

Robin hesitou por um instante e depois voltou a abanar a cabeça.

– Se viesses a minha pilha de processos, entenderias.

– Vai sempre haver um processo a precisar da tua atenção. Está na altura de cuidares de ti. Ia a pé para o trabalho todos os dias e achava que estava em forma. Bastou-me um quilómetro na passadeira rolante para perceber como me enganava. Fazer exercício

é importante para a saúde física e mental. Se não cuidares de ti própria, ninguém o fará.

Libby repetia o discurso publicitário que Gina lhe impingira. Resultara com ela. Talvez funcionasse com Robin também.

A amiga franziu o sobrolho e pousou a colher de sopa na mesa, enquanto ia considerando a ideia.

Libby estava preparada para argumentar a favor das vantagens do exercício físico. Precisava de uma companheira de ginásio. A Miss Universo tinha feito pressão

para que trouxesse uma amiga, explicando que seria um fator motivacional.

– Se há seis meses me disseses que eu estaria a fazer discursos a favor do exercício físico, tirava-te a febre – acrescentou Libby. – Mas treinar vai fazer-nos bem às duas e eu até já perdi um quilo e tal.

Não esperava que Robin aceitasse a proposta, mas sentia que tinha de tentar.

Robin pousou a bebida na mesa.

– Perdeste peso, já?

Libby anuiu. Estava a exagerar um bocadinho, mas emagrecera ligeiramente. Não o suficiente para fazer diferença na roupa, mas cada bocadinho ajudava. O que não referiu foi que cada grama era arrancado a ferros.

– Com que frequência vais? – inquiriu Robin, dando outra dentada na sanduíche.

– Eu? Agora, vou todos os dias.

Tinha tempo, que motivo havia para não ir? E sempre a ajudava a manter-se bem-disposta. Embora

não tivesse feito novos amigos, via aquelas pessoas todos os dias. Acenavam uns aos outros quando trocavam de máquinas.

– Eu não posso ir todos os dias.

– Encontramo-nos lá nos dias em que fores – prometeu Libby.

– Tenho de estar despachada às sete e meia.

Libby teria de alterar o seu horário. Não havia problema. Ainda sabia pôr o despertador.

– Ótimo!

Não esperava que fosse tão fácil convencer Robin, mas sabia que

seria bom para a amiga.

Então, como se se tivesse lembrado de repente que tinha o tempo contado, Robin deu uma vista de olhos ao relógio.

– Tenho um assunto para despachar antes de ir para o tribunal – disse ela, afastando o prato. – A minha mãe está a viver na Florida e pediu-me para lhe comprar uns romances.

– Há uma biblioteca aqui perto?
– perguntou Libby, olhando em volta.

Robin indicou com o olhar o outro lado da rua. Uma loja chamada A Good Yarn estava localizada mesmo em frente ao The French Cafe. Quando Libby era pequena, a mãe ensinara-a a tricotar. Gostava de o fazer, até a mãe morrer, e desde então não havia ninguém para lhe corrigir os enganos ou ensinar os padrões. Em todos estes anos, nunca mais tinha pegado num par de agulhas.

– Vou contigo à loja.

Capítulo 3

Um gato dormitava na montra da retrosaria junto a um manequim de ferro vestido com um top de malha sem mangas. Libby reconheceu o ponto de trança, das suas memórias de infância. O que estava a tricotar, quando a mãe morreu, tinha um. Não terminara a camisola que fazia na altura e não

sabia o que lhe acontecera. De certeza que o pai ou a madrasta se tinham livrado daquilo há muito tempo.

Quando Robin entrou na loja, uma campainha soou sobre a porta. Libby sentiu-se impelida a entrar, invadida que estava por uma sensação agradável, por um sentimento de boas-vindas. Ainda se lembrava bem da última vez que estivera numa retrosaria. Tinha sido com a mãe. As lãs estavam dispostas em cestos brancos e

brilhantes junto à parede. Tudo organizado por cores, compondo um mosaico fascinante. Era hipnotizante para ela contemplar as texturas e os tons de vermelho, verde e azul.

Recordou-se logo vividamente dos seus anos de adolescência, sentada ao lado da mãe, esforçando-se por aprender tudo quanto podia. Nas derradeiras semanas de vida, a mãe passara cada minuto livre com Libby, até não ter mais forças.

Não queria acreditar que a mãe

não sobreviveria, mas ela sabia a verdade. Tinha feito tudo para transmitir à única filha a sua sabedoria de vida. Libby escutara-a com atenção e fixara tudo o que conseguia, apontando mesmo algumas coisas para não se esquecer. As instruções finais da mãe transformaram-se num mantra para ela.

Toma a vida nas tuas mãos.

Não tenhas medo de ir atrás dos teus sonhos.

Trabalha arduamente e ignora

todos os que disserem que não és capaz, porque és e vais conseguir.

Sentiu um sentimento de perda profundo invadi-la. As últimas semanas tinham-lhe abalado a autoestima, desfazendo em pedaços as fundações da crença em si própria. Desejava sentir o abraço tranquilizador da mãe, encorajando-a, dando-lhe força para seguir em frente e não desanimar.

Libby olhou à sua volta. Havia uma série de amostras de tricô expostas de forma cuidadosa. Ao

fundo da sala, uma mesa comprida, provavelmente destinada a aulas. Duas raparigas, com cerca de treze ou catorze anos, estavam lá sentadas a conversar. Uma parecia estar a ajudar a outra.

Robin, sem tempo a perder, dirigiu-se logo ao balcão. A senhora que trabalhava lá tratou-a pelo nome e perguntou por Ruth, a mãe de Robin. Conversaram por breves instantes enquanto Robin pagava os romances para a mãe. A compra demorou menos de três minutos e

ela preparou-se para sair.

– Vou inscrever-me no ginásio depois do trabalho e ligo-te logo à noite – disse a Libby, mesmo antes de chegar à porta. Deu uma olhadela ao relógio, fazendo uma careta, e saiu.

Libby estava de pedra e cal.

– Posso ajudá-la? – perguntou a mulher atrás do balcão.

Libby percebeu que estava a dar nas vistas.

– Peço desculpa. Não era minha intenção ficar aqui plantada. Mas não entrava numa retrosaria há

anos... desde miúda.

– Esteja à vontade, pode ver tudo.

– Obrigada. Vou ver, sim – respondeu Libby, sentindo-se um pouco tola e envergonhada. Dirigiu-se para um dos expositores e pegou num novelo vermelho-vivo. Lendo a etiqueta, ficou surpreendida ao descobrir que aquele fio era de seda de milho.

– Acabámos de receber – esclareceu-a a mulher atrás do balcão. – Já agora, chamo-me Lydia

Goetz.

– Sou Libby – respondeu. –
Libby Morgan. – E voltou a pousar o
novelo na caixa.

– Também temos novelos de
soja. E há um novo fio que é feito
com leite.

– As pessoas ainda fazem tricô
com lã?

Com todas estas fibras
alternativas, Libby ficou curiosa.
Talvez a lã autêntica estivesse
ultrapassada.

Lydia sorriu.

– Oh, sim, a maioria dos novelos

é de lã. Se bem que há cada vez mais misturas. O mundo do tricô mudou imenso nos últimos anos. Ficaria espantada se soubesse.

– Já estou!

Lydia arrumou rapidamente os novelos, colocando as meadas umas sobre as outras.

– Se precisar de alguma coisa, diga.

Libby anuiu com a cabeça e dirigiu-se para o fundo da loja, onde estavam sentadas as duas adolescentes.

– Olá! Eu sou a Casey e aquela é a minha mãe. É a dona da loja.

– Olá, Casey – Libby sorriu à rapariga. Percebeu que ela não estava a tricotar, mas a fazer croché.

Casey reparou no interesse de Libby.

– Sou muito melhor com uma agulha de croché do que com as agulhas de tricô. Esta é a minha amiga Ava. Estou a ensiná-la a fazer croché.

Ava levantou a cabeça

ligeiramente, mas não cruzaram o olhar.

– O que estão a fazer? – perguntou-lhes Libby.

Casey era bastante simpática, mas Ava parecia tímida e ausente.

– Estamos a fazer gorros para bebés prematuros. A minha mãe e outras senhoras que fazem tricô e croché fazem estes gorros para os bebés do hospital. O Hospital Central de Seattle. É mesmo ao cimo da rua.

Libby sabia-o bem.

– Parece-me que estão a fazer

um ótimo trabalho.

– Eu não – disse Ava. – O meu está uma porcaria.

Libby sabia exatamente como ela se sentia. As suas primeiras tentativas haviam sido um desastre.

– Aprendi a tricotar com a tua idade e as primeiras coisas que fiz eram muito más. Sabes o que me disse a minha mãe? Que eu tinha de tricotar muitas peças feias até aprender a fazer peças bonitas.

Quantas vezes Libby não tinha

tido vontade de deitar fora o cachecol, mas o apoio da mãe ajudara-a a continuar. Além disso, ela tinha razão. Terminada a terceira ou quarta peça, Libby já notava diferença nos pontos e na malha. Quando começou a tricotar, fazia os pontos tão apertados que mal conseguia mover o fio entre as agulhas. Com o tempo, foi descontraindo. Nessa altura, fez um cachecol, uma pega de cozinha, outro cachecol e começou um casaco. O casaco não ficou tão mau como estava à espera e por isso

usara-o com orgulho.

– A minha mãe morreu o ano passado – disse Ava, baixinho. Levantou então os olhos, marcados de tristeza.

Libby ficou com um nó na garganta. Queria dizer àquela rapariga que perdera a mãe com a mesma idade, mas raramente falava no assunto. Mesmo assim, as palavras saíram-lhe pela boca fora:

– Lamento muito. Sei o que é perder uma mãe – disse com ternura. – A minha morreu quando

eu tinha a tua idade.

– A Ava dá-se muito comigo – afirmou Casey, rompendo o silêncio incómodo que se instalara. – Se não, tinha de andar com o irmão mais velho e ele consegue ser mesmo...

– Casey – chamou Lydia –, porque não mostras à Libby a árvore dos gorros?

– Sim, claro. Está aqui.

Casey pousou a peça em que estava a trabalhar na mesa e conduziu Libby ao lado oposto da loja. O que parecia ser um

bengaleiro alto com vários suportes em gancho estava quase todo coberto por gorros incrivelmente pequenos feitos em tricô e croché.

– Estes são todos para os bebês prematuros.

Libby pegou num deles e observou-o com atenção.

– Gostava de fazer um? – perguntou Casey.

O repto apanhou Libby de surpresa.

– Não... não sei. Já não faço tricô há muito tempo.

– É fácil reaprender.

Libby estava divertida com o entusiasmo da rapariga.

– Devia experimentar –
desafiou-a Casey, voltando a seguir a atenção para a amiga.

– Talvez, sim.

Libby dirigiu-se para a parte da frente da loja, onde a dona estava ocupada a atender outra cliente. Aproximou-se da montra e fez uma festa ao gato que ronronou e estendeu as patas da frente, bocejando. Olhou mais uma vez

para a loja, aproximou-se da porta e saiu. Estava calor, cada vez mais calor.

A seguir, ao lembrar-se de que Robin podia desistir de se inscrever no ginásio, agarrou no telefone para mandar uma mensagem à amiga. Mas precisava de ser subtil. Com um sorriso matreiro, escreveu GORDA e carregou no botão «enviar».

Nem um minuto depois, recebeu resposta de Robin: GORDA, GORDA, GORDA.

Libby deu uma gargalhada e

desatou a escrever muito rapidamente no teclado: MAIS GORDA.

Segundos depois, Robin respondia: A MAIS GORDA.

Foi só quando tirou os olhos do telefone que Libby reparou numa florista na porta ao lado da retrosaria. Chamava-se Susannah's Garden. Arranjos de flores frescas alinhavam-se no passeio. Por impulso, comprou um ramo de margaridas brancas e amarelas e riu-se sem razão especial, a não ser

ter ficado mais animada por causa da troca de mensagens com Robin. Levou as flores para o apartamento e, para seu desgosto, verificou que não tinha uma jarra.

Depois de aparar os pés das flores, colocou-as em dois copos altos com água. Pôs um deles na secretária, junto à planta que andava a tentar reanimar, e o outro no meio da mesa da cozinha. Estava surpreendida por aquela tarde fora de casa a ter animado tanto.

Até há pouco tempo, a casa era

apenas um escritório fora do escritório. Faltavam almofadas confortáveis no sofá e as paredes estavam vazias. O apartamento parecia tão árido! Com certeza não fazia mal dar-lhe uma volta para o tornar mais bonito. Podia comprar um quadro ou outro. Era um começo. Ver revistas também a poderiam ajudar.

Parou no meio da sala com a pulsação acelerada. Era a primeira vez que chegava a casa sem ir a correr verificar as mensagens.

Quando viu a luz vermelha a piscar, o coração desatou a bater mais rápido. Podia ser para ir a uma entrevista de emprego.

Ao premir o botão, descobriu que era Robin. «Ok, ok, percebi a ideia. Estarei lá segunda-feira às seis e meia. Uma vez que foste tu que me convenceste a fazer isto, espero que estejas lá também. E», acrescentava, «sou mais gorda do que tu e não se fala mais nisso.»

Libby sorriu. Pelo menos agora tinha uma amiga com quem treinar.

Há muitas semanas que Libby

não dormia tão bem. Não sabia porquê: só podia ser pelo almoço com Robin e a visita à retrosaria.

A retrosaria... alguma coisa naquele sítio a tinha afetado profundamente. Libby sabia bem o que era. Ali sentira-se mais próxima da mãe. Assim que entrara na loja, tivera uma sensação de conforto. As vozes negativas que tanto procurava afugentar desapareceram num instante.

Sexta-feira de manhã, depois de ir ao ginásio, seguiu a sua habitual

rotina, à procura online de um emprego. Depois ligou a Sarah para se inteirar das novidades. O escritório tinha despedido mais cinco pessoas e a assistente estava aliviada por ainda estar a trabalhar. Ao longo da conversa, Libby ficou a saber que dois antigos colegas tinham sido contratados por outros escritórios. A autoestima caiu em voo picado num poço fundo e escuro de dúvida.

Francamente, não conseguia entender como eles tinham encontrado emprego e ela não.

Ninguém trabalhava com mais afinco ou mais dedicação do que Libby. Ninguém. Ela era um achado. De facto, não tinha angariado grandes clientes para o escritório. Esse não era o seu maior talento. Mesmo assim, era uma trabalhadora esforçada: as horas faturadas provavam-no.

Às dez horas, Libby tomou banho e vestiu-se. Pensou voltar à retrosaria e comprar alguns romances, se Lydia tivesse tempo para ajudá-la a relembrar a técnica

básica do tricô. Não demoraria muito. Estava convencida de que pegaria numa agulha e daria alguns pontos sem grande dificuldade. Só se esquecera como fazer a primeira carreira e rematar. Ter um objetivo, um propósito que a ajudasse a preencher o tempo entre entrevistas e pesquisas de emprego, era entusiasmante. Podia tricotar.

Quando Libby chegou à loja A Good Yarn, o gato estava a aquecer-se na montra. Pelos vistos, fazia parte da mobília. Ao entrar,

ficou surpresa por não encontrar Lydia.

– Posso ajudá-la? – A mulher que se dirigiu a ela parecia ocupada e não era nem de perto nem de longe tão acolhedora como Lydia.

– Estive cá ontem – explicou Libby. – Conheci a Lydia, a Casey e outra rapariga. Acho que se chama Ava.

A senhora ficou a olhar para ela, sem fazer nenhum comentário.

– Lydia ofereceu-se para me ajudar a reaprender a tricotar.

– A minha irmã é uma boa professora.

– A Lydia é sua irmã?

Embora tivessem ambas olhos e cabelos castanhos, nada mais tinham em comum. Além das evidentes diferenças de personalidade, Lydia era pequena e delicada e a irmã era grande e tinha uma estrutura óssea larga.

– Sou a Margaret. E dou-me conta disso.

– Disso, do quê?

– Do ar surpreendido com que

as pessoas ficam quando dizemos que somos irmãs. Ela teve um cancro quando era pequena e acho que lhe atrofiou o crescimento.

– Oh!

– Ela foi com a nossa mãe a uma consulta. Revezamo-nos a cuidar dela.

Libby dirigiu-se ao expositor dos gorros dos prematuros.

– Estava a pensar que podia tricotar um destes, mas precisaria de alguma orientação para começar.

– Eu posso ajudá-la.

Margaret saiu de trás do balcão.

– Desculpe se pareço um pouco seca; a Lydia tem muito mais jeito para lidar com pessoas do que eu. Tem agulhas?

– Ah... na verdade, não. Preciso de tudo.

– Não há problema.

A um ritmo acelerado, Margaret percorreu a loja de uma ponta à outra, escolhendo objetos.

– Que cor de linha quer?

– Hum...

– Cor-de-rosa, azul, neutro?

– Neutro, acho.

Libby estava com dificuldade em acompanhar a velocidade da outra mulher. Margaret pegou num novelo cor de pêssego.

– O modelo de que a Lydia gosta mais é tricotado em tubo, mas há outro que pode ser feito com agulhas direitas.

Parou e olhou para Libby.

Libby pestanejou, sem saber bem qual era a pergunta.

– Não me lembro de ter tricotado alguma coisa em tubo.

- Não há problema – declarou Margaret e, dito isto, tirou num par de agulhas direitas da embalagem.
- Além de agulhas e linha, vai precisar de fita métrica e tesoura.

Este projeto de caridade estava a começar a ficar caro.

- Sabe dizer-me quanto é que isto tudo me vai custar?

– Menos do que julga. A Lydia faz um desconto quando se trata de material para um projeto de caridade.

- Está bem.

Enquanto Margaret somava tudo, Libby retirou o seu cartão de crédito da carteira.

– Acha que tem tempo para me ajudar hoje de manhã?

Agora que tinha os novelos e as agulhas, estava ansiosa por começar.

– Claro que sim.

Alguém entrou na loja e Margaret tratou-a pelo nome. Libby instalou-se na mesa onde conhecera Casey e Ava no dia anterior e esperou que Margaret

voltasse. Não demorou nada. A cliente sabia o que queria, fez a sua compra e saiu rapidamente.

Margaret juntou-se a Libby.

– Normalmente, faço croché – explicou. – Mas também gosto de tricotar. É melhor começar por encetar a primeira carreira de malhas.

Mostrou a Libby o modelo, que estava desenhado numa folha de papel. A imagem do gorro estava esbatida de ser copiada tantas vezes, mas Libby achou que isso não faria diferença.

– Sim, claro. Qual é a melhor maneira de encetar a linha?

– Talvez queira ler as instruções até ao fim, antes de começar – sugeriu-lhe Margaret.

– Está bem.

Libby pegou no papel. Na verdade, eram fáceis de perceber.

– Acabou?

Libby assentiu com a cabeça.

Margaret fez uma laçada e enfiou-a na agulha. Bastou observá-la a fazer os primeiros pontos para lembrar como se fazia. Entrou

outra cliente e Margaret afastou-se da mesa. Quando voltou, Libby já tinha uma série de pontos encetados.

– Sugiro que faça um ou dois gorros com ponto liso, que é tecer uma linha em liga e outra em meia. Quando estiver à vontade com isso, a Lydia pode ensiná-la a tricotar em tubo, com agulhas de ponta dupla ou com duas agulhas circulares.

Soava-lhe a chinês, mas fez um ar de quem estava a perceber.

Libby tinha terminado o primeiro gorro quando Lydia chegou. Casey

estava com ela e, assim que viu Libby, desfez-se num enorme sorriso e dirigiu-se rapidamente à mesa.

– Voltou!

Libby sorriu com o entusiasmo da rapariga.

– Tu entusiasmoste-me.

– A Ava vem cá ter mais tarde.

Pode ficar mais um pouco?

Não que Libby tivesse algum sítio para ir...

– Claro que sim.

– Faço-lhe companhia, se quiser.

Casey puxou uma cadeira e sentou-se ao pé de Libby. Tirou uma peça da mochila e começou a trabalhar.

Ao fim de uns minutos, Lydia juntou-se a elas.

– Libby, fico contente que tenha decidido voltar. Vejo que Margaret tratou de a pôr à vontade.

Acenou com a cabeça.

– Os pontos não estão grande coisa...

– Lembre-se do que disse a Ava

– recordou-lhe Casey. – Foi uma

grande ajuda. Ela estava prestes a desistir quando lhe disse que era preciso tricotar primeiro várias peças feias até conseguir fazer uma bonita. Ainda está à espera das bonitas, mas assegurei-lhe que iam aparecer.

– Pelos vistos, ainda tenho algumas feias por fazer – brincou Libby, sorrindo.

Casey também sorriu.

Capítulo 4

Logo pela fresca, na segunda de manhã, Libby já estava à espera de Robin, no átrio do ginásio. Tinham continuado a trocar mensagens durante o fim de semana, mas a amiga não voltara a referir a ida ao ginásio.

– Não tinha a certeza de que aparecerias – admitiu Libby,

quando viu Robin entrar.

Robin, que nunca fora uma pessoa muito madrugadora, respondeu, rosnando:

– Nem eu. Mas aqui estou.

Trazia consigo uma muda de roupa, o que deu a Libby a ideia de que a amiga tencionava ir direta para o escritório depois do treino. Era o que faria, se estivesse empregada, e nada a fazia esquecer de que estava sem trabalho.

A indemnização e o subsídio de

desemprego tinham sido suficientes para a manter financeiramente até agora, uma vez que levava uma vida muito simples, mas não faltava muito para ter de recorrer às poupanças. Só a ideia aterrorizava-a.

– Vamos a isto – declarou Libby, desejosa de mostrar a Robin como tudo funcionava. Conseguiram cacifos ao lado uma da outra e foram para a sala de treino. A esta hora da manhã, o ginásio estava ainda mais cheio do que no horário habitual de Libby. Inscreveram-se

na lista de espera das passadeiras e foram caminhar para as pistas que existiam no segundo andar até as máquinas ficarem livres. Os que corriam passavam por elas como se Libby e Robin estivessem paradas. Libby lembrou à amiga, com ironia, de que as tartarugas ganham sempre às lebres. Robin grunhiu uma resposta incompreensível.

– Já estou cansada – queixou-se Robin, quando voltavam ao rés do chão para tomar os seus lugares nas passadeiras.

Libby recordou-se como se sentira depois da primeira semana, dorida e enferrujada, mas não comentou nada. Não era preciso desencorajar Robin mesmo antes de começar.

Libby subiu para a sua máquina, estabeleceu o programa e começou a caminhar. O ritmo nos primeiros minutos era lento e fácil, passando depois a uma velocidade maior, aumentando gradualmente o ângulo de inclinação. O instrutor programou a passadeira de Robin e,

depois de algumas palavras de incentivo, afastou-se.

– Isto não é assim tão mau – disse Robin, quando começou o exercício.

Libby sorriu, sabendo o que aí vinha.

– Ainda bem que te juntaste a mim.

Robin olhou na direção dela e disse entredentes:

– Gorda.

Libby soltou uma gargalhada. Estava contente por Robin ter passado das palavras à ação. Em

tempos, seria necessário aprovar uma lei no Congresso para tirar Libby do escritório por algo tão trivial como fazer exercício físico.

– Isto... vai... ajudar-me... a perder peso... certo? – Robin já estava ofegante e não treinara nem cinco minutos.

– Sim, eu já perdi mais um quilo.

Pensava que seria menos doloroso queimar a gordura com um maçarico, mas não o diria a Robin. A amiga descobriria por si,

muito em breve. Mesmo assim, perguntava-se como tinha sido tão fácil convencer Robin a treinar com ela.

– O que te fez alinhar nisto?

O ritmo de Libby tinha aumentado e exercitava os braços junto ao corpo.

– O quê? – disse Robin, a respirar com dificuldade.

– Vires para o ginásio.

– Ah... não sei.

Libby franziu o sobrolho. Conhecia Robin, ou achava que sim. Eram farinha do mesmo saco. Robin

não fazia nada sem ter uma razão, sem prever o resultado. De repente, percebeu. Havia outra motivação para além de perder uns quilos. Robin estava a fazer isto por causa de um homem.

– Andas com alguém? – perguntou Libby, tentando parecer natural.

Robin virou a cabeça para ela tão num gesto tão brusco que podia ter feito um torcicolo.

– Não. O que te faz perguntar isso?

– Nada de especial.

Libby duvidava que Robin tivesse acreditado no seu ar inocente.

O programa da passadeira ia a meio, agora, e o ângulo de inclinação tornava impossível qualquer conversa. Manteve o olhar fixo e a postura direita, em vez de observar constantemente o cronómetro, que marcava os minutos que faltavam para terminar. À sua frente, vários homens levantavam pesos,

exibindo os bíceps protuberantes. Eram mesmo a distração de que estava a precisar. Perfeito para lavar a vista.

Robin e Libby terminaram ao mesmo tempo. Libby agarrou uma toalha e limpou o suor do rosto. Robin estava tal e qual como Libby ficara no primeiro dia: com ar de quem estava prestes a vomitar.

– Estás bem?

Robin olhou para ela.

– Dominas técnicas de reanimação, certo?

Libby sorriu.

– Sim, tirei um curso na escola.

Entraram no balneário e sentaram-se no banco corrido para recuperar o fôlego.

– Quando é que foi a última vez que saíste com alguém? – perguntou Robin.

Libby tinha de pensar. A seguir ao divórcio, ela basicamente evitara qualquer tipo de relação. Envolver-se com alguém não lhe parecia uma boa ideia até conseguir tornar-se sócia, se queria evitar repetir os mesmos erros do casamento

falhado. Os horários desencontrados também não tinham ajudado. Joe fazia o turno da noite no restaurante e Libby continuava a ter um horário diurno normal, por isso raramente se viam. Quando ela chegava a casa do escritório, ele já estava a trabalhar. Ao fim de algum tempo, eram mais companheiros de casa do que amantes. À medida que os meses passavam, os seus mundos ficavam cada vez mais afastados.

Libby lembrava-se bem do dia em que chegara a casa e Joe

estava lá, não no trabalho. Ao princípio, ficou contente por o ver, mas depois percebeu o que fazia ali. Estava a arrumar tudo para se ir embora.

– Joe? – chamou-o, incapaz de acreditar no que estava a acontecer. Ainda hoje, sentia o estômago apertado só de se lembrar.

O marido nem olhava para ela. Continuava a arrumar as roupas e os objetos pessoais quase como se ela não estivesse presente.

– O que é que estás a fazer?

Ele continuava a evitar encará-la, concentrado em tirar as camisolas do armário e pô-las na mala aberta em cima da cama.

– Nada vai mudar, Libby. Tu tens a tua vida e eu tenho a minha. Não queres admitir isso, por isso cabe-me a mim fazê-lo. Tens sonhos, acho ótimo. És a maior, mas eu sou só o Joe, sem qualquer ironia. A única coisa que quero da vida é uma mulher ao meu lado e filhos.

– Mas eu pensei que nós tínhamos combinado...

Joe interrompeu-a.

– Eu já percebi. Nunca vai ser a altura adequada para tu teres um filho, quanto mais dois ou três.

Ela tentou contra-argumentar, mas ele continuou:

– Uma família ia atrapalhar o teu percurso. Não estou zangado, Libby, a sério que não. Quero que consigas tudo o que desejas. Mas eu também tenho sonhos e os meus sonhos são incompatíveis

com os teus. Está na altura de reconhecer que não vamos conseguir realizá-los os dois. Pelo menos, enquanto estivermos juntos.

Tinha razão e, no fundo, Libby reconhecia a verdade do que dizia. Depois de tentar mais uma vez argumentar, ainda que com pouca convicção, deixou-o ir-se embora. Partiu-lhe o coração vê-lo sair de casa carregado com as malas.

O divórcio deles fora provavelmente um dos mais amigáveis da história. Quando o

processo ficou concluído, encontraram-se para almoçar e abraçaram-se no final. Libby chorou no ombro dele e Joe acarinhou-a. Depois separaram-se e cada um seguiu o seu caminho. Ele voltou a casar ao fim de um ano, com uma empregada do restaurante onde trabalhava. Embora nunca mais se tivessem visto, Libby desejava-lhe tudo de bom.

Passaram três anos. Três longos anos. Lamentava o casamento falhado e, depois da separação,

dedicara-se ainda mais à carreira. Saber que seguia os conselhos da mãe ajudou-a a suportar a solidão e o sentimento de perda causados pela rutura com Joe. Talvez ela pudesse, nesta manhã, olhar para trás, para esse período doloroso e sentir que tinha valido a pena.

– Sair com alguém – repetiu. – Já deve ter sido há mais de um ano. Porque perguntas?

Robin fez um gesto de indiferença.

– E tu? – retorquiu Libby.

– Há ainda mais tempo do que

tu.

Libby mostrou-se solidária:

– Alguém interessado? –

Claramente, Robin tinha uma razão para trazer o assunto à baila outra vez.

– Um homem, interessado em mim? – repetiu Robin. – Que eu tenha reparado, não.

– E há alguém que aches interessante? – insistiu Libby.

Robin saltou do banco como aqueles bonecos que saem de repente de dentro de caixas e foi

tomar banho.

– Tenho de ir trabalhar.

Então era isso! Robin tinha um fraquinho por alguém. Ora, ora... Ainda bem para ela. E as amigas tinham em comum o suficiente para Libby perceber o problema: Robin não sabia o que fazer quanto a isso. Libby também não saberia. As relações são muitas vezes complicadas e o envolvimento pode tornar-se doloroso. Tinha de ser alguém do trabalho dela. Embora fosse tentador, Libby não perguntou mais nada. Robin contar-lhe-ia

quando estivesse preparada.

Libby pegou na toalha e seguiu a amiga para o duche.

Estava a vestir-se quando Robin regressou.

– Voltei à retrosaria – comentou Libby por casualidade, enquanto apertava o sutiã.

– Ah... Estás a fazer alguma coisa?

– Sim.

– O que estás a tricotar?

– Gorros para bebés prematuros do Hospital Central de Seattle. Fiz

dez na sexta-feira à noite e fiquei sem novels, por isso voltei à loja no sábado para comprar mais. Tricotei mais vinte no fim de semana.

Robin soltou uma gargalhada.

– Sempre compulsiva.

Pegou na mochila do equipamento.

– Até quarta.

– Até lá – respondeu Libby.

Libby voltou ao A Good Yarn nessa mesma manhã e encontrou um letreiro na porta informando que encerravam às segundas-feiras.

Ao perceber movimento na loja, espreitou pela janela da frente, com o nariz contra o vidro e as mãos ao lado da cara para tapar o reflexo. Viu Casey e Lydia lá dentro.

Casey reparou que ela estava ali e apressou-se a ir à porta, destrancando-a.

– Estamos fechados.

– Já reparei. Passei por aqui para entregar os gorros que tricotei.

– Entre – convidou Lydia, aproximando-se da filha. – Estava só a tratar de papelada. A Ava e a

Casey vão ao hospital entregar os gorros.

– Se quiserem, vou convosco – propôs Libby. Não sabia por que motivo se tinha oferecido, mas percebeu pela reação de Lydia que ficava contente por as miúdas não irem sozinhas, sem nenhum adulto.

– Isso é fantástico.

– O prazer é todo meu.

Tinha tempo. Porque não?

Ava evitava olhar para ela, mas quando o fez, sorriu com timidez.

– Já temos mais de duzentos gorros – anunciou Casey, orgulhosa.

– O hospital despacha-os num instante.

– Acho que os partilham com outros serviços da região – explicou Lydia.

Casey e Ava dividiram o peso entre as duas, distribuindo os gorros por dois sacos de plástico.

– Entreguem os gorros diretamente a Sharon Jennings, no terceiro andar – indicou Lydia. – Perguntem por ela na receção, tratará de vos arranjar os passes de acesso.

Lydia acompanhou-as à porta e ficou a vê-las partir.

As três começaram a descer o passeio a seguir à florista. Desde que era adulta, Libby não tinha passado muito tempo com jovens, por isso não sabia fazer conversa. Mas não precisava de se preocupar. Casey era uma tagarela.

– Sabe que sou adotada?

– Não sabia – respondeu Libby.

– Tinha doze anos quando vim morar com eles em regime de família de acolhimento. A Lydia e o

Brad queriam um bebé, mas afinal vim eu. Tenho um irmão mais novo. Ele não é adotado, é do primeiro casamento do Brad. Tenho um irmão verdadeiro também. Está preso agora. Costumo escrever-lhe, e ele está contente por eu ter uma família.

– Ah... e precisa de um advogado? – perguntou Libby, um pouco na brincadeira.

Casey riu-se, parecendo achar a oferta divertida.

– Já não vale a pena. O Lee vai ser libertado em breve e vai para o

Exército, se conseguir. O Brad disse-me que hoje em dia é muito difícil entrar. São muito exigentes, por isso ele pode não conseguir.

– Também tens um irmão, não é, Ava? – perguntou Libby, tentando envolver a rapariga na conversa.

Ava fez que sim com a cabeça.

– É dois anos mais velho do que ela e uma verdadeira peste – intrometeu-se Casey. – A Ava vive com a avó, que trabalha.

– Então estão sozinhos a maior

parte do dia? – perguntou Libby, olhando para a jovem adolescente.

Ava voltou a abanar afirmativamente a cabeça.

– Ela chega tarde a casa, por isso sou eu que preparo o jantar.

– Aposto que ela agradece.

Depois da morte da mãe, era Libby que tratava das refeições em casa. O seu leque de receitas era limitado, mas o pai raramente fazia comentários ou a estimulava. Talvez por isso Libby nunca tivesse gostado de cozinhar. Mais tarde, também não sentiu necessidade,

tendo em conta a excelência de Joe nessa matéria. Era ele quase sempre que cozinhava. Depois do divórcio, sentia quase tanto a falta daquelas refeições caseiras como do marido.

– A avó não come muito – acrescentou Ava. – Depois do trabalho, vai para o bar conversar com os amigos.

– Ah... – Libby não sabia o que dizer. Esta singela informação significava imenso e ela teve a ligeira impressão de que a vida

familiar de Ava não era pera doce.

– Onde está o teu pai?

Ava encolheu os ombros.

– Não sei. Não o vejo desde que era pequena.

Mas ela ainda era pequena.

O hospital ficava no topo de uma colina num bairro conhecido como Pill Hill, a norte do centro de Seattle. Os últimos quarteirões eram uma subida íngreme. Ou Libby estava em melhor forma do que pensava ou os chapéus eram mais pesados do que parecia, porque Ava mostrava dificuldade

em manter a passada dela e de Casey.

Avistaram a entrada do Hospital Central de Seattle.

– Conheces a Sharon Jennings?
– perguntou Libby a Casey.

Casey acenou que sim.

– Vim com a mãe uma vez entregar os gorros. Não falei com ela, mas sei quem é.

– Vamos encontrá-la – disse Libby, confiante.

As portas de vidro automáticas abriram assim que se aproximaram.

A receção era muito perto da entrada. Libby avançou e esperou, junto ao balcão, que a rececionista terminasse uma chamada.

– Em que posso ajudá-las?

– Viemos entregar gorros para bebés prematuros a Sharon Jennings – explicou Libby.

A rececionista anotou os nomes e entrou em contacto com Sharon.

– Terceiro andar – indicou, ao dar-lhes cartões de visitante. – Apanhem o elevador do lado direito.

– Obrigada.

O elevador chegou e entraram. Antes de as portas se fecharem, um médico conseguiu saltar lá para dentro. Olhou para os botões mas não optou por nenhum. Aparentemente, iam todos para o mesmo piso. Olhou para Libby, para as adolescentes e voltou a observar Libby. Baixou o olhar antes de o desviar por completo.

Libby reconheceu-o logo. Já o tinha visto, mas não conseguia lembrar-se onde. Talvez aquele olhar dele, fosse lá aquilo o que

fosse, demonstrasse reconhecimento e estivesse também a tentar perceber de onde.

– Conheço-a – disse ele.

– Também me parece que já o vi em algum lado.

Ele franziu o sobrolho, com uma expressão de reprovação.

Que homem antipático, pensou Libby. Bem, há gente para tudo. E então lembrou-se de onde o conhecia.

– Treina no mesmo ginásio do que eu – afirmou. Mas mal falou, desejou ter ficado calada. O homem

não fez qualquer sorriso ou comentário; embora claramente também se lembrasse dela, parecia irritado com isso.

– O que se passa? Passei à sua frente no aparelho de ginástica que queria usar? – perguntou Libby, eriçando-se. Se calhar achava-a gorda, dado ter um corpo perfeito, em todos os sentidos.

Ele ignorou a provocação.

– Conhece a Libby? – intrometeu-se Casey, sem se dar conta da tensão entre ambos.

Aquela rapariga não tinha um pinga de timidez.

– Vi-a no ginásio – respondeu o médico sorrindo à jovem.

Esboçou um sorriso honesto e simpático, que Libby não fora digna de receber. O que era triste é que ela desejava ter sido agraciada com um. Tinha a certeza de que ele estava a ser desagradável por causa dos seus quilos a mais ou porque sabia que estava desempregada. Libby cruzou os braços de forma defensiva. Apercebendo-se disso, prontamente

os deixou cair e sacudiu os ombros.
Não precisava da aprovação dele.

– Chamo-me Casey e esta é a
minha amiga Ava – continuava
Casey, alegre e cheia de
sorrisinhos.

Ava olhou-o timidamente, como
era seu costume.

– Phillip Stone – apresentou-se.

Libby reparou como se manteve
a olhar para Ava e depois fez uma
expressão incomodada, franzindo
as sobrancelhas, quando deslocou a
atenção para Libby. Parecia que ia

dizer qualquer coisa, quando Casey falou:

– Viemos entregar gorros para bebês prematuros.

– São vocês que os fazem?

– Nem todos – respondeu Casey –, mas alguns sim.

O médico ignorou Libby por completo.

– Fizeram uma coisa extraordinária. É muito importante manter as cabeças dos bebês prematuros quentes. Perdem muito calor; os gorros são muito úteis.

– Foi o que a minha mãe disse.

Phillip olhou para Libby e, mais uma vez, franziu o sobrolho. Libby estava quase a perguntar qual era o problema dele, quando o elevador parou e as portas se abriram.

Sem mais uma palavra, saiu e desapareceu no corredor.

Libby observou-o a afastar-se. Que homem desagradável e egotístico! Nem a conhecia e tinha conseguido fazê-la sentir-se tão mal.

Talvez achasse que se tinha atirado a ele no ginásio. Não tinha

sido descarada. Pelo menos esperava que não.

Libby admitia que ele era agradável à vista, mas isso não queria dizer que estivesse interessada. Parecera-lhe engraçado. Até então, claro.

Quando olhava para os outros homens no ginásio, Libby conseguia perceber que alguns estavam ali só para exhibir os músculos. Nem sequer eram muito subtis. Libby não apanhara o médico a olhar-se ao espelho, nem parecia ser do tipo exibicionista. Estava ali apenas

para treinar, tal como ela. No entanto, era suficientemente giro para dar nas vistas.

Agora que se tinham conhecido, ela iria ter de encontrar outras coisas para se distrair enquanto praticava exercício.

– Olá, meninas – disse a mulher que estava na área da enfermagem. – A Lydia ligou-me para avisar que vinham a caminho.

– Sharon Jennings? – conferiu Libby.

– A própria.

Sharon era uma mulher de meia-idade, usava uma blusa larga florida e calças brancas. Tinha um sorriso espontâneo e afetuoso.

– Vejo que conheceram o doutor Stone.

– Qual é o problema dele? – perguntou Libby, incapaz de conter o comentário.

– Chamamos-lhe «Coração de Pedra» por aqui – respondeu Sharon, soltando uma gargalhada sonora.

– Dá para perceber porquê –

murmurou Libby. – É tão simpático como uma cascavel.

– Mas é giro – contrapôs Casey, ansiosa por defender o médico.

– Pois. Muito giro – concordou Sharon. – E um grande médico.

– Porque lhe chamam «Coração de Pedra»? – perguntou Casey.

Na verdade, Libby também gostaria de saber. Era evidente que não era a pessoa mais afável do mundo, mas devia existir outra razão para aquela alcunha.

– Parte muitos corações. Várias mulheres que trabalham aqui estão

apaixonadas por ele, mas eles não lhes liga nenhuma. Desconfio que teve uma experiência negativa com alguém e evita ter relações com pessoas do hospital.

Pelos vistos, evitava relações no geral, se a reação que tivera com ela era a habitual. A lata do homem! Era raro Libby antipatizar com alguém como acontecera com o Dr. Coração de Pedra. E parecia ter sido recíproco.

– Trouxemos-lhe mais gorros – informou Casey.

– Que bom!

Sharon pegou nos sacos e colocou-os atrás do balcão.

– Sou Libby Morgan.

– Prazer em conhecê-la, Libby.

– Podemos ver os bebês? – perguntou Ava.

– Claro.

Sharon levou-as até à divisória envidraçada de onde se podia ver o berçário.

– Os recém-nascidos estão aqui, mas os prematuros estão noutra ala do hospital.

Os bebés estavam em pequenos berços alinhados numa fila ordenada, com os nomes visíveis nas cabeceiras. Estavam embrulhados em cobertores cor-de-rosa ou azuis.

– São tão queridos – exclamou Casey, observando-os através do vidro.

– Aquele está a chorar – observou Ava, apontando para o bebé com o letreiro indicando o nome Wilcox. – Não era melhor alguém ver se está tudo bem?

– Chorar faz-lhes bem aos pulmões – explicou Sharon. – Mas também temos falta de pessoal. Contamos com os voluntários para embalar os bebés.

– Posso voluntariar-me? – perguntou Casey. – Adoro bebés!

– Desculpa, querida, mas tens de ser maior de idade.

Libby fixou o olhar na cadeira de baloiço colocada no canto.

Sharon deve ter reparado, porque olhou para Libby e sublinhou:

– Como eu disse, estamos mesmo a precisar de mais voluntários.

– Não olhe para mim – escusou-se Libby, levando a mão ao peito. – Não percebo nada de bebés.

– Não precisa – insistiu Sharon.
– Basta pegar nele e embalá-lo. Ficaria espantada ao perceber como é tranquilizante. Garanto-lhe que quem embala fica tão satisfeito como quem é embalado.

Tranquilizante? Bebés? Libby abdicara do casamento porque

insistira em atrasar a questão da maternidade por causa da carreira. Olhar para estes recém-nascidos agitava um desejo há muito enterrado. Não conseguia evitar pensar no que teria acontecido se tivesse cedido e fosse mãe de um filho de Joe. Bem, era um assunto ultrapassado. Mesmo assim, o pensamento persistia.

– Devia pensar em fazer voluntariado – insistiu Sharon delicadamente.

Acontecera a Libby uma coisa incrível: ficou sem ar à medida que

a ideia ganhava forma. Tinha começado a tricotar e agora, ao fim de apenas alguns minutos no hospital, estava realmente a considerar tornar-se voluntária. Seria isto que Hershel queria dizer quando lhe sugerira que arranjasse uma vida?

Capítulo 5

Phillip Stone levantou-se e acompanhou o jovem casal à porta do consultório. Na sexta-feira de manhã iria operar o filho deles, com pouco mais de um quilo, que nascera dez semanas antes do tempo. O bebé Blaine tinha uma válvula do coração deficitária, um problema comum. Ao longo da sua

carreira, Phillip fizera esta cirurgia mais vezes do que se conseguia lembrar.

Mesmo assim, era a primeira vez que isto acontecia ao filho daquele casal e os pais pareciam estar à beira de um colapso, ansiosos e com medo.

– Até sexta – despediu-se Phillip, no tom de voz mais tranquilizador possível.

A mulher parou e fitou-o. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

– Doutor Stone, o senhor reza?

Pensou na melhor resposta que podia dar. Quando era criança, decorara as rezas que a mãe lhe tinha ensinado. Era católica, e o pai, bem, o pai não era coisa nenhuma. A avó oferecera-lhe uma Bíblia quando terminara a escola secundária. Ainda a tinha... algures.

– Annie – chamava o marido, tentando conduzi-la ao elevador.

– É o nosso primeiro filho – disse a jovem mãe, com a voz trémula. – É tudo para nós.

– Eu rezo, sim – respondeu

Phillip, depois de uma longa pausa. Não o tinha feito recentemente, mas com certeza nos últimos trinta e nove anos tivera momentos em que se voltara para Deus. Nem sempre da maneira mais apropriada, ou que pudesse considerar-se tecnicamente uma reza, mas o mais próximo disso que ele conseguia.

– Então reze, na sexta – pediu-lhe ela, antes de se voltar e ir ter com o marido.

O casal entrou no elevador. O marido colocou a mão sobre o

ombro estreito da mulher. Phillip reparou na maneira como ela se encostara a ele, como se o amor e a força daquele homem fossem o que a mantinha inteira.

As hipóteses do bebé eram boas. Phillip não antecipava complicações. O rapaz ia ficar bem... Se Deus quisesse.

Passou a hora seguinte a tratar de papelada e quando levantou os olhos reparou que já passava das sete. Tinha planeado sair mais cedo. Os velhos hábitos eram

difíceis de largar. Encontrar equilíbrio na sua vida exigira-lhe disciplina e contenção. Era mais fácil deixar-se cair na armadilha de ficar até tarde no hospital e mergulhar no trabalho.

Salvava vidas e estes bebês precisavam dele. O que tinha descoberto, para seu desgosto, é que não fazia muito bem a ninguém estar exclusivamente focado no trabalho. Depois de se ter separado de Heather, apercebeu-se de que o problema era dele. Na altura, sentira que ela queria mais do que

lhe podia dar.

Depois da separação, uma outra ideia tinha ficado clara. Trabalhar tantas horas fazia-o esquecer-se de si mesmo. Todos os dias no hospital se prendia no drama de vida e morte que acontecia à sua volta, sem tempo para refletir ou processar o impacto desses acontecimentos. Precisava de se afastar, pensar, ter tempo para si e para uma vida fora do hospital.

Desde então, refletira muito sobre a sua tendência para ser tão

determinado e focado no trabalho. Apercebeu-se de que havia mais qualquer coisa neste traço da sua personalidade do que simples dedicação. Autoanalisar-se não era confortável nem especialmente fácil, mas sabia que, se queria alguma vez encontrar felicidade fora do trabalho, teria de mudar. Veio-lhe à cabeça que era o tipo de pessoa para quem a autodisciplina rigorosa e as realizações profissionais eram mais fáceis de alcançar do que a descontração. Ainda não tinha chegado ao ponto

de se sentir confortável em baixar a guarda, mas estava a trabalhar nisso.

Uma das primeiras medidas tomadas fora ditar a si mesmo a regra inflexível de sair do hospital antes das sete da tarde. Durante um tempo, conseguiu descobrir coisas para ocupar o tempo além do trabalho. Foi nessa altura que teve a ideia de andar de barco à vela. Gostava de água e estar no Canal de Puget ou no Lago Washington parecia entusiasmante.

Depois de muitas pesquisas e lições de vela, comprou o seu próprio barco e fez um amigo com o negócio. Phillip dava-se bem com o instrutor, e os dois iam velejar juntos. Não eram os melhores amigos, mas sabia-lhe bem conviver com Fred.

Phillip passou vários fins de tarde de verão no Lago Washington, aproveitando o sol e a brisa quente. Recentemente, fora convidado para se juntar a uma mesa de póquer, com um grupo de outros médicos. Aceitou e apreciava

a camaradagem. Jogar às cartas nunca fora o seu forte: perdia muito mais do que ganhava, mas dar umas gargalhadas com os amigos compensava. O mais engraçado era que, embora se divertisse, muitas vezes tinha de fazer um esforço para se convencer a ir. No fundo, continuava a ser um solitário.

Desligou o computador, ignorando a longa lista de e-mails que exigiam a sua atenção. Podiam esperar até de manhã. A maior parte das vezes, comia qualquer

coisa na cafeteria do hospital. A comida não era assim tão má. Era mais saborosa do que qualquer coisa que pudesse cozinhar e era consideravelmente mais nutritiva do que uma refeição num restaurante de fast food.

Ao caminhar através do longo corredor, reconheceu algumas enfermeiras. Desde que fora para aquele hospital, várias delas tinham manifestado interesse nele. Regra número um do livro de Phillip: não se envolver com ninguém da área profissional da saúde. Uma lição

aprendida logo no início da carreira e que continuava a seguir.

De vez em quando, pensava em Heather. Tinham-se conhecido na faculdade de Medicina, apaixonaram-se, foram viver juntos e decidiram casar-se quando acabassem os internatos. Esse era o plano original. Mas trabalhavam ambos loucamente e mal se viam. Passavam tão pouco tempo juntos que deixaram de estar sincronizados: quase que era preciso começar tudo de novo, nos

raros dias em que conseguiam ter folga ao mesmo tempo. Tinha noção de que estavam a afastar-se, mas não sabia quanto, até ao dia em que voltou para um apartamento vazio. Heather tinha saído de casa. Tentara falar com ela, resolver as coisas, mas não o quis ouvir.

Está bem. Assim seja. Levou a situação descontraidamente, durante cerca de um mês, deu espaço a Heather e esperou que ela caísse em si. Só que isso nunca aconteceu. Quando se deu conta,

Heather, o amor da vida dele, tinha-se casado com outro médico e mudado para outro estado. Sem mais nem menos.

Precisou de seis meses para recuperar do choque. Voltou a ter namoradas, com resultados praticamente idênticos. Por exemplo, Marsha Lynch, uma jornalista que trabalhava no Seattle Times e com quem namorou quase um ano, até ela terminar. Phillip ficou surpreendido pois achava que a relação corria bem. Claro, ele

trabalhava muitas horas, mas isso era natural na sua profissão. A dada altura, chegaram a falar em casamento... Quando Marsha acabou a relação, declarou que casamento estava fora de questão. Com lágrimas nos olhos, disse-lhe que ele era distante e muito resistente à intimidade. Afirmou que trabalhava horas absurdas, o que seria suportável para ela, se quando estivessem juntos ele não fosse tão fechado. Este episódio desagradável ficou-lhe na memória durante meses.

O problema, concluiu, era não compreender as mulheres.

Foram precisos quase oito meses para Phillip perceber que Marsha tinha posto o dedo na ferida. Casara-se com o hospital, mas a situação era mais grave do que isso. Nunca se tinha visto como distante ou frio. Não era do género de partilhar as suas preocupações ou de ter o coração na boca, mas isso não o tornava emocionalmente inacessível, como Heather e Marsha o acusaram. No entanto, a

tendência de manter para si o que pensava e sentia era aparentemente um problema. Tinha poucos amigos, mas preferia assim. A vida não devia ser um concurso de popularidade.

Depois da experiência com Marsha, prometeu deixar-se de namoros durante alguns anos. Começou a construir uma vida fora do hospital com determinação, mas era difícil resistir a velhos hábitos. Desejava ter uma mulher ao seu lado, mas honestamente não sabia por onde começar ou sequer se

estava na sua natureza dar-lhes o que elas queriam e precisavam. No que toca a relações amorosas, tinha poucas ideias claras sobre como deviam ser. Abrir o coração, partilhar intimidades, tudo isso parecia ultrapassá-lo. Para alguém que os outros consideravam esperto e inteligente, estava com sérias dificuldades em descobrir a solução do problema.

Aquela noite era um bom exemplo. O casal Blaine confiara-lhe a vida do filho. Se conseguisse,

o rapaz tinha boas hipóteses de ter uma vida normal. Admirava a maneira como os pais se apoiavam mutuamente. Eram parceiros, amigos, amantes. Phillip gostaria de ter uma relação assim, uma mulher e uma família a que chamasse suas, só que não sabia se isso era viável para ele. Aos trinta e nove anos, tinha hábitos arreigados.

Quinta-feira de manhã, Phillip acordou com o som do despertador. Arrastou-se para a cozinha, pôs o café a fazer e pegou no fato de

treino.

Estava no ginásio a levantar pesos quando viu a mulher que encontrara no elevador do hospital. Aquela que acompanhava as duas adolescentes e trazia os gorros para os bebés prematuros.

Estava sozinha, nessa manhã. Pelos vistos, a amiga que costumava treinar com ela não tinha aparecido. Quando trocaram olhares, ficou tensa e virou-lhe a cara. Phillip pensou que era expectável. Tinha olhado para a

filha dela, cheirou-lhe logo a problemas, e, como tal, reagiu bruscamente.

Não invejava... como é que era mesmo o nome dela? Lesley? Lindy? Não, Libby! Perguntava-se se ela saberia que a filha estava grávida. Parecia totalmente alheada do facto. Lamentavelmente, a rapariga não podia ter mais do que treze ou catorze anos. Podia estar enganado, mas era improvável. Lidava com mulheres grávidas há demasiado tempo para não

reconhecer os sinais. A jovem usava roupas largas, mas não escondiam o que para ele era evidente. No entanto, devia ser esperta. Estaria de seis ou sete meses e escondia-o bem. O seu palpite era que Libby nem sonhava. Seria injusto culpar a mãe, mas claramente não estava a dar à filha a atenção necessária, nem de perto nem de longe.

Bem, Libby ia ter um choque. E a rapariga provavelmente não estava a ser seguida por nenhum médico. A fórmula para uma

catástrofe. Considerou dizer alguma coisa ali mesmo no elevador, mas mudou de ideias. Não queria passar os limites. Não era assunto dele. Mesmo assim, estava preocupado com a rapariga e as possíveis consequências daquela situação para ela e para o bebé.

– Phillip, apareces logo à noite?

Perdido nos seus pensamentos, voltou-se para falar com o amigo, o pediatra Michael Everett. Pousou os algarismos para processar o que o amigo lhe dissera.

– Póquer. Vamos encontrar-nos

em casa do Ritchie. Vens ou não?

– Vou e, desta vez, tenciono recuperar o meu dinheiro.

Ritchie era cunhado de Michael, do primeiro casamento. Michael tinha sofrido muito com a morte da mulher, Hannah. Durante meses, o pediatra não fora o mesmo. Recolheu-se por completo, recusando convites e cingindo a vida ao estritamente necessário. A dor tinha-o amputado. Colegas e amigos recearam que nunca mais recuperasse. E então, cerca de um

ano depois da morte de Hannah, Michael conheceu Macy.

Michael bateu amigavelmente nas costas de Phillip.

– Ainda bem! Combinámos às sete.

– Está bem, fica assim.

Ritchie e Michael costumavam treinar juntos. Ritchie estava ali ao lado, com um peso em cada mão, que pousou no chão.

– Já sabes? – perguntou Michael a Phillip, com um sorriso matreiro. – Macy está grávida.

Phillip abraçou o colega e sentiu

uma nesga de inveja.

– Parabéns.

Michael acenou, contente consigo próprio.

– Sim, acabámos de saber. Até logo à noite.

– Até logo – ecoou Phillip.

Estava feliz pelo amigo. Michael era um homem bom e um médico maravilhoso, apreciado e respeitado pelo pessoal do hospital. Phillip cruzara-se com Macy uma vez e gostara dela. Na verdade, era difícil não gostar. Ela era como um

raio de sol. Também tinha conhecido Hannah e sentia que ela aprovaria a escolha de Michael.

Quando terminou o treino habitual, Phillip voltou para casa. Só precisava de estar no hospital daí a uma hora. Tomou banho, vestiu-se e decidiu tomar outro café. Tirou uma chávena limpa do armário e reparou na flor que estava no parapeito. Trouxera-a do gabinete para casa porque parecia caída e pouco saudável. Esperava que a luz do sol a arrebitasse, estando junto à janela.

Em vez disso, murchara completamente. Tinha morrido por negligência.

Capítulo 6

A situação do emprego era pouco animadora. Libby não tinha uma única perspectiva no horizonte e cada dia ficava mais deprimida. Tricotara tantos gorros de bebé que quase já sabia o modelo de cor. Ao ritmo que ia, teria duzentos gorros feitos até ao final do mês.

Sharon Jennings, a enfermeira

que conhecera na segunda-feira, tinha referido que estavam a precisar de voluntários no berçário. Também dissera que embalar bebés era tranquilizante. Libby precisava de alguma coisa, qualquer coisa, que lhe acalmasse o espírito inquieto.

Encontrar paz interior parecia-lhe apelativo e embalar recém-nascidos saía mais barato do que comprar uma série de livros sobre o assunto. O que lhe custava entender era a sua atração por

aqueles bebês. Seguramente, não tinha sentido nada daquilo quando o ex-marido tentara convencê-la a engravidar. Mas, agora, o apelo era magnético. Desejava ter um bebê nos seus braços. Um sentimento contrário à sua natureza, mas real.

Bem, na verdade não tinha nada melhor para fazer com o tempo. Podia tentar. Na quinta-feira de manhã, depois de ir ao ginásio, decidiu passar no hospital e candidatar-se. O formulário era longo e demorou mais a preenchê-lo do que esperava. A maior parte

das candidaturas a empregos eram menos extensas do que esta. Também tinha de tirar as impressões digitais. Ao que parecia, ser aprovada exigia a verificação total do seu percurso.

Sharon Jennings ligou-lhe na segunda-feira seguinte para a informar de que tinha sido aprovada como voluntária.

– Ah, que bom, obrigada – Libby tinha dado como certo que não teria problemas. O delito mais grave do seu cadastro era ter

atravessado a rua fora da
passadeira.

– Quando quer começar?

– Ah...

Libby não sabia bem. Nos poucos dias que passaram desde que fizera a candidatura, não tivera tempo de pensar no assunto e apercebeu-se de que estar com recém-nascidos podia não ser assim tão positivo. Embora estivesse desejosa da paz e do conforto anunciados por Sharon, receava que o convívio com os bebés lhe desse vontade de ter um filho. Já

tinha passado a idade de ser mãe, embora fosse comum atualmente uma mulher dar esse passo no final dos trinta ou mesmo no início dos quarenta. Mas sem companheiro à vista, não era provável que isso lhe acontecesse.

Embalar bebés podia ser perigoso para o seu bem-estar emocional. As dúvidas já tinham abalado bastante a sua autoconfiança. Não precisava de se recordar permanentemente do que tinha abdicado com o divórcio.

Como a sua vida teria sido diferente se tivesse dado a Joe o que ele queria. Não era necessário sentir mais culpa e tristeza.

Se Libby se queria dedicar a uma causa justa, devia considerar fazer aconselhamento jurídico pro bono. O problema era que a maioria das pessoas que se dirigiam a organizações que prestavam este serviço não estavam interessadas em planos de gestão patrimoniais, em fundos de investimento ou na constituição de fundações, e essas eram as suas

áreas de especialidade.

– Pode estar lá ao meio-dia? – Sharon não aceitava um não como resposta.

– Ah...

– Precisamos mesmo da sua ajuda.

– Claro – Libby cedeu sem pensar.

Oh, meu Deus, o que é que me passou pela cabeça?!

Sharon mostrou-se logo agradecida.

– Ótimo! Encontramo-nos lá

então.

Libby apresentou-se ao meio-dia em ponto. Sharon deu-lhe uma bata de hospital para colocar sobre as roupas normais e levou-a ao berçário.

– Pegue num bebé e comece a embalá-lo – foi a única instrução que Libby recebeu.

O berçário era uma cacofonia de bebés a gritar. O barulho era ensurdecedor.

– Qual deles? – perguntou Libby, sem saber por onde começar. Estava apenas no princípio e já se

sentia assoberbada.

– Qualquer um.

Libby escolheu o bebê mais próximo. Um bebê rechonchudo, saudável, com mais de três quilos e meio e uma mecha de cabelo castanho-escuro. O apelido era Burzotta. Pensou que seria provavelmente italiano. Libby retirou-o cuidadosamente do berço macio e instalou-se na cadeira de baloiço de madeira. O bebê chorou ruidosamente até Libby começar a embalá-lo: a cara, que ficara

avermelhada, foi voltando ao normal e o lábio inferior movia-se suavemente à medida que se acalmava.

Libby não conhecia canções de embalar e por isso cantou baixinho a única cantiga de que se lembrava, um sucesso dos anos oitenta. Podia não ser Brahams, mas o tom de sussurro parecia fazer efeito. Em poucos minutos, o bebé Burzotta adormeceu profundamente nos braços de Libby.

Voltou a colocá-lo no berço e pegou noutro bebé. Estava

francamente zangado e tinha a cara torcida num esgar.

– Já comeste, meu menino – murmurou Libby, embalando-o com cuidado. – Está ali escrito no quadro que a tua mãe te deu de mamar nem há meia hora. Está na altura da sesta. – O bebé Jassin não era tão fácil de acalmar como o bebé Burzotta.

Libby embalou-o e cantarolou baixinho, passando facilmente de uma canção para outra. Quando era adolescente, depois da morte da

mãe, afogara as mágoas em música. Deitava-se na cama, imersa nas canções que a levavam para longe do mundo e da perda. O pai nunca se queixou do barulho. Até se casar com Charlene. A madraستا argumentava que aquele som era prejudicial aos ouvidos e que lhe faria mal.

Libby passou a baixar a música, obediente.

A enfermeira Jennings tinha razão. Mesmo estando no meio de bebês ruidosos, Libby tinha uma sensação de paz, de retidão. A

calma invadia-a, e apenas embalara bebés. As preocupações que a deprimiam desde que tinha perdido o emprego dissipavam-se lentamente. Era como se tivesse entrado num outro mundo. Um oásis onde só contava o carinho pelos bebés e as canções de embalar.

– Então, então... – disse suavemente, pegando no terceiro bebé.

Colocou o recém-nascido contra o seu ombro e deu-lhe palmadinhas

nas costas.

Sharon voltou algum tempo mais tarde.

– Então, como correu?

– Muito bem – O berçário estava praticamente silencioso. – Que horas são?

Sharon olhou para o pulso.

– Três. Estou espantada como ficou tanto tempo.

Sharon arregalou os olhos.

– Estou aqui há três horas?

Sharon tinha entrado e saído. Libby tinha dado por ela algumas vezes, mas não lhe prestara grande

atenção.

– Três horas – sublinhou Sharon.

Incrível! Libby nem tinha dado pelo tempo a passar.

– Fez um excelente trabalho – disse a enfermeira, dando-lhe uma palmadinha de incentivo nos ombros. – Espero que volte.

– Voltarei.

– Há uma ficha de presenças e horários do outro lado da porta. Adoraríamos tê-la cá outra vez em breve.

Libby preencheu o nome no

quadro e foi-se embora. Ao voltar para casa, sentiu necessidade de falar com alguém. Imaginava que Robin estivesse ocupada, mas mesmo assim tentou ligar-lhe.

– Gabinete da procuradora – a amiga atendeu secamente.

– É a Libby. Acabei agora mesmo de embalar bebês no hospital.

– O quê? – perguntou Robin, sem paciência.

– Disse-te hoje de manhã que ia fazer voluntariado no hospital, lembras-te?

Silêncio do outro lado.

– Estiveste... a embalar bebés?

– Sim, durante três horas. Nem pareceu tanto tempo e foi tão... tranquilo.

Mais uma vez, silêncio do outro lado.

– Deixa-me ver se percebi bem. Passaste as últimas três horas a embalar recém-nascidos.

– Adorei cada minuto.

Robin soltou um risinho.

– Estou preocupada contigo, Libby. Muito, mas mesmo muito

preocupada.

Capítulo 7

Alguns dias mais tarde, mais exatamente na quarta-feira depois do almoço, Libby chegou ao berçário do Hospital Central de Seattle para fazer voluntariado outra vez. Enfiou-se na bata azul antes de Sharon entrar na sala.

– Fico feliz por ter voltado – disse a enfermeira. – A voluntária

da manhã não veio e estou muito atarefada.

Sharon parecia mesmo precisar de um intervalo.

– A propósito, viu o doutor Stone? – perguntou a enfermeira.

A pergunta foi formulada como se fosse natural que se tivesse encontrado com o médico.

– Não.

Libby tinha reparado que ele também não aparecera no ginásio nas últimas manhãs e, por ela, tudo bem.

– Ele perguntou por si hoje de manhã.

– Perguntou por mim?

O estômago encolheu, com uma sensação de pavor. Não podia ser coisa boa, o Dr. Coração de Pedra à procura dela.

Da última vez que o vira no ginásio, tinha-lhe voltado a cara de propósito, receando dar-lhe a ideia de o estar a observar. Ele também a ignorara, pelo que tinha ficado agradecida.

Na realidade, Libby e o médico

não tinham falado uma única vez desde aquele estranho encontro. Na sua opinião, ele tinha problemas por resolver. Mas na cabeça de Libby, o assunto crescera desproporcionalmente. Não queria pensar nele, mas dava-se conta que lhe ocupava os pensamentos com frequência, o que a exasperava. Não conseguia imaginar o que teria feito para que a tratasse de forma tão brusca.

– O doutor Stone perguntou quando viria outra vez fazer voluntariado – explicou Sharon.

Libby não sabia qual o significado deste interrogatório, mas manifestamente não era bom sinal.

Sharon desviou o olhar e mostrou-se constrangida.

– Talvez tenha comentado com ele que viria hoje; espero que não haja problema.

– Oh!

– Não se incomoda, pois não?

– Eu... não, tudo bem.

Se estava nos planos dele desanuviar o ambiente, talvez não

fosse má ideia fazê-lo agora.

– Normalmente, guardo esse tipo de informação para mim – continuou Sharon. – Mas é tão raro o doutor Stone mostrar interesse por alguém aqui no hospital que me apanhou de surpresa.

Talvez as vibrações negativas que o Dr. Stone emitia não se dirigissem a ela.

O estômago de Libby já estava um nó. Tinha tão pouca experiência com relações homem/mulher que não sabia o que pensar. Apesar de estar bem nos trintas, sentia-se às

vezes muito inepta, e esta era claramente uma dessas situações.

Robin também não lhe tinha dado mais pistas sobre o seu novo interesse amoroso. As duas formavam uma bela dupla. Libby desconfiava que por isso é que eram tão amigas. Robin também tinha sido casada, mas o casamento acabara alguns anos depois de descobrir que o marido, Kyle, tinha um problema de jogo. Nunca voltara a falar nele ou em qualquer outra relação pós-divórcio.

– Se encontrar o doutor Stone, não se importa que lhe diga que está aqui, pois não? – perguntou Sharon.

Libby hesitou, por não saber se estava preparada para um confronto.

– O que se passa entre vocês? – indagou Sharon. – Assim que menciono o nome dele, fica tensa. O que é?

– Não tenho a certeza. Acho que ele não gosta de mim.

Sharon franziu o sobrolho.

– Que disparate. Se assim fosse, não perguntaria por si.

– Então, por favor, diga-lhe que estou aqui.

Libby esfregou as mãos sem conseguir esconder o nervosismo.

– Ele também faz isto, sabia? – perguntou Sharon.

– Isto, o quê?

Intimidar outras mulheres?

– De vez em quando, o doutor Stone vem aqui ao berçário embalar crianças. Não com frequência. Acho que ele preferia

que não o revelasse. É o feitio dele: parece que tem medo que descubram que tem um coração de manteiga, mas já o vi com famílias de bebés em risco. É paciente e delicado. Veja por si mesma, vai descobrir que tenho razão.

O Dr. Coração de Pedra embalava bebés? Estariam a falar do mesmo homem? Parecia altamente improvável.

Como se sentisse necessidade de o promover aos olhos de Libby, Sharon abanou a cabeça e continuou:

– As mulheres aqui dariam tudo para ganhar a atenção dele, o que não admira. É um pedaço de mau caminho, bem-sucedido, um excelente médico e ser humano. Uma combinação a que quase nenhuma mulher resiste.

Libby talvez tivesse sido muito precipitada a julgá-lo.

Sharon bateu-lhe no ombro.

– É encorajador que tenha perguntado por si.

Libby não se sentia nada encorajada. Tinha a cabeça a

estalar quando se aproximou da fila de berços. Tal como no outro dia, estava lá uma enfermeira, que entrava e saía, para levar os bebés às mães.

Sentou-se na cadeira de baloiço com um bebé inquieto e esqueceu-se do Dr. Stone num instante.

Sharon tinha razão quando dizia que era tranquilizante embalar os pequenos. Trauteando docemente, Libby cantava enquanto passava a mão sobre a careca do bebé. Pensava que um dia aquele bebé seria um homem feito que ia roubar

muitos corações.

Ao embalar um bebê e outro e outro, não conseguia evitar continuar a pensar como seria a vida deles mais tarde avaliando o potencial que distinguia em cada um. Sabia bem pegá-los ao colo. Era um prazer difícil de explicar. Libby divagava agora sobre as emoções da sua mãe quando a tivera nos braços pela primeira vez.

E então sentiu alguém atrás de si. Pensou que fosse a enfermeira, mas não...

Dr. Stone.

– Libby, não é? – perguntou, quando se apercebeu de que fora notado.

– Sim. Doutor Stone, correto?

Ele pôs-se à sua frente, alto e musculado, assombrando-a como uma nuvem negra. Libby estava com dificuldade em salivar, quanto mais falar.

– Phillip – pô-la ele à vontade.

Então era suposto tratarem-se pelo nome próprio. Era bom saber isso.

– Imaginei que fosse o Phillip que estava atrás de mim – disse, pretendendo soar descontraída e calma. Duvidava que tivesse conseguido. Longe dela dar-lhe a entender o quanto a intimidava.

– Peço desculpa se a assustei. Ouvi dizer que tem feito voluntariado aqui no berçário.

– Sim... tenho tempo de sobra.

Não referiu a razão e arrependeu-se de ter falado tanto. Estar desempregada já era duro o suficiente para a sua autoestima.

Admiti-lo a alguém ainda era mais. O facto de não ter arranjado um emprego ao fim de tantos meses piorava tudo.

– Compreendo...

– Sou advogada – saiu-lhe de repente.

– Ah. Ok.

Libby não conseguia calar-se.

– Especializada em Fundos e Património... as coisas estão um bocado paradas agora. Mas isso não acontece aos médicos, pois não? – perguntou, quase tropeçando na questão, que sabia

ser ridícula.

Felizmente, ele ignorou-a.

O bebé ao seu colo desatou a chorar. Por momentos, Libby esquecera-se completamente dele. Deu graças por não lhe ter escapado dos braços e caído no chão. Apertou-o ligeiramente junto ao corpo. Apercebeu-se de que devia dizer algo, mas teve uma branca. Na verdade, ficara incapaz de pronunciar uma única palavra.

– Pelos vistos, já teve bastante contacto com bebés antes –

começou ele a fazer conversa.

– Hã?

– Parece à vontade com eles.

À vontade? Ela? Com bebés? A verdade é que, até à semana passada, nem se lembrava da última vez que estivera perto de um bebé.

Seis anos atrás. Recordava-se claramente agora. Juliette, uma das assistentes, tinha tirado licença de maternidade. Depois do parto, passara pelo escritório para apresentar a filha. Não sabia como, mas a bebé fora parar-lhe ao colo e

ficou com ela nos braços alguns minutos. Quando Juliette pegou na filha de novo, Libby ficou aliviada.

No entanto, aqui estava, a fazer voluntariado no Hospital Central de Seattle, a embalar bebés. Não conseguia dizer o que mudara. Era possível que tivesse sido ela? Desde que fora despedida – retraia-se só de pensar na Burkhart, Smith & Crandall – não sabia quem ou o que era realmente.

– Gostava de falar consigo em particular – pediu Phillip,

interrompendo-lhe a corrente de pensamento.

Apanhada de surpresa, ficou a olhar para ele sem expressão, a imaginar qual seria o tema da conversa.

– Porquê?

Ele ignorou a questão.

Arregalou os olhos, espantada.

– Embora a cafetaria não seja o sítio ideal, acho que serve.

– Do que se trata?

– Gostava de lhe falar de um assunto – disse ele, como se esta resposta esclarecesse tudo.

Libby franziu a testa. Talvez tivesse surgido algum problema com a sua candidatura, mas parecia-lhe improvável, uma vez que tinha sido aceite.

– Só lhe roubo alguns minutos.

Ela hesitou.

– É importante.

– Está bem – concordou, com alguma relutância. – Saio às três.

– Foi o que me disse a Sharon.

Deu-se conta de que estava embasbacada e de que ele aguardava uma resposta.

– Às três – confirmou. – Na cafetaria.

Sem dizer mais nada, o médico foi-se embora. Assim que fechou a porta do berçário, Libby soltou um suspiro que não sabia que estava a conter. Phillip era abrupto e exigente. O que a irritava mais era deixar-se intimidar por ele. Lá porque era um craque da Medicina não significava que era mais do que os outros. No entanto, não conseguia deixar de pensar no que seria assim tão importante para lhe

pedir que falassem pessoalmente.

Sharon chegou alguns minutos depois.

– Seria o doutor Stone que vi aqui? – perguntou. O sorriso plasmado na cara mostrava bem que não podia estar mais satisfeita com a inesperada reviravolta dos acontecimentos. Esfregava as mãos de contente.

– Sim, passou por aqui.

Libby tentava disfarçar o incómodo que o médico lhe causava.

– E então? – continuou Sharon,

os seus olhos castanhos expectantes, ansiosa por saber os pormenores do breve encontro. – Vai obrigar-me a torturá-la para me contar? O que é que ele queria?

– Disse que tinha um assunto particular para falar comigo – respondeu Libby, esperando que Sharon soubesse do que se tratava.

O ar surpreso de Sharon revelou-lhe que a enfermeira estava tão no escuro como ela. Depois, esboçou um sorriso.

– Bem me parecia que ele podia

estar interessado em si... e tinha razão.

– Não creio.

Libby não sabia de onde Sharon teria tirado essa ideia, mas francamente duvidava muito que o Dr. Stone se sentisse atraído por ela.

O sorriso de Sharon permanecia firme.

– Vá por mim.

Libby ergueu os olhos.

– Por favor – disse – não me parece que deva fazer disto mais do que é. Provavelmente, é alguma

coisa inócua ou tem alguma pergunta para me fazer.

– Pense o que quiser, querida.

Às três horas, Libby despiu a bata do hospital e passou os minutos seguintes a retocar a maquilhagem e a compor o cabelo. Se se ia encontrar com o diabo, queria estar no seu melhor. O facto de se importar irritava-a imenso.

Pegou no telemóvel a caminho do elevador e quando estava no átrio de entrada mandou uma mensagem a Robin: DOUTOR

STONE QUER FALAR COMIGO EM PARTICULAR. NÃO SEI QUAL É O ASSUNTO.

A resposta chegou em segundos, logo a seguir a carregar no botão «enviar»: O DOUTOR «CORAÇÃO DE PEDRA»?

Libby respondeu: O DO GINÁSIO.

PODRE DE BOM!

Libby fez uma careta irritada ao ver a mensagem. Não sabia o que as mulheres viam nele. Claro, era agradável à vista, mas tinha a personalidade de uma tartaruga.

Ao entrar na cafetaria, guardou o telefone na mala, parou junto à porta, respirou fundo e procurou Phillip.

Estava sentado ao fundo da sala, num lugar que lhes proporcionava privacidade. Libby começou a caminhar para ele, com a energia e o entusiasmo de um condenado dirigindo-se ao carrasco. A sua esperança era que o médico estivesse no intervalo e com pouco tempo. Reparou nos dois cafés pousados na mesa.

Conseguiu fazer um meio sorriso, puxou a cadeira e sentou-se. Por nada deste mundo o deixaria perceber como a intimidava.

– Não sabia como tomava o café – disse ele, entregando-lhe a chávena.

– Está ótimo assim. E agora diga-me, o que se passa? – e agarrou a chávena com as duas mãos.

Ele olhou para o pulso, sugerindo que não tinha muito

tempo, o que era perfeito para ela.

– Basicamente, queria saber do bebé.

– Do bebé? – ecoou Libby. – Aquele que tinha ao colo quando estávamos no berçário?

Não conseguia imaginar que informação lhe poderia dar, além do sexo da criança e do apelido dos pais.

– Não, não.

Philip franziu o rosto e abanou a cabeça, aborrecido por ela não perceber.

– Quando nasce o bebé, sabe

sequer isso?

Estaria ele convencido de que estava grávida? Não era humanamente possível, nesta altura. Não estava com um homem desde... bem, não havia necessidade de explorar esse tópico frustrante.

– Não estou grávida – disse, prontamente. – E se estivesse, deixe-me dizer-lhe que não teria nada a ver com isso.

O seu olhar inflamou-se, esticou o braço e pegou na chávena.

Nenhum deles tinha tocado nos cafés.

– Não estou a falar de si.

Libby estava estupefacta. Sinceramente, ele não estava a fazer sentido, o que acontecia desde o princípio.

– Tem razão. Não tenho nada a ver com o assunto e hesitei em dizer alguma coisa, mas depois senti que devia. Tenho noção que posso estar a passar das marcas por ter esta conversa.

Levantou a mão direita, totalmente perdida.

– Peço desculpa, mas não faço ideia do que está a falar.

– A sua filha – disparou ele.

– Eu não tenho filha. – Colocou a mão sobre o peito. – Nem sequer sou casada.

Não que ser casada fosse um pré-requisito para ter um filho. Meu Deus, não conseguia dizer nada de jeito quando estava perto deste homem!

– As raparigas que estavam consigo quando vieram entregar os gorros para os prematuros...

– Casey e Ava?

– Uma delas está grávida.

Libby abanou imediatamente a cabeça, negando.

– Está enganado. – Tinha de estar. – Só têm treze anos.

A cara dele contraiu-se e insistiu.

– Tenho uma forte suspeita de que a de cabelo escuro está à espera de bebé.

Aquela informação não ajudava nada.

– Têm as duas cabelo escuro.

– A que estava de calças de ganga, então.

– Ambas estavam vestidas com calças de ganga.

Ele abanou a cabeça, exasperado.

– Está bem, a do lado direito.

Libby pestanejou e tentou lembrar-se das posições dentro do elevador.

– Do seu lado direito ou do meu?

– Do seu. Não, do meu.

Nas colunas do hospital, ouviu-

se uma chamada para o Dr. Stone voltar com urgência à Unidade Neonatal.

– Tenho de ir. Peço desculpa por não conseguir ajudar mais. Pensei que devia dizer-lhe porque aquela rapariga precisa de ser vista por um médico. Necessita de cuidados adequados para ela e para o bebé. Quem me dera conseguir ser mais específico a identificar a rapariga. – Hesitou e depois abanou a cabeça em sinal de frustração e aborrecimento. – Peço desculpa... Pensei que... Bem, seja como for,

tenho a certeza que fará o que puder.

E, dito isto, saiu a correr da cafetaria.

Capítulo 8

Ele estava lá. Robin Hamlim mordeu o lábio inferior e deu o seu melhor para acalmar o coração acelerado. O juiz Roy Bollinger tinha comparecido ao jantar de angariação de fundos, promovido pela Legal Aid Society. Claro que esperava encontrá-lo, mas não tinha como saber se ele participaria

ou não.

Robin ganhara admiração por Roy há alguns anos, quando trabalharam juntos numa campanha eleitoral. Recentemente soubera que a mulher dele falecera havia dois anos. Tanto quanto era do seu conhecimento, não voltara a comprometer-se. Não tinha perguntado a ninguém, com medo que percebessem o seu interesse. Até agora, apenas o admirava ao longe. Roy era decente e honesto, leal e gentil. Também partilhavam

convicções políticas.

Oh, sem dúvida que tinha um fraquinho por ele. Mas Robin queria levar as coisas de forma descontraída. Uma abordagem óbvia não fazia o estilo dela. Precisava de se movimentar com cautela, sem mostrar o jogo. Numa situação normal, teria enviado um cheque generoso à Legal Aid Society e evitado o jantar. A única motivação para aparecer era a remota possibilidade, a esperança, de que o juiz Bollinger estivesse lá.

As portas da sala de jantar

ainda não tinham aberto. Viu-o na fila do bar no cocktail. Ela era a terceira pessoa atrás dele. Entre os dois estava um casal, que não dava sinais de o conhecer, conversando animadamente. Nessa altura, ele virou-se para trás e atravessou-a com o olhar. Talvez estivesse à procura de alguém. Era possível que tivesse vindo acompanhado. A única maneira de perceber era verificar se tinha comprado uma ou duas bebidas. Robin ficou expectante e aguardou.

Uma bebida.

Ele voltou-se, viu-a e sorriu.

Robin devolveu-lhe o sorriso, perguntando-se como era possível que o coração batesse de forma tão forte e acelerada e não explodisse. As mãos tremiam-lhe ao olhar para o programa que lhe tinham dado à entrada. As palavras pareciam-lhe difusas e tentava disfarçar a sua reação.

– Boa noite, doutora – disse Roy, ao aproximar-se dela. Tinha na mão um copo de vinho tinto.

Pinot noir, se não estava em erro. Robin também era apreciadora de vinhos e gostava especialmente daquela casta, cultivada em Willamette Valley, no estado do Oregon.

– Juiz Bollinger – respondeu, pretendendo soar casual. Ele não era um homem que impressionasse. Eram mais ou menos da mesma altura, cerca de um metro e setenta. Cabelo totalmente grisalho e com grandes entradas. Tinha boa aparência e, embora fosse dez anos mais velho do que ela, permanecia

dinâmico e saudável. Robin sentia-se muito atraída por ele.

Nunca tinha estado num julgamento conduzido pelo juiz Bollinger. Não julgava casos criminais, embora as suas salas de audiências fossem na mesma zona do Tribunal do Condado de King. Às vezes cruzavam-se entre sessões.

– Não me lembro de a ter encontrado outras vezes em ocasiões destas... – comentou Roy, metendo conversa.

– Não costumo vir muito, mas

apoio a causa.

Robin nunca fora muito social. Tal como a amiga Libby, estava casada com o trabalho há tanto tempo que praticamente não tinha vida fora do tribunal. Família e amigos já a tinham alertado para o facto de os casos em que trabalhava estarem a afetar-lhe a personalidade. Como não? Lidar com criminosos era suposto causar impacto. Sentia-se sem energia para mudar a sua maneira de pensar e no entanto precisava de um escape... alguma coisa ou

alguém que a centrasse. Alguém que lhe permitisse esquecer-se da torpeza com que lidava diariamente em tribunal. Alguém que a lembrasse de que há bondade, beleza e amor neste mundo. Recordava-se de dar umas gargalhadas com o juiz Bollinger e de como se tinha sentido alegre depois de conversar com ele.

– É bom vê-la.

– Igualmente.

Pensou em fazer referência à mulher, dizendo-lhe que lamentava

o falecimento. Felizmente, impediu-se de o fazer. Tinha sido há dois anos, já não era o momento adequado.

Roy enrolou a mão no pé do copo de vinho. Robin olhou-lhe para as mãos. Eram bonitas, pensou. Não eram grandes nem grossas, apenas normais e agradáveis. Ele nunca lhe tocara e Robin imaginava como seria sentir aqueles dedos sobre a sua pele nua. Oh, que mente fantasiosa. Mas o pensamento provocava-a e não conseguia livrar-se da imagem.

O juiz começou a afastar-se e Robin procurou desesperadamente uma razão para o prender. De repente, teve uma ideia.

– Juiz Bollinger?

– Roy.

– Roy – corrigiu. Era o que esperava dele, mas era presunçoso interpelá-lo sem referir o cargo.

– Tenho uma amiga, uma grande amiga, que anda à procura de emprego na área de Fundos e Património. Será que conhece alguma empresa a precisar de

alguém?

– Onde trabalhava a sua amiga?

– Na Burkhart, Smith & Crandall.

– Ah sim, ouvi dizer que despediram advogados excelentes. Lamentável.

– Muito – concordou Robin. – A minha amiga chama-se Libby Morgan.

Ele enrugou a testa, tentando situar o nome.

– Elizabeth Morgan – corrigiu, embora quase toda a gente a tratasse por Libby.

– Ouvi falar dela. Tem boa

reputação. Uma profissional empenhada.

– A melhor.

Ele anuiu e levou a mão à cara, um tique em que já tinha reparado. Fazia isso quando estava a pensar, a refletir sobre os factos.

– Deixe-me ver o que se arranja; depois digo-lhe qualquer coisa.

– Não imagina como ela ficaria grata... e eu também, claro.

– É simpático da sua parte preocupar-se com a sua amiga.

– Obrigada.

Robin sentia-se culpada. Só tinha falado em Libby para o reter um pouco mais.

Chegou a vez dela. Pediu também um copo de pinot noir.

Roy estava quase a ir-se embora, mas hesitou.

– É apreciadora de vinho?

– Muito, especialmente do vinho de Willamette Valley.

Ele abanou a cabeça para um lado.

– Também eu.

Parecia que ia desenvolver o assunto, quando Robin ouviu alguém chamá-lo.

Roy pediu licença e saiu. Robin pagou a bebida e afastou-se, sentindo que caminhava no ar.

O jantar pareceu demorar horas. Os discursos arrastavam-se. Robin sabia que seria incapaz de reproduzir uma só palavra. Roy gostava de vinho. Ela gostava de vinho. Perguntava-se se ele também fazia sudokus e se se interessaria por xadrez. Excitada

com o breve diálogo, era impossível ter apetite. A senhora ao seu lado, mulher de um advogado que conhecia apenas superficialmente, tentou fazer conversa, mas desistiu depressa. A mente de Robin estava ocupada com Roy. Pensava em todas as coisas que lhe podia ter dito...

Robin levantou-se da mesa assim que pôde e saiu apressadamente. Ainda havia luz do dia e, à medida que se dirigia para o parque de estacionamento, pegou no telemóvel e correu a lista de

contactos até encontrar o número de Libby.

– Olá, então?

Tal como Robin, Libby não adorava falar ao telefone, mas desde que fora para o ginásio conversavam bastante.

– Tenho passado palavra sobre andares à procura de emprego – disse Robin.

– Ah sim? – Libby soou esperançosa.

Robin não tinha nenhuma noção se isso adiantaria alguma coisa.

– Falei com o juiz Bollinger.

– Já ouvi falar nele – respondeu Libby.

O entusiasmo da amiga fazia-a sentir-se ainda mais culpada.

– Sabes quem ele é?

– Sim... acho que sim. – Libby hesitou enquanto juntava dois mais dois. – Como é que o conheces?

– Do tribunal... A sala de audiências dele é mesmo ao fundo do corredor.

– Tu praticas Direito Penal.

Era uma afirmação, não uma

pergunta.

– Queres que lhe diga para esquecer o assunto? – disparou Robin. Arrependeu-se de ter contado aquilo a Libby naquele momento. Fora um erro, mas não conseguira conter-se. O que queria realmente, deu-se conta, era contar-lhe que finalmente falara com o homem em quem andava interessada há meses.

– Foste à angariação de fundos?

Robin tinha referido o assunto ainda essa manhã, no ginásio. Libby parecia surpreendida por ela

ter mesmo ido. Tal como a amiga, se fosse consigo, enviava um cheque e pronto.

– Sim, fui – murmurou Robin, desejando mais uma vez ter ficado calada.

– Como correu?

– Como eu esperava. Frango com ervilhas guisadas, discursos intermináveis e pressão para mais donativos.

– Estou espantada que tenhas ido.

Robin deixou cair o comentário,

resistente em admitir a verdadeira razão da sua comparência.

Seguiu-se um desconfortável silêncio e Robin preparava-se para encerrar a conversa, quando Libby falou:

– Posso perguntar-te uma coisa?

– A voz da amiga baixou vários decibéis, como se estivesse inquieta.

– Depende.

Se Libby queria aprofundar o tema Roy, o assunto era proibido. Ninguém suspeitava o quanto Robin se sentia atraída pelo juiz. Ninguém

precisava de saber. Era assunto dela e de mais ninguém.

– Lembras-te da mensagem que te enviei sobre o Phillip... o doutor Stone... me ter convidado para beber café?

– O padre de bom – brincou Robin.

– Bem, não era pela razão que eu pensava.

– A sério?

Robin não sabia como tinha corrido o encontro e, sinceramente, estava bastante curiosa, mas

assumiu que Libby lhe contaria quando achasse apropriado. Afinal, a amiga era tão reservada quanto a própria Robin.

– Ele... queria contar-me que acha que uma das raparigas da retrosaria está grávida e anda a esconder.

– Uma empregada?

– Não... a filha da Lydia ou a amiga dela.

Robin emudeceu.

– Elas têm treze anos – acrescentou Libby.

Treze anos? Bem, eram novas,

mas não seria a primeira vez que sabia de casos de jovens grávidas nessa idade.

– Ele não te disse qual das raparigas era?

Libby suspirou.

– Não. Entretanto foi chamado para uma emergência. Achava que eu estaria a par, mas não estou. Gosto muito da Lydia, mas não sei se devo contar-lhe.

– Gostarias que te dissessem, se fosse uma filha tua?

A amiga hesitou.

– Tenho-me feito essa pergunta e acho que sim, que queria. Ele parecia um bocado incomodado por abordar o assunto. Tenho a certeza que lhe pesava na consciência, de outra forma não teria tomado a iniciativa.

– Tens aí a tua resposta – disse Robin. – Se o doutor Stone se sentiu compelido a falar é por preocupação com a rapariga.

Ao fim de um tempo, Libby concordou.

– Ele estava preocupado por a

miúda não estar a receber assistência médica. E depois de pensar um bocado, pergunto-me se ela saberá sequer que está grávida.

– Podes ter razão – comentou Robin, acrescentando: – Precisas de falar com a Lydia.

– Eu sei. Mas não tenho nada a ver com isto. É estranho. Ainda por cima, nem sei de qual delas falava.

– E pensar que tem só treze anos...

Robin lembrou-se de si mesma naquela idade: sossegada e tímida, fechada e estudiosa... basicamente,

uma inadaptada. Se as raparigas da retrosaria fossem um bocadinho como ela, não teriam ideia do que se passava com o seu corpo.

Algumas semanas antes, Robin tinha ido a tribunal, por causa de um caso que envolvia uma rapariga de onze anos grávida. Ela e o filho do padrasto eram acusados de crimes relacionados com droga. A miúda apresentou-se para testemunhar contra ele, acusando-o de ser protegido do pai e de a ter violado. Ele insistia que tinha sido

por «vontade» dela, que ela lhe tinha oferecido o corpo em troca de drogas. Dependente de crack, grávida, onze anos. Como procuradora, Robin lidava todos os dias com aquele tipo de situações. Era de admirar que tivesse desenvolvido uma visão cínica da vida?

– Não sei se sou a melhor pessoa para lidar com isto – disse Libby, titubeante.

Robin, presa nos seus pensamentos, perdera o fio à conversa.

– Se não fores tu, quem será? – perguntou ela, avançando logo para outra questão. – Conheces bem a Lydia?

– Não... Um pouco, talvez – emendou.

– Fazia isso por ti, mas mal a conheço – reconheceu Robin. – As únicas vezes que vou à retrosaria é para comprar os romances de lá que a minha mãe me pede. A maior parte das vezes acho que é um pretexto.

– Um pretexto? – estranhou

Libby.

– Sim, a minha mãe acha que se eu for lá muitas vezes, apanho o bichinho do tricô. Acredita, sou imune. Acho ótimo para ti e para ela, mas nem que a minha vida dependesse disso me aproximava de um par de agulhas.

A mãe de Robin casara recentemente com o namorado dos tempos de escola e mudara-se para a Florida. Ao que parece haveria poucas retrosarias e muito longe, no Estado do sol e da boa vida. Talvez aquela fosse a maneira de

Ruth se manter próxima da filha.

Robin tinha consciência que tomara a mãe como garantida. Só quando Ruth se mudou é que se apercebeu do quão importante era tê-la por perto. O Natal tinha sido horrível: a única família que tinha próxima era um irmão, Grant, que já se divorciara duas vezes. Ele convidara-a para o jantar em casa do filho, mas Robin recusara.

Robin dera-se conta, tarde de mais, que a mãe era a sua âncora. Libby, por seu lado, tinha perdido a

mãe quando ainda era uma jovem adolescente. Pelas conversas que tinham tido na faculdade, Robin sabia que, nessa altura, a amiga ficara como náufraga, perdida num mar de tempestades emocionais. Só se sentia segura quando estava imersa num livro ou a ouvir música. As duas coisas ajudaram-na a fugir da dor de ter perdido a mãe, de ser uma criança sem mãe.

Robin começou a pensar seriamente no futuro, depois desse Natal deprimente. Não queria ficar sozinha outra vez. Tal como Libby,

desejava criar raízes: ter um marido, filhos, um rumo.

– Espero não te estar a pressionar – disse Robin. Não invejava o lugar da amiga. – Mas é óbvio que vais ter de falar com a Lydia sobre isto.

– Acho que tens razão – respondeu Libby, com uma voz de quem faria qualquer coisa para se livrar da tarefa.

Robin chegou ao carro e ficou em pé cá fora a pensar qual seria a melhor maneira de Libby abordar o

assunto com a dona da retrosaria.

Se a situação fosse ao contrário e ela tivesse que fazer isso, como agiria? A memória do caso da rapariga de onze anos não lhe saía da cabeça. Se esta adolescente de treze anos estava grávida, o assunto era mais do que um simples caso de saúde. Também se punha a questão sobre a idade legal do pai. Podia ter sido uma violação. Talvez fosse necessário abrir um processo. Era tanto um problema legal como ético.

– Tenciono ir ao fundo da

questão. Se alguém se aproveitou da rapariga... ela precisa de ajuda – afirmou Libby.

– Também pensei nisso – concordou Robin.

– Imagino que sim – disse. – Oh, Robin, em que é que se está a transformar este mundo?

Capítulo 9

Libby pensou muito na melhor forma de abordar Lydia.

Teria sido preferível que Phillip aparecesse no ginásio na manhã seguinte para lhe fazer mais perguntas, mas ele não apareceu. Robin era da opinião de que deveria falar o mais rapidamente possível com Lydia. Posto assim, parecia

fácil. Não era ela que tinha de encarar uma mulher que conhecia há pouco tempo com aquela devastadora notícia.

Enquanto remoía o assunto, sentia-se muito receosa. Dava voltas no apartamento, olhava para o relógio de cinco em cinco minutos, preocupada com a hora de abertura da loja, às dez.

Saiu de casa cerca de um quarto de hora antes e decidiu ir a pé, esperando que o exercício lhe desse inspiração para a conversa.

Precisava de encontrar as palavras certas, se é que existiam. «Lydia, a tua filha de treze anos pode estar grávida.» Como é que alguém diz isto?

Na esperança de adiar a conversa, Libby passou na florista e andou por lá à toa. O aroma das flores não a animou como esperava. Em vez disso, recordou-se de todos os ramos que família e amigos tinham enviado para o funeral da mãe. Saiu da loja sem comprar nada.

A campainha sobre a porta

assinalou a sua entrada na retrosaria. A cara de Lydia iluminou-se com um sorriso de boas-vindas. Era uma pessoa tão calorosa e gentil; Libby sentiu um nó na barriga.

– Libby, que bom ver-te. Tens algum problema com o cobertor de bebé que estás a fazer?

– Não... não.

Olhou em volta na loja. Lydia estava sozinha. A irmã, Margaret, devia estar a cuidar da mãe ou apareceria mais tarde.

– Estava com esperança que conseguíssemos conversar a sós – disse-lhe Libby, evitando o contacto visual. A voz soara baixa e, contra todos os seus esforços, tremida.

– Claro.

A amiga conduziu-a ao fundo da loja e imediatamente serviu duas chávenas de café.

– Simples, certo?

– Certo.

Oh, como tinha saudades do café com natas; mas abdicara disso como parte do plano para perder os

quilos a mais.

Lydia entregou-lhe a chávena e sentaram-se as duas junto à mesa.

– Estou hesitante em falar-te de um assunto – começou Libby. – Não o faria, se não fosse muito sério e, bem...

– Um assunto muito sério? – repetiu Lydia. Agora, também ela parecia assustada.

– Acho que é melhor começar pelo princípio – sugeriu Libby. Tentava pensar na melhor forma de iniciar a conversa com alguma delicadeza, mas não lhe ocorria

nenhuma ideia. A única maneira era ir direta ao assunto.

– Sim, por favor.

Lydia segurava a chávena com as duas mãos como se precisasse de agarrar-se a qualquer coisa sólida.

– Lembras-te de eu ter ido com a Casey e a Ava ao Hospital Central de Seattle?

– Claro. Foram entregar os gorros dos prematuros.

– Exato. Nessa altura, conhecemos o doutor Stone no

elevador.

– Ah sim. – Lydia animou-se, de certa maneira. – As raparigas ficaram impressionadas com o belo médico.

– Ele reconheceu-me porque andamos no mesmo ginásio.

– Foi o que elas me disseram.

– Então as raparigas contaram-te.

Pelos vistos, Libby tinha falado de mais.

– Há pouco tempo, ele pediu-me para conversarmos... em particular.

Lydia sorriu-lhe de forma

cúmplice.

– A sério?

– Não fiques com a ideia errada.

Posso assegurar-te que o doutor Stone não está nem um pouco interessado em mim.

– Oh, Libby, ficaste desiludida?

– Não, de todo. – Abanou a cabeça veementemente, não querendo dar nas vistas. – O que se passa é que ele achou importante falarmos porque...

A campainha da porta tocou, indicando a presença de um cliente.

Libby gemeu por dentro e encostou-se na cadeira, contrariada. Tinha o corpo tenso, como um guerreiro que se prepara para a batalha, os sentidos em alerta máximo e a adrenalina a correr com força nas veias.

Enquanto Lydia atendia o cliente, Margaret chegou. Libby já se tinha habituado aos seus modos secos e não levava a mal. Suspeitava que debaixo daquela rudeza exterior estivesse uma alma boa. Sabia que era ferozmente protetora em relação à irmã e

desejou que fosse possível continuar a conversa com Lydia em privado. Margaret não ia levar a bem que deixasse a irmã perturbada.

– Olá, Libby – cumprimentou-a Margaret, pousando a mala no pequeno escritório. Voltou com uma chávena de café.

Lydia acabou de atender o cliente e logo a seguir entrou mais alguém na loja. Libby começava a pensar se não seria melhor voltar noutra altura. Depois decidiu que

era agora ou nunca, antes que perdesse a coragem.

Lydia também devia sentir o mesmo.

– A Libby e eu estamos aqui a ter uma conversa. Não te importas de me substituir? – pediu à irmã..

– Claro, é para já.

Margaret pousou o café e encaminhou-se para o balcão.

– Bem – retomou Lydia, voltando a sentar-se. – Ias dizer-me...?

Libby inspirou e fechou os olhos por instantes.

– O doutor Stone pediu para falar comigo em particular depois de conhecer as raparigas no elevador, porque está convencido de que uma delas está grávida.

– O quê?

O choque de Lydia ecoou pela loja.

Margaret parou de repente, bem como a cliente. Ambas ficaram a olhar para Lydia.

– Tudo bem aí atrás? – perguntou Margaret.

– Tudo ótimo – respondeu Lydia.

O seu olhar não se desviou de Libby.

– Isto é uma piada, não é?

Libby abanou a cabeça. O enjoo no estômago voltou.

– Quem me dera.

– É... é a Casey?

– Não sei se é ela ou a Ava.

Tinha vontade de esbofetear Phillip por não ter sido claro. Partira do princípio que se lembraria da rapariga que estava do lado direito dele. Ou dela? A sua intuição pendia para Ava, apenas pelo

comportamento da adolescente, mas não podia ter a certeza. Quase confidenciou a Lydia, mas mudou de ideias. Simplesmente não sabia.

Lydia ficara branca. Afastou o cabelo liso e castanho da testa e deixou a mão nessa posição.

– Brad apanhou a Casey a tentar sair de casa à noite... e não foi a primeira vez. Não sabemos onde vai e ela não conta.

O estômago de Libby contorceu-se num nó gigante.

– E Ava?

– É uma rapariga querida, mas

do que me apercebo acerca da avó, bem, digamos que as condições de vida não são as ideais. Pode ser ela.

– O doutor Stone explicou-me que a rapariga em causa pode nem ter ideia da sua condição.

– Como é que ele sabe da gravidez? Pura especulação, certo?

Lydia estava a tentar agarrar-se à possibilidade de não ser verdade e tudo aquilo se tratar de um grande erro.

O choque e a descrença dela

espelhavam a reação da própria Libby quando o médico falou com ela. Com certeza era preocupação exagerada ou um mal-entendido. As raparigas eram ambas tão novas e ingênuas. Mesmo assim, Libby não podia ignorar o conhecimento dele, nem fingir que era um engano, se não fosse o caso. Ele é que era médico.

— Não sei bem como se apercebeu. Não me explicou, mas estava suficientemente preocupado para vir falar comigo. Quem me dera conseguir adiantar-te mais... O

Phillip... O doutor Stone e eu apenas falámos por alguns minutos, até ele ser chamado de urgência. Não o vi desde então.

Talvez tivesse sido melhor esperar, mas todo aquele assunto lhe pesava tanto na consciência que Libby não podia adiar. Desde que falara com Dr. Stone, mal dormia.

As mãos de Lydia começaram a tremer. Se a conhecesse melhor, ter-se-ia lançado sobre a mesa para lhe tocar. Queria confortá-la, oferecer-lhe garantias, mas não

tinha nada para dar.

– Porque é que ele falou nisso contigo?

– Achou que a rapariga era minha filha.

– Ah!

A campainha da porta tocou, assim que a cliente saiu. Em poucos segundos, Margaret veio para junto delas.

– O que se passa aqui atrás? – perguntou.

Libby deixou que fosse Lydia a responder.

Lydia olhou para a irmã, sem

expressão, e ficou em silêncio.

– Uma coisa que preciso de investigar... Tenho de falar com o Brad.

Com os olhos semicerrados, Margaret observou Libby, desconfiada. Depois de uns segundos desconfortáveis, deixou-as sozinhas.

– Brad e eu queríamos adotar uma criança – contou Lydia a Libby.
– Calhou-nos uma assistente social fabulosa e, certa noite, ligou-nos. Era uma situação de emergência:

precisava de um sítio que acolhesse uma adolescente só por algumas noites.

Libby acenou com a cabeça. Lembrava-se de Casey contar que era adotada.

– Apaixonámo-nos por Casey. O Brad, o Cody e eu decidimos integrá-la na família.

Calou-se. Parecia que ia desatar a chorar.

Libby queria fazer ou dizer alguma coisa que ajudasse, mas não tinha nenhuma ideia.

– No dia em que nos

apresentámos ao juiz para finalizar o processo de adoção, ela estava tão feliz e entusiasmada que desatou a correr para o abraçar. – Uma lágrima escapou-lhe do olho e correu pelo rosto. – Mas Casey trouxe uma grande bagagem...

Libby podia apenas imaginar.

– Os últimos seis meses não foram fáceis, com as hormonas saltitantes... Casey teve a primeira menstruação.

Lydia cerrou os lábios e colocou os dedos sobre eles. As pálpebras

baixaram. Inspirou profundamente e susteve a respiração. Mais lágrimas desceram-lhe pelo rosto.

– Lydia?

Libby sentia-se impotente. Dava tudo para poder voltar atrás. A última coisa que queria era magoar a nova amiga ou trazer-lhe problemas para o seio da família.

Lydia engoliu em seco e murmurou:

– Não sei se Casey teve o período o mês passado...

O estômago de Libby contraiu-se.

– Uma das razões por que vim falar contigo é do foro legal...

Lydia olhou para ela estupefacta.

– O que queres dizer com isso?

– Se... se a Casey estiver grávida, tens de descobrir quem é o pai. Se for maior de dezoito anos, é considerado violação. É preciso abrir um processo. Sabes se a Casey tem namorado?

Lydia fez que sim com a cabeça.

– Que idade tem ele?

– Não... não sei. Acho que são

da mesma idade. Está no terceiro ciclo, são da mesma turma.

– Treze?

Libby não sabia se era possível um rapaz de treze anos perfilhar uma criança. Era totalmente inexperiente nessas matérias.

– Crianças a terem crianças... – comentou Lydia.

– O que vais fazer?

Não tinha nada a ver com isso, na realidade. Se fosse com ela, estaria totalmente perdida quanto ao caminho a seguir.

– Pois... não sei. Preciso de falar

com o meu marido.

Um parceiro de vida, alguém com quem partilhar os problemas, alguém para rir e chorar. Libby tinha abdicado de tudo isso e para quê? Por outro lado, nos últimos seis meses de casamento, ela e Joe só discutiam. Trabalhava intensamente durante o dia, fazia horas extra com frequência e, quando chegava, estava cansada. Por vir de uma família grande, ele estava habituado a viver rodeado de gente. Mais, havia a questão dos

filhos. Naquela altura era impossível tê-los. Apesar de tudo, ainda pensava em Joe de vez em quando. Esperava sinceramente que ele fosse feliz e estava contente que tivesse prosseguido com a sua vida.

– Brad saberá como lidar com isto.

– Tenho a certeza que sim – confortou-a Libby.

A campanha continuava a tocar e Lydia levantou a cabeça ao mesmo tempo que Libby. A loja tinha alguns clientes.

– Margaret precisa da minha ajuda.

Libby acenou e saiu logo a seguir. Voltou para casa mas não conseguiu sossegar. Queria desculpar-se e dizer à amiga como lamentava ser portadora de tão más notícias. Desejava que Lydia e o marido descobrissem o que era necessário e encontrassem uma forma de lidar com o assunto, a bem de Casey. Mas também podia ser Ava.

O telemóvel chilreou e tirou-o da

mala. Era Robin.

– Sempre falaste com a Lydia?

– Sim, falei.

– Como correu?

Libby nem sabia o que dizer. Tinha sido horrível. Sofria pela amiga e sentia-se responsável, embora tivesse feito tudo para ajudar.

– Ficou chocada, naturalmente.

– Imagino.

– Vai falar primeiro com o marido e depois com a Casey.

– Fizeste o que tinha de ser feito

– tranquilizou-a Robin.

Libby acreditava nisso, o que a fazia valorizar a atitude de Phillip ao procurá-la.

Ainda mais deprimida do que o costume, sentou-se em frente ao computador e verificou as páginas d a internet onde costumava procurar emprego. Não sabia porque se dava ao trabalho.

O telefone tocou outra vez. Olhou para o número e viu que era Sarah. Não falavam há algumas semanas. Libby não sabia bem se queria conversar com ela. Os

telefonemas eram cada vez mais curtos, com a passagem dos meses. Fora do escritório, tinham pouco em comum. Libby sentia-se obrigada a fazer um ar confiante e a transmitir a convicção de que era uma questão de dias até encontrar outro emprego. Tornava-se cada vez mais difícil sustentar essa farsa.

Atendeu ao quarto toque, mesmo antes de a chamada ir para o gravador de mensagens.

– Olá.

– Libby – sussurrou Sarah, como se tivesse medo de ser escutada. –

A Mrs. Reed esteve cá esta tarde.

Martha Reed. Libby tinha trabalhado afincadamente na organização do património da velha senhora, criando uma série de fundos fideicomissos. Gostava dela e admirava-a.

– Não está nada satisfeita – continuou Sara, mantendo a voz baixa. – Ouvi-a queixar-se ao Hershel. Perguntou por si e declarou que o Ben Holmes não é metade do advogado que a Libby é. Diz que está a pensar mudar de

escritório.

– Ela disse mesmo isso?

Libby arregitou de imediato.

– Não gosta que seja o Ben a tratar do negócio da fundação.

– O que lhe respondeu Hershel?

Libby era toda ouvidos. Afinal, era a primeira notícia animadora que recebia em semanas.

– Disse-lhe que era uma das clientes mais importantes do escritório e que faria o que fosse preciso para a manter contente.

Libby teve esperança que isso significasse considerar recontratá-

la.

Em tempos, teria tido um enorme prazer em recusar, dizer não e afastar-se de cabeça erguida. Mas isso fora noutros tempos – agora estava há cinco meses sem emprego. Se Hershel ligasse, ela engoliria o orgulho, agradeceria sinceramente e apareceria alegre e fresca de pasta na mão.

Capítulo 10

Lydia Goetz não conseguia parar quieta. A conversa com Libby Morgan tinha-a perturbado terrivelmente e, embora tentasse escondê-lo de Margaret, a irmã sabia que algo estava mal. Tentara várias vezes fazer Lydia falar, mas ela mantivera-se silenciosa e inquieta o resto da tarde.

A Casey, grávida? Não conseguia deixar de pensar no que isso significaria para a sua família, e como ela e Brad iriam lidar com a situação. Quando decidiram adotar Casey, sabiam que não seria um caminho fácil. Apesar de a filha estar radiante por fazer parte da família, não deixava de ter questões a resolver; mas aquilo estava muito para além do que Lydia ou Brad pudessem ter imaginado. Grávida tão nova. Não parecia possível e, no entanto...

Em casa, Brad apercebeu-se logo de que alguma coisa ou alguém tinham angustiado profundamente Lydia. Cerca de dez minutos depois de ela entrar, Brad perguntou-lhe:

– O que se passa?

Seguiu-a para a cozinha e encostou-se à ombreira da porta, de braços cruzados.

– Precisamos de falar – disse-lhe Lydia baixinho, com medo que ele percebesse a tremura na sua voz.

Tirou o assado e colocou-o

numa travessa que moveu rapidamente para fora do balcão.

– Está bem. Quando?

– Agora, não. Quando acabarmos de comer.

– Tens a certeza que queres esperar tanto tempo?

Lydia apenas anuiu, evitando falar para controlar o choro.

O jantar foi uma desgraça. Durante a refeição, Lydia mal conseguiu olhar para Casey. E o seu estado de espírito era contagiante. Apanhou os filhos a trocarem olhares. Cody encolheu os ombros,

como se quisesse expressar que não sabia o que se passava. Ao fim de dez minutos, Casey calou-se e não disse mais uma palavra. Quando terminou, ajudou a arrumar a cozinha e retirou-se para o quarto.

– O que é que se passa hoje com toda a gente? – perguntou Cody, depois de Casey sair da sala.

– Nada – respondeu Brad.

– Porque é que os pais respondem sempre isso? – resmungou o adolescente, quase

em sussuro. Abanou a cabeça e foi para a rua jogar baseball com os amigos.

Assim que Cody saiu, Brad voltou-se para Lydia.

– Vamos lá então, conta-me o que se passa.

Lydia sentou-se à frente do marido e cobriu a cara com as duas mãos, sentindo-se incapaz de passar por aquele momento.

– É assim tão mau?

– Pior.

– Então vamos lidar com o problema juntos.

Brad pegou-lhe na mão e apertou-lhe os dedos.

– É....? Recebeste algum relatório médico que não me estejas a querer contar?

Era natural que o marido partisse do princípio que tanta angústia estivesse relacionada com o cancro. Já tinha sido tratada a dois tumores cerebrais. Tratada. A palavra nem sequer aflorava a tormenta que sofrera. A primeira leva de tratamentos acontecera quando tinha apenas dezasseis

anos. Apareceram mais tumores por volta dos vinte. Lydia quase tinha morrido nas duas ocasiões.

Embora não houvesse sinal de cancro há mais de quinze anos, existia sempre o receio de que voltassem a formar-se tumores malignos. Lydia aprendera mais cedo do que toda a gente que nada na vida é garantido. Cada dia era um presente precioso. Abrira a retrosaria como uma declaração de vida, determinada a impedir que o medo dominasse o tempo que lhe restava, fosse ele qual fosse.

– Isto não tem nada a ver com o cancro – assegurou ao marido.

O alívio que se espelhou nos olhos dele traduzia o seu imenso amor e cuidado.

– Tenho uma cliente que me visitou esta manhã. Talvez já te tenha falado dela. É uma advogada que está desempregada há alguns meses.

– Aquela que fez trinta gorros num fim de semana?

Lydia confirmou com um aceno de cabeça, sorrindo ligeiramente.

– Essa mesmo. Chama-se Libby. Ela foi com a Casey e a Ava ao hospital entregar os gorros.

Brad franziu a testa.

– Acho que me lembro de contares.

– As miúdas eram perfeitamente capazes de ir sozinhas, mas fiquei mais descansada por ir um adulto com elas. – Lydia fez uma pausa e mordeu o lábio inferior. – Quando estavam lá, a Libby encontrou um médico que conhece do ginásio. Depois disso, ele pediu para

falarem em particular.

– E o que é que ele lhe disse?

Lydia olhou para as mãos, apertadas com tanta força que a pele sob as unhas estava branca.

– Achou que uma das raparigas era filha dela... e sentiu-se na obrigação de lhe contar que suspeitava que uma delas... está grávida.

Lydia mal conseguiu pronunciar estas últimas palavras.

Brad levantou-se de repente da cadeira, deitando-a ao chão.

– Só podes estar a brincar!

A sua reação de choque e descrença assemelhava-se à que Lydia tivera.

– Quem me dera.

Brad semicerrou os olhos.

– Como é que ele pode saber?

– Não sei... mas é médico. Não tinha a certeza absoluta, mas estava suficientemente preocupado para comentar. O receio dele é que a rapariga nem saiba que está grávida.

Mais uma vez, quase tropeçou na palavra.

Brad ergueu a cadeira e sentou-se de novo, esfregando a mão na cara como se precisasse de tempo para assimilar o que tinha ouvido. Os olhos dele vagueavam pela sala, como se procurassem um ponto para se fixarem que ajudasse a processar a situação.

– Poderá ser... a Casey? – perguntou, ao fim de alguns momentos tensos. Era óbvio que ele estava a ter a mesma dificuldade que ela em aceitar tudo aquilo.

– Não sabemos tudo o que ela faz – sublinhou Lydia. Ainda não tinham descoberto onde ia Casey na noite em que a apanharam a escapar-se de casa.

– Tu tiveste a conversa com ela, não tiveste?

Lydia assentiu. Tinha sido constrangedor, porque Casey provavelmente dominava melhor o assunto do que ela. A miúda tinha visto mais em treze anos do que Lydia a vida inteira. Casey mostrara-se paciente e até tinha

feito algumas perguntas, depois de a mãe lhe explicar as verdades primordiais da vida.

Agora lamentava não ter falado em doenças ou gravidez. Pensou que alguma informação era melhor do que nenhuma e que mais tarde ela podia ir completando o quadro. Como estava à vista, talvez tarde de mais.

– Pode ser a Ava – adiantou Lydia, sentindo logo culpa por desejar que estivesse a acontecer à outra rapariga e não à sua filha.

A amiga de Casey, órfã de mãe,

era tímida e frágil. Lydia ficou contente por se tornarem amigas e por Casey a ter trazido para a retrosaria. Ava e o irmão ficavam em casa sozinhos o dia todo, enquanto a avó servia às mesas num café das redondezas. E quando terminava o trabalho, parecia não sentir qualquer urgência em voltar para casa. Pelo que Ava contava, a avó passava grande parte da noite num bar ali perto, deixando os irmãos entregues a si mesmos.

Brad declarou com firmeza:

– Temos de falar com a Casey.
Lydia concordou.

– Podem falar comigo agora.

Casey estava à porta da cozinha, séria, de olhos postos no chão.

– Senta-te aqui ao pé de nós – pediu-lhe Lydia. Levantou-se e pôs o braço sobre a filha.

Casey libertou-se da mãe e foi sentar-se na cadeira mais afastada deles. Mantinha os olhos baixos, evitando contacto visual.

– Sei qual é o assunto –

declarou.

Lydia e Brad trocaram olhares.

– Querem livrar-se de mim, não é? Mandar-me de volta para a instituição?

Lydia susteve a respiração, chocada.

– Não, Casey! Nunca.

– O que é que te faz sequer pensar isso? – disparou Brad, irritado. – És nossa filha. Trouxemos-te para esta família e é para sempre.

– Casey, não sabes como te amamos? – perguntou-lhe Lydia,

percebendo que a filha não estava segura.

Os ombros de Casey começaram a tremer e as lágrimas caíam-lhe dos olhos. Irritada, limpou-as, como se a fraqueza a envergonhasse.

– Pensei que não me queriam mais, que esperavam que me fosse embora.

Era tão raro Casey chorar que a mãe sentiu virem-lhe as lágrimas aos olhos. Levantou-se e abraçou-a.

Depois de se recompor, Lydia voltou a sentar-se, arrastando a

cadeira para mais perto da filha e pegou-lhe na mão.

– Precisas de perceber uma coisa importante – murmurou Lydia.

– Tu és nossa filha e nunca nada mudará isso.

– E... e se eu fizer uma coisa muito má? – perguntou Casey.

– Nada – sublinhou Lydia. –
Faças o que fizeres, vamos lidar com isso juntos, como uma família. Tens de entender que, embora biologicamente não te tenha dado à luz, és uma parte de mim. Uma parte do meu coração.

Casey fungou novamente.

– Nem penses que a tua mãe e eu alguma vez te devolvíamos à instituição – reforçou Brad. – Isso nunca vai acontecer.

– Posso ficar rebelde, quando for mais velha. Muitos miúdos ficam.

– Podemos não aprovar, Casey. Mas quer concordemos quer não, serás sempre nossa filha. Sempre e para sempre – reiterou Lydia. – Somos uma família.

Casey estava espantada, como se o conceito estivesse para lá de

tudo o que podia imaginar.

– Vocês vão amar-me sempre...
não interessa o que eu faça?

Lydia percebeu o ceticismo contido na pergunta da filha.

– Os pais amam os seus filhos.
Podemos não gostar dos teus
amigos, reprovar algumas das
escolhas que venhas a fazer, mas
isso não muda o nosso amor.

– Amam-me,
incondicionalmente?

Brad olhou para Lydia, antes de
responder.

– Incondicionalmente.

Casey franziu a testa, como se não acreditasse no que ouvia.

– Gostam de mim como gostam do Cody?

– Claro que sim – assegurou-lhe Lydia.

Casey deixou-se cair contra as costas da cadeira.

– Uau!

Deixaram passar alguns momentos, para que a filha processasse tudo o que ouvira, antes de continuar a conversa. Brad quebrou o silêncio.

– Podes contar-nos onde ias no outro dia à noite, quando tentaste sair de casa às escondidas? – perguntou.

Casey baixou os olhos.

– Prefiro não contar. Mas não é nada de mal, prometo.

Lydia sentiu que tinha de confiar na filha.

– Precisamos de te perguntar uma outra coisa – avançou Brad.

Casey deu a mão à mãe.

– Está bem – concordou, receosa.

– A tua mãe teve uma conversa com uma amiga hoje – disse Brad.

– Ela estava contigo e com a Ava quando foram ao hospital.

– Estás a falar da Libby? – perguntou Casey, erguendo o olhar pela primeira vez.

– Sim. Ela conhece o médico que encontraram no elevador.

– O doutor Stone. É giro.

Brad sorriu.

Lydia estava contente por ver a filha mais leve, embora ainda não tivessem referido a gravidez, se é

que era esse o caso. Talvez fosse só uma esperança dela, mas ainda achava difícil acreditar que a filha ou a amiga estivessem grávidas.

– O doutor Stone disse à Libby que uma de vocês está... grávida.

– Grávida? – Casey repetiu a palavra pausadamente, com a cara franzida. – Nem pensar!

– Se estiveres – explicou-lhe Lydia, para que a filha não receasse contar-lhes –, o pai e eu estamos aqui para te ajudar. O mais importante é seres acompanhada. O bebé... lidamos com esse assunto

quando chegar a altura. O que é importante é saberes que podes sempre contar connosco.

– Vocês acham mesmo que eu estou grávida? – indignou-se Casey.

– Não sabemos. Por isso é que estamos a perguntar.

– Não sou eu...

– Tens a certeza? Uma das coisas que o doutor Stone disse foi que tu podias nem saber que estavas grávida.

– Não sou eu – insistiu Casey. – Não me apareceu nenhum anjo

nem vou dar à luz o menino Jesus.

Lydia não conseguiu evitar sorrir.

– Pode ser a Ava? – perguntou o pai.

Casey abanou a cabeça.

– Não. O doutor Stone está enganado. De qualquer forma, como é que ele podia saber? Só estivemos com ele uns minutos.

– Libby disse que uma das razões para me contar isto são as eventuais questões legais...

– Eu ainda sou... vocês sabem...

Casey parecia envergonhada

com a palavra.

– Virgem – completou Lydia.

– Sim.

– Ainda bem! – desabafou Brad, entusiasticamente. – Mantém-te assim.

Casey pestanejou repetidamente.

– Não vou ficar assim para sempre, pai. Um dia vou casar-me e ter filhos, sabes...

– Tudo bem! – Brad levantou os braços, em sinal de rendição. – Mas queria que esperasses pelo menos

até aos trinta anos.

– Pai!

– Estou a brincar.

Lydia fez uma festa na mão da filha.

– Acho que tenho de ligar à avó da Ava – disse, pensando em voz alta.

– Não faças isso – pediu-lhe Casey. – A avó não está em casa a maior parte do tempo. Ava acha que viver com eles entristece-a, porque perdeu a filha e agora está presa aos netos.

– Mas a senhora precisa de

saber, para conversar com ela.

Casey refletiu durante um tempo, mordendo o lábio inferior.

– Deixa-me ser eu a fazer isso.

– Casey, agradeço que te ofereças, mas acho que sou a pessoa que deve...

– Mãe, eu posso ajudar a Ava, sei que posso. Ela confia em mim. Na outra noite, quando saí de casa...

– Sim – incentivou-a Brad.

– Foi por causa da Ava. Levei-lhe comida. Já fiz isso algumas

vezes. A avó diz que ela está a engordar e só a deixa comer salada; estava esfomeada. Então levei-lhe alguma comida.

Brad e Lydia calaram-se, ao tomar consciência das implicações da referência a «engordar».

– Oh, Casey... – Lydia nem sabia o que dizer. – Agradeço que queiras ser tu a falar com a tua amiga, mas há muitos fatores envolvidos nisto.

– Deixa-me ser eu – suplicou-lhe a filha novamente. – Se fores tu, duvido que volte outra vez à retrosaria. Ela consegue desabafar

comigo, contigo nunca.

Brad tocou no braço de Lydia.

– Talvez devas deixar que seja ela.

Lydia tinha relutância em concordar. Gostava de Ava mas, na verdade, a rapariga quase não abria a boca na sua presença. Fechava-se muito em si própria quando estava na loja e Casey tinha-a protegido. Mas não lhe parecia sensato colocar tanta responsabilidade nos ombros da filha.

– Deixa-me pensar no assunto, está bem?

Casey acenou e depois teve uma ideia:

– Talvez a melhor pessoa seja a Libby.

– Libby? – repetiu Lydia.

– Ava gosta muito dela – avançou Casey. – Ela disse-me.

– É uma possibilidade – ponderou Lydia, falando pausadamente.

– A mãe da Libby morreu quando ela tinha a mesma idade de

Ava. Conversaram quando fomos ao hospital. A Ava não falou muito, mas percebi que gosta bastante dela. Vai dar-lhe ouvidos. Tenho a certeza que vai.

Essa era a solução, pensou Lydia, e invadiu-a uma enorme sensação de alívio. Pediria a Libby para conversar com Ava. Se a rapariga gostava dela e sentia confiança, então talvez desabafasse.

Capítulo 11

Entusiasmada, Libby caminhava mais leve, ao entrar no Hospital Central de Seattle. Um mal nunca vem só, como diz o provérbio, e isto aplica-se tanto ao mal como ao bem. Primeiro, Sarah ligara para contar que Martha Reed estava descontente com o trabalho de Ben Holmes. Libby não se queria gabar,

mas sabia que era dez vezes melhor advogada do que ele na área de Fundos e Património.

A segunda boa notícia fora uma completa surpresa. Nessa mesma manhã, Robin descaíra-se, dizendo que um amigo talvez soubesse de um emprego para ela. Mesmo pressionada, Robin não quis adiantar mais, mas concordara em contar-lhe os pormenores assim que pudesse.

Embora Robin tivesse evitado responder-lhe, Libby desconfiava

que o tal amigo era a pessoa em quem a procuradora estava interessada. Sempre que Robin referia aquele contacto desviava o olhar, como se receasse que Libby percebesse mais do que ela queria mostrar.

Libby não conseguia parar de sorrir. Já não faltava muito. Intuíu que o período difícil que atravessava chegava ao fim. Um oásis estava à vista.

Sharon viu-a e sorriu. Era o mesmo sorriso do dia em que insistira na tese de que Dr. Stone

estava interessado nela. Mal ela sabia a verdadeira razão da conversa em particular.

– O doutor Stone encontrou-a? – perguntou a enfermeira assim que Libby entrou no berçário.

Libby fez má cara.

– Não.

O sorriso de Sharon tornou-se maior.

– Ele perguntou por si outra vez.

– Oh, que maravilha.

Se ele tinha mais informações na linha do que partilhara com ela

da última vez que falaram, preferia não o ver, pensou ironicamente. A verdade é que ele ocupava os seus pensamentos desde o dia em que se cruzaram no elevador, e mais intensamente a partir do momento em que beberam café. Por muito que tentasse afastá-lo da cabeça, estava sempre lá. Há bastante tempo que não se sentia tão atraída por um homem. Irritava-a sentir isso por Phillip Stone. Nem sequer gostava dele. Era arrogante e mal-educado e no entanto... no entanto, preocupava-se o suficiente

com uma adolescente ao ponto de se arriscar a falar disso com Libby. Não teria sido fácil.

– Ele... ele não vai ao ginásio há algum tempo. Se queria falar comigo, bastava aparecer lá – disse Libby, pensando em voz alta.

– Isso é facilmente explicável – respondeu Sharon. – O turno da sala de operações muda na primeira semana do mês. O doutor esteve de serviço a semana passada; deve ter sido por isso que não foi ao ginásio no horário normal

de treino.

– Ah...

Odiava admiti-lo, e não o faria nem sequer a Robin, mas a verdade é que sentia falta de o ver. Queria contar-lhe como tinha agido em relação ao problema das raparigas e obter uma reação dele. E, para ser sincera, estava a querer alimentar aquela atração. Sim, ele tinha um belo corpo e era bem-parecido. Robin chamava-lhe «podre de bom», o que era adequado, mas havia mais qualquer coisa. Admirava a atitude que ele

tomara e lentamente a sua opinião começava a mudar. Ouvira os comentários de Sharon e das outras enfermeiras sobre o cuidado do médico com os pacientes pequeninos e os pais. Contra a sua vontade, Libby deu por ela a desejar encontrá-lo por acaso.

A última vez que sentira algo parecido foi quando conheceu Joe, no tempo em que andava na faculdade e servia às mesas. A personalidade de Joe era completamente oposta à de Phillip

Stone. Joe era divertido e sociável. Era o tipo de pessoa que toda a gente queria por perto, por ser tão amável. Parte do encanto dele tinha a ver com o facto de vir de uma família grande e caótica.

Depois de Timmy ter morrido atropelado, Libby fora criada como filha única. Tinha ficado fascinada com a relação divertida entre Joe e os irmãos. As reuniões de família eram barulhentas e confusas, com bebés a chorar e crianças a correr desenfreadamente de um lado para o outro da casa. Os homens

juntavam-se à volta da televisão ou do churrasco e as mulheres reuniam-se na cozinha, trocando receitas e dicas. Libby sentia-se completamente desenquadrada e era frequente sentar-se a um canto, nas visitas a casa da família do marido, pouco habituada ao barulho e ao pandemónio. Mas adorava lá ir e sentia mais falta das férias com a família do que dele.

– Bem, o doutor Stone anda à sua procura – declarou Sharon, orgulhosa, como se fosse

responsável por promover a união dos dois.

Em vez de continuar esta conversa desconfortável, Libby olhou para os recém-nascidos alinhados nas filas ordenadas do berçário. Tinha sido lua cheia e Sharon prevenira-a de que havia sempre mais nascimentos nessas alturas. A enfermeira tinha razão, porque Libby nunca vira tantos recém-nascidos juntos. Mas era voluntária há pouco tempo.

– É muito boa, sabia? – comentou Sharon, pegando numa

tabela de presenças.

Libby voltou-se para ela.

– Com os bebés?

Sharon pousou a tabela e olhou para Libby.

– Tem um talento inato. Tenho-a observado. Nas primeiras vezes, via-se que não estava habituada a ter bebés ao colo. – Sorriu, ao recordar a imagem. – Era como se tivesse medo que se partissem, mas, ao fim de algum tempo, relaxou e começou a cantar para eles. A transformação em si foi

espantosa, realmente
impressionante.

Libby ficou sem palavras para
responder logo.

– Lembro-me de a minha mãe
cantar para mim.

As memórias eram fugazes.
Lembrava-se de ter adoecido com
uma faringite e de ter febre durante
dois dias. Doía-lhe muito engolir.
Nessa época, os resultados dos
exames demoravam vinte e quatro
horas. Agora, ao que sabia,
bastavam minutos para chegar ao
diagnóstico, mas quando era miúda

tudo era muito mais demorado.

A mãe sentara-se na beira da cama, sob o dossel cor-de-rosa, afastara-lhe da testa febril o cabelo húmido com carinho e cantara uma canção de embalar. Se fechasse os olhos, Libby quase conseguia ouvir a voz melodiosa dela.

As palavras de Sharon tinham muito significado.

– Obrigada – murmurou.

A enfermeira tinha razão. Ao princípio, sentia-se estranha ao pegar naqueles bebés tão

pequenininhos. Ao chegar aquela manhã ao hospital, Libby apercebera-se de quão ansiosa estava por passar tempo com aqueles recém-nascidos adoráveis.

– Tem filhos? – perguntou Sharon.

Libby desviou o olhar e abanou a cabeça.

– Devia. Seria uma mãe maravilhosa.

Ficou com um nó na garganta e aproximou-se de um berço, tentando que Sharon não percebesse o quanto tinha ficado

comovida com as suas palavras.

– Bem – continuou Sharon depois de um suspiro. – É melhor despachar-me. Volto daqui uns minutos.

– Está bem.

Libby percebeu que a sua voz estava estranha e agradeceu mentalmente à enfermeira por não ter feito qualquer comentário.

Libby pegou numa bebé com cerca de três quilos, de apelido Knight. Tinha um laçarote cor-de-rosa atado a uma pequena melena

de cabelo. Atenta a tudo o que se passava à sua volta, a bebé Knight olhava fixamente para Libby. Ela cantou-lhe até a criança bocejar e as pálpebras se fecharem. Ao fim de vários minutos, Libby voltou a colocá-la no berço.

O bebé mesmo à sua frente começou a chorar intensamente, como se quisesse chamar a atenção. Libby virou-se para olhar para ele e sorriu, ao reparar que o apelido era Wilson.

Pegou-o ao colo e aconchegou-o cuidadosamente nos seus braços,

dirigindo-se à cadeira de baloiço. Não era fácil de consolar e arqueava as costas, berrando a plenos pulmões.

– Então, então... já passou. Queres colinho, é?! – murmurou.

Colocou-o sobre o ombro, esfregou-lhe as costas e teve quase a certeza de que o bebé arrotou. Libby riu-se baixinho e continuou a embalar-lo.

Ao cuidar destes bebés, sentia-se afogada em mágoa. Gostaria de se ter esforçado mais para salvar o

seu casamento. No final, Libby convencera-se de que ela e Joe nunca seriam felizes juntos. Cada um deles queria transformar o outro. Na altura, afastarem-se parecera a solução. Agora, com estes bebés nos braços, perguntava-se o que teria acontecido se tivessem ficado juntos. Se o tivesse feito, talvez este bebé que agora embalava fosse seu filho. Isso nunca aconteceria agora e a tristeza invadia-lhe o coração. Se pudesse recuar no tempo talvez tomasse

outras opções. O divórcio fora a saída fácil para o que se transformara numa relação tensa e difícil.

Com estes pensamentos às voltas na cabeça, Libby levantou-se e, de repente, gelou. Ficou com o coração na garganta quando os olhos se fixaram no homem atrás do vidro do berçário.

Joe. Joe Wilson, o seu ex-marido.

Como era possível? Será que a imaginação dela o fizera aparecer

por magia? Parecia real. Na verdade, ele estava tão chocado como ela.

– O que estás aqui a fazer? – perguntou-lhe, franzindo o sobrolho. – Esse é o meu filho.

– Faço... faço voluntariado aqui no hospital. Não fazia ideia de que eras o pai.

Andava de um lado para o outro junto à janela.

– Fazes voluntariado no hospital? – repetiu Joe, como se não conseguisse acreditar.

– Dois ou três dias por semana.

– O que aconteceu à Burkhart, Smith & Crandall?

– Despediram-me.

Custava-lhe admitir, mas Joe merecia a verdade.

– Despediram-te? – O tom de voz do ex-marido evidenciava choque. – Só podes estar a brincar. Ninguém trabalhava tanto quanto tu.

Ela não comentou.

– Não te tornaste sócia?

Libby confirmou.

– Acho que nem perto disso

cheguei.

Joe franziu a testa, como se achasse inacreditável, e depois abanou a cabeça. Libby sabia o que lhe ia no pensamento... porque era o mesmo que lhe atravessara o espírito há alguns instantes. Estava subentendido que ela abdicara de muito para ter tão pouco em troca. Bastava olhar para o berçário e ver a criança que tivera brevemente nos seus braços para se aperceber da dimensão do sacrifício.

Sentia-se atordoada e com a cabeça a zumbir. Tinha um nó na

garganta, mas conseguiu arrancar uma frase:

– Parabéns pelo teu filho.

Ele acenou.

– Maureen e eu sentimo-nos abençoados.

Engoliu em seco.

– Fico feliz por vocês. De verdade.

– Sei que sim.

Olharam-se e ele sorriu-lhe com carinho, apertando-lhe o ombro.

– Tenho... tenho de voltar para dentro – disse precipitadamente,

com medo de se desmanchar à frente dele.

– Sim... eu... ah.

Obviamente, ele estava tão desorientado como ela.

– Gostei de te ver, Joe – disse, ao abrir a porta. A mão tremia-lhe tanto que teve dificuldade em passar o cartão de identificação pela ranhura para a porta abrir.

– Também eu – respondeu-lhe Joe.

Lá dentro, Libby encostou-se à parede. Levantou a cabeça e inspirou fundo algumas vezes,

tentando recompor-se. Isto não era nada dela. Sensata e paciente, era conhecida pela sua capacidade de lidar com crises sem permitir que os sentimentos levassem a melhor. Bem, desta vez levaram a melhor... ou a pior; não tinha a certeza. Para sua enorme vergonha, se nada se passasse rapidamente, ia desfazer-se em lágrimas.

Libby não era de chorar. Nem conseguia lembrar da última vez que o fizera em público. Na escola secundária? Colocou a mão sobre a

boca e caminhou à toa pelo berçário até à secretária de Sharon. Felizmente, ela não estava lá. Libby tentou aguentar-se, lutando, rangendo os dentes, prendendo a respiração, determinada a recompor-se.

A porta do berçário abriu-se e ela encheu-se de forças. Para seu azar, Sharon tinha voltado. Como não queria que ninguém a visse assim, ergueu a cabeça para o teto.

– Libby.

Não era Sharon. Era o Dr. Stone. Porquê, mas porque é que tinha de

ser ele?

– Estava na esperança de conseguir falar consigo – continuou ele a dizer, atrás dela.

Libby não quis voltar-se.

– Noutra altura.

Conseguiu, sabe-se lá como, pronunciar com esforço estas palavras.

– Está bem.

Mas não se foi embora. Libby teve vontade de berrar que saísse. Porque é que ele se deixava ficar por ali extamente quando ela

queria tanto vê-lo longe?

– Tenho a sensação de que alguma coisa não está bem.

Perguntou-se, sarcasticamente, se todos os homens seriam tão intuitivos.

– Por favor, pode deixar-me a sós?

Pelo contrário, ele aproximou-se mais.

– Deixe-me sozinha – exigiu, entredentes, com as palavras e o espírito em chamas. Então, para seu absoluto horror, a barreira caiu e ela desfez-se em lágrimas. Virou-

se de repente, preparando-se para sair do berçário. Se ele insistisse em ficar, ótimo. Não percebeu que ele estava muito próximo dela e chocaram um contra o outro. Foi o que bastou. Incapaz de se controlar, enterrou a cabeça no peito do médico e chorou. O som comovedor dos seus soluços ecoou pela sala. O seu corpo inteiro tremia com a força das lágrimas.

– Ah...

Os braços de Phillip continuavam caídos. Depois fez-lhe algumas

festas no ombro.

– Tenho a certeza de que não é assim tão grave.

As palavras soaram duras e inconvenientes, como se não tivesse nada melhor para dizer.

Sem conseguir conter os soluços, a dor e a profunda sensação de perda, Libby sentiu que os joelhos lhe falhavam. Podia ter caído, se o médico não a agarrasse.

Enrolou-a nos seus braços. Tentou libertar-se, mas ele apertou-a junto ao corpo com

firmeza e a sua voz ficou suave e delicada:

– Vai ficar tudo bem – murmurou-lhe. – Seja o que for, vai resolver-se.

Poderia resistir a qualquer coisa, exceto à delicadeza.

Phillip tinha uma mulher soluçante nos braços. Não sabia o que lhe tinha acontecido para provocar esta quebra, e Libby não estava em condições de lhe explicar. Ao longo dos anos, lidara com muitas mulheres emotivas,

mas o contexto era completamente diferente. Nunca as abraçava, não da maneira como abraçava Libby agora.

Agarrou-se a ele, os braços à volta da cintura, a cara encostada ao peito, enquanto libertava anos de lágrimas acumuladas. A necessidade de a consolar absorvia-o e encostou a sua cabeça à dela.

Ao princípio tinha sido desconfortável vê-la chorar assim. Ela fornecera-lhe a desculpa perfeita para não se envolver: pedir-lhe para sair, pelo que teria

parecido natural aceitar a sugestão. Mas sentiu que era impossível afastar-se.

Não era bom nestas coisas. Não sabia o que dizer e só conseguira pronunciar umas palavras banais que duvidava que ela tivesse escutado. Provavelmente, ainda bem.

– Shhh... shhh... – murmurou, fazendo-lhe festas na cabeça, sentindo necessidade de a consolar.

– O meu... o meu ex-marido.

As palavras pronunciadas eram

abafadas contra o peito dele.

– Esteve aqui?

Phillip começava a imaginar o que poderia ter acontecido.

Ela acenou afirmativamente, com a testa colada à camisa de Phillip.

– Eu... Eu tinha o filho dele ao colo.

– Ainda está apaixonada por ele, é isso?

– Não.

A palavra isolada foi quase gritada.

– Está bem, desculpe. Não está

apaixonada por ele.

– Ele é casado... Tem um filho.

Phillip fez um esforço para perceber, consciente de que não era propriamente o mais intuitivo dos homens.

– Desculpe – pediu-lhe Libby, no meio do choro, escapando-se. – Tenho de ir embora. Preciso mesmo de ir.

Afastou-se dele abruptamente, quase tropeçando.

Phillip teria tentado impedi-la, se soubesse o que lhe dizer. Mas

antes de conseguir pensar com clareza, Libby tinha agarrado na mala e saído.

Capítulo 12

Ainda abalada, Libby voltou para casa, afogou-se no sofá e enterrou a cara nas mãos. Parecia que o mundo inteiro tinha desabado. Encontrar-se com Joe e o filho fora devastador, dando corpo às mágoas com que se debatia ultimamente. Para piorar dez vezes as coisas, Phillip Stone tinha assistido a tudo.

Ir-se abaixo à frente dele... logo à frente dele. Libby queria rastejar para a cama, enfiar a cabeça debaixo dos lençóis e hibernar pelos próximos dez anos.

Phillip Stone era um completo mistério. Por um lado, mostrava-se mal-educado e arrogante, por outro tinha sido delicado, carinhoso e gentil. Era, de facto, médico. Dr. Jekyll e Mr. Hyde... duas pessoas completamente diferentes. Do primeiro, era fácil não gostar, não confiar e ignorar. O segundo

inspirava-a a entregar-se ao conforto dos seus braços e deixar-se ficar assim durante uma eternidade. Sentia-se muito envergonhada só de pensar como se tinha desfeito à frente dele. Nunca mais conseguiria olhar-lhe para a cara.

Isto não podia estar a acontecer-lhe.

Mas estava.

Inspirando profundamente, para se recompor, Libby sentou-se direita e tentou fazer-se forte. Pegou no tricô. Descobrira que as

agulhas e a lã a acalmavam. Estava a fazer um cobertor para bebé, mas nem sabia por que razão escolhera fazer aquela peça. Na altura, parecera-lhe uma boa ideia. A evolução dos gorros para os cobertores era natural. E, tal como os gorros, o cobertor seria provavelmente oferecido a uma instituição de solidariedade.

Depois de uma hora a tricotar, Libby sentia-se mais calma, mas apenas ligeiramente. Recusara-se a recordar qualquer episódio do seu

casamento falhado ou a pensar no que se tinha passado naquela tarde com Phillip. Como transformara a sua vida numa confusão...

A campainha tocou, interrompendo-lhe os pensamentos. Era tão raro receber visitas que ficou a olhar fixamente para a porta. Quando se levantou, a campainha soou uma segunda vez. Pelos vistos, quem quer que estivesse do outro lado, estava impaciente.

– Um momento – pediu. Espreitou pelo óculo da porta,

susteve a respiração, afastou-se um pouco e encostou as costas e as mãos à parede.

Phillip Stone.

– Libby – chamou-a. – Sei que está aí. Abra.

Mordeu o lábio inferior com tanta força que quase rasgou a pele, rodou o trinco e abriu a porta.

– O que está aqui a fazer? – perguntou, com uma grande bravata.

O coração parecia que ia explodir. A este ritmo, nunca mais

precisaria de fazer exercício. Bastava Phillip Stone para lhe acelerar as pulsações.

– Também gosto muito de a ver. Vai convidar-me para entrar?

Mantendo a mão no puxador da porta, afastou-se com relutância para lhe dar passagem.

– Bela vista.

Libby tinha a certeza de que o médico não tinha ido a sua casa para admirar a paisagem de Seattle.

– Já pode fechar a porta, se quiser.

Além de tudo, era autoritário. Libby fechou a porta e encostou-se por momentos, necessitando de apoio.

– Porque está aqui? – perguntou outra vez.

– Para ser franco, eu próprio não sei.

Phillip dirigiu-se ao sofá e sentou-se no lugar há momentos ocupado por ela.

– Como vê, estou bem... Peço desculpa pelo descontrolo emocional de há bocado, mas já

estou recomposta.

– Ainda bem – hesitou ele, comentando a seguir: – Quando me aborreço, normalmente bebo um copo de um bom uísque.

– Não é o meu estilo – respondeu-lhe, torcendo o nariz à ideia. Tinha uma garrafa de vinho no frigorífico, mas sinceramente não estava nessa disposição.

Sem saber o que mais dizer, Libby sentou-se na cadeira à frente dele e juntou as mãos entre os joelhos. O silêncio era incómodo e tenso. Bastava-lhe cansá-lo.

Acabaria por se aborrecer e ir-se-ia embora. Pelo menos, assim o esperava.

Só que Libby foi a primeira a fraquejar.

– Passou por cá para me envergonhar ainda mais?

Phillip arqueou as sobrancelhas como se a pergunta o surpreendesse.

– Não. Passei por cá para me certificar que tinha chegado bem a casa.

– Como pode ver, cheguei.

A resposta não o satisfaz.

– Quer contar-me o que aconteceu?

– Não.

Libby não tinha qualquer intenção de esclarecer o que tinha causado tão lamentável episódio. Já se tinha sentido suficientemente envergonhada por um dia só, não estava com vontade de repetir a proeza. Além disso, deixara escapar mais do que queria nessa tarde.

– Acho que já lhe expliquei tudo.

Inclinou-se para a frente,

pousou os cotovelos nos joelhos e esfregou as mãos.

– Não sou normalmente assim – defendeu-se. Claro, já tinha estado perturbada outras vezes. Perder o emprego no escritório também tinha sido traumático. Mas isso não fizera com que se atirasse para os braços de um homem a chorar desalmadamente. – Digamos que consigo controlar as minhas emoções sem esforço. Hoje foi uma exceção.

– É bom saber.

Estava prestes a acalmar-se

quando Phillip Stone chegara. O pulso tinha regressado a um ritmo normal e conseguira desviar o pensamento da enorme vergonha que sentira. Agora, as emoções ameaçavam explodir outra vez de forma descontrolada.

– Estava ótima, até chegar.

A voz oscilou um pouco antes de se recompor.

– Estou a ver. Então é culpa minha.

– Sim, exatamente.

Esboçou um sorriso involuntário.

Phillip era, de facto, o mais surpreendente dos homens.

Ele também lhe sorriu.

– Estava preocupado consigo – disse, em voz baixa.

– Estou... estou bem agora.

Phillip inclinou-se e pegou-lhe na mão. O toque era frio, em contraste com a pele quente dela.

– Como soube onde morava? – perguntou sem levantar os olhos. O seu número de telefone não era público.

– Perguntei à Sharon. Ela tinha o seu endereço na candidatura.

Era um pouco ousado da parte dele tentar encontrá-la. E Sharon que já achava que se passava alguma coisa romântica entre os dois! A amiga enfermeira com certeza partilhara a informação com todo o prazer.

– Arrepende-se do seu divórcio?
– perguntou-lhe ele.

Libby pensou na melhor forma de responder à questão.

– Arrependo-me de não me ter esforçado mais para salvar o casamento. Fomos tão precipitados

ao desistir um do outro. Joe queria uma família e eu achava que devíamos esperar. Ao ver o filho dele hoje...

Sentiu um nó na garganta e parou de falar, achando que não conseguiria acabar a frase.

— Todos temos arrependimentos, Libby. Deixei partir uma pessoa que amava, uma mulher com quem contava passar o resto da minha vida. Afastei-me e deixei-a ir-se embora.

Libby encarou-o, surpreendida.

— O que se passou hoje foi

doloroso, claro – prosseguiu ele –, mas parece-me que está a querer culpar-se pelo divórcio. Não caia no erro de se maltratar, especialmente agora. Não há nada por que se sentir culpada.

– Não ficou com mágoas depois da separação?

Ele riu-se levemente.

– Oh... muitas! Levei algum tempo a perceber que tinha perdido a medida das coisas. Achava que o hospital não funcionaria se eu não supervisionasse cada pormenor.

– Ouvi a Sharon dizer que alguns médicos da equipa têm egos bastante grandes.

– Acontece – respondeu-lhe ele, sorrindo.

Libby devolveu um sorriso tímido, típico dela.

Ele libertou-lhe a mão e endireitou-se.

– Já andou de barco? – perguntou, a despropósito.

Libby lembrava-se da fotografia no aparador de Hershel e do que sentia cada vez que lhe punha os

olhos em cima: uma sensação de liberdade e gozo pela vida.

– Não, mas gostaria, um dia.

Phillip olhou para ela.

– Nada melhor do que o presente.

– Agora?

Juntou as mãos, nervosa. Não tinha experiência de barcos, muito menos de velejar. Depois do trauma da tarde, ficar em casa a lamber as feridas parecia-lhe mais adequado.

– Porque não? – desafiou-a Phillip.

Libby olhava para ele, mordiscando o lábio, insegura mas tentada.

Ao perceber a indecisão dela, ele acrescentou:

– Quando preciso de refletir, vou para a marina. Estar rodeado de água ajuda-me a limpar a cabeça e descontraí-me.

Estimulante o suficiente, ou devia ser.

– Não sei se devia... nunca andei de barco antes e...

– Vai sentir-se melhor com o sol

na cara e o vento nas costas, enquanto desliza sobre a água.

Ele punha as coisas de uma maneira mágica. Libby sentiu outro sorriso a nascer. Na verdade, o que tinha a perder, a esta altura? Nada na maneira como vivera até agora parecia estar a resultar. Talvez devesse ignorar os primeiros impulsos. Tomada a decisão, olhou-o nos olhos.

– Está bem, vamos a isso.

Uma hora mais tarde, estavam no Lago Washington a bordo de uma chalupa de sete metros e meio

de comprimento. Quando chegaram à marina, Phillip tratou das velas, de as atar ao mastro e de pôr tudo pronto para se fazerem ao lago. Movia-se à vontade e com graciosidade em torno do barco.

Assim que largaram da marina, ele estabeleceu a rota e içou as velas. Em pouco tempo, a vela principal e a vela de bujarrona encheram-se de vento à medida que o Challenger 7.4 atravessava sem dificuldade as águas verde-escuras do lago.

Phillip tinha razão. O sol a bater na cara sabia bem a Libby e, à medida que o vento soprava, parecia levar com ele a dor e o desconforto daquela tarde. Entendia agora o que Phillip queria dizer.

O médico parecia muito à vontade no leme, confiante e seguro de si. O vento despenteava-lhe o cabelo escuro, afastando-o da cara. Tinha um ar juvenil e feliz. Libby não conseguia evitar olhar para ele. Quando percebeu, soltou

um enorme sorriso. Parecia impossível que ainda esta manhã o achasse brusco e desagradável. A transformação era incrível.

– Então, que tal? – perguntou-lhe Phillip.

Nem sabia o que dizer.

– É tudo o que imaginava que fosse. Mal posso esperar por contar ao Hershel.

Um ligeiro franzido toldou as sobrancelhas dele.

– Quem é Hershel?

Não precisava de pensar antes de responder.

– Um amigo – esclareceu-o Libby, embora só agora o encarasse assim. – Hershel tem uma fotografia de si mesmo a velejar no aparador e sempre me perguntei porque gostava tanto disto. Agora já sei.

No lago, o tráfego era intenso: barcos à vela em abundância, barcos a motor também, as máquinas a rugir à medida que passavam.

Uma parte do Lago Washington fora resguardada como zona de

banhos; as gargalhadas e vozes dos jovens que aproveitavam o sol ecoavam no fim de tarde. Mesmo com todo aquele movimento à volta, Libby sentiu uma estranha e crescente intimidade com Phillip. Embora existisse ruído à volta deles, o barco estava estranhamente silencioso, tornando fácil conversar. Pensou se Phillip sentiria a ligação entre eles e partiu do princípio que sim, embora nenhum dos dois tivesse explicitado o assunto.

O silêncio a bordo era

preenchido pela conversa dele, que falava das aulas de vela que tivera e das pesquisas até decidir comprar o Challenger 7.4, que mantinha ancorado na marina.

Ao fim de alguns minutos, Libby descontraíu-se: fechou os olhos, voltou o rosto para o sol e relaxou por completo. As lágrimas que chorara antes tinham sido catárticas, esvaziando a tensão e deixando-a liberta de recriações.

A vela principal apanhou o vento

de feição e o Challenger rasgava elegantemente a água. Surpreendida pela súbita velocidade da embarcação, Libby agarrou-se ao rebordo do barco e aguentou-se.

Phillip riu-se e disse-lhe para vir sentar-se ao pé dele.

– Assim posso ensiná-la a velejar.

– Ah...

O desejo de aprender era ultrapassado pelo receio de pegar no leme. Aproximou-se dele, que a colocou à sua frente, envolvendo-a com os braços e dando-lhe acesso

ao leme. Explicou-lhe a teoria básica, mas as palavras tinham pouco sentido para ela. Embora se esforçasse por prestar atenção, não conseguia ignorar o facto de estar nos braços do homem por quem se sentia tão atraída.

– Está a sair-se bem.

Voltando a cabeça, Libby sorriu-lhe.

– Nasceu para isto.

Riu-se levemente e, depois de um brevíssimo momento, Phillip inclinou-se para ela e beijou-a. Era

um beijo delicado e exploratório, que depressa se aprofundou. Este homem sabia beijar. Libby esticou-se na direção dele. Estava numa posição algo desconfortável, mas não se importava. Continuava a agarrar o leme, com uma das mãos, e a outra colocou-a à volta do pescoço de Phillip. A vela soltou-se. Libby mal conseguia ouvir o som da tela a bater, mas ele apercebeu-se logo. Lentamente, afastou-se dos lábios dela e levantou a cabeça. Tomou o leme de novo, mas quando Libby fez menção de se

mexer, impediu-a:

– Gosto de te ter aqui.

Ainda ruborizada e atordoada, inclinou-se para ele e ficou junto ao seu corpo durante uma hora ou mais. Nenhum dos dois sentiu necessidade de falar. Estar tão próxima de Phillip sabia incrivelmente bem. De vez em quando, punha-lhe a mão no ombro ou inclinava-se para lhe beijar o pescoço. Quando o fazia, Libby fechava os olhos, incapaz de acreditar que em tão poucas horas

passara de um dos momentos mais tristes da sua vida para uma alegria suprema. A transformação devera-se a Phillip.

Finalmente, regressaram à marina.

– Passear de barco deixa-me sempre cheio de fome – comentou Phillip enquanto atracava. – Que tal comermos fish and chips?

– Acho ótimo. Estou esfomeada.

Ele ajudou-a a sair do barco e trataram juntos de o desligar e de o deixar ancorado. Ao sair da marina, Phillip colocou os braços sobre os

ombros dela.

– Tem cuidado agora, estas docas são escorregadias.

Pôs um braço à volta da cintura de Libby, como se precisasse de uma desculpa para a manter junto a si.

– Especialmente em julho – brincou ela, ao notar como a madeira estava seca por causa do sol de verão.

– Especialmente em julho – sublinhou Phillip, com um riso abafado.

Enrolou o braço à cintura dele e juntos dirigiram-se para o carro.

Aquele dia tinha sido mesmo cheio de surpresas.

Capítulo 13

Na sexta de manhã, Libby estava ansiosa por chegar ao ginásio e encontrar Robin. Queria contar-lhe pessoalmente o que se passara com Phillip.

Tinham-se sentado na esplanada do quiosque de fish and chips e conversado durante duas horas seguidas. Phillip era

completamente diferente do que esperava. O seu colapso emocional instigara nele a vontade de partilhar alguns episódios mais profundos da própria vida.

Libby nunca fora do tipo conversador. No entanto, uma vez ultrapassada a sua aparente reserva, achara tão fácil falar com Phillip! Ele parecia genuinamente interessado nos seus pontos de vista, partilhando alguns e discordando de outros. Percebeu que ele ficara severamente afetado

pela última relação. Tinha achado notável a honestidade com que admitira as suas responsabilidades na separação. Ambos dependentes do trabalho, identificavam-se a muitos níveis. No final, sentia-se animada, encorajada e inspirada.

No fim da noite, ele acompanhou-a a casa e deu-lhe um beijo de despedida. Não foi um beijinho rápido, mas uma troca intensa de carinho que a perturbou até ao mais íntimo do seu ser. Foi difícil separarem-se um do outro e, quando o conseguiram, ambos

tinham a respiração alterada.

A atração que Libby sentira no barco explodira. Conseguia ver nos olhos de Phillip que o sentimento era mútuo. Parecia tão surpreendido quanto ela própria, como se não estivesse certo de que aquilo estava realmente a acontecer. Ambos fechados por causa de anteriores relações, o que sentiam era novo e excitante, mas também assustador.

Mal conseguiu dormir. Estava tão feliz! Cheia de expectativas e

de esperança, um sentimento tão diferente de tudo o que tinha vivido até então.

Libby estava junto ao cacifo, quando Robin entrou a correr. O rosto dela iluminou-se, assim que viu a amiga.

– Tenho novidades – declarou Robin, tocando-lhe no braço.

Libby devolveu o gesto.

– Eu também.

– Deixa-me contar primeiro.

– Está bem – aquiesceu Libby.

Estava feliz de mais para discutir sobre algo tão trivial.

– Falei com o Roy e ele disse que vai abrir uma vaga para delegado na Procuradoria Distrital. Sei que é um lugar de início de carreira, mas acho que progrides rapidamente, por isso não fiques desanimada.

Libby franziu a testa. Embora ficasse contente com a novidade, não se sentia muito inclinada a ser procuradora.

– É para o Departamento de Fraude Fiscal e Crimes Financeiros.

Aquilo representava uma parte

importante do trabalho com património, com o qual Libby estava familiarizada. Era prometedor, muito prometedor.

– É uma grande oportunidade – murmurou.

– Estás a dizer-me isso a mim? – brincou Robin. – Isto é o máximo e é mesmo a tua cara.

– Oh, Robin, obrigada.

Deu um abraço rápido à amiga. Aquele gesto empurrou Robin para fora da sua zona de conforto.

– Tenho a informação toda. Precisas de lhes telefonar esta

manhã, antes de mais nada –
continuou Robin.

– Está feito!

– As entrevistas são na próxima
quarta-feira.

– Perfeito.

Desejou que a entrevista fosse à
tarde, uma vez que tinha
combinado fazer voluntariado no
hospital nessa manhã. Contudo, se
lhe pedissem para ir àquela hora,
iria. Sharon sabia que Libby estava
à procura de um novo emprego e
isso era prioridade máxima.

– OK – disse Robin, contente consigo própria. – E quais são as tuas novidades?

Libby nem sabia por onde começar.

– Encontrei o Joe.

– O teu ex?

Evitando entrar em pormenores, descreveu o seu descalabro emocional e explicou-lhe que Phillip aparecera mais tarde em sua casa. Referiu a lição de vela e, embora se sentisse como uma menina de escola a contar um mexerico, falou-

Ihe do beijo espetacular que tinham dado.

– Uau! – exclamou Robin, quando Libby terminou a história.

– Convidou-me para sair logo à noite.

– Jantar?

– Sugeriu uma outra volta de barco, mas depende do tempo. Já fui ver as previsões e dão chuva.

Na verdade, não estava interessada no que iam fazer, desde que estivessem juntos.

– O Roy tem um barco – murmurou Robin, de forma

nostálgica.

– Roy... Foi o juiz Bollinger que te falou na vaga para o gabinete da Procuradoria?

– Sim.

Robin mudou imediatamente de assunto.

Pelos vistos, o juiz continuava a ser assunto proibido. Bem, então Libby tinha adivinhado. Era Roy quem cativava a atenção da amiga.

Depois de treinar, Libby voltou para casa. Estava a mudar de roupa, antes de ir para o hospital,

quando o telefone tocou.

Achando, aliás, esperando, que fosse Phillip, nem olhou para o visor antes de atender.

– Está?

O tom de voz era alto e feliz.

– Libby, é a Lydia, da retrosaria A Good Yarn.

Libby ficou tensa. Ainda não voltara à loja desde que tivera aquela conversa.

– Ah, olá – respondeu, tentando soar natural.

– Não tens passado por cá ultimamente. Arranjaste um

emprego?

– Não, mas tenho um em perspectiva. Está tudo bem contigo?

– Na verdade, estou a ligar-te para te agradecer teres vindo falar comigo e partilhado as tuas preocupações.

Lydia estava-lhe grata? Receara que tivesse interpretado mal a sua interferência. Não fosse estar tão preocupada com a saúde da jovem mãe, nem teria dito nada. Phillip sentira o mesmo dever.

– Estamos convencidos de que é

Ava – prosseguiu Lydia. – A última vez que a vi, olhei com atenção para ela e percebi que o doutor Stone estava certo. Ava está grávida. Consegue esconder bem, usando roupas largas. Casey contou-me que já quase não tem nada que lhe sirva.

– Oh, meu Deus!

Pobre rapariga.

– Pensei em falar com ela, mas a Casey sugeriu que fosses tu.

– Eu?

Libby mal conhecia Ava.

– A Casey disse-me que ela tem

uma grande empatia contigo. Perguntou por ti, ontem, quando passou pela loja. Importavas-te muito?

Libby hesitou, apenas por alguns instantes. Sair da sua zona de conforto parecia estar na ordem do dia, mas se a adolescente precisava de ajuda...

– Claro, eu falo com ela – concordou. – Sabes quando voltará a passar por aí?

– Podes cá vir na segunda-feira? A loja estará fechada, o que até dá

jeito.

– Claro. Fica combinado –
confirmou.

Então era Ava que estava
grávida. A rapariga órfã de mãe que
a lembrava tanto de si própria
naquela idade.

Capítulo 14

Libby sentou-se ao fundo da retrosaria, a trabalhar afincadamente no cobertor de bebé enquanto Lydia tratava de contas no escritório. Casey e Ava estavam atarefadas a fazer tricô e croché com Libby. Se o facto de ali estar num dia de fecho da loja as surpreendia, não comentaram

nada. Não queria tocar naquele assunto tão delicado na presença de Casey, e por isso esperou ansiosamente uma oportunidade para falar em particular com Ava.

Confrontar a jovem adolescente não seria fácil, mas pelo menos não precisava de se preocupar em fazer conversa: Casey assumira essa responsabilidade, passando de um assunto para outro, como se estivesse num jogo de palavras.

Quando Casey parou para respirar um bocadinho, Libby fez

algumas perguntas a Ava e Casey, por uma vez, não se precipitou a responder, deixando espaço à amiga.

– Decidi que também queria aprender a tricotar – anunciou Ava, concentrada na peça que fazia.

Quando se tinham conhecido, Casey ensinara-a fazer croché. Lydia achava que a influência de Libby determinara a mudança para o tricô.

– Tricotar não é difícil, quando se apanha o jeito – garantiu Libby.

– Foi o que me disse a Lydia.

Estou a tricotar uma pega de cozinha.

Ava colocou-a em cima da mesa e alisou-a com as mãos, para Libby ver.

– Enganei-me várias vezes, mas ninguém a vai usar, por isso não faz mal, não é?

– É.

Ava tinha feito um belo trabalho, sobretudo para uma principiante. Libby disse-lho e a rapariga abriu um sorriso largo, ao ouvir o elogio.

Subitamente, Casey afastou a

cadeira e pôs-se de pé, anunciando:

– Volto já.

Libby não tinha a certeza se aquela seria a melhor altura para abordar o assunto da gravidez, mas decidiu aproveitar a oportunidade.

– Se bem te lembras, eu tinha a mesma idade que tu quando a minha mãe morreu – recordou Libby, enquanto observava o trabalho da jovem.

Ava levantou os olhos da peça de tricô, suspendendo o movimento das mãos.

– Como é que a sua mãe

morreu?

– Teve um cancro. Aliás, eu aprendi a tricotar com ela, quando estava encamada. Ensinou-me, mas depois de ela morrer deixei de tricotar e só voltei a fazê-lo há pouco tempo.

– Porque é que parou? – perguntou Ava, voltando a atenção para as agulhas.

– Depois de a minha mãe morrer, não conhecia mais ninguém que tricotasse e não tinha a quem recorrer se tivesse uma dúvida ou

me enganasse. – Achando aquela introdução ideal para entrar na questão da gravidez, Libby continuou: – Não sentes o mesmo em relação a certas coisas?

Ava respondeu com um ligeiro encolher de ombros.

– A minha mãe trabalhava imenso... Não passava muito tempo nem comigo nem com o Jackson, a fazer tricô ou qualquer outra coisa. O nosso pai deixou-nos e ela tinha dois empregos.

– Lamento.

Libby recordava-se de Casey lhe

ter contado que a mãe de Ava
morrera num acidente de
automóvel. Ao que parece,
adormecera ao volante. Mãe
solteira, com dois empregos, não
admira que a pobre mulher andasse
tão cansada.

– Não sou tua mãe, Ava, mas se
tiveres dúvidas, podes sempre vir
ter comigo.

– Sobre tricô?

– Sobre qualquer coisa.

O sorriso hesitante voltou ao
rosto da jovem, que fitou Libby

mais longamente do que o fizera antes e anuiu. Ao ver a gratidão da rapariga, Libby deu-se conta do quão nova ela era. Conhecia bem aquela solidão.

Resolveu tentar outra abordagem.

– Depois da morte da minha mãe, eu ficava sozinha todos os dias depois da escola.

Lembrava-se de como a casa parecia vazia. Só várias semanas depois do funeral é que compreendeu que nunca mais teria a ajuda da mãe quando estivesse

atrapalhada a tentar cozinhar alguma coisa simples para jantar. Tão pouco a ensinaria a fazer uma bainha numas calças nem iria com ela comprar um vestido para uma ocasião especial.

– O Jackson e eu também passamos muito tempo sozinhos, porque a avó trabalha muitas horas.

– Às vezes fazia coisas que me podiam meter em problemas, se o meu pai viesse a descobrir.

Libby pensara bastante na

maneira de abordar o assunto e queria que surgisse naturalmente.

O movimento dos dedos de Avanas agulhas abrandou.

– Por exemplo?

– Ligava para a minha avó, que estava no Colorado. As chamadas interregionais eram caras. Ela dizia que eu podia ligar-lhe quando quisesse, mas mal o meu pai viu a conta, explodiu e pôs-me de castigo.

– A avó também se zanga com coisas de dinheiro. Sei que sente a falta da minha mãe, porque não

gosta que eu fale dela. Põe-na triste. A mim... a mim também.

Libby ainda tinha a fotografia da mãe na secretária. Durante anos, tivera-a na mesinha de cabeceira porque receava esquecer-se das feições dela.

– Tens algum amigo especial? –
inquiriu Libby, evitando desviar-se do assunto.

– Na verdade, não.

– Há algum rapaz de que gostes mais do que de qualquer outra pessoa? – tentou novamente.

Mais uma vez, Ava encolheu os ombros.

– O meu irmão é amigo do Peter. Vive ao nosso lado, mas não pode ir lá a casa porque a avó não gosta que levemos gente quando ela não está. Tem medo que nos roubem alguma coisa. O Peter não faria isso, mas a avó diz que não podemos abrir uma exceção para ele.

- Então, não o vêes muito?
- Não muito.
- É giro?

Ava sorriu.

– Acho que sim.

Libby sentia-se completamente desajeitada naquele papel. Tinha esperança de levar a conversa de forma natural até ao assunto dos namorados, para em seguida poder aprofundar o tema com mais à-vontade e subtileza.

– A tua avó alguma vez te leva ao médico? – perguntou.

Ava levantou os olhos, como se a pergunta a surpreendesse.

– Fui ao dentista este verão.

– E a um médico de clínica geral? Não vai um todos os anos à escola?

Oh, meu Deus, aquilo estava mesmo a correr mal!

Ava abanou a cabeça.

– Não. Só se vai a um médico desses quando se começa a fazer desporto. Por isso é que o Jackson tem uma consulta marcada e eu não. Não sou boa em desporto. Gosto de cantar. Fazia parte do coro da escola e fiz um solo, uma vez. A Libby... a Libby canta?

Libby abanou a cabeça.

– A minha mãe queria que eu fosse a melhor aluna da turma. Estava convencida de que eu era a rapariga mais inteligente da escola. Dizia isso porque sabia que não me veria crescer, concluir o secundário ou entrar na faculdade. Dizia-mo todos os dias porque queria que eu também acreditasse. Às vezes fechava os olhos quando falava de eu ir para a faculdade.

Ava inclinou a cabeça para um lado.

– E isso aconteceu?

Libby pestanejou várias vezes até entender o que a rapariga de treze anos lhe perguntava.

– Sim. Queria ter boas notas, pela minha mãe.

Libby raramente falava da mãe a alguém. Aqueles últimos meses antes do internamento tinham sido especiais. As memórias permaneceram durante anos.

– Namorou com alguém? – perguntou-lhe Ava.

– Não, só na faculdade.

– Na faculdade – repetiu Ava, mostrando-se chocada por Libby ter esperado tanto tempo.

Casey regressou e fixou-se imediatamente em Libby, que desviou o olhar. Não tinha ido muito longe na conversa e, agora que Casey chegara, tudo ia voltar à estaca zero.

– Onde foste? – perguntou Ava à amiga.

– Fui encontrar-me com a Alix no The French Cafe.

– Oh... que chatice... Poça! – Ava

suspirou e empurrou o tricô na direção de Libby. – Deixei cair um ponto.

– Eu apanho-o.

Casey continuava a conversar.

– Alix é aquela pessoa de que te falei, que faz uns croissants de manteiga maravilhosos.

– A Lydia trouxe-me um esta manhã – contou Ava.

– Alix e a minha mãe são boas amigas – prosseguiu Casey. – Também a ensinou a tricotar. Antes de se casar, tirou um curso de culinária e depois começou a

trabalhar no The French Cafe.

Libby já tinha provado aqueles croissants e eram tão bons como Casey anunciava. Tinha de os evitar convictamente, ou o treino no ginásio não serviria para nada.

Ao levantar os olhos do tricô, Libby percebeu que Ava a observava. A rapariga baixou os olhos imediatamente, como se tivesse ficado envergonhada.

– Estava a pensar em ir almoçar. Querem vir comigo? – convidou-as Libby.

– A Casey e eu já temos coisas combinadas – declarou Lydia, ao aproximar-se da mesa.

– Temos? – perguntou Casey à mãe, admirada.

– Queres vir tu comigo? – insistiu Libby com Ava, percebendo que Lydia lhe estava a dar uma oportunidade para ficarem mais tempo juntas.

Ava hesitou e lançou um olhar a Casey, em busca de aprovação.

– Por mim, tudo bem – disse-lhe a amiga, embora não parecesse

assim tão satisfeita.

– Está bem – respondeu Ava com brandura.

– Onde é que nós vamos? – perguntou Casey à mãe, à medida que se afastavam da mesa.

– Pensei em irmos ter com a Margaret – respondeu Lydia.

– Podemos almoçar comida chinesa? – perguntou Casey, esperançosa, lançando ainda um olhar à amiga. – É a minha preferida!

– Vou ligar à Margaret e sugerir-lhe que nos encontremos no China

West.

O rosto de Casey iluminou-se com um grande sorriso.

– Que bom!

– De que tipo de comida gostas?

– perguntou Libby a Ava enquanto arrumavam as coisas.

Ava encolheu os ombros.

– Há um sítio de sopas e saladas aqui perto.

O que Libby preferia era uma esplanada. Esperava que assim pudessem ter alguma privacidade.

– Soa-me bem. Gosto de sopa.

– Também eu.

Ava e Libby saíram da loja juntas. No caminho, praticamente só Libby falou. Envolver Ava na conversa era difícil. Quando chegaram ao pequeno restaurante, escolheu uma mesa isolada. Esperava que se mantivesse assim.

A empregada aproximou-se com dois grandes copos de água e dois menus debaixo do braço.

– A sopa do dia é creme de aboborinha.

– Têm uma salada de

caranguejo ótima, se estiveres interessada – sugeriu Libby a Ava.

Ava estudava o menu como se Libby se lhe fosse fazer um exame sobre o conteúdo.

- Gosto de atum.

- Podes pedir o que quiseres.

O seu próprio estômago estava um nó. Todos contavam com ela para ajudar Ava.

A empregada voltou alguns minutos depois.

- Eu quero a sopa especial – disse Libby, devolvendo-lhe o menu.

Ava continuava a estudar a lista.

– Tem manteiga de amendoim e geleia?

– Lamento, mas não – informou a empregada.

– Posso pedir uma sanduíche de atum então?

– Em pão de trigo, de mistura, centeio, integral ou branco? – perguntou, com o dedo suspenso, preparada para anotar o pedido.

– Ah... – Ava dirigiu o olhar a Libby, como se a questão a tivesse deixado desorientada.

– De trigo – respondeu Libby por ela.

– Com alface e tomate?

Ava assentiu.

– Maionese?

Ava sorriu.

– Sim, por favor.

A empregada acabou de apontar o pedido.

– Uma sanduíche de atum em pão de trigo com alface, tomate e maionese e uma sopa de aboborinha, saem já a seguir.

Libby esperou que a comida

chegasse, e estivessem ambas a almoçar, para tentar abordar novamente o assunto que precisava de ser falado.

– Depois de a minha mãe morrer, senti-me perdida e sozinha – contou a Ava. – Também te sentiste assim?

– Às vezes. Sonha com ela?

Assim que Ava colocou a questão, a memória vívida de um sonho atravessou a cabeça de Libby. Pousou o copo de água mas manteve a mão à volta dele.

– Cerca de um mês a seguir ao

funeral, sonhei que estava num barco a remos num grande lago. Estava nevoeiro e não conseguia ver terra firme. Assustada, chamava pela minha mãe, até me lembrar que ela já não me podia ouvir. Acordei a tremer e a chorar.

Quando parou de falar, reparou que Ava tinha largado a sua sanduíche.

– Alguma vez sonhaste com a tua mãe? – perguntou Libby.

– Sim, este verão. Ela estava a ir para o carro e tentei impedi-la,

mas não me ouvia. Disse-lhe que se entrasse no carro ia morrer e respondeu que não se importava, a vida dela era mesmo um inferno.

– Oh, Ava, isso deve ter sido horrível.

A rapariga encolheu os ombros e agarrou a segunda metade da sanduíche.

Libby contraiu-se e enfiou a colher no creme laranja-vivo. Era agora ou nunca.

– Às vezes, quando não temos as nossas mães para olharem por nós, acontecem-nos... coisas.

Franzindo a testa, Ava olhou para ela, confusa.

– O que eu quero dizer é que –
continuou Libby – damos por nós em situações que nunca aconteceriam se as nossas mães estivessem vivas.

– Passou-se consigo?

Libby anuiu com a cabeça, embora, no seu caso, se tivesse empenhado nos estudos e lutado para ser a filha que a mãe desejava que fosse.

– Enquanto filhas que perderam

as mães, muitas vezes procuramos pessoas que as substituam e que nos amem, fazendo tudo para ser dignas desse amor.

Libby esperava sinceramente que Ava entendesse onde queria chegar, dispensando-a de explicar tudo tim-tim por tim-tim, mas Ava olhava para ela com uma expressão absolutamente perdida.

Debaixo da mesa, Libby cerrava os punhos, com as mãos juntas. Só lhe restava ser direta.

Inspirou e prendeu a respiração por alguns segundos.

– Lembras-te quando encontraste o doutor Stone no elevador, naquele dia no hospital? – perguntou.

Ava sorriu.

– Gosta dele, não é?

– Sim, gosto – admitiu Libby.

– A Casey disse-me que namoravam.

Este não era o rumo que queria dar à conversa.

– A razão por que falei nisso é...

– Ele é giro.

Libby concordou.

– Tem mesmo um coração de pedra?

– Não, quando o conheces melhor.

Sem mais opções, Libby estendeu os braços sobre a mesa e pousou uma mão delicadamente sobre as de Ava.

– Ava, sei que não me conheces muito bem, mas espero que percebas que sou tua amiga.

– Está bem – balbuciou a rapariga.

– Se alguma vez tiveres algum

problema, quero que saibas que podes vir falar comigo.

Ava baixou os olhos em direção ao prato vazio.

– Está bem.

Libby procurou na bolsa um pequeno bloco e uma caneta e escreveu o seu número de telefone.

– Podes ligar-me a qualquer altura, de dia ou de noite. Percebes?

Ava desviou o olhar.

– Agora preciso de te fazer uma pergunta e não quero que te sintas constrangida.

Ava continuou a olhar para a mesa.

– Ava, estás grávida?

A adolescente arregalou os olhos.

– Não... – Pôs-se de pé e atirou o guardanapo para cima do prato. – Tenho de me ir embora.

Libby tentou impedi-la, mas Ava afastou-se rapidamente na direção oposta à da retrosaria. Teria corrido atrás dela, mas ainda tinha de pagar a conta. Só pôde assistir, impotente, à fuga da jovem.

Capítulo 15

– Estás preparada para a tua entrevista? – perguntou Robin a Libby, na quarta-feira de manhã, à saída do ginásio.

– Estás a brincar, certo?

Libby estava com um bom pressentimento quanto àquela oportunidade de emprego. Não podia estar mais preparada para

conhecer a procuradora-geral de Seattle. Não só o seu currículo estava atualizado e tinha as melhores referências, como estava otimista desde que Robin lhe falara no assunto.

A conversa com Ava podia ter corrido mal, mas neste caso ela pisava território conhecido. Tinha um percurso impressionante, mesmo que o declarasse em causa própria. Nada lhe daria mais prazer do que comunicar a Hershel, caso alguma vez a quisesse recontratar,

que já tinha outro emprego e não poderia aceitar. Mas já se tinha sentido confiante de outras vezes e visto as hipóteses gorarem-se. Num momento sentia-se em alta, no outro afogada em dúvidas.

Robin não fora a única a dar-lhe apoio.

– Bom dia – cumprimentara-a Phillip, ao encontrá-la no átrio do ginásio. Era óbvio que tinha estado à sua espera.

– Olá.

Agarrou-se à mochila com as duas mãos.

– Queria desejar-te boa sorte para a entrevista de logo à tarde.

– Oh, obrigada! Posso estar demasiado confiante, mas desta vez estou otimista.

– Vais-te sair lindamente. Ligas-me a seguir, está bem?

– Claro.

Saíram juntos. Assim que chegaram cá fora, Phillip olhou por cima do ombro e, não vendo ninguém por perto, inclinou-se para ela e beijou-a, demorada, longa e lentamente.

– Para dar boa sorte? –
perguntou ela.

Phillip sorriu abertamente.

– Não precisas de sorte. Vais
arrasar!

O encorajamento dele era
melhor do que um fim de semana
inteiro de seminários de motivação.
De repente, Phillip franziu o
sobrolho.

– A pessoa que te vai entrevistar
é uma mulher, certo?

– Por acaso, é.

Ele distendeu as sobrancelhas.

– Ainda bem. Se vais impressionar algum homem, quero que seja eu.

– Vou ter isso em conta.

– Faça isso, «sôtora».

E dizendo isto, foi-se embora e ela também.

Libby chegou ao hospital uma hora mais cedo. Quando entrou no berçário, Sharon informou-a que Abby Higginbotham dos Recursos Humanos queria falar com ela.

– Devo ligar ou ir diretamente ao gabinete de Abby? – perguntou

Libby, preocupada com a hipótese de haver algum problema. Já tinha sido aprovada como voluntária, não conseguia imaginar o que a coordenadora dos Recursos Humanos queria com ela.

Era melhor descobrir. Ao apanhar o elevador para o andar de baixo, Libby deu-se conta que considerava o Hospital Central de Seattle uma segunda casa. Nas últimas semanas, conhecera vários médicos e enfermeiras, além de outros voluntários. Já se tinha espalhado a notícia que namorava

com Phillip Stone e as pessoas pareciam curiosas sobre ela.

Libby entrou no gabinete e dirigiu-se à assistente de Abby.

– A Abby disse que queria falar comigo. Sou Libby Morgan.

– Oh, olá. Espere um momento, por favor.

– Claro.

Libby sentou-se e agarrou numa revista antiga enquanto a assistente entrava no gabinete de Abby.

Voltou uns momentos mais

tarde e anunciou:

– A Abby recebe-a agora.

Manteve a porta aberta para Libby, que entrou no gabinete.

– Sente-se, por favor.

Libby seguiu a indicação.

– Quer beber alguma coisa?

– Estou bem, obrigada.

Libby estava com mais curiosidade do que sede.

Abby parecia constrangida.

– Pedi para falar consigo, para me desculpar.

– Desculpar-se? – repetiu Libby

– Pelo quê?

– Pelo que me foi dado saber, Sharon Jennings deu dados pessoais seus ao doutor Stone. O Phillip consegue ser muito persuasivo quando quer. – Os cantos da boca curvaram-se ligeiramente, esboçando o princípio de um sorriso. – De acordo com as regras do hospital, Sharon devia ter entrado em contacto consigo antes, solicitando a sua aprovação. Soube disto mais tarde e queria certificar-me que não causou nenhum problema...

Libby levantou a mão.

– Não, de maneira nenhuma!

Abby fitou Libby.

– Está segura disso?

– Absolutamente. – Libby

levantou-se, desejosa de regressar para perto dos bebés. – É tudo?

– É sim – tranquilizou-a Abby.

Acompanhou Libby à porta, abrindo-a para lhe dar passagem.

– Temos um grande jantar de angariação de fundos em breve. Espero que possa estar presente.

Mencionou o dia e a hora.

– Fico ansiosa por ir –
respondeu-lhe Libby.

Ao voltar para o berçário, apercebeu-se de que ia a murmurar. Gostava de cantar para os bebés. Enquanto o tricô a acalmava, descobrira que passar tempo com os recém-nascidos a inspirava e fortalecia. Se alguém lhe tivesse dito, há apenas oito meses, que estaria agora a embalar bebés e a cantar-lhes canções, tê-los-ia afugentado do gabinete com uma gargalhada sonora.

Os tempos estavam a mudar.

Quando entrou no berçário, reparou que Sharon tinha um ar preocupado.

– Dois pares de gémeos – disse a Libby. – Estamos cheias de trabalho.

– Não se preocupe, estou aqui.

– Graças a Deus que está!

Todas as enfermeiras da equipa estavam a pleno gás. O primeiro par, um rapaz e uma rapariga, chegou ao berçário. A agitação continuou e, menos de uma hora

depois, surgiu o segundo par. Desta vez, dois rapazes, gémeos idênticos. De repente, Libby tinha quatro recém-nascidos a exigir a sua atenção.

– Passou a três nascimentos múltiplos – comentou Sharon durante uma pausa momentânea. – Isto nunca aconteceu em todos os anos que trabalho aqui!

Libby estava a adorar. Os bebés enchiam o berçário e ela estava atarefada a mostrá-los a avós orgulhosos e outros familiares.

Libby descobriu, através de

Sharon, que o último conjunto de gêmeos nascera seis semanas prematuro e que havia uma série de complicações. Chamaram Phillip, e as três raparigas com menos de um quilo e meio de peso tinham sido encaminhadas para a Unidade Neonatal de Cuidados Intensivos.

Quando a agitação abrandou, Sharon entrou no berçário e quase desmaiou. Tinha um ar absolutamente exausto.

– Meu Deus, não me lembro de uma manhã assim há anos.

Libby riu-se.

– Estiveram aqui alguns familiares muito entusiasmados.

Olhou para cima e por acaso reparou no relógio. Meio-dia e cinquenta e cinco. O quê? Não podia ser. Simplesmente não podia.

– Diga-me que aquele relógio está adiantado – suplicou Libby, enquanto se desembaraçava da bata do hospital. Estava em pânico. Se se atrasasse para esta entrevista, nunca se perdoaria. O mais provável era que Robin

também não a perdoasse.

Sharon olhou para o relógio de pulso.

– Não, está certo.

– A minha entrevista de emprego é à uma – gritou.

Saiu disparada do berçário e, a meio caminho para o elevador, reparou que se tinha esquecido da mala. Tinha a cabeça e o coração num caos enquanto atravessava a correr o corredor para a recuperar. Não quis esperar pelo elevador; foi pelas escadas, descendo-as tão rapidamente quanto as suas pernas

aguentavam, passando de um degrau para outro tão depressa que até batia com os dentes.

Uma vez cá fora, mandou parar um táxi e depois, no trânsito, ficou cinco minutos presa numa fila de funeral. Parecia que tudo o que podia correr mal, acontecia. Enquanto estava no carro, penteou o cabelo e recompôs a maquilhagem. Tinha planeado mudar de roupa, mas era muito tarde para isso agora. As mãos tremiam-lhe tanto que era

surpreendente não ter borrado a cara toda de batom.

Quando chegou ao Tribunal do Condado de King, pagou ao taxista e disse-lhe para ficar com o troco. Libby estava sem fôlego, depois de subir os lanços de escadas que davam acesso ao edifício.

Passar pela segurança demorou uma eternidade e foi obrigada a esperar pelo elevador. Estava atrasada, tão atrasada. Não queria acreditar que aquilo lhe estava a acontecer. Robin ia ficar furiosa, mas não mais do que ela. Bebés!

Tinha estado tão atarefada com os recém-nascidos que perdera a noção do tempo.

Assim que chegou ao andar certo, Libby correu pelo corredor fora e fez apenas uma breve pausa para acalmar a respiração antes de entrar. A sua esperança, a sua única hipótese, é que ninguém se tivesse apercebido do atraso.

– Olá – disse, oferecendo à senhora na secretária o mais encantador dos sorrisos. – Sou Elizabeth Morgan. Venho para uma

entrevista.

A rececionista olhou para a folha à sua frente.

– A sua entrevista era à uma. Receio que tenha de aguardar, enquanto a doutora Rabe recebe outro candidato.

Libby contorceu-se por dentro e olhou para o relógio de parede. Já passavam quinze minutos da hora combinada.

– Peço desculpa pelo atraso.

– Sente-se, doutora Morgan; chamo-a quando a doutora Rabe estiver disponível.

A rececionista desapareceu.

Apesar da instrução dada pela funcionária, Libby permaneceu em pé junto à secretária, demasiado nervosa para se sentar. Voltou-se ansiosamente quando ela regressou.

– A doutora Rabe recebe-a agora.

Encaminhou Libby por um corredor até uma sala de entrevistas.

A procuradora-geral estava de costas, em pé, quando Libby

entrou.

– Muito obrigada por me receber
– declarou, fazendo os possíveis por soar calma e profissional, embora o coração batesse tão rápido que parecesse dois.

– Não está a começar muito bem, pois não?

– Não e peço imensa desculpa. A culpa é inteiramente minha.

Libby estava disposta a assumir a responsabilidade. Nem sequer podia atribuir os múltiplos nascimentos à lua cheia. Uma coisa

era evidente: a Dr.^a Rabe não queria ouvir desculpas.

De qualquer forma, a entrevista não lhe correu bem. Libby falhou em conquistar o terreno perdido por ter chegado atrasada. Deu o seu melhor para impressionar a procuradora-geral, mas era evidente que tinha estragado tudo desde o primeiro momento. Tinha tantas hipóteses de conseguir aquele emprego como um burro tinha de ganhar uma corrida de cavalos.

Libby abandonou o edifício, cheia de sentimentos de autorrecreinação. Poucos minutos depois, o telemóvel tocou. Quando olhou para o ecrã, gemeu.

Robin Hamlin.

– Olá.

Tivera a tentação de não atender, mas mais valia fazê-lo rapidamente e resolver o assunto.

– Então? – perguntou Robin, com a voz límpida e entusiasmada.

– Como correu a entrevista?

– Não muito bem.

Robin não conteve um grande suspiro, ou pelo menos, foi o que pareceu a Libby.

– Porque não? – inquiriu a amiga. – Aquele emprego é a tua cara. Recomendai-te e o Roy também...

– Cheguei um bocadinho atrasada.

– Tu? – gritou Robin. – Nunca chegas atrasada. O que aconteceu?

– Estava no hospital.

– Nas urgências? Estás bem?

O tom de Robin suavizou-se

bastante.

Por um instante, passou pela cabeça de Libby inventar uma história rocambolesca que a desculpasse e que, ao mesmo tempo, granjeasse o apoio de Robin. Se fosse uma mentirosa mais competente, talvez tentasse. Tudo para não ouvir Robin... não que a pudesse recriminar por isso.

– Eu estava com os bebés e... O tempo voou e...

– Espera lá – interrompeu-a Robin. – Estás a dizer-me que te atrasaste para a entrevista

porque... – fez uma pausa, como se achasse tão inacreditável que nem conseguisse pronunciar as palavras – porque estavas a embalar bebés?

Não havia maneira de dar a volta.

– Sim.

Seguiu-se um silêncio de choque e, quando Libby ia começar a falar, Robin declarou:

– Já não te conheço, Libby. Não sei o que aconteceu à mulher que conheci em tempos, mas essa pessoa não és tu. Ouve, tenho de

desligar e, sinceramente, ainda bem.

Libby ficou especada, com o telefone na mão. Não só tinha deixado mal a amiga, como estava profundamente desiludida consigo própria.

Decidiu ir a pé para casa. Eram quase dois quilómetros, mas o esforço físico ia certamente fazer-lhe bem. Se alguma vez precisara de endorfinas, era agora. No entanto, tudo o que ganhou com a caminhada foi uma bolha no calcanhar do pé esquerdo.

Já em casa, arrastou-se até à cozinha e serviu-se de um copo de ice tea. Ligou a Phillip e, como ele não atendeu, deixou uma mensagem no gravador de voz.

– Eu... não consegui o emprego. Perdi a noção do tempo e cheguei atrasada à entrevista. A Robin está furiosa comigo, embora não mais do que eu.

O dia em que chocara com Joe tinha sido traumático, mas perder aquela oportunidade de emprego era quase tão cruciante. A sua vida,

até ali organizada, parecia-lhe agora estranha e fora de controlo.

Queria chorar e gritar às paredes. Bater com os pés estava fora de questão, por causa da bolha. Sentia a garganta seca e a cabeça a latejar.

O que ela queria, o que precisava, deu-se conta... era da mãe.

Capítulo 16

Ao fundo do pequeno gabinete, Robin andava impaciente de um lado para o outro – em todos os anos como procuradora nunca pedira favores a ninguém, mas, agora, para ajudar Libby, tinha-se colocado numa posição delicada. E a amiga desperdiçara a oportunidade.

Libby tinha perdido a noção do tempo porque estava a embalar bebés? Inacreditável! Reparara em algumas mudanças subtis nela, ao longo dos últimos meses. Era como se as prioridades de Libby estivessem desajustadas, como se tivesse perdido a noção do que era importante. Embora não falassem no assunto, supunha que a amiga começaria em breve a ter problemas de finanças. E agora isto. Não faltava mais nada.

E havia também a proximidade

com Dr. Stone. Talvez a causa primeira das mudanças não tivesse nada a ver com o hospital, ao fim e ao cabo. Se calhar era apenas o que o amor fazia a uma pessoa. O amor... Eram ambas tão ingênuas no que tocava aos homens! Libby ainda tinha perspectivas de evolução nessa matéria, ao passo que com ela nada acontecia. De braços cruzados, Robin procurava uma maneira de expressar a sua frustração.

Roy fora muitíssimo prestável ao indicar-lhe aquela oportunidade,

mas nunca mais dissera nada, e ela não sabia que atitude tomar para se aproximar de novo, sobretudo à luz os últimos acontecimentos.

Como tinha de se apresentar em tribunal daí a poucos minutos, Robin esforçou-se para se concentrar no processo que tinha à frente. Não se tratava de um caso complicado, mas devia deixar de lado as irritações consigo própria e com Libby. Caso contrário, cometeria erros e, no trabalho dela, um só erro podia significar a

impunidade do réu.

A caminho da sala de audiências, viu o juiz Bollinger. O rosto dele iluminou-se com um sorriso quando se cruzaram no corredor. Estava com ar de quem tinha dado o dia por findo. Queria encontrar uma desculpa para lhe falar, mas não lhe ocorria uma única palavra. Felizmente, ele não parou para perguntar pela entrevista de Libby. Não saberia o que lhe dizer. A verdade é que não sabia como dar a entender que estava interessada, e receava que

qualquer abordagem os
constrangesse a ambos.

Também não ajudava o facto de ficar tão envergonhada quando o via que mal conseguia falar. Na sala de tribunal nunca lhe faltavam as palavras, mas com Roy parecia uma tolinha.

Tal como Libby, Robin dedicara a vida ao Direito, de tal forma que tinha pouca experiência com homens. Ao longo dos anos, contavam-se pelos dedos os seus casos: um na faculdade e outro a

seguir ao divórcio. Ambos acabaram mal e deixaram-na determinada a não repetir os mesmos erros. Com Roy, era diferente. Admirava-o à distância há muito tempo, receosa de fazer um avanço.

Robin tinha ido para o ginásio na esperança de perder alguns quilos e tornar-se o mais atraente possível. Estava grata a Libby por isso. Sem o encorajamento da amiga, já teria desistido há muito tempo. Quando começaram a treinar, eram amigas de circunstância. Gradualmente, tornaram-se mais próximas, mas

não ao ponto de se sentir à vontade para partilhar os seus sentimentos pelo juiz. Ainda assim, achava que Libby tinha intuído que havia um homem por trás do seu objetivo de emagrecer.

Nos últimos dois meses, Robin passou a considerar Libby uma amiga chegada, pelo menos o suficiente para se empenhar em ajudá-la a arranjar emprego. Acima de tudo, o despedimento de Libby fora uma enorme injustiça. Apesar da generosa indemnização, estar

desempregada era duro para ela, em muitos sentidos. O seu ego ficara muito magoado e, depois de tantos meses sem trabalho, a autoestima também estava afetada.

Robin era empática e queria ajudá-la. Revia-se bastante em Libby. Ambas eram trabalhadoras empenhadas, determinadas, ambiciosas e focadas. Robin não conseguia sequer imaginar como seria ficar sem emprego. Sem dúvida, tal como Libby, partiria do princípio que encontraria outro sem

problema. Mas seria mesmo assim?

De volta ao gabinete, depois da audiência, Robin sentou-se à secretária e deixou cair a cabeça entre as mãos. Por muito constrangedor que fosse, precisava de ligar a Alice Rabe para pedir desculpa por ter indicado Libby. Fizera uma recomendação pessoal e, ao que parecia, Roy também. Ao chegar atrasada, Libby mostrara-se irresponsável, o que se estendia a Robin.

Com relutância, agarrou no

telefone e rapidamente entrou em contacto com a procuradora-geral.

– Presumo que a entrevista com Elizabeth Morgan não correu bem.

Alice resfolegou.

Então tinha sido mesmo mau.

– Isso é um eufemismo. A sua amiga – disse Alice, enfatizando a palavra – apareceu-me aqui de calças de ganga.

Robin fechou os olhos com força. A situação podia piorar?

– Embora não sirva de desculpa, creio que vinha do hospital.

– Não lhe dei sequer hipótese de

se justificar. Mas ela pediu-me desculpa.

Alice podia ser brusca, mas Robin sabia que era uma mulher correta.

– Não só chegou quase quinze minutos atrasada, como parecia despreparada, agitada, desconcentrada e excessivamente nervosa.

– Deixe-me garantir-lhe que Libby não costuma ser assim.

– Então já falou com ela?

– Sim, já – admitiu Robin.

Alice hesitou.

– Disse-me que ela vinha do hospital?

Robin lamentou ter feito a referência.

– Não foi uma emergência. Ela faz voluntariado lá.

– A sério? – Aquilo pareceu interessar a procuradora-geral.

Robin sentiu-se confiante para fazer nova afirmação:

– Libby é generosa e atenciosa. Embala recém-nascidos.

– Foi por isso que chegou

atrasada?

– Pelos vistos, estavam muito atarefados esta manhã.

Fraca desculpa.

– Então não teve tempo de mudar de roupa?

– Parece que não.

Queria perguntar a Alice a opinião dela sobre o currículo de Libby. Tinham-no revisto juntas e ajudara a amiga a afiná-lo, na esperança de que um olhar exterior ajudasse.

– Já percebeu que não vou contratar a sua amiga.

– Compreendo – murmurou Robin e acrescentou, sentindo-se nessa obrigação: – Queria ligar-lhe e pedir desculpa. Sinto-me pessimamente pelo que aconteceu.

– A culpa não é sua – Alice teve a delicadeza de dizer. – De qualquer forma, aprecio o telefonema – continuou –, mas acho que já fiz a minha escolha.

– Entendo perfeitamente.

Alguns dias depois, Robin permanecia no escritório depois da hora de saída, uma vez que

tencionava trabalhar pela noite dentro, como acontecia inúmeras vezes. Embora fosse sexta-feira, não tinha um único plano, o que dizia muito sobre a sua vida. Tudo nela se resumia ao trabalho. No entanto, depois do sucedido com Libby, Robin decidiu que não estava com espírito para ficar a fazer noitada. Agarrou na pasta e saiu do tribunal. Caminhava em ritmo acelerado, embora não tivesse nenhum sítio para ir nem ninguém para encontrar.

Dirigia-se para o parque de

estacionamento quando ouviu alguém chamá-la. Ao voltar-se, para ver quem seria, deparou-se com Roy... o juiz Bollinger. Imediatamente, a sua pulsação acelerou. E a boca ficou seca.

– Robin, meu Deus, parece uma corredora de fundo!

Robin ficara sem fôlego e sentia as faces ruborizarem-se.

– Desculpe, não percebi que vinha atrás de mim.

Se se tivesse dado conta, teria abrandado para ritmo de caracol.

Não falavam há vários dias e ela receava que nunca mais o fizessem.

– Soube que já foram as entrevistas para aquele lugar de que lhe falei. Como correu com a sua amiga?

Robin baixou o olhar.

– Não muito bem, receio.

Quando levantou a cabeça, reparou que os olhos dele espelhavam solidariedade.

– Lamento ouvir isso.

– Também eu.

Felizmente, ele não sabia pormenores e ela não lho ia

contar.

– Imagino que tenha planos para esta noite...

– Não tenho – precipitou-se Robin, interrompendo-o.

Roy Bollinger sorriu laconicamente.

– Quer juntar-se a mim? Costumo ir beber um copo de vinho à sexta-feira à noite. A minha mulher e eu... – hesitou, ao mencionar a mulher.

– Gostava muito.

O pobre homem nem imaginava

o quanto ela sonhara com um convite daqueles.

– Há um bar simpático no Four Seasons – sugeriu ele. – Encontramo-nos lá?

– Claro.

Podia ter sugerido encontrarem-se na Lua que Robin teria descoberto o caminho para lá.

– Vamos apontar para... – olhou para o relógio, fazendo uma pausa.

– Digamos, daqui a trinta minutos?

– Perfeito.

Ele voltou-lhe as costas e Robin esperou até que se afastasse para

desatar a dançar, balançando os braços no ar e dando voltas em círculo.

Capítulo 17

Sábado de manhã, com a luminosa claridade do dia a entrar pela janela do quarto, Libby olhou para o relógio digital ao lado da cama e soltou um murmúrio de protesto. Os olhos pesavam-lhe graças à privação de sono. Destapou-se, rastejou para fora da cama e foi preparar uma chávena

de café bastante forte.

Phillip ligara-lhe três vezes. Não lhe atendeu o telefone nem ouviu mensagens. Era um homem fantástico e ela gostava de estar com ele, mas distraía-a. Depois daquela desastrosa entrevista de emprego, Libby decidira que precisava de se concentrar.

A entrevista com Alice Rabe continuava a passar na sua memória. Parecia um filme mudo antigo, as cenas tremeluzindo à sua frente. Não havia volta a dar: dera

cabo da sua melhor oportunidade para arranjar um novo emprego. Depois de esperar meses por uma hipótese como esta, tinha-se sabotado a ela própria. Ou continuava a ser a advogada dedicada e determinada ou tornar-se-ia definitivamente na voluntária que adora bebés, mas não conseguia chegar a uma entrevista a tempo. Libby perguntava-se o que a mãe diria dela agora.

E podia imaginar o estrago que tudo aquilo tinha causado na sua amizade com Robin.

Depois de um banho frio de vários minutos, estava acordada o suficiente para enfrentar o dia. Com várias tarefas para cumprir, saiu de casa às oito, esperando despachar-se o mais rápido possível e regressar antes do meio-dia. Precisava de conversar com Phillip e explicar-lhe, por mais difícil que pudesse parecer, as razões pelas quais não podia envolver-se com ele.

Às dez, passou pela retrosaria. Tinha esperanças que Lydia tivesse

novidades para lhe contar, depois do almoço desastroso com Ava. Não conseguira aproximar-se da adolescente, mas talvez a amiga tivesse sido bem-sucedida onde ela falhara. Quanto mais pensava em Ava, mais sentia o impulso de proteger a rapariga e ajudá-la. Era tão nova e frágil! Não conseguiria evitar preocupar-se e ao que parecia a avó estava alheada de tudo.

Quando entrou na loja deparou com Casey e Lydia. Não levava o seu material de tricô porque

receava que também isso se tivesse tornado uma distração que a afastava da procura de trabalho.

– Olá, Libby! – gritou Casey, acenando de forma exuberante do fundo da loja.

A loja já estava repleta de clientes e Lydia e Margaret estavam ocupadas. Libby avançou para o fundo da loja, juntando-se a Casey.

– Estou a ver que estás bem-disposta – comentou Libby, quando Casey abriu um enorme sorriso.

– A mãe vai levar-me a fazer

compras de material para a escola amanhã. Vou usar o dinheiro que ganhei a ajudar na loja.

Libby sentou-se ao lado dela.

– Tens visto a Ava?

Casey fez que sim com a cabeça.

– Ela esteve cá ontem.

– Disse-te alguma coisa?

– Sobre a conversa que tiveram?

Libby assentiu.

– Na verdade, não. Como correu?

Casey inclinou-se para a frente, antecipando a revelação dos

pormenores.

– Quando toquei no assunto, tudo o que ela me contou foi que tinha gostado do almoço.

Aquilo era apenas ligeiramente animador.

– Disse-te quando voltava cá?

Libby poderia aparecer na mesma altura. Se continuassem a desenvolver uma relação, talvez conseguisse convencer Ava a marcar uma consulta. Poderia acompanhá-la e pagar as despesas. Se a rapariga quisesse, até a

acompanharia quando fosse contar à avó sobre a gravidez. A questão era que Ava não podia ignorar o óbvio por muito mais tempo. Havia decisões para tomar e Libby queria ajudá-la a lidar com as complexidades da situação. Além disso, era preciso descobrir se Ava continuava a ter vida sexual e informá-la das eventuais consequências.

A campainha da porta soou, assinalando a entrada de alguém. Libby não ligou muito, até Ava comentar:

– Libby, não é o teu amigo médico?

Libby voltou-se repentinamente. Era mesmo Phillip que estava no interior de A Good Yarn, mostrando grande desconforto por ser um homem numa loja onde só estavam mulheres. Fixou de imediato o olhar nela. Os olhos semicerraram-se à medida que avançava para o fundo da loja.

Mesmo que disso dependesse ganhar a lotaria, Libby não conseguia abrir a boca. Que raio

fazia ele ali? Não estava preparada para o enfrentar.

– Desligaste o telemóvel? – perguntou ele, puxando uma cadeira e sentando-se ao seu lado.

– Ah, devo ter desligado.

Sabia muito bem que sim. Procurou dentro da mala, prestando-se ao papel de olhar para o telefone e depois voltar a colocá-lo lá dentro.

– Deixei-te várias mensagens – explicou-lhe Phillip.

– Não... não estava com disposição para conversar.

Talvez ele tivesse apanhado a ideia que continuava sem vontade.

– Tentei ligar outra vez esta manhã – continuou ele e depois reparou em Casey. – Olá novamente – acrescentou, recordando o encontro no elevador.

Casey era só sorrisos.

– Libby é pior do que a minha avó. Também tem um telemóvel mas esquece-se sempre de o ligar.

– Onde está a tua amiga? – perguntou Phillip a Casey.

Também ele continuava

preocupado com a jovem.

– Pedi-lhe para passar cá esta manhã, mas disse-me que a avó não deixava. Tinha de limpar a casa.

Que condão teria aquele belo homem para fazer as mulheres darem-lhe todas as informações? Libby também perguntara por Ava, mas Casey não dissera uma palavra sobre a avó e a lida da casa.

Phillip olhou outra vez para Libby.

– Já almoçaste?

Além do café matinal e de um

sumo de laranja, Libby ainda não tinha ingerido um único alimento sólido. Não tinha apetite, mas precisavam de falar e quanto mais cedo tratasse do assunto, melhor.

– Ainda não.

– Calha bem.

– Almoçem no The French Cafe

– incentivou Casey. – A comida é ótima, especialmente os croissants e a sopa. A mãe encomenda lá a sopa quase todos os dias.

– Parece-me bem – declarou Phillip.

Como se fosse uma marioneta, Libby pôs-se em pé e seguiu-o pela loja fora, parando apenas para se despedir de Lydia e Margaret.

– Já foste ao The French Cafe? – perguntou Phillip, fazendo conversa, enquanto lhe colocava a mão sobre o fundo das costas, ao atravessarem a rua.

– Uma ou duas vezes. A Casey tem razão, a comida é muito boa.

– Então vamos lá. É perto, conveniente e estou faminto.

Quando entraram, ele pediu

uma tosta, uma pequena salada a acompanhar, e dois biscoitos de manteiga de amendoim. Libby mandou vir uma sopa de gengibre e cenoura.

– Só isso?

– Sim... Não estou com muito apetite.

Até se sentarem numa mesa coberta por um guarda-sol, Libby não tinha reparado no dia maravilhoso que estava. Corria uma leve brisa da baía e, ainda que estivessem a alguns quarteirões da zona costeira, Libby conseguia

sentir o aroma de sal no ar. A zona do porto devia estar cheia de turistas.

– Peço desculpa por não ter atendido as chamadas, mas como te disse, não estava com vontade de conversar – explicou ela a Phillip, mantendo as mãos sobre o colo e evitando contacto visual.

Phillip pegou no copo de ice tea e bebeu um trago. Totalmente descontraído, encostou-se para trás na cadeira, cruzando as pernas.

– Queria saber da entrevista.

– Cheguei atrasada. E sinceramente, era difícil ter corrido pior. Agora a Robin anda a evitar-me... e duvido que lhe passe sequer pela cabeça ligar-me.

Curiosa, espreitou o telemóvel e correu a lista de chamadas recentes. Como já esperava, o nome de Robin não aparecia.

– Está aborrecida comigo, mas na verdade não lhe posso levar a mal.

– Então, o que se passou afinal?

– Os gémeos... – parou de falar

e abanou a cabeça. Qual era o objetivo de tentar justificar-se? A questão principal é que tinha metido o pé na poça. Mesmo agora, ainda não acreditava como permitira que tal acontecesse.

– Eu sei... – disse Phillip. – Quero saber o que aconteceu na entrevista.

Só de pensar no assunto dava-lhe um aperto no peito.

– Foi assim tão mau?

– Pior. O tempo fugiu-me e não tive outra hipótese senão aparecer vestida com a roupa que usei no

hospital. Depois de chegar atrasada, nunca mais recuperei o equilíbrio. Estava nervosa e pouco articulada. Foi terrível.

Contar a história fazia-a sentir-se ainda mais envergonhada.

Ele mostrava uma expressão empática e compreensiva, o que só abonava a seu favor.

– Esse dia foi mesmo caótico, parecia um manicômio. Três conjuntos de gêmeos. Francamente, não sei o que teria sido sem ti.

Libby conseguiu esboçar um leve sorriso. O elogio dele consolou-a pouco.

– Nunca devia ter acontecido. Aquela entrevista era importante. Estava em jogo o meu ganha-pão. Não sei o que me aconteceu nestes últimos meses. Já mal sei quem sou. Perder um encontro tão importante para estar a embalar bebês? É de loucos! Passar metade do meu tempo numa retrosaria, a tricotar? Não é normal. E, pelo meio estou a gastar as minhas

poupanças a um ritmo alarmante.
Preciso de um emprego.

– Vais arranjar um.

Como ele soava confiante!

– A este ritmo, não me parece.

Permiti que demasiadas distrações fizessem parte da minha vida. – Bateu com a mão no tampo da mesa. – Isto tem de acabar. Tenho de me concentrar no que é importante e entrar na linha.

– Libby, estás a ser demasiado dura contigo – Phillip inclinou-se e apertou-lhe a mão. – Não é assim tão mau. Era só uma entrevista.

Inquietou-se na cadeira. Ele podia pensar que estava a ajudar, mas não estava. Não a conhecia o suficiente para compreender que aquele comportamento irresponsável não era nada dela.

O almoço chegou à mesa e Phillip pegou logo na tosta.

Libby provou a sopa e estava fantástica. Pelo menos, as suas pupilas gustativas não tinham ficado deprimidas, como o resto do seu corpo. Tinha tanta energia quanto uma lesma. A cabeça

latejava e só queria deitar-se: o que ela dava para esquecer tudo o que acontecera e simplesmente dormir.

Phillip comeu metade da tosta antes de se deter:

– Não jantei ontem à noite e estava esfomeado. – Olhou para o prato e depois para Libby. – Então, que cara fechada é essa? Já percebi que fizeste asneira, agora tens de te recompor e seguir em frente. Certo?

Se tivesse dormido mais e a mente estivesse mais ágil, talvez

conseguisse contornar a questão. Mas francamente, estava sem energia.

– Não tenho muitos amigos e, depois do meu comportamento naquela entrevista desastrosa, tenho medo de ter perdido uma amizade importante.

– Para de te maltratar.

– Não entendes?

Com a testa franzida, ele afastou o prato.

Ela suspirou e decidiu que a melhor maneira de lidar com aquilo

seria ir direta ao assunto. Phillip parecia ser o tipo de homem que apreciava a verdade.

– Acho que é melhor não nos vermos por um tempo.

Ele olhou-a de forma inexpressiva, como se não tivesse ouvido uma palavra do que ela dissera.

– É isso que queres, Libby? – perguntou-lhe, ao fim de uns instantes.

Estava confusa e evitou a questão.

– Já não me reconheço e estou

assustada.

– O que é que isso tem a ver connosco?

– Tudo. Não percebes? Não posso andar contigo... Uma relação é uma distração com a qual não posso lidar agora. Tenho de encontrar trabalho. Adoro ser advogada e sou boa nisso. Voltar ao ativo tem de ser o meu principal objetivo.

Ele fitou-a longa e intensamente.

– Se estás com problemas em

encontrar trabalho, porque não crias a tua própria empresa? Porque é que tem de ser num grande escritório?

Libby começou a argumentar, mas calou-se rapidamente. Ao longo de todos aqueles meses, nunca tinha considerado estabelecer-se por conta própria. Na verdade, era uma excelente ideia e digna de ser levada em consideração. Mas não mudava nada em relação a eles.

- És uma excelente pessoa...
- Mas não estás interessada –

concluiu ele, tomando-lhe a palavra. – Percebi a ideia. Por outras palavras: obrigado, mas não, obrigado.

Não era nada disso, mas não queria discutir com Phillip.

– Não és tu, sou eu, certo? – Ele sorriu, expressando tudo menos alegria. – Não é a deixa mais original, mas funciona.

Afastou a cadeira e pôs-se em pé.

– A melhor das sortes para ti, Libby. Gostei de passar este tempo

contigo, mas acho que se calhar estás a agir bem ao acabar antes que algum de nós invista mais nesta relação.

Ia responder-lhe, mas Phillip foi-se embora. Libby queria chamá-lo; no entanto, acabou por engolir as palavras. Ele tinha razão: era melhor acabar com a relação agora. Uma contradição, face à vontade de correr atrás dele e dizer-lhe que cometera um erro. Ficou sentada durante muito tempo, a olhar para o vazio, a pensar no que acabara de fazer. Alguma coisa já lhe dizia

que se ia arrepender.

Sem saber quanto tempo tinha passado, Libby pegou na mala para se ir embora e depois deteve-se a pensar na sugestão de Phillip. Toda a manhã dissera a si mesma que precisava de se concentrar e nada melhor do que fazê-lo naquele momento. Tirou o bloco de notas da mala e anotou uma lista de coisas de que deveria precisar.

Uma aventura daquelas sairia cara, e não estava exatamente a nadar em dinheiro. Quando fora

despedida, tinha muitas poupanças de lado, principalmente porque vivia para o escritório. Raramente ia às compras e, quando ia, fazia-o pela internet.

A indemnização durara algum tempo, mas agora já estava a gastar das poupanças, que iriam desaparecer num instante. Em breve, seria obrigada a vender algumas ações e com o mercado tão em baixo iria perder dinheiro.

Se abrisse o seu próprio escritório, a primeira pessoa que contrataria seria Sarah, a sua

assistente. Ia precisar de alguém organizado e eficiente e Sarah cumpria ambos os requisitos. As duas juntas formavam uma grande equipa. Talvez fosse possível. Com certeza, valia a pena ponderar.

A mãe costumava dizer que tudo acontece por uma razão. Talvez estivesse destinada a chegar atrasada àquela entrevista. Assim que chegasse a casa, telefonaria a Robin para discutir a ideia com ela.

Libby deixou cair os ombros. Estava na dúvida se devia ou não

contactar a amiga. Decidiu esperar. Se não tivesse notícias de Robin até segunda-feira de manhã, teria a certeza até que ponto a amiga estava zangada com ela.

Capítulo 18

– Para de comer tanto, estás a ficar gorda.

– Sim, avó.

Ava ficou envergonhada, evitando olhar a avó de frente.

– Fizeste tudo o que te pedi?

Mantendo o olhar baixo, Ava acenou. A avó estivera de mau humor o dia todo. Saiu da mesa e

levantou os pratos sujos. Jackson tratou de levar o seu próprio prato para o lava-loiça e trocaram olhares. Não era habitual a avó estar em casa ao domingo à tarde. Normalmente, estava no clube dos veteranos ou no bar da rua. A maioria das vezes saía a meio da tarde e só voltava à hora de jantar. Ava desejava que ela ainda estivesse com os amigos, em vez de estar em casa a embirrar com ela e Jackson.

Naquela manhã, Jackson tinha

ido à igreja com Peter, o vizinho do lado. O irmão convidou-a a ir com eles, mas Ava não se estava a sentir bem. Como, aliás, não se sentia quase todos os dias. Tivera a sensação, durante todo o verão, de que alguma coisa não estava certa, mas, até conversar com Libby, não sabia o que era.

Tinha um bebé dentro dela.

Não sabia o que ia fazer. Se a avó descobrisse, ficaria muito mais do que aborrecida. Segundo ela, a mãe de Ava fora uma criança problemática. Queria garantir que

Ava e Jackson eram bons alunos e se tornavam pessoas decentes. Ava não sabia o que era preciso para ser uma pessoa decente, mas tinha um palpite que não incluía engravidar aos treze anos.

Enquanto Ava lavava a loiça, a avó acendeu um cigarro e sentou-se em frente à televisão, a ver um jogo de basebol dos Mariners. Limpou com um pano a bancada e deitou fora os restos.

Jackson estava lá fora a jogar basquetebol com Peter. Observou-

os pela janela da cozinha algum tempo e, quando acabou de limpar tudo, foi para o quarto onde o ambiente era silencioso.

Precisava de pensar. Não sabia o que ia fazer em relação ao bebê. A avó julgava que estava a comer de mais. Já tinha visto mulheres grávidas e algumas ficavam com barrigas muito grandes. Não sabia o que faria se o bebê crescesse tanto dentro dela.

Levantou a ponta do colchão e pegou no papel que Libby lhe dera com um número de telefone.

Arrancou a parte dobrada e contemplou-a por uns minutos. Libby dissera-lhe que podia ligar a qualquer hora. Talvez ela soubesse o que fazer. Talvez a pudesse ajudar.

A voz da avó soou no corredor:
– Estúpidos Mariners!

A equipa da casa estava a perder e o humor da avó ia piorar ainda mais. Ava decidiu que o melhor era ficar no quarto. Sentada na cama, enterrou a face entre os joelhos. O bebé que tinha na

barriga devia ser a causa de ter tido os tornozelos inchados a maior parte do verão.

– Vou sair um bocado – gritou a avó.

Ava descontraíu. Se a avó ia ao bar não ficaria a remoer o resultado dos Mariners. Provavelmente só voltaria depois de escurecer ou talvez mais tarde.

Dez segundos depois, a porta bateu. Ava esperou alguns minutos e deslizou até à cozinha, onde estava o telefone. Era um daqueles antigos, preso à parede. Depois de

olhar tanto tempo para o número de Libby, já o sabia de cor e colocou o papel de novo dentro do esconderijo.

Demorou algum tempo até ganhar coragem para ligar. Finalmente, marcou os números, fechou os olhos e esperou.

– Está?

O som da voz de Libby fez Ava entrar em pânico e desligar de repente. A avó tinha qualquer coisa no telefone que não permitia ver o número, por isso não precisava de

se preocupar com a possibilidade de Libby devolver a chamada.

Tinha o coração acelerado e começou a sentir suores frios. Estava realmente enjoada. A avó acusava-a de estar a tornar-se preguiçosa e Jackson dizia que já não era divertida, porque estava sempre no quarto. Também ele estaria, se se sentisse como ela.

Sabia que as mulheres grávidas iam a consultas médicas, mas Ava não tinha dinheiro para isso. Mesmo que tivesse, havia sempre a hipótese de a avó descobrir. Não

podia correr o risco de ela saber do bebê.

Dar à luz era perigoso. Até podia morrer. Carregou na barriga e mordeu o lábio. Passou meia hora até conseguir ganhar coragem para ligar a Libby outra vez.

– Está?

Ava não disse nada. Não conseguia. A garganta fechara-se e, quando tentava falar, apenas se ouvia um fio de voz quase inaudível e indefeso. Ao fim de um tempo voltou a pousar o telefone.

De volta ao seu quarto, deitou-se sobre a cama com os braços enrolados à volta da barriga. Queria dormir, mas se adormecesse agora, acordaria a meio da noite e odiava isso. Era de madrugada que mais sentia a falta da mãe.

A mãe dela era muito parecida com a avó, mas mais nova. Ava sentia imenso a falta do apartamento onde viviam antes do acidente. Tinha amigos e vizinhos que conhecia e em quem confiava. Desde que se mudara para casa da

avó, passara a frequentar uma nova escola. Casey era a sua única amiga.

Pouco depois, Ava levantou-se e saiu. Sentou-se no alpendre e ficou a ver o irmão e Peter jogarem basquetebol. Os dois rapazes ignoraram-na. A mãe de Peter chegou com um prato de bolachas. Ele era filho único e, segundo Jackson, um mimado. O irmão tinha ciúmes. Ava não lhe levava a mal. Gostariam, uma vez na vida, de ser mimados por alguém. Nunca ninguém fizera bolachas para eles.

– Estás bem? – perguntou Jackson, dirigindo-se a ela.

Encolheu os ombros.

– Sim.

A mãe de Peter atravessou o pátio, até a alcançar.

– Queres uma bolacha, Ava?

– Ela não pode comer – respondeu Jackson em seu lugar. – A avó diz que está a ficar gorda.

– Não estás nada – insistiu Mrs. Armstrong. – Uma bolacha não te vai fazer mal.

– Está bem.

Ava tirou uma bolacha e ficou com ela na mão. Não a comeu logo, guardando-a para mais tarde. Daria pequenas dentadas e ia saborear cada uma delas.

Mrs. Armstrong voltou para dentro de casa e os rapazes regressaram ao jogo. Peter estava na equipa da escola e Jackson também queria fazer parte. As provas ainda estavam longe, por isso teria bastante tempo para treinar.

Ao fim de uns minutos, Ava

voltou para dentro. Olhou para o telefone novamente, incapaz de decidir se devia falar com Libby ou não. Em vez disso, pegou no tricô e sentou-se em frente à televisão.

A avó não tinha dinheiro para televisão por cabo, por isso só tinham os canais locais. A qualidade não era boa, mas viam na mesma, porque era tudo o que tinham.

Pensou se Casey continuaria a ser sua amiga se soubesse do bebê. Quando a escola começasse, toda a gente ia notar que ela tinha engordado imenso durante o verão.

Tinha esperanças de que ninguém descobrisse a gravidez.

Pensando melhor, talvez não fosse à escola. Podia esperar que a avó saísse para o trabalho e voltar para casa nessa altura. Isso era preferível a ser gozada pelos outros colegas.

Depois de tricotar várias linhas, Ava pousou o tricô. Antes que a coragem a abandonasse novamente, pegou no telefone e ligou para o número que Libby lhe dera.

Em vez de atender normalmente, como das outras vezes, Libby disse:

– Ava, és tu?

Ava esbugalhou os olhos. Libby reconhecera-a.

– Por favor, não desligues – suplicou-lhe Libby.

– Está bem – conseguiu Ava dizer baixinho.

– Está tudo bem contigo?

– Sim.

Sentia-se atrapalhada, mas isso em si era normal.

– Ainda bem.

– Vou à retrosaria na terça-feira

– informou Ava.

– Também vou lá estar –
prometeu Libby.

Era a tranquilização da qual Ava precisava. Libby ia ajudá-la. Podia confiar nela, estava segura disso. Libby saberia o que devia fazer.

Capítulo 19

Libby já estava na passadeira quando viu Robin entrar no ginásio. A amiga estava quinze minutos atrasada, mas suspeitava que Robin chegara propositadamente mais tarde para evitar conversas com ela no balneário. Ainda assim, sentia-se encorajada. Pelo menos, tinha aparecido. A passadeira ao seu lado

estava livre e ela esperava que a amiga a ocupasse.

Dez minutos depois de chegar, Robin saiu do balneário com a roupa de treino. Olhou brevemente na direção de Libby mas, assim que a viu observá-la, desviou a cara.

Já estava à espera daquilo.

Robin subiu para a passadeira ao lado de Libby e deu início ao treino fingindo não reparar nela.

Olhando de soslaio para a amiga e, depois de ponderar cuidadosamente como lidar com a

situação, Libby decidiu testar as águas.

– Bom dia.

Robin resmungou uma resposta indecifrável. Depois, como se se tivesse esquecido que os tinha, colocou os auriculares nos ouvidos e ligou o ipod, deixando de prestar atenção a Libby.

Bom, Libby também tinha um ipod! Não o trazia para o ginásio, porque normalmente conversava com Robin durante o treino, mas se ia continuar a ser ignorada, talvez fosse melhor reconsiderar.

Reconhecendo que não podia fazer mais nada, concentrou-se no exercício e aumentou a velocidade da passada, para aliviar a frustração.

Procurava também não pensar em Phillip, mas, apesar de todos os seus esforços, ele continuava a vir-lhe à ideia nas alturas mais inconvenientes. Sentia saudades dos comentários de encorajamento, das conversas que tiveram no barco. E sentia falta de ter os braços dele à sua volta, e dos

beijos. Sempre que pensava em Phillip, o que acontecia a toda a hora, doía-lhe o coração. No meio da zanga e da frustração, magoara-o mais, acabando com a relação. E no entanto, tinha sido Phillip a dar-lhe a ideia de montar o seu próprio escritório. Quando abrisse o negócio, daria uma festa de inauguração e ia convidá-lo.

Não, isso não resultaria. Uma coisa era certa sobre Phillip: tinha o seu orgulho. Mesmo que o convidasse, não apareceria. Além disso, precisava de se concentrar,

trabalhar num plano de negócio. A pessoa com quem mais queria falar no momento era Robin.

Nunca haviam tido um desentendimento. Claro que se afastaram ao longo dos anos, mas Libby lembrava-se de como se tinham ajudado enquanto colegas universitárias. Tornaram-se próximas novamente e ela detestava perder isso. Não sabia quantas vezes mais teria de lhe pedir desculpa.

Com energia renovada, Libby

quase não estava pronta para a passadeira abrandar. Queria continuar entusiasmada, conquistar novos objetivos, aventurar-se em territórios desconhecidos que nunca pensara explorar.

Para sua surpresa, Robin tirou os auriculares dos ouvidos.

– Ainda estou zangada contigo – disse, continuando a olhar em frente.

– Estás a falar comigo? – perguntou Libby.

– Não devia.

– Mas espero que continues a

fazê-lo. Sinto a tua falta.

Robin resmungou novamente tão baixo que Libby não conseguia perceber o que dizia.

– Eu lamento muito – sublinhou Libby. Se não fosse por mais nada, queria pelo menos que a amiga entendesse o quanto estava arrependida de a ter desiludido.

– Claro que lamentas... Devias lamentar. – Robin baixou o ritmo da passadeira rolante, para ficar a par de Libby.

– Sei o quanto te expuseste por

mim e não quero que penses que o desconsidero.

Robin olhou de soslaio para ela e soltou um risinho:

- Grande consideração.

- És a melhor amiga que tenho.

Mais resmungos de Robin.

- Também és a minha melhor amiga. Por isso é que é tão difícil ficar zangada contigo.

Libby olhou para o outro lado, escondendo um sorriso. Continuou a andar, mesmo depois de o programa estabelecido terminar. Estava definitivamente a ganhar

créditos, em termos de exercício.

– Há alguma coisa que eu possa fazer para te compensar? – perguntou.

– Não sei. – Robin continuou a andar, aumentando o ritmo. – Deixa-me pensar no assunto.

– Ofereço-te o pequeno-almoço – sugeriu Libby. – Compro dois croissants de manteiga no The French Cafe e faço-tos chegar pessoalmente ao tribunal.

Robin hesitou, claramente tentada.

– Muito calórico.

– Ah, está bem. Esqueci-me de que estamos as duas a tentar perder peso.

Passou-lhe pela cabeça referir que já tinha perdido um quilo, mas, caso isso não tivesse acontecido à amiga, era como esfregar sal numa ferida.

– E que tal um batido de frutas?

– É uma possibilidade.

A mulher na passadeira do outro lado abanou a cabeça, em sinal de reprovação.

– O que se passa com vocês? – perguntou. – Parece que estão na terceira classe. O que quer que seja, resolvam lá isso.

Libby estava demasiado atordoada para responder.

O mesmo não se passava com Robin.

– Meta-se na sua vida.

– Com todo o gosto. Mas não pude deixar de as ouvir e parecem duas miúdas de oito anos. Por amor de Deus, cresçam.

Ao ouvir a troca de galhardetes,

um treinador aproximou-se delas.

– Algum problema, minhas senhoras?

– De forma alguma – respondeu Libby, e fitou a outra mulher.

Acabou o tempo na passadeira e dirigiu-se aos balneários. Robin seguiu-a. Assim que entraram na zona dos cacifos, Libby desatou à gargalhada.

– O que tem tanta graça? – interrogou-se Robin.

– Nós – respondeu Libby, sacudindo a cabeça. – Estamos dispostas a discutir com uma

desconhecida para nos
defendermos uma à outra.

– Ela foi desagradável.

– Mas tu estás zangada comigo,
lembras-te?

– Estava... Estou. – Robin
admitiu, embora se tivesse
esquecido. – Mas continuas a ser
minha amiga.

– Oh, obrigada, obrigada! –
Libby resistiu ao impulso de a
abraçar. – Consegues encontrar
forma de me perdoar? – suplicou. –
És a melhor amiga do mundo e ia-

me destruir perder-te.

Robin parecia estar a considerar o seu pedido, enquanto voltava ao cacifo. Na sua cabeça, tinha rodado a chave na fechadura. Demorou três voltas a abri-la. Quando conseguiu, respirou fundo.

– Fazes-me uma destas outra vez e eu juro, Elizabeth Morgan, que vou pessoalmente atrás de ti para te dar uma tarefa.

– Nunca mais, prometo.

Robin abanou a cabeça, desgostosa.

– Embalar bebés?

– Eu sei, parece uma loucura, mas... Olha, até apareceu nas notícias.

– É de doidos. Tu és maluca.

– Devias experimentar fazer voluntariado lá, um dia destes – sugeriu Libby.

– Nem pensar – insistiu Robin. – Não faz o meu estilo.

– Alguma vez imaginaste que faria o meu?

Robin agarrou na toalha e encaminhou-se para o chuveiro.

– Não posso dizer que sim.

– Nem eu e, no entanto, é a coisa mais tranquilizadora e maravilhosa, sentares-te com aqueles recém-nascidos e cantares-lhes canções.

– Pobres coitados! Ainda nem saíram do hospital, já lhes estás a estragar a cabeça!

Libby riu-se e seguiu a amiga para o chuveiro.

– Provavelmente, vou deixar de o fazer em breve. O que aconteceu na entrevista mostrou-me como descarrilei nos últimos tempos.

Preciso de entrar nos eixos.

Só quando já estavam prontas para sair é que Libby referiu a ideia de abrir um escritório por conta própria. Hesitou e aguardou a reação da amiga. Sabia que ela seria franca. Se fosse uma ideia absurda, não hesitaria em dizer-lhe.

Robin levou algum tempo a remoer o que ouvira.

– Então, o que é que achas? – Libby odiava parecer tão ansiosa, mas valorizava muito a opinião dela.

Robin acenou, lentamente.

– Se alguém tem força para isso, és tu.

– Obrigada – murmurou, envergonhada com a sua necessidade de encorajamento e aprovação.

– Tens a certeza que consegues a Sarah?

– Absoluta. Ela diz que o ambiente no escritório está de cortar à faca. Toda a gente tem medo de ser despedida. A carga de trabalho duplicou e é suposto aguentarem o ritmo sem aumentos.

E ainda têm de se sentir gratos por sequer terem emprego.

Robin franziu a testa.

– Acontece o mesmo na Procuradoria. Tem sido um pesadelo, os cortes nos orçamentos. Não vais acreditar no que fizeram a semana passada – disse Robin. – Chamaram-lhe «o dia da amnistia».

– «Dia da amnistia»? – sublinhou Libby, perplexa.

– Sim. Se devolvesse ao gabinete, dentro de vinte e quatro horas, borrachas, cliques, coisas que

possas ter levado para casa sem intenção, não abriam processo.

– Estás a brincar – disse Libby, abanando a cabeça.

– Quem me dera. Mas agora, vamos voltar ao que interessa.

– Está bem.

Libby estava aberta a qualquer conselho que a amiga lhe quisesse dar.

– Onde vai ser o escritório?

– Ainda não sei.... Penso nisso depois.

– Não vais querer fazer da tua

casa um escritório – disse Robin. – Provavelmente há restrições em montar uma empresa tendo um apartamento como sede. Além disso, vai ser bom terminar o dia e realmente ir embora para casa.

Libby já pensara o mesmo.

– Preciso de encontrar um espaço para alugar.

– Não vai ser barato.

Libby também já o tinha levado em consideração.

– Essa é a parte má, mas também há boas notícias. Existem aqueles pacotes que incluem

rececionista e todo o equipamento necessário, fotocopiadora, fax, esse tipo de coisas.

– Mas tenho a Sarah.

– Achas que tens a Sarah – lembrou-a Robin.

– Tenho-a – insistiu. Das últimas vezes que falaram, Sarah passara metade do tempo a queixar-se e a contar-lhe as intrigas. Depois, falava sobre como tinha passado a detestar as suas funções desde que trabalhava para Ben Holmes.

– Liga-lhe antes de contactares

um agente imobiliário –
aconselhou-a Robin. Já vestida para
trabalhar, dirigiu-se à saída dos
balneários.

Libby deteve-a e surpreendeu-as
a ambas quando a abraçou por
breves instantes.

– A que propósito veio isso? –
perguntou Robin, visivelmente
abalada.

– Porque és minha amiga e
estou-te agradecida.

Robin endireitou o casaco à
frente e ajustou as mangas.

– Bem, ultrapassa isso.

Libby sorriu. Voltou a correr para casa e instalou-se no sofá, antes de pegar no telemóvel.

– Sarah – disse ansiosamente quando a antiga assistente atendeu. – Boa manhã de segunda-feira!

– Tenho novidades – respondeu Sarah, interrompendo-a.

– O que se passa?

Libby era toda ouvidos.

– Queria ligar-lhe no fim de semana, mas não consegui. Mrs. Reed deixou de ser cliente do

escritório. Ben fez asneira, e ela disse ao Hershel que estava farta. Isto nunca teria acontecido se a Libby ainda trabalhasse cá.

– Mrs. Reed abandonou-vos?

Isto significava que tinha de se mexer depressa. A primeira coisa que tencionava fazer era ligar à velha senhora, provavelmente ainda essa tarde, e marcar um encontro com ela. Considerava-a a avó de que não se lembrava. Avançada nos seus oitentas, a viúva fora frugal e sensata em relação ao dinheiro a vida toda e agora era

rica. Embora fosse exigente, tinha sido maravilhoso trabalhar com ela e Libby sentia saudades. Ninguém fazia farinha com aquela senhora.

– Sim, e Hershel não está nada satisfeito.

Libby podia imaginar. Mrs. Reed era uma cliente muito importante e Hershel optara por manter Ben em detrimento dela, apesar de nem lhe chegar aos calcanhares como profissional. O grande trunfo de Ben era ter trazido dois grandes clientes para o escritório. Os clientes

angariados por Libby eram insignificantes, quando comparados.

Tinha de saber, tinha de perguntar.

– O meu nome veio à baila?

Sarah hesitou.

– Lamento, mas não.

Bem, não conseguia ficar muito desiludida. Tinha os seus próprios planos e eram em grande.

– Também lhe estou a ligar com novidades – disse Libby, fazendo um péssimo trabalho a disfarçar a impaciência.

– Arranjou emprego.

– Não. – E acrescentou rapidamente: – Decidi abrir o meu próprio escritório.

A reação de Sarah foi imediata:

– Isso é maravilhoso, Libby!

O entusiasmo da assistente era tranquilizador.

– Gostava de lhe propor o lugar de minha secretária e assistente.

– Dois trabalhos?

– Só no início – Libby achava que não demoraria muito até conseguir contratar outra pessoa e

explicou isso mesmo a Sarah. – Preciso de me estabelecer primeiro, mas acho que é uma questão de meses.

– Tem a certeza que consegue tudo isso em tão pouco tempo?

– Absoluta. O que lhe parece?

– Já tem um escritório?

– Ainda não. Liguei-lhe primeiro, mas o próximo telefonema será para um agente imobiliário. Vou mesmo avançar com isto, Sarah. Há meses que não se sentia tão entusiasmada.

Sarah hesitou.

– E clientes?

– Bem – explicou, baixando a voz –, tive uma dica sobre uma possibilidade...

– Teve?

Espantou-a que Sarah não tivesse percebido.

– Mrs. Reed.

– Ah, claro. Mas vai precisar de mais – frisou Sarah, como se Libby não tivesse chegado já à mesma conclusão.

– Eu sei e vou consegui-lo.

Pensou em todas as pessoas

que conheceria no hospital. Tinha cartões de visita impressos e distribuía-os no ginásio também. Bem, ainda no outro dia Robin lhe fizera uma pergunta acerca de uma procuração para a mãe. Meu Deus, ia ser fantástico!

– Está numa de alinhar? –
desafiou Libby.

– Preciso de pensar e de conversar com o Vaughn.

– Claro.

Libby entendia que Sarah quisesse discutir o assunto com o marido.

– Dou-lhe uma resposta em breve.

– Fantástico – respondeu Libby.

Naquele momento, a vida parecia-lhe perfeita. Esperançosa. Porém, mesmo no meio de tanta alegria e entusiasmo, alguma coisa faltava. Ou melhor, alguém.

Phillip.

Capítulo 20

– Mãe, temos de fazer alguma coisa para ajudar a Ava – argumentou Casey, enquanto Lydia preparava o jantar. Ava e Casey tinham passado a tarde juntas no quarto dela.

– Ela passou a tarde a chorar. Vai ter um bebé e não sabe o que fazer.

Também Lydia tinha vontade de chorar. A pobre rapariga precisava desesperadamente de apoio.

– Ela tem acompanhamento de alguma assistente social?

Se a avó era a pessoa com a sua guarda legal, então os Serviços Sociais do Estado podiam ter designado alguém para acompanhamento.

– Não sei, e duvido que a Ava saiba.

Casey parecia estar também à beira das lágrimas.

– Ava está com medo do que possa acontecer quando a avó descobrir do bebé.

Lydia só tinha encontrado a avó de Ava uma vez e não fora agradável. Tinha ido buscá-la para levar as miúdas ao cinema e achou que estava na altura de conhecer a avó. Darlene tinha acabado de chegar do trabalho e implicou com Ava e o irmão. Fez questão de se queixar do preço dos bilhetes de cinema. Lydia assegurou que os pagava. A senhora resmungou um

agradecimento, mas não pareceu interessada em conversar. Lydia saiu poucos minutos depois.

– Deixa-me falar primeiro com Ava – disse Lydia.

– Mãe, ela não quer falar com ninguém, muito menos sobre o bebé.

– Onde é que ela está?

– Teve de ir para casa, não fosse a avó voltar do trabalho. Se a Ava e o Jackson não estão lá, fica zangada. Não os quer a darem voltas pela vizinhança.

Lydia não sabia o que fazer ou

dizer para ajudar.

– A Ava vai comigo à retrosaria amanhã de manhã. Contou-me que a Libby vai lá estar.

Ainda bem. Ava confiava em Libby. Talvez a advogada soubesse como lidar com a situação. Lydia sentia-se completamente perdida.

– Acho que a Libby quer levar a Ava ao médico – continuou Casey –, mas não sei se ela vai, porque tem medo que a avó descubra.

– Irá descobrir de qualquer maneira.

Lydia não sabia como Ava tinha conseguido esconder a gravidez durante tanto tempo.

– Tens de ser tu a contar, mãe – insistiu Casey.

– Eu?

Lydia preferia fazer qualquer coisa, a contar à avó de Ava que a sua neta de treze anos estava grávida. Darlene Carmichael já tivera de lidar com a perda da filha, assumira a responsabilidade de criar os netos e agora isto. Era de mais.

– Assim já podia ir ao médico.

– Querida...

– A avó precisa de saber. Vai ficar zangada, eu sei, mas tens de lhe contar. Como é que te sentirias se alguma coisa de mal acontecesse a Ava porque ninguém a ajudou a dizer a verdade à avó?

A filha tinha razão. Era visível o resultado de a deixar passar várias tardes por semana com Libby. Casey já conseguia argumentar como uma advogada.

– A Ava está assustada, mãe.

Não estarias? Disse-lhe que mais valia resolver as coisas agora do que continuar com medo. Não faz bem ao bebé.

Lydia concordou com Casey que estava na altura de a avó de Ava saber a verdade. O que a apavorava era ter de ser ela a contar. Mrs. Carmichael iria ficar muito aborrecida, mas depois ajudaria Ava a lidar com a gravidez. A rapariga precisava de acompanhamento médico e a família de tomar uma decisão sobre o bebé.

– Falas com a avó dela? – voltou Casey a perguntar.

Lydia apercebeu-se que era a melhor escolha. Pelo menos, Mrs. Carmichael já a conhecia.

– Tenho de falar com o teu pai primeiro.

Depois dos pratos levantados da mesa, Lydia abordou o assunto com o marido. Casey saiu com o irmão uns minutos e, quando regressaram, os pais tinham decidido que Lydia devia falar com Darlene Carmichael. E não havia

melhor altura do que a presente.

No caminho, Lydia pensou longa e seriamente sobre a melhor forma de dar a notícia à senhora.

Em jeito de oferta de paz, levou um prato de bolachas de aveia que tinha feito com a ajuda de Casey nessa manhã. Tinha esperança de que as bolachas ajudassem a adoçar-lhe o humor.

Quando se aproximou da casa, Jackson, o irmão mais velho de Ava, estava cá fora sozinho a jogar basquetebol na entrada do vizinho. Não reparou nela.

Lydia tocou à campainha.

Tinha o estômago num nó e murmurou uma prece, pedindo a Deus que lhe concedesse as palavras certas. A porta abriu-se e viu Darlene Carmichael do outro lado da portada. Franziu os olhos até ver o prato de bolachas.

– Olá, outra vez – cumprimentou Lydia. – Sou Lydia Goetz, a mãe de Casey. Conhecemo-nos há uns meses.

– Lembro-me.

– Importa-se que eu entre por

alguns minutos?

Darlene hesitou antes de destrancar a porta, abrindo-a a Lydia. Quando entrou, o cheiro a tabaco era avassalador. A avó de Ava conduziu-a à sala de estar e afundou-se numa cadeira reclinável. Ao lado, na mesa de apoio, estava uma lata de cerveja.

O sofá estava coberto com o que parecia ser uma colcha velha. Alguma coisa tinha sido entornada ali e deixada a secar. Lydia pousou o prato de bolachas e sentou-se ao fundo do sofá, mesmo à ponta, o

máximo que pôde arriscar-se.

– Peço desculpa por ter aparecido sem avisar.

Lydia esfregava as mãos com nervosismo.

– Espero que Ava não se tenha tornado uma parasita.

– De forma alguma. – Lydia rebateu rapidamente. – Gostamos imenso da companhia dela. É uma excelente rapariga.

O olhar de Mrs. Carmichael desviou-se da televisão e surgiu um princípio de sorriso que lhe

contagiou o olhar.

– Parece-se muito com a minha filha. Às vezes... – hesitou, continuando depois: – Às vezes, ao olhar para ela, acho que é a Gaylene; depois lembro-me que já morreu. Sinto a falta dela, sabe.

Tinha uma voz rouca de fumadora que rapidamente se transformou em tosse. Agarrou no cinzeiro que estava ao lado da lata e bateu várias vezes com a beata no vidro.

– Tinha deixado de fumar há dois anos e voltei só depois de

enterrar a Gaylene... Tenciono deixar novamente, mas estou sempre a adiar. Sei que me faz mal e que é um péssimo exemplo para a Ava e o Jackson, mas por agora preciso dos cigarros.

Tossiu outra vez, tão violentamente que por momentos Lydia achou que tinha de lhe dar umas palmadas nas costas. Quando a tosse parou, disse:

– A Ava e a Casey passaram muito tempo juntas este verão.

– Foi o que me pareceu. A Ava

tricotou umas quantas pegas de cozinha; não ficaram nada mal. – Darlene mantinha o olhar fixo na televisão. – Ela contou-me que lhe deu as lãs.

A última parte da frase dava a entender que tinha receio de que Lydia lhe viesse cobrar, mas esta não tinha qualquer intenção de ser reembolsada.

– Dei sim... Sobraram de outras peças que fiz. Fico contente que tenham sido úteis.

Lydia sorriu, orgulhosa de tudo o que Ava alcançara nas últimas

semanas.

– A Ava também aprendeu a fazer croché. É uma rapariga que aprende rápido, na verdade.

Resistiu ao impulso de ficar a fazer conversa, em vez de abordar o assunto que a tinha trazido ali.

Uma porta abriu-se. Ava surgiu e ficou gelada ao ver Lydia. De onde estava, a avó não conseguia vê-la, o que era bom sinal porque os olhos de Ava estavam esbugalhados. Não parecia possível que ficasse ainda mais pálida, mas

ficou.

Lydia virou a cara.

– A Ava esteve esta tarde na retrosaria e referiu-se à sua preocupação com o facto de ela estar a ganhar peso.

Ava deu dois passos em frente e fez sinal para que não contasse nada, mas Lydia ignorou-a na medida do possível.

Ava entrou na sala.

– Olá, Mrs. Goetz – disse.

– Goetz é o seu apelido? – perguntou Darlene, desviando o olhar da televisão.

– O meu apelido de casada.

Ava pôs-se praticamente à frente de Lydia, suplicando-lhe com o olhar para não contar nada sobre a gravidez.

– Conhece Ronny Goetz? – perguntou Darlene a Lydia.

– Não, lamento. Posso perguntar ao meu marido, se quiser.

– Pergunte. O Ronny pediu-me cinquenta dólares emprestados e nunca me pagou. Não o vejo há seis meses. Devia ter-me prevenido, mas ele tinha uma

história tristíssima, e deixei-me levar.

– Ah, lamento, mas nunca ouvi o Brad referir-se a ninguém das relações dele com esse nome.

– Goetz é um nome fora de vulgar. Se o seu marido for familiar dele, agradecia um número de telefone. Não sou a única a quem o Ronny deve dinheiro, por isso gostava de chegar a ele antes dos outros.

– Vou falar nisso ao Brad.

– Ficava-lhe grata.

– Voltando ao que estávamos a

falar antes...

– Posso trazer-te alguma coisa, avó? – perguntou Ava, interrompendo a conversa.

– Uma cerveja. E para si? – dirigiu-se a avó a Lydia.

– Nada, obrigada.

Ava hesitou.

– Não fiques aí especada, como um galo no poleiro. Traz-me outra cerveja.

Darlene mostrou uma expressão constrangida.

– Outro mau hábito. Tenciono

deixar de beber, também. Só bebo duas cervejas por noite. É o meu limite. Na verdade, não posso pagar mais do que isso.

Ava foi rapidamente à cozinha e voltou com uma lata de cerveja. Entregou-a à avó.

– Podes dar-ma aberta, sabes – queixou-se Mrs. Carmichael, ao tirar a lata da mão da neta. – Tenho artrite nas mãos. Quem me dera que aprendesses a ser mais atenciosa.

– Desculpa, avó.

Darlene refilou entredentes.

Entregou a lata vazia a Ava e deu um gole na lata cheia.

– Estava a contar-lhe que parece que a Ava ganhou algum peso ao longo do verão – comentou Lydia. – E eu...

– Tenho-lhe dito a mesma coisa.
– Mrs. Carmichael interrompeu-a. – Tentei pô-la a fazer dieta mas, pelos vistos, não resultou.

– Acho que sei a razão pela qual ela engordou – disse Lydia, falando rapidamente. Recusava-se a ser impedida de continuar. Ou

prosseguia ou perdia a coragem.

– Também eu.

Lydia endireitou-se.

– Sabe?

– Não faz exercício suficiente.

Passa metade do dia no quarto e rouba doces da cozinha. Garanto-lhe que a Ava e o Jackson comem tudo o que apanham à frente. Acham que o dinheiro cresce nas árvores, ao que parece. A semana passada, gastei mais de cem dólares em comida. Não consigo sustentar isso, e agora precisam de roupas novas para a escola. O

Jackson quer fazer desporto e arranhou um médico. Essas consultas não são baratas.

Abanou a cabeça, mostrando-se assoberbada com tantas obrigações.

– Acho que o peso que ela ganhou se deve a mais do que lanches entre as refeições – insinuou Lydia.

– Ah sim? – Darlene Carmichael franziu a testa.

– Receio que Ava... – Lydia calou-se e ganhou coragem. – Na

verdade, acho que Ava pode estar grávida.

– A Ava, grávida? – riu-se a avó como se tivesse ouvido uma piada sem graça. – Não pode ser, só tem treze anos.

– Eu sei. Mas é a verdade e ela precisa de ser vista por um médico.

Darlene pôs-se de pé e esperou apenas o tempo de dar um gole na lata de cerveja. Depois, gritou o nome de Ava, que tinha saído há pouco da sala.

– Ava, vem cá!

A sua voz esganiçada ecoou pela

casa como uma sirene. Nada.

– Ava – gritou novamente, desta feita de forma mais ameaçadora. – Chega aqui, agora!

A porta do quarto abriu-se e a rapariga caminhou pelo longo e estreito corredor. A avó foi ter com ela a meio caminho, agarrou-a pelo braço e praticamente arrastou-a para a sala. Levou-a até à frente de Lydia. Ava estava envergonhada.

Lydia queria gritar a Darlene que soltasse a rapariga, mas sabia que não ia adiantar.

– Estás grávida? – perguntou Darlene à neta.

As lágrimas corriam pela cara de Ava, ao responder:

– Não, avó.

Darlene largou o braço de Ava, como se aquilo fosse tudo o que precisava ouvir.

– O que é que lhe disse? – declarou calmamente. – A miúda come de mais. Não é verdade? – A pergunta era dirigida a Ava.

– Sim – murmurou a rapariga, mantendo a cabeça baixa.

– E fique a saber que não aprecio que venha a minha casa com acusações. Trato da minha família e a minha neta não anda por aí a dormir com rapazes.

– Não quis insinuar...

– Sei que devia ter boas intenções – continuou Darlene, interrompendo Lydia. – Mas não gosto que se meta nos assuntos da minha família. Se a Ava afirma que não está grávida, eu acredito nela. Não sei o que a fez pensar que a minha neta ia ter uma criança, mas

é a coisa mais absurda que já ouvi.
Agora, agradeço que se retire.

– Eu... eu...

Darlene encaminhou-se para a saída e ficou a segurar a portada.

– E olhe, Mrs. Goetz, se eu ouvir algum boato de que a minha neta anda por aí a dormir com rapazes, já sei de onde vem. Por isso, acho bem que não ande a espalhar coisas sobre a minha Ava, percebeu?

– Claro. Nunca o faria.

– Agora está na altura de sair.

Lydia pegou na mala e levantou-

se.

– Compreendo. Peço desculpa, não queria perturbá-la, Mrs. Carmichael.

– Já conheci outros intrometidos, a pôr o nariz na vida de toda a gente, com ar de bons vizinhos – disse Darlene, mantendo a cara fechada o tempo todo. – A trazer bolachinhas... Pode levar esse prato consigo. Não queremos e não precisamos. O mais provável seria Ava comer tudo sozinha e depois você ainda me aparecia aqui

a contar que ela ia ter gémeos.

Lydia foi-se embora. Parou e olhou para trás, notando que Darlene ainda estava à entrada, como se quisesse garantir que ela não se demorava.

– Mrs. Carmichael, se mudar de ideias sobre Ava, sintá-se à vontade para me ligar. Quero ajudar.

A avó de Ava mostrou-se ainda mais irritada.

– Acho que já fez mais do que o suficiente.

Com o coração pesado, Lydia meteu-se no carro e voltou para

casa. Quando entrou na cozinha, Casey e Brad esperavam-na.

– Então? – perguntou a filha.

– Como correu? – interessou-se Brad.

Não havia necessidade de dourar a pílula.

– Foi terrível, simplesmente terrível – murmurou.

Lydia já sentia pena de Ava antes, mas agora que tinha conhecido a sua vida familiar, tinha vontade de chorar. No dia seguinte, falaria com Libby, para verem o que

podiam fazer pela pobre e doce
Ava.

Capítulo 21

Libby entrou no A Good Yarn às dez e um quarto. Não queria parecer muito ansiosa, mas estava entusiasmada por falar com Ava. Embora os progressos fossem lentos, conseguia perceber que existiam.

– Bom dia – cumprimentou Libby, ao entrar na loja. Dirigiu de

imediatamente o olhar para o fundo, onde normalmente estavam Ava e Casey. A mesa estava vazia.

– Ainda bem que chegaste tão cedo – disse Lydia, contornando o balcão e pegando-lhe na mão. Tinha olheiras profundas, como se não tivesse dormido bem.

– Lydia, o que aconteceu?

A outra mulher parecia prestes a desfazer-se em lágrimas.

– Oh, Libby, acho que cometi um erro terrível.

Dirigiu-se ao fundo da loja e

entrou no escritório, onde preparou um chá.

– Sinto-me sempre melhor ao tomar uma chávena de chá.

Automaticamente, agarrou em duas chávenas.

– Onde estão a Casey e a Ava? – quis saber Libby. Afinal, Ava tinha-lhe dito que estaria na retrosaria nesse dia e agora nem sinal das raparigas.

– Eu sei, eu sei. A Ava esteve lá em casa ontem à tarde – explicou Lydia. – Passou a maior parte do tempo no quarto da Casey a chorar

desalmadamente.

– Porquê? O que aconteceu? –
Libby ficou logo agitada.

– Acho que falaste com ela... no dia em que a levaste a almoçar...

– Sim. Fiz alguma coisa que a aborrecesse?

– Não... não foi nada que tenhas feito. Francamente, acho que a Ava só percebeu que estava grávida quando lhe contaste.

– Era o que eu receava.

Manifestamente, a gravidez da rapariga estava avançada nos

meses. Quando discutira o assunto com Phillip, ele considerara que talvez estivesse a caminho do oitavo mês. O bebê devia estar a aumentar e a mover-se.

– E agora está assustada. O maior receio dela não parece ser com a sua saúde ou com o bem-estar do bebê. Parece mais preocupada com o que avó vai fazer quando descobrir.

– Oh, não.

Libby sentia-se mal e perguntou-se o que poderia fazer para ajudar.

– Casey convenceu-me a ir a

casa da avó de Ava e falar com ela – continuou Lydia. – Achou que assim Ava podia ter o acompanhamento médico de que precisava. Tudo o que a pobre rapariga fazia era preocupar-se em esconder a gravidez da avó.

Libby já antecipou o que se passara.

– Contaste à avó, não foi?

– Tentei. Não foi uma tarefa que desejasse. Falei com Brad, e ambos achámos que provavelmente eu era a pessoa indicada. A Ava confia em

ti, mas nunca te cruzaste com Darlene Carmichael e achámos que ela aceitaria melhor uma notícia destas vinda de alguém que já conhecesse.

Libby concordou.

– Como correu?

– Não podia ter sido pior...

– Oh, querida.

Lydia retirou o bule e levou o recipiente de cerâmica para a mesa, pousando-o junto às chávenas vazias.

– Oh, Libby, não podes imaginar como foi terrível – desabafou Lydia.

– A Ava mencionou que a avó a chateava por estar a engordar e foi por aí que abordei o assunto.

Libby assentiu, esperando incentivá-la.

– Quando sugeri que havia uma razão para Ava ter engordado e lhe disse do que estava desconfiada, ela arrastou a Ava para a sala e perguntou-lhe abertamente se estava ou não à espera de bebé.

– O que é que a Ava respondeu?

– Negou. Nem a censuro. Provavelmente, eu teria feito a

mesma coisa.

– Por outras palavras, a avó recusou-se a acreditar?

Lydia confirmou, com um gesto de cabeça, os olhos castanhos ingénuos espelhando tristeza.

– Defendeu que Ava estava só gorda e que eu era uma intrometida... e basicamente ameaçou-me, caso eu comesse a espalhar boatos de que a neta andava por aí a dormir com rapazes...

– Credo!

Libby sentiu-se pessimamente

pela amiga e por Ava também.

– Mas ainda há pior...

– O que queres dizer com isso?

Lydia sentou-se e serviu o chá.

– Esta manhã, a Casey ligou à Ava a dizer-lhe que estávamos a caminho para a ir buscar, pedindo-lhe que estivesse pronta quando chegássemos.

– E?

Libby receava já saber o que se seguia.

– A Ava respondeu que não podia vir. A avó proibiu-a de estar

connosco.

Libby ficou sem palavras.

– Talvez eu devesse passar lá em casa esta manhã – sugeriu.

Falando com Ava e assegurando-lhe que tudo ia correr bem, era possível que a rapariga aceitasse a oferta de uma consulta. Falaria com Sharon antes e pediria uma recomendação de uma obstetra mulher, porque achava que Ava se sentiria mais confortável assim. Numa situação normal, teria pedido a Phillip, mas já não podia, nem se permitiria fazê-lo. Mesmo

agora, nunca parava de pensar nele.

– Estarias disposta a visitar a Ava? – perguntou Lydia. – Sentia-me muito melhor se fosses lá.

– Claro que sim.

Deu pequenos goles no chá e pegou no material de tricô. Quando estava assim enervada, fazia-lhe bem deitar mãos à obra. Se bem que não tinha a certeza como iria funcionar aquele seu novo hábito no escritório, numa situação que envolvesse um cliente. Imaginar-se

a pegar no seu tricô no meio de uma discussão jurídica arrancou-lhe um sorriso.

– Sinto-me muito mal – murmurou Lydia, agarrando a chávena com as duas mãos.

– Fizeste o que estava ao teu alcance – tranquilizou-a Libby. – Duvido que tivesse corrido melhor, fosse quem fosse a dar a notícia à avó de Ava. Por ora, pode escolher negar a gravidez da neta, mas em breve terá de aceitar a verdade.

– Mas e até lá?

A adolescente também era a

maior preocupação de Libby.

– Farei o que puder para ajudar Ava.

A campainha soou sobre a porta, anunciando uma cliente. Lydia atendeu-a e depois voltou para a mesa.

– Onde está a Casey? – inquiriu Libby. Gostava de falar com a filha de Lydia. Talvez pudesse perceber alguma coisa através dela.

Lydia pegou no seu próprio tricô.

– Está com a minha mãe. Elas têm uma ligação especial. Casey

nunca soube nada dos avós de sangue, e adora ouvir as histórias da minha mãe. Simplesmente adora passar tempo com a avó, o que é bom para as duas. Mas preocupo-me... – Não terminou a frase.

– Com o quê?

– A saúde da minha mãe deteriorou-se e não consigo evitar preocupar-me como a Casey vai reagir à perda quando ela... morrer.

A voz soou quebrada, à medida que murmurava a segunda parte do comentário, como se tivesse dificuldade em encarar a

possibilidade da vida sem a mãe.

– Não percas tempo a pensar nisso – sugeriu Libby. A sua própria mãe costumava dizer-lho. – Temos muito com que lidar a cada momento. Não precisamos de nos sobrecarregar com as preocupações do dia seguinte.

As mãos de Lydia permaneceram pousadas sobre o colo.

– Tens razão.

A porta de trás, que dava para o beco onde o pessoal da loja

estacionava, abriu-se e Margaret entrou. Sorriu quando viu Libby. Depois de cumprimentar toda a gente, Margaret guardou a mala, pegou numa chávena e juntou-se a elas na mesa. Em pouco tempo, as três estavam a conversar, interrompidas de vez em quando por uma cliente.

Depois de ficar a par dos acontecimentos da noite anterior, Margaret ofereceu a Libby palavras de conforto e, basicamente, concordou com ela. Não faria diferença o mensageiro da notícia,

a reação de Darlene seria sempre a mesma.

– A Ava vai ouvir-te – garantiu a Libby. – Ela admira-te.

Ficou contente com o apoio. Estava a precisar.

Permaneceu na loja até à hora de almoço.

– Vou comprar qualquer coisa para comer e para levar a Ava – declarou. Ao juntar os objetos de tricô e a mala, sentiu uma onda de afeto por aquelas duas mulheres que se tinham tornado suas

amigas.

Passar duas horas numa retrosaria seria impensável apenas alguns meses atrás. Quando o escritório arrancasse, provavelmente também não teria muito vagar para o fazer.

Nos últimos anos, não dedicara muito do seu tempo a cultivar amizades. Simplesmente, não havia horas bastantes num dia para trabalhar tanto e tão empenhadamente como ela fazia e ainda ter vida social. As suas novas amigas davam-lhe sentido de

pertença, de comunidade. Libby sabia que podia falar com Margaret e Lydia sobre os seus problemas e que elas iriam escutá-la, escutá-la realmente, porque lhe desejavam o melhor.

Phillip também.

O seu ânimo esmoreceu, ao pensar nele. Não que alguma vez tivesse deixado de o fazer.

Phillip fora outra grande e boa surpresa, mas em vez de o valorizar pelo presente que era, tinha estragado tudo, o que

honestamente era o normal nas suas relações com os homens. Só se podia culpar a si própria, mas ainda assim sentia uma mágoa profunda e um sentimento de perda muitíssimo intenso. Não conseguia deixar de pensar se já seria muito tarde para corrigir as coisas com ele. Queria tentar, mas tinha receio.

A caminho da porta de saída de A Good Yarn, Libby olhou para o telemóvel para verificar se não tinha perdido chamadas de Sarah sem querer. A assistente dissera-

Ihe que responderia à proposta de trabalho depois de conversar com o marido. Libby esperava uma chamada dela a qualquer momento.

Nada. Seguramente, teria notícias de Sarah até ao fim do dia.

Depois de passar pelo The French Cafe para ir buscar dois almoços, Libby meteu-se no carro e verificou a morada que Lydia lhe dera para chegar a casa da avó de Ava. Seguiu a vozinha do GPS para a Jefferson Street e estacionou em frente a uma casa branca e simples.

A primeira coisa em que reparou foi no pátio, que precisava de ser arranjado. Nos canteiros só cresciam enormes ervas daninhas. O contraste entre aquela casa e a que ficava mais próxima era gritante. O relvado ao lado estava tratado, com flores coloridas suspensas em cestos. Dois rapazes estavam sentados nas escadas da entrada e um deles segurava numa bola de basquetebol.

Libby abriu a porta do carro e saiu. Atravessou a passadeira de

cimento estalado que conduzia à porta principal e tocou à campainha. Ninguém atendeu logo, por isso bateu com os dedos na madeira.

Um dos rapazes atravessou o relvado em direção a ela.

– O que quer que esteja a vender, nós não queremos comprar.

Libby sorriu ao jovem, que aparentava ter uns quinze anos, talvez um pouco mais.

– Estou aqui para falar com Ava.

– Porquê? – perguntou ele. Pôs a bola debaixo do braço e olhou

para Libby, desconfiado.

– Sou amiga dela. Diz-lhe apenas que a Libby está aqui.

O rapaz abriu um sorriso, revelando os dentes ligeiramente tortos.

– É a senhora que a levou ao restaurante, no outro dia?

– Sou eu mesma.

Ele relaxou de imediato.

– Ah! Olá, sou o Jackson.

– O irmão de Ava.

– O próprio – confirmou. – Entre.

Eu vou chamá-la.

Abriu a porta da frente e entrou mostrando o caminho.

– Ava! – gritou. – Tens visita.

Libby ficou no meio da sala e olhou à volta. Ao lado de um cinzeiro a abarrotar de beatas, estavam várias latas de cerveja vazias, junto a uma cadeira reclinável. Desviou a atenção para a cozinha. A mesa ainda tinha os pratos sujos do pequeno-almoço, taças com restos secos e uma caixa de cereais e, ao lado, uma embalagem de leite vazia. O lava-

loja estava repleto de pratos por lavar.

A porta do quarto abriu-se e Libby viu Ava dirigir-se a ela. Ava sorriu assim que a viu.

– Libby, o que está aqui a fazer?

– Pensei que nos íamos encontrar na retrosaria.

A cara de Ava mostrou tensão.

– A minha avó não me deixa voltar lá.

– Oh, querida, acho então que isso significa que passo eu a vir ter contigo. Já almoçaste?

Ava abanou a cabeça.

Jackson falou.

– Também não tomou pequeno-almoço.

Instintivamente, Libby percebeu porquê. Se não comesse, Ava perderia peso e a avó não suspeitaria da gravidez.

– Oh, Ava, precisas de comer.

– A avó acha que ela está a ficar gorda e tem razão – murmurou Jackson. – Mas não me parece acertado, porque ela mal come alguma coisa.

Libby resistiu ao impulso

imediatamente de abraçar a rapariga. Queria ajudá-la, protegê-la, mas as suas opções eram limitadas.

– Queres ir dar um passeio? – convidou-a Libby. – Ao parque ou perto do rio?

Os olhos de Ava iluminaram-se e depois subitamente baixou a cara.

– Não posso. Estou de castigo.

– O que é que fizeste?

– Nada – insistiu.

– A avó ficou zangada porque a mãe da Casey veio cá e descarregou na Ava – explicou Jackson. – Disse-lhe que não

achava justo e ela pôs-me de castigo também.

Um pequeno sorriso assomou aos olhos de Ava.

– Mas o Jackson ignorou-a.

– A avó está a trabalhar. Não sabe se fui a casa do Peter ou não. Certo?

Olhou para Libby, no sentido de obter uma confirmação.

– O meu pai sabia sempre – afirmou Libby. – Não sei como, mas ele sabia.

– Material de espionagem –

sugeri Jackson. – Mas a avó não tem dinheiro para isso.

Libby não tinha a certeza do que ele estava a falar, mas supunha que seria de «câmaras escondidas». Libby duvidava que o pai tivesse acesso a esse tipo de tecnologia quando era uma adolescente.

– Talvez – condescendeu. – Eu trouxe almoço, de qualquer forma. Tens fome?

Pelo ar com que Ava ficou, dir-se-ia que sim.

– Salada – informou. – Com molho à parte.

– Acho que isso pode ser.

Ava foi para a cozinha e começou a limpar a mesa.

– Almoçamos e depois podemos conversar, está bem?

Ava lançou um olhar ao irmão.

– Não te preocupes, vou ter com o Peter – anunciou Jackson.

Ava ficou nitidamente aliviada.

– Está bem – disse baixinho, cruzando o olhar com o de Libby.

O almoço foi só um meio sucesso. Ava estava mais assustada do que nunca, mais pela reação da

avó do que por aquilo a que chamava «o bebé no estômago». Por muito persuasiva que Libby tenha sido, não conseguiu convencê-la a ir a uma consulta, tal era o medo que tinha que a avó descobrisse.

– Sabes o que vais fazer quando o bebé nascer? – perguntou Libby.

A resposta de Ava foi abanar a cabeça.

– O pai pode ajudar-te?

– Não.

A resposta fora imediata e direta, mostrando que aquele era

um assunto do qual não queria falar.

Até então, Libby evitara o tópico, tentando cimentar uma relação de confiança antes de o fazer.

– Se ele for maior de idade, preciso de saber – disse Libby com cuidado.

Ava levantou-se e afastou-se da mesa.

– Acho que se devia ir embora, antes de a minha avó voltar.

– Está bem.

Libby percebeu que era uma desculpa para evitar o assunto. Ficou hesitante, arrependida de ter referido o tema tão cedo. Havia uma série de questões importantes a tratar, incluindo saber se Ava continuava sexualmente ativa. Levou os restos do almoço, receosa de que a avó da rapariga pudesse desconfiar da presença de alguém, pelas caixas de comida.

Libby estava decidida a abordar o assunto com mais cuidado, da próxima vez que se encontrassem.

Capítulo 22

– Então, o que te respondeu a Sarah? – perguntou Robin, assim que se sentaram no Smoothie Bar, logo à saída do ginásio.

Aquele era um luxo raro. Normalmente, Robin saía a correr para o tribunal. A sugestão de beberem um batido de fruta juntas fora uma agradável surpresa.

– Não tive notícias dela –
esclareceu Libby.

– O quê?

Robin franziu a testa como se receasse uma coisa daquelas.

Libby também estava surpreendida. Esperara que Sarah aceitasse de imediato a sua oferta para fugir ao ambiente opressivo do escritório. Como tinha partilhado com Lydia, Sarah não era a amiga que em tempos julgou que fosse.

– Então, descarta-a.

Libby já o tinha mais ou menos

feito, embora não conseguisse deixar de pensar que ela mudaria de ideias. O que é que se costuma dizer sobre o eterno otimista? Libby não se lembrava, mas era impossível não acreditar que Sarah não considerasse seriamente a sua oferta de emprego. Se não estava escrito nas estrelas, então tudo bem. Embora adorasse trabalhar novamente com Sarah, passaria bem sem ela. Mesmo assim, aquilo incomodava-a.

Na verdade, a única coisa que a antiga colega tinha de fazer era

pegar no telefone e explicar a Libby que não se sentia preparada para aquela mudança. Seria difícil; mas não ligar de todo?!

A rapariga ao balcão entregou-lhes os batidos e Libby deu o primeiro gole.

– Eh lá, isto sabe bem – Robin recostou-se na sua cadeira e arqueou as sobrancelhas, surpreendida. – Nunca pensei ver o dia em que ingerisse espinafres crus de livre e espontânea vontade.

– Nem eu – concordou Libby. Se

ficasse mais saudável, plantaria relva no topo da cabeça.

– Então... – começou Robin, sugando o batido pela palhinha –, como está tudo entre ti e o Phillip?

Libby gelou. Tinha conseguido evitar o assunto até então. Ele também não aparecera mais no ginásio. Encolheu os ombros e admitiu:

– Já não estamos juntos.

A cara de Robin deixou transparecer o choque.

– Quando é que isso aconteceu?

– Há uma semana... depois da

entrevista. Disse-lhe que era uma distração para mim.

– Disseste-lhe o quê?

– Já sei, já sei.

Libby martirizara-se bastante desde então.

– Acho que é por isso que ele não tem vindo ao ginásio. Ou me está a evitar ou está de serviço no turno da cirurgia outra vez.

Tinha sabido, através de boatos que corriam no hospital, que Phillip tencionava estar presente num encontro de ténis com fins

solidários, para apoiar um médico seu amigo, responsável pela organização, chamado Scott Busbee. Libby pusera a hipótese de ir e reservar um lugar ao lado dele. A tentação era grande, mas seria demasiado óbvio.

Não o tinha visto mais, desde a fatídica tarde. Lamentava ter agido tão impulsivamente e agora não estava segura de poder reparar os estragos. Tinha ido tão longe, para afinal recuar quando mais importava.

– Vocês os dois andavam a

encontrar-se muito, não era?

Arranjavam sempre uma desculpa para se ver. Bem, já não.

– Sim.

– Estás arrependida?

– Claro. Como é que pude ser tão tonta? Sinto-me terrivelmente mal.

– Então diz-lhe isso. Engole o orgulho, se tiver de ser, mas age. De outra maneira, podes lamentá-lo para o resto da vida.

– Vou pensar – prometeu Libby, com intenção de cumprir. Algum dia

cruzar-se-ia com ele. Ou Phillip estava a evitá-la com notável sucesso ou o destino conspirava contra eles.

Robin ficou calada e manteve a cabeça baixa. Libby deu pequenos goles no batido. Nos últimos tempos reparara que as pessoas tendiam a perguntar aos outros o que queriam que lhes perguntassem a elas. Isso levou-a a questionar-se sobre o que se passaria entre Robin e Roy. A amiga só raramente se referia ao juiz e parecia que receava os

comentários de Libby, caso o fizesse.

– Então e tu e o... como é que ele se chama? – perguntou Libby, a fazer-se de parva. – Roy, não é?

Robin levantou a cabeça.

Olhos em alvo.

– Porque perguntas?

Libby fingiu-se indiferente e encolheu os ombros.

– Por nada.

Robin sorveu a palhinha com mais energia.

– Vejo-o quase todos os dias.

– Fabuloso.

– Sim, é fabuloso, mesmo – resmungou Robin sarcasticamente, pousando a bebida no balcão e arrastando a cadeira.

– Ouve, tenho de me ir embora. Até logo.

Levantou-se.

– Vejo-te na sexta? – perguntou Libby.

Robin assentiu.

Libby não sabia o que tinha acontecido entre Robin e o juiz dela, mas alguma coisa tinha sido,

para a amiga ter reagido daquela forma.

Phillip não foi ao ginásio o resto da semana. Sexta de manhã, depois de treinar com Robin, Libby tomou banho, mudou de roupa e encaminhou-se para o hospital para ir embalar bebês. Enquanto estava na tagarelice com Sharon, foi lançando um olho, para ver se Phillip aparecia, na esperança de o ver. Tinha tomado uma decisão: planeava falar-lhe, dizer-lhe que cometera um erro e pedir uma segunda oportunidade.

Só que ele não apareceu.

Até àquele dia, sempre se sentira melhor depois de estar com os recém-nascidos, mas estava uma pilha de nervos e os bebês rapidamente sentiram a tensão.

– Já viu o doutor Stone esta manhã? – Libby reuniu coragem para perguntar, quando já não aguentava mais.

Sharon abanou a cabeça.

– O doutor Stone não apareceu a semana toda e, francamente, isso espantou-me.

Mas não a Libby.

– Ele normalmente arranja uma desculpa para passar no berçário nos dias em que está cá.

Isso já tinha sido verdade, mas Libby desconfiava que já não era.

Depois de sair do hospital, Libby voltou para casa. Não se importou com o almoço. Sentou-se com o tricô, tentando organizar as emoções. Ao fim de um tempo, concluiu que estava muito entorpecida e perturbada para sentir alguma coisa além de tristeza

pela perda de uma promissora relação. Uma relação que ela arruinara por conta própria.

Phillip Stone não era a única pessoa que lhe ocupava a cabeça. Decidiu tentar entrar em contacto com Sarah uma última vez. Marcou o número direto do escritório, mas não foi Sarah que atendeu.

– Olá, fala Libby Morgan – apresentou-se. – É possível falar com Sarah?

– Lamento, a Sarah tirou o dia.

– Muito bem, obrigada.

Desligou o telefone. Tinha o

número de telemóvel dela, mas precisava de o procurar na agenda.

Depois de organizar as ideias por alguns momentos, Libby marcou o número da assistente. Tocou quatro vezes e foi para o gravador de mensagens.

– Olá, Sarah – disse, fazendo os possíveis por soar alegre e entusiasmada. – Não tive mais notícias suas. Se não me ligar até segunda, só poderei assumir que não está interessada na minha proposta de trabalho e tudo bem.

Desligou e depois sentou-se. Parecia que tinha estado a tentar nadar rio acima durante um degelo de inverno.

Sarah estava a revelar-se uma grande desilusão, mas Libby ficaria bem. A vida estava a correr-lhe lindamente; na verdade, mais do que lindamente.

Tinha amigos.

Tinha perspetivas.

Tinha à sua frente um futuro brilhante e estava disposta a aproveitá-lo ao máximo.

Olhou para o tricô mais uma vez e pegou-lhe.

Sarah Matto nem sonhava que estava a desperdiçar a oportunidade da vida dela.

Tinha sido preciso arranjar coragem para lhe ligar. Agora só faltava reunir forças para telefonar a Phillip.

Capítulo 23

A campainha tocou e Libby saltou do sofá, apressando-se para a porta. Deparou-se com Robin, tão triste e deprimida como ela. Sexta à noite, toda a gente estava a divertir-se, feliz, e elas sozinhas. Sem homens. Sem encontros marcados. Sem alegria.

Robin estava vestida com umas

calças de ganga e uma velha camisola da faculdade. Cabisbaixa, ombros caídos, parecia que tinha perdido a melhor amiga. Trazia um saco na mão.

– Trouxe alguns DVD, filmes antigos... – disse entredentes.

Libby abanou a cabeça. Recusava-se a ceder à autocomiseração. Ainda não se tinha cruzado com Phillip nem ganhara coragem para o contactar. Robin também estava infeliz, embora não confessasse os

motivos. Mas Libby era suficientemente esperta para ler nas entrelinhas.

– Não vamos ficar em casa numa festa de lamentos...

– Não?

– Nem pensar nisso. – Libby tinha um plano. – Já lá vai o tempo em que nos afogávamos em gelado para consolar as mágoas. Investimos demasiado esforço em perder calorias para cair nesse tipo de comportamento autodestrutivo. Já vi todas as comédias românticas uma dúzia de vezes e estou farta

de ver as outras mulheres conseguirem ficar com o namorado, enquanto eu fico sozinha e deprimida.

Robin estava de queixo caído, como se não estivesse certa de reconhecer a mulher à sua frente. Observar aquela reação da amiga deu a Libby ainda mais confiança.

– Não vamos ficar aqui a dar lenços de papel uma à outra, enquanto lamentamos as misérias das nossas vidas amorosas.

– Não vamos?

– Não – insistiu Libby, de pernas afastadas e mãos na cintura.

– Está bem – respondeu Robin, soando apreensiva.

– Qual é a coisa mais louca que te imaginas a fazer? Quero dizer, uma coisa completamente impensável para qualquer uma de nós?

– Ah... – O rosto de Robin franziu-se, enquanto ponderava. – Não sei... engatar homens num bar? Libby abanou a cabeça.

– Não. Homens não me

interessam, agora.

– Bem, exceto um em particular...

Levantou a mão, impedindo a sua digníssima colega de continuar.

– Não quero pensar no Phillip, ou em qualquer outro homem. Sabes qual é a coisa mais louca que acho que podíamos fazer?

Robin não fazia a menor ideia.

– Tenho medo de perguntar.

– Não tenhas. Vamos sair e fazer uma tatuagem.

Silêncio. E depois Robin disparou:

– Estás doida?

– Sim. Vamos fazer uma tatuagem.

– Nem pensar.

Libby não aceitava um não como resposta.

– Não precisa de ser num sítio que se veja.

– Queres fazer uma tatuagem no rabo?

– Ou no fundo das costas.

– Eu não – declarou Robin, abanando a cabeça de forma expressiva. – Faz tu, se quiseres.

Mas não há nenhuma hipótese de deixar alguém massacrar-me repetidamente com uma agulha.

Libby percebeu que Robin não estava a brincar.

– Tudo bem, mas preciso da tua companhia.

– Estavas a falar a sério?

Sentia dificuldade em acreditar que Libby ia mesmo fazer uma coisa daquelas.

Não era o seu estilo habitual, mas Libby estava mais do que preparada para uma coisa diferente, algo que quebrasse a

concha em que vivera a maior parte da vida. Endireitando-se ligeiramente, anunciou:

– Vou fazê-lo, com ou sem o teu apoio.

Robin arregalou os olhos.

– Não me desiludas – argumentou Libby. – O mínimo que podes fazer é ir comigo.

– Está bem, fico lá a ver, mas é tudo o que tenciono fazer.

Libby pegou na mala e agarrou a amiga pelo braço, conduzindo-a resolutamente para fora de casa.

Encontraram um estúdio de tatuagens ao lado de uma loja de pornografia. Apesar da localização, tinha bom aspeto. Robin hesitou em entrar e Libby teve praticamente que a arrastar.

– Já pensaste bem nisto? – advertiu Robin.

– Estou cansada de ser uma menina bem comportada – replicou Libby, ignorando o conselho da amiga.

– A loja ao lado também tem brinquedos sexuais...

– Ainda bem. Talvez possamos

aprender um truque ou outro...

Robin resmungou.

– Como se isso servisse para alguma coisa a alguma de nós.

– Bem argumentado, «sôtora».

Sem se deixar desencorajar, Libby entrou no estúdio de tatuagens. A artista, uma mulher, percebeu que estavam ambas nervosas. Depois de algumas perguntas, sugeriu que refletissem sobre o assunto.

– Vês? – sussurrou Robin, entusiasmada. – Até a mulher das

tatuagens reconhece que não somos as clientes habituais. Precisas de pensar bem nisto.

Libby já tinha decidido, mas não ia fazer nada precipitadamente. Aceitaram o conselho da tatuadora e encontraram um bar nas redondezas.

– Um bar não é o sítio ideal para esse tipo de decisão – argumentou Robin, quase aos berros, para se fazer ouvir por cima da música alta.

– Claro que é – respondeu Robin. – Não é que haja uma igreja por estes lados.

Três tequilas depois, Robin estava convencida de que ambas precisavam de uma tatuagem.

– Têm a certeza? – perguntou a artista quando elas irromperam loja adentro, uma hora mais tarde. – As duas? Pensei que era só uma de vocês que queria, há pouco.

– Eu também quero fazer uma – sublinhou Robin, de dedo em riste. – Só não sei de quê.

A mulher abriu um largo sorriso.

– Ok, minhas senhoras, é para já!

Libby foi a primeira. A tequila surtira efeito. Escolheu uma borboleta encantadora para o fundo das costas, engasgou-se com o preço e pagou na mesma. O que não previra fora a dor. Uma agulha pressionando repetidamente uma zona sensível era muito mais desagradável do que imaginara. Libby resistiu à tentação de gritar «Eu falo, eu falo», com receio de assustar Robin. Na verdade, a amiga surpreendera-a. Nunca pensara que alinhasse.

– Como foi? – perguntou Robin quando Libby terminou.

Sorriu levemente e brincou:

– Devia ter bebido quatro tequilas.

Robin não demorou tanto como ela. Não revelara o desenho escolhido e, quando saiu, Libby ficou chocada por descobrir que fizera a tatuagem na parte de dentro do pulso. À vista desarmada. Não era um desenho, mas antes um carácter chinês.

– O que significa? – perguntou

Libby à amiga, olhando para o elaborado símbolo.

– É... segredo.

– Segredo – repetiu.

– Não te perguntei sobre a tua.

– Está bem – concordou Libby, respeitando a privacidade da amiga.

Voltaram para o apartamento e, quase contra a vontade, falaram sobre a impossibilidade de entender os homens. Os machos da espécie humana eram instáveis. As mulheres tinham essa infelicidade.

Quando chegaram a casa,

afundaram-se no sofá. Libby chorou no ombro de Robin por causa de Phillip e sabia que a amiga também estava muito desanimada com a sua relação com o juiz, embora Robin ainda não lhe tivesse contado pormenores.

– Sabes que mais? – começou Libby, torcendo-se no sofá, porque as costas continuavam a doer-lhe. Felizmente, não vira a agulha.

– O que foi?

– Parece-me que se sou tua amiga o suficiente para fazeres

uma tatuagem comigo, também devias contar-me as tuas desventuras com os homens.

Robin hesitou e depois encolheu os ombros.

– Acho que é justo.

Libby endireitou-se.

– Conta, amiga – disse, pronunciando as palavras de forma atabalhoada. Não tinha comido muito e o álcool no estômago vazio subira diretamente à cabeça.

– Provavelmente, sabes o que sinto pelo Roy Bollinger – sussurrou Robin, quase como se tivesse medo

de dizer o nome dele em voz alta.

– O juiz Bollinger?

– Vá, diz lá – murmurou.

– Digo o quê?

– Que estou a perder tempo, que ele joga noutro campeonato e que estou a portar-me como uma totó de liceu atrás do menino bonito da equipa de futebol.

– Conhece-lo bem? – perguntou Libby.

– Nem por isso, na verdade. Trabalhámos juntos numa campanha política há anos e

estivemos em algumas comissões os dois, ao longo do tempo. A sala de audiências dele é ao fundo do corredor do meu gabinete. Faz sempre questão de me cumprimentar, encontrámo-nos numa angariação de fundos e... bebemos uns copos, uma destas noites. contei-lhe o que te aconteceu, na entrevista... e não falámos desde então. Bem, só de passagem.

Se Libby já se sentia deprimida antes, ouvir aquilo deixou-a ainda pior. Seria possível que a sua

desastrosa entrevista também tivesse prejudicado o caso da amiga com Roy? Parecia impossível que um homem se desinteressasse de uma mulher por algo tão insignificante.

– Oh, Robin, sinto-me tão mal.

Mais uma vez, Robin encolheu os ombros, como se o assunto não importasse.

– Não acho que tenha sido por isso. Pelos vistos, ele é que não está suficientemente interessado em mim para me ligar.

– Dizes que falaram no jantar de angariação de fundos?

– Estávamos na fila do bar. Não foi o caso de ele vir ter comigo de propósito, nada disso.

– E quando foram beber um copo?

– Nada. Pedimos cada um o seu copo de vinho, conversámos um bocadinho e foi só. Não me ligou mais. Acho que o assustei.

Libby duvidava sinceramente dessa hipótese.

– O que é que fizeste?

Parecia que Robin ia desatar a chorar.

– Foi só isso. Não fiz nada. Estava quase com medo de falar, não fosse dizer alguma coisa de que me arrependesse. O que se passa é que... gosto tanto dele e... fico constrangida e provavelmente envio os sinais errados.

Libby mordiscava o lábio.

– Bem, vamos lá tentar entender isto.

– Pensas que já não tentei?

– O que é que têm em comum,

além de trabalharem na mesma área e no mesmo edifício?

Robin esfregou as mãos.

– Bem, gostamos os dois do mesmo vinho, o pinot noir.

Libby bateu com o dedo nos lábios.

– O que estás a pensar? – perguntou Robin.

– Agradeceste-lhe?

– Agradecer-lhe?

– Por te ter indicado uma hipótese de trabalho para mim?

– Sim, mais ou menos...

– Uma garrafa de um excelente

pinot noir não seria adequada?
Quer dizer, ele fez-te um enorme favor. O mínimo que podes fazer é mostrar a tua gratidão.

– Sim, mas...

– Na verdade, porque não compro eu o vinho? Em sinal de agradecimento por tudo o que fizeste por mim.

Robin arregalou os olhos e depois recuperou a expressão normal.

– Achas mesmo que lhe devo oferecer vinho?

– Porque não?

Robin moveu a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse a processar a sugestão.

– Está bem, vou fazer isso.

– Telefona-lhe – insistiu Libby.

Levantou-se e foi buscar o telefone portátil que estava na cozinha.

– Agora? Já passa das nove!

Libby entregou o aparelho à amiga.

– Confia em mim, ele ainda está acordado. Sabes o número de casa?

Um pouco perturbada, Robin

assentiu com a cabeça.

Libby assumira uma missão, agora. Tinha o pressentimento de que ia correr tudo bem com Robin, muito bem mesmo. Se só uma delas pudesse encontrar o amor, queria que fosse Robin, especialmente desde que tinha feito asneira com a amiga.

Robin foi buscar a mala, que tinha deixado na entrada, e tirou o telemóvel.

– Tenho os números dele nos meus contactos.

– Isso é pensamento positivo –

incentivou-a Libby.

– Pensamento ilusório, queres tu dizer. – Depois de carregar no botão de chamar, desligou imediatamente. – Não consigo.

– Robin – suplicou Libby, gesticulando muito –, consegues e vais ligar, ou então ligo-lhe eu.

– Não te atreverias.

– Não me ponhas à prova, Robin Hamlin – ameaçou.

Engolindo em seco, Robin tentou outra vez, desta feita voltando as costas a Libby enquanto esperava

que ele atendesse.

– Oh, olá – cumprimentou Robin.

– É a Robin... Ah, reconhece a minha voz... Claro, falamos de vez em quando... Ótima, estou ótima... E consigo, tudo bem?

Libby só conseguia ouvir metade da conversa, mas mesmo assim estava muito divertida. Robin nem parecia ela. Estava obviamente tensa, nervosa e fora do seu elemento.

A amiga afastou-se para o outro lado da casa e saiu da vista de Libby. Parecia achar que se não a

visse, também não a poderia ouvir.

– Queria agradecer-lhe –
continuou Robin. – Oh, por favor, o
prazer seria todo meu... Não, eu
insisto... a não ser que prefira...
Está bem, claro... Estava a pensar
numa garrafa de vinho. Posso
mandar entregar-lha.

Libby abanou os braços no ar. A
ideia era ser Robin a entregar o
vinho pessoalmente. Ao que
parecia, a amiga precisava ainda de
mais treino em relações do que ela.
Libby não se apercebera do quanto

tinha aprendido nas últimas semanas.

– Sim, que atencioso. Gostaria muito... Está bem, onde quer que nos encontremos?... Sim, sei onde é. – Olhou para o relógio. – Até lá, então. – Desligou a chamada e virou-se muito devagar. – Ele sugeriu que nos encontrássemos para um copo.

– Quando?

– Hoje, às nove e quarenta e cinco, no bar ao lado do tribunal. Nunca lá estive, mas sei qual é.

Libby fitou a amiga.

- Não estás entusiasmada?
- Estou aterrorizada.
- Robin, basta seres tu própria.

Agora vai para casa mudar de roupa e liga-me logo de manhã.

Presumiu que a amiga quisesse ir a casa num instante vestir qualquer coisa elegante e bonita. Em vez disso, Robin ficou pregada ao chão, no meio da sala, com um ar perdido e confuso.

- Eu... Eu não me sinto capaz.
- Robin, queres conhecer melhor o Roy ou não?

A amiga suspirou e cobriu a cara com as duas mãos.

– Libby – sussurrou –, estou aterrorizada. Gosto mesmo deste homem. Quero dizer, gosto mesmo, mesmo dele; não quero estragar as coisas e tenho medo.

– Mas, Robin...

– Vem comigo.

Libby abanou a cabeça.

– Só podes estar a brincar. Levares-me contigo não vai aumentar as tuas hipóteses com ele. Se apareces com uma amiga

atrás, isso só o vai confundir!

– Não, a sério. Preciso que estejas comigo.

– Desculpa.

Robin tinha de fazer aquilo sozinha.

– Além disso, achas que ele quer encontrar-se com a pessoa que deu cabo da entrevista de trabalho que ele arranjou?

Robin contraiu os lábios.

– Não creio que ele vá fazer essa associação – disse ela –, e deves-me um grande favor.

– Oh, está bem – murmurou

Libby –, mas preciso de mudar de roupa.

– Despacha-te, não temos a noite toda.

– Está bem, está bem.

Os trinta minutos seguintes passaram a correr. Libby vestiu umas calças informais e uma blusa leve e depois foram à pressa para casa de Robin, onde ela percorreu três quartos do armário até se decidir por um vestido cor-de-pêssego que lhe assentava lindamente.

– É a primeira vez que o uso –
confessou a caminho da porta. – A
minha mãe ofereceu-mo num Natal
e enfiei-o dentro do armário. Era a
maneira dela me dizer para arranjar
uma vida.

– Olha para ti agora – provocou
Libby. – Tens uma vida, eu tenho
uma vida.

Uma semivida, na verdade.
Estavam a sair. Robin tinha um
encontro, embora tencionasse
pagar a conta e precisasse da
amiga para lhe segurar a mão.

Pequenos passos. Era disso que se tratava. Pequenos passos.

Chegaram alguns minutos depois da hora marcada e a pobre Robin estava quase em pânico. O juiz Bollinger já tinha uma mesa. Levantou-se, quando se aproximaram; de outra forma Libby não poderia identificá-lo.

O menino bonito da equipa de futebol do liceu? Era assim que Robin via o juiz? Era baixo, um pouco forte e careca. A beleza estava definitivamente nos olhos de quem ama, concluiu.

– Esta é a minha amiga... – disse Robin, apresentando-os. – Espero que não se importe que se junte a nós.

– Libby Morgan – declarou Libby, estendendo-lhe a mão.

Ele apertou-lha, mostrando-se impassível.

– Quantos mais formos, melhor. Senhoras, façam o favor de se sentarem.

Robin quase se desmoronou sobre a cadeira.

A empregada foi à mesa e

anotou o pedido. Dois copos de pinot noir e um copo de sauvignon branco para Libby.

– É a minha primeira vez aqui – confessou Robin.

– Na verdade, a minha também – admitiu Roy, acrescentando: – Desde que mudaram de nome, pelo menos. O negócio foi passando de mãos ao longo dos anos.

– Também é uma estreia para mim. – Mas Libby percebeu que nenhum deles lhe estava a prestar atenção.

– Sally e eu... – hesitou Roy. –

Sally era a minha mulher. Perdia-a para um cancro do cólon há alguns anos.

– Lamento muito – murmurou Robin, com a voz a vacilar.

Libby podia jurar que Robin estava à beira das lágrimas. A pobre rapariga estava mesmo apaixonada.

O vinho chegou e Libby bebericou um pouco. Olhou para o relógio.

– Não queria sair à pressa, mas...

Debaixo da mesa, Robin apertou o joelho de Libby com tanta força que não gritar de dor exigiu dela todas as suas forças.

– Acho... acho que posso ficar mais um pouco – disse, com os dentes cerrados.

Robin agradeceu-lhe, pronunciando as palavras sem som.

Libby estava contente por ter ficado. Algum tempo depois, Robin começou a relaxar. O segundo copo de vinho ajudou. Quando Libby voltou a sugerir que se ia embora, a

amiga já não protestou.

– Falamos amanhã – despediu-se, ao pegar na mala e levantar-se.

– Está bem – respondeu Robin.

Libby tencionava ligar-lhe logo pela manhã.

Estava uma bela noite, como era frequente em agosto, e Libby decidiu voltar a pé para casa. Sentia uma pequena dor no fundo das costas, da tatuagem recente, só e com saudades de Phillip. Se não conseguia resolver as coisas, supunha que teria de ultrapassar o assunto e seguir com a vida. Se não

fosse por mais nada, este longo período de desemprego provara-lhe que era uma sobrevivente. Mas esperava ardentemente que não chegasse a tanto. O que sentia por ele, mesmo ao fim de tantos dias sem o ver, não tinha paralelo com nada do que vivera antes.

Ao passar pela zona da baixa conhecida pela vida noturna, espreitou para vários bares. Nunca tinha ido àqueles sítios antes, talvez devesse começar... Mas, por outro lado, talvez não. Não eram os

lugares ideais para angariar clientes.

Mal este pensamento se tinha formulado na sua cabeça, a figura de Phillip Stone surgiu na noite. Libby viu-o do outro lado da rua; estacou e ficou a olhar para ele. Estava sozinho. O coração dela disparou. Aquela era a oportunidade por que esperava, a hipótese de lhe dizer que lamentava o sucedido e que sentia terrivelmente a falta dele.

Antes de conseguir chamar-lhe a atenção, a porta do bar abriu-se

outra vez e saiu de lá uma mulher alta e loira, que pôs o braço à volta da cintura dele e lhe sorriu.

Libby parou, gelada. Phillip não perdera tempo a encontrar outra pessoa.

Capítulo 24

Libby acordou sábado de manhã com o toque do telefone. A custo, abriu um olho e reparou que ainda nem eram oito. Pelos vistos, Robin estava tão entusiasmada que não podia esperar que fossem horas decentes para lhe ligar e contar como fora a noite com o juiz Bollinger. O garanhão. O menino

bonito. O homem dos sonhos de Robin.

– Espero que tenhas tido a noite da tua vida, para me estares a ligar tão cedo – resmungou Libby ao atender.

– Libby?

Libby levantou-se de repente, sacudindo os lençóis de cima de si, assim que percebeu quem lhe ligava.

– Ava?

– Acordei-a? – a rapariga baixou a voz, como se tivesse receio de ser

escutada.

– Nem por isso. Estava só aqui deitada, a pensar que me devia levantar.

Sábado era o único dia da semana em que Libby se permitia dormir até mais tarde. Mesmo assim, raramente se levantava depois das oito. A noite passada tinha dado voltas na cama durante horas, incapaz de tirar da cabeça a imagem de Phillip com outra mulher. Bater na almofada não a tinha aliviado e ver programas de televisão madrugada dentro

também não produzira qualquer efeito. Pelo que sabia, não era provável ter adormecido antes das quatro da manhã.

– Desculpe, mas se não lhe ligo a esta hora, depois a minha avó acorda e pode ouvir-me.

– O que se passa?

Libby sabia que o assunto era grave, ou Ava não arriscaria ligar.

– Uma senhora da Proteção de Menores falou com a minha avó... Disse-lhe que quer que eu vá ao médico e está a tratar de marcar

uma consulta o mais rapidamente possível. A minha avó respondeu que eu estava só gorda, mas se o Estado queria pagar-me uma consulta, ela não se importava. No entanto, deixou bem claro que não podia pagar.

Libby não se atreveu a dizer-lhe que ela e Lydia Goez tinham contactado a Proteção de Menores, para o bem dela. Quanto mais cedo a rapariga tivesse acompanhamento médico, melhor. Ninguém sabia quando aquele bebé iria nascer. Provavelmente nem

Ava.

– A minha avó ficou muito chateada e fez-me garantir-lhe outra vez que não estava grávida. Fiquei no meu quarto todo o dia de sexta-feira, com medo que ela pedisse para ver a minha barriga. Ela acha que fui eu que liguei à senhora e ficou aborrecida porque o Estado pode considerar que ela não trata bem de nós e mandar-nos para um lar de acolhimento. Isso não vai acontecer, pois não?

– Oh, Ava, lamento imenso.

Não, estou certa de que as autoridades vão preferir que fiquem com a vossa avó. Mas, querida, a tua avó vai ter de saber a verdade, mais cedo ou mais tarde. Quanto mais cedo, melhor. Não conseguirás esconder a gravidez muito mais tempo... Outras pessoas vão reparar.

– Eu... não saio muito. É melhor assim.

Libby estava preocupada com aquela hipótese. A adolescente trancava-se no quarto a maior parte do tempo, de qualquer maneira. E

isso não era saudável.

– Pode encontrar-se comigo na segunda-feira? – perguntou Ava.

– Absolutamente.

– Oh, obrigada.

– Estás a tomar as vitaminas que te dei?

– Sim e também não estou a pôr sal na comida.

– Ainda bem.

– Tento não comer muito.

– Oh, Ava, precisas de comer o suficiente para garantir que tu e o bebé se mantêm saudáveis.

O facto de Ava ter medo de comer era outra fonte de preocupação. Tinha-lhe comprado um livro sobre gravidez e algumas revistas para ela ler, daquelas que sabia que os adolescentes gostavam. Casey também mandara alguns livros. Ao que parece, Ava tinha passado o tempo fechada no quarto a ler.

– Pode trazer-me livros da biblioteca? – perguntou, outra vez numa voz murmurada.

– Claro. Passo aí por volta das

dez.

Calculou que a essa hora a avó já teria ido trabalhar.

– Obrigada – murmurou a jovem, parecendo estar quase a chorar.

– Ava – disse-lhe Libby, sentindo que precisava de a tranquilizar –, vai tudo correr bem. Não te preocupes, está bem? Falamos melhor na segunda, mas até lá, confia que sou tua amiga e que farei tudo ao meu alcance para te ajudar.

– Sinto falta de si e da Casey e...

– Ava começou a chorar e a chamada foi interrompida de repente.

Libby sentiu-se mal pela rapariga. Pobre Ava. Contactar a Proteção de Menores tinha sido a única saída para a ajudar. Ava precisava de ser vista por um médico. Estava espantada por a avó não se aperceber de que a neta estava grávida. Era cada vez mais evidente, apesar dos esforços da jovem para esconder.

Libby perguntava-se se Jackson

já se apercebera, mas ele parecia mais interessado em jogar basquetebol do que na irmã. E depois, havia o rapaz da casa ao lado. Estava cada vez mais desconfiada de que era ele o pai. Fazia sentido. Ava parecia gostar de quem quer que fosse o responsável e estava disposta a proteger a sua identidade. Cada vez que tocava no assunto, ela fechava-se em copas.

O sábado de Libby começara com um telefonema inesperado e aquele que ela esperava só aconteceu bastante tempo depois.

Às dez, cansou-se de estar na expectativa e ligou para o telemóvel de Robin. Foi logo para o gravador de mensagens. Ao que tudo indicava, Robin tinha chegado tarde a casa. Muito tarde.

Tentou outra vez ao meio-dia e o resultado foi o mesmo. Tudo bem. Esperaria que Robin a contactasse. Isso só aconteceu por volta das seis da tarde.

– Parece que tu e o juiz se divertiram imenso – provocou.

– Correu bem.

Obviamente, Robin estava decidida a subvalorizar o acontecimento.

– A que horas chegaste a casa?

– Cedo. Por volta das onze.

Libby tinha saído às dez e um quarto, dez e meia, por isso Robin e Roy não tinham ficado muito tempo.

– Falámos um bocado.

Robin não parecia animada. Talvez o juiz tivesse sido uma desilusão, mas isso era surpreendente para Libby. Ele

tinha-lhe parecido encantador e muito apreciável.

– Vais voltar a vê-lo?

Libby não tinha a certeza até que ponto devia pressionar a amiga a contar. Estava naturalmente curiosa, mas não queria parecer demasiado intrometida.

– Não... não sei.

– Ele não te convidou para mais nada?

– Não.

– Oh! – Talvez a noite não tivesse corrido tão bem como previra. – Queres ir ao cinema

amanhã?

– Talvez. Posso ligar-te?

– Claro.

Libby não conseguia parar de pensar no que poderia ter acontecido. Era óbvio que alguma coisa se tinha passado, mas não conseguia imaginar o quê.

– Se não tiver notícias tuas, então encontramo-nos segunda no ginásio.

– Ah, sim, certo. Até segunda.

Robin parecia mesmo muito deprimida e, sinceramente, Libby

também não estava em alta. Tinha vontade de perguntar o que corra mal, mas não queria abusar.

– Queres conversar? – perguntou, esperando que isso incentivasse a amiga a abrir-se.

– Agora não – respondeu a procuradora, em voz baixa. – Talvez mais tarde, pode ser?

– Claro. Estou aqui, se precisares de mim.

Libby compreendia-a. Também não estava com disposição para revelar de ter visto Phillip com uma mulher bonita pendurada nele.

Tentou adivinhar o que poderia ter corrido mal entre Robin e o juiz, e desconfiava que a amiga se tinha fechado outra vez. A pobre estava muito abalada.

Libby não teve notícias de Robin no domingo e ela também não apareceu no ginásio na segunda-feira. Phillip sim, mas ela fingiu não reparar. Apanhou-o uma vez a olhar para ela, mas desviou o olhar, determinada a ignorá-lo. Claramente, ele seguira em frente, por isso o orgulho ditava que desse

a impressão de também o ter feito.

Às dez em ponto, Libby estacionou à porta da casa de Ava. Assim que desligou o motor do carro, Ava apareceu. Acenou com a mão, cumprimentando-a. Libby saiu do carro, com um saco de livros e um batido de fruta do ginásio.

Para sua surpresa, Ava deu-lhe um abraço apertado quando entraram em casa. A doce rapariga tremia, com a cara encostada ao ombro de Libby. Sentaram-se tão próximas que os joelhos se tocavam.

Libby pegou nas mãos da rapariga.

– Não precisas de ter medo de ir ao médico. Tens de o fazer, para teres uma criança saudável. É por ti também, Ava. É importante.

– Eu sei. Mas a minha avó vai ficar zangada e... não lhe posso fazer isso.

– Mas ela precisa de saber, Ava
– insistiu Libby.

Ao que parece, esse não era o único problema que preocupava Ava.

– E se a senhora do Estado me obriga a dizer quem é o pai? Não quero que lhe aconteça nada... Nós éramos...

Não acabou a frase e abanou a cabeça, o que indicava que não conseguia falar mais.

Conhecendo a resistência de Ava quanto a revelar a paternidade da criança, Libby sentiu que não a podia pressionar. Mais uma vez, desconfiava do rapaz do lado, o amigo do basquetebol de Jackson. Além de Peter, não conseguia

imaginar outros, não queria imaginar. Libby estava quase certa de que Ava lhe contaria se tivesse sido violada ou sofrido abusos; mas, por outro lado, não tinha a certeza.

– Falaremos disso quando te sentires preparada, está bem?

Ava inspirou profundamente.

– Está bem, mas não vou contar. Ninguém me pode obrigar, pois não?

– Certo. – Libby decidiu deixar o assunto cair, por agora. A rapariga já estava aterrorizada o suficiente.

– Porque tens tanto medo que as pessoas saibam o nome do pai? – perguntou.

Ava baixou a cabeça.

– Porque ele pode ir para a prisão e... e não quero que isso aconteça.

– O sexo foi consensual?

– Se isso quer dizer que concordámos os dois, sim, então é essa palavra que disse agora.

Corando, Ava desviou o olhar.

Identificar o pai não era uma prioridade no momento. Libby

deixaria para a assistente social o papel de obter as respostas às perguntas difíceis.

– Vai ao médico comigo? – perguntou Ava.

– Se quiseres, vou. – Libby já se oferecera para ir com ela uma vez. Partiu do princípio que a assistente social também estaria presente, mas não tinha a certeza.

– Não sei se consigo fazer isto. – Ava apertou-lhe a mão. – Não gosto de agulhas e não quero ninguém a tocar-me aqui... Eu sinto... – Fez uma pausa e o lábio inferior

começou a tremer, como se estivesse a fazer um esforço para não chorar. – Tenho medo.

– Eu sei, mas garanto-te que não estarás sozinha.

Libby pôs os braços à volta da adolescente e abraçou-a com força.

– Não te preocupes. Vai correr tudo bem. Sabes de quanto tempo estás?

Ava fungou e disse que sim a cabeça.

– Oito meses. Talvez uma ou duas semanas além disso. Pode ser

até mais. O livro explica que o bebé está preparado para nascer ao fim de quarenta semanas.

– Sim, e quanto mais próximo desse tempo for a gravidez, melhor para a saúde do bebé.

Ava assentiu.

– Mas sinto-me enjoada a maior parte do tempo.

– Essa é uma das razões pelas quais é tão importante seres vista por um médico.

– Está bem, mas o que acontece depois de ele nascer? Ou ela? Prefiro que seja ela. Isso está

errado?

– Não, de todo. Em relação às tuas perguntas, tens várias opções. Podes deixar uma família adotar o bebé.

– Adoção – repetiu Ava. – Alguém quereria o meu bebé?

– Oh, sim. Há muitas famílias em lista de espera que ficariam com o teu bebé e o amariam muito, a ele ou a ela. Algumas mulheres não podem ter filhos, por várias razões, e desejam muito um bebé. Muitas vezes procuram agências de

adoção. Amarão o teu filho, Ava.

Ela sorriu.

– E se eu quiser ficar com o bebé?

– Isso é outra opção.

O alarme disparou na cabeça de Libby, mas não queria dizer nada que influenciasse a decisão dela.

– A minha avó não ia querer isso. Não podemos alimentar mais uma boca.

Do que sabia acerca da velha senhora, Libby tinha de concordar que as finanças eram um grande problema. Darlene Carmichael já

tinha mais a seu cargo do que podia suportar, com Ava e Jackson.

– E um aborto, sabe... – Ava murmurou, baixando a voz.

– É demasiado tarde para isso, Ava. Consegues sentir o bebé a mexer-se?

Ela anuiu.

– Tens uma pessoa pequenina dentro de ti.

– Eu sei.

Libby tinha sentimentos intensos, mas deixou o assunto por ali. Mais uma vez, era melhor

manter as considerações para si.

– Se decidir deixar uma dessas famílias que não pode ter filhos adotar o meu bebé, como é que faço?

– O Estado tem uma agência de adoção e há agências privadas. Ajudam-te nesse processo. Responsabilizam-se pelas tuas despesas de saúde, também.

– A sério?

– Sim. E podes conhecer os pais, se quiseres.

Arregalou os olhos.

– Também posso visitar o bebé?

– Podes, se é isso que queres.
Chamam a isso uma adoção aberta.
Podes ter contacto com os pais,
receber fotografias e as novidades
da criança e...

O som de uma porta a bater
veio da zona da cozinha.

– Jackson? – chamou Ava, com a
voz tremida.

Nenhuma resposta.

– Se é a minha avó...

Jackson entrou na sala com um
copo de água na mão.

– Olá – cumprimentou, e olhou

para a irmã. A sua expressão parecia dizer a Ava que ela estava metida em sarilhos se a avó descobrisse que Libby tinha lá estado.

– Trouxe-te uma coisa –
declarou Libby.

– Hã?

Pegou numa embalagem de barras de proteínas. Tinha visto o anúncio no ginásio, com um jogador profissional de basquetebol. Não se lembrava do nome dele e não o reconheceria, mesmo que se lembrasse. O basquetebol não era

um jogo que a interessasse. Jackson, por sua vez, parecia adorar aquele desporto. As barras alimentares não eram o estilo de coisa que a avó podia pagar.

– As barras energéticas de Max Williams – repetia Jackson, como se tivesse recebido uma caixa de cinco quilos de ouro. – Uau, obrigada!

– Libby é minha amiga – murmurou Ava.

– Eu sei. E não precisas de te preocupar. Não conto à avó que estive cá.

Jackson levou a embalagem para o quarto e depois desceu com duas barras na mão.

Ava baixou a cabeça.

– Ele não sabe do bebé.

Libby já desconfiava.

– Quer que eu vá lá para fora com ele, mas já não consigo. Não sei o que vou fazer quando a escola começar.

Libby já pensara numa solução.

– Quando a tua avó descobrir que estás grávida, posso ajudar-te com os estudos, até depois do bebé

nascer. Dessa forma, podes ficar em casa até estares preparada para voltar às aulas normais.

Ava assentiu com a cabeça.

– Acho... Acho que talvez queira ficar com o meu bebé.

– Não precisas decidir isso agora. Pensa nisso, Ava, pensa mesmo, porque existem muitas coisas a considerar. É mais do que o teu futuro. É o futuro do teu filho, também.

– Muitas mulheres fazem-no.

– Eu sei, mas é difícil, e precisas de estar preparada para isso.

Libby sentia que não podia dizer mais nada, por ora. Não queria influenciar a adolescente e, ao mesmo tempo, precisava de lhe transmitir a ideia de que criar a criança sozinha seria difícil.

– Obrigada, Libby – sussurrou Ava, apertando-lhe a mão. – Não sei o que faria sem si.

– Avisa-me quando tiveres a consulta marcada. Vou contigo.

Olhou para o relógio.

– Tem de se ir embora?

Libby suspirou.

– Desculpa, tenho uma reunião.

Uma reunião muito importante...

com Martha Reed. Estava em jogo o futuro da sua advocacia por conta própria.

Capítulo 25

Libby tinha ido a casa de Martha Reed várias vezes enquanto trabalhava na Burkhart, Smith & Crandall. A mansão, e não havia outra palavra para a descrever, nunca deixara de a impressionar. À medida que o enorme portão de ferro forjado se abria para lhe dar passagem, Libby reteve a

respiração e murmurou uma prece. Muito dependia deste encontro. Estava preparada para estar diante de Mrs. Reed, mas não conseguia parar de pensar na sua manhã com Ava. Estava determinada em fazer tudo para ajudar a rapariga, mas as opções eram escassas.

A empregada abriu a porta e, embora já tivesse recebido Ava em diversas ocasiões, não deu qualquer sinal de a reconhecer.

– Olá, Alice – disse Libby.

Alice fez um sorriso amarelo.

– É um gosto revê-la, Mrs. Morgan.

– Igualmente.

Libby entrou no grande hall. Uma mesa redonda de mogno com um arranjo floral deslumbrante no centro e um candelabro de cristal suspenso no teto, refletindo o brilho da luz do sol.

– Mrs. Reed está na biblioteca – informou Alice.

– Conheço o caminho – assegurou Libby à outra mulher.

Não que isso interessasse. Alice

conduziu-a à sala na mesma, abriu as portas maciças de correr e anunciou a visita.

– A doutora Morgan está aqui para a ver.

– Libby – Martha Reed estendeu a mão sem se levantar.

Apesar de estar nos seus oitentas, Martha Reed ainda era uma mulher impressionante. Usava o seu volumoso cabelo branco apanhado num coque na base da cabeça. Libby nunca a tinha visto com outra peça de roupa que não vestidos. Na verdade, não se

recordava de a ter visto sem estar impecavelmente arranjada. Em algumas ocasiões, Mrs. Reed tinha-a levado a passear ao seu jardim de rosas. Era ela que podava os arbustos e tinha um orgulho desmesurado nas suas estimadas flores.

– Sente-se, por favor.

– Obrigada.

Libby sentou-se numa poltrona ao lado da matriarca. O marido, Bernard Reed, tinha morrido há cerca de vinte anos.

– Pedi à Alice para nos trazer um chá.

– Isso seria muito agradável.

A experiência dizia-lhe que Mrs. Reed gostava de conversar um pouco antes de passar ao trabalho. Libby imaginava que Ben só falara de negócios desde o primeiro momento. Grande erro!

Alice trouxe um sofisticado carrinho de mão e serviu duas chávenas de fumegante Earl Grey. Não precisou de perguntar a Libby como gostava do seu, lembrava-se

e colocou uma colher de leite no chá por iniciativa própria.

– Obrigada, Alice – agradeceu Libby quando a empregada lhe entregou a delicada chávena de porcelana chinesa sobre o pires.

– De nada.

A segunda chávena foi servida à patroa. O carrinho de mão ficou junto a elas, mas Alice saiu da sala, fechando as portas atrás de si. A biblioteca era um espaço impressionante. Prateleiras de cerejeira do chão até ao teto, cheias de livros. Alguns eram

objetos valiosos de colecionador. Mrs. Reed tinha um conjunto notável de livros autografados. Fileiras e fileiras de livros dedicados, desde o início do século XIX, embelezavam aquelas prateleiras.

Libby adorava a divisão com um ligeiro aroma de cabedal. Sabia que Mrs. Reed passava grande parte das tardes ali. Se não se encontrava na biblioteca ou a tratar de algum assunto relacionado com caridade, estava no seu amado

jardim. Libby ficara de certa forma surpreendida por o encontro ser na biblioteca, dado estar uma bonita tarde de sol. Mas aquilo era trabalho e Mrs. Reed preferia sempre tratar de negócios ali.

– Como tem estado, minha querida? – perguntou Mrs. Reed, mexendo o chá e desfazendo o único cubo de açúcar.

– Muito bem. E a senhora?

Martha suspirou.

– Bem.

– Os filhos e os netos? – interessou-se Libby.

O rosto dela iluminou-se ao referir cada um dos quatro filhos, do mais velho ao mais novo. Quando terminou, falou dos nove netos. Mrs. Reed era uma mulher que amava a família. A grande maioria dos seus bens destinava-se à caridade, mas deixaria uma boa maquia a cada um dos filhos e tinha feito fundos de fideicomissos para cada neto.

Libby conhecia todos os membros da família pelo nome, embora nunca os tivesse conhecido

pessoalmente. Sabia que Hershel sim, mas ela não.

Depois de contar a Libby as novidades sobre a família, Mrs. Reed voltou a sua atenção para a advogada.

– O que tem feito, nestes últimos cinco meses?

Cinco meses? Parecia tanto mais. Era angustiante ter de admitir que não tinha encontrado um emprego. Em vez de se focar nos aspetos negativos, decidiu falar das mudanças que tinham surgido na sua vida.

– Em primeiro lugar, comecei a tricotar.

Mrs. Reed pousou a chávena no pires.

– Sim? Eu tricotava, mas isso foi há muitos anos.

– Tenho a certeza que apreciaria retomar, Mrs. Reed – garantiu Libby. – Comecei por tricotar gorros para prematuros e avancei para...

– Gorros para prematuros?

Libby explicou porque os gorros quentes eram tão importantes para os bebés prematuros e como as

clientes de A Good Yarn tinham assumido a missão.

– Que bom, acho que gostaria de experimentar – disse ela, quando Libby terminou.

– Terei todo o gosto em ajudá-la a recomeçar – ofereceu-se.

– Oh, querida, muito obrigada, mas não há necessidade. A Alice e eu havemos de nos desembaraçar.

– Posso dar-lhe o nome e a morada da retrosaria – sugeriu Libby.

– Isso seria maravilhoso.

Mrs. Reed parecia entusiasmada

e até impaciente.

– Também me ofereci como voluntária para embalar bebês no Hospital Central de Seattle.

Os olhos da velha senhora arregalaram-se com a surpresa.

– Não imaginava que embalar bebês tivesse algum interesse para si.

Libby sorriu.

– Confesso que também foi um choque para mim. Tanto o tricô como o voluntariado foram úteis para... lidar com as frustrações da

vida.

Mais uma vez, estava determinada a não fazer referência ao facto de não ter encontrado trabalho noutro escritório.

Mrs. Reed ficou silenciosa por uns momentos.

– Penso que sabe que deixei a Burkhart, Smith & Crandall.

– Ouvi dizer que tomou recentemente essa decisão.

– O Bernard confiou-lhes durante muitos anos os nossos negócios. Nunca me passou pela cabeça questionar a opção dele. O

meu marido era um astuto empresário e Hershel foi uma ajuda preciosa nos tempos que se seguiram à sua morte.

Libby respondeu apenas com um acenar de cabeça, expressando reconhecimento.

– Mas ultimamente, fiquei descontente. – Cerrou os lábios por uns instantes antes de continuar. – Não suporto aquele jovem a quem o Hershel atribuiu a minha conta.

– O Ben Holmes é um advogado talentoso – Libby sentiu-se

obrigada a defender o seu antigo colega. – Mas ele...

– É insolente e arrogante e está sempre com uma terrível pressa. Disse-me que não tinha tempo para tomar chá. Mal consegui avisar a Alice para não se maçar, já tinha tirado a pasta e começou logo a falar de negócios. Podia não querer chá, mas podia ter esperado um pouco. Achei-o muito desagradável.

Libby reconhecia que era delicado para Mrs. Reed falar destes assuntos e isso devia ser tratado com sensibilidade.

– Peço desculpa por Ben – declarou Libby, embora soubesse que o próprio Hershel já se teria justificado. – É novo e ambicioso.

– Hershel disse mais ou menos a mesma coisa e encaminhou-me para um outro advogado.... Oh querida, não me consigo recordar do nome agora. Ander, Anson... alguma coisa nesta linha.

– Jake Amber? – Libby tentou adivinhar. Não imaginava quem poderia ser mais.

– É isso – confirmou ela, soando

aliviada. – Era a mesma coisa. Oh, ele tomava chá comigo, mas era visível que não gostava. Toda a gente anda sempre com tanta pressa hoje em dia. Lembro-me bem do tempo em que o nosso filho, em meados dos anos setenta... – fez uma pausa e abanou a cabeça. – Não quer ouvir as divagações de uma velhota.

Libby apercebeu-se imediatamente de que se tratava de um teste para verificar se tinha deixado de ser a advogada e a mulher que conhecera antes.

– Pelo contrário – respondeu Libby, recostando-se nas costas do cadeirão. – Nada me dá mais prazer do que ouvi-la falar dos seus filhos. O Paul ou o Wade?

– O Paul. Oh! esse nosso filho é o mais novo, sabe? Era um maroto. Também estava sempre com pressa...

Libby descontraiu-se e deixou a velha senhora desabafar. Martha Reed tinha orgulho na sua família e isso notava-se. Libby achava o som da voz dela reconfortante, de certa

forma. Nunca conhecera os seus avós maternos, tinham morrido quando ainda era pequena. Os avós paternos viviam no Texas e vira-os esporadicamente ao longo dos anos. Faleceram ambos por volta dos seus vinte anos e embora ainda tivesse uma tia e dois tios, não eram parte da vida dela. Libby mandava-lhes anualmente um cartão de Natal, mas o contacto que mantinham ficava por aí.

Apreciava em Mrs. Reed a proximidade que mantinha com os filhos e os netos. Como Libby o

invejava!

Hershel insinuara que precisava de ter uma vida própria. Libby apercebia-se agora de que isso incluía também uma família, o sentimento de ligação que resultava de fazer parte de um núcleo. Começara a construir o seu, nos meses depois de ser despedida. Talvez não fosse uma família tradicional, mas era uma família de coração. Estava mais próxima de Robin, mas também havia Lydia, Sharon e Ava. Libby tinha tido

esperanças que Phillip pudesse tornar-se... Pôs um travão ao pensamento. Uma tristeza instalara-se nela. Oh, como sentia a falta dele!

Mrs. Reed falou animadamente durante vários minutos e Libby ouviu-a com atenção, rindo-se de vez em quando.

– Espero que os seus filhos e netos tenham consciência da sorte que é terem-na a si – disse Libby, com muita sinceridade.

Mrs. Reed sorriu.

– Deixa-me lisonjeada.

– Valorizo a família. Como se deve lembrar, perdi a minha mãe muito nova.

Os seus pensamentos desviaram-se para Ava e sentiu o coração apertar. Embora Libby não pudesse substituir a mãe que a rapariga tinha perdido, tinha a firme intenção de ser uma referência para ela.

– Ainda sente saudades dela, não é, querida?

– Sim, mas... – Libby hesitou antes de falar, pensando se estaria

a agir corretamente ao mencionar Ava. – Esta manhã fui visitar uma rapariga que conheci na retrosaria. Ela tem treze anos, vive com a avó e está grávida.

Mrs. Reed susteve a respiração.

– Grávida?

Libby assentiu.

– O maior medo dela é o que acontecerá quando a avó descobrir. Ainda não foi vista por nenhum médico.

– De quanto tempo está ela?

– Não sabemos. Talvez com oito meses.

Mrs. Reed abanou a cabeça, à medida que lhe foi contando mais alguns pormenores, tendo o cuidado de não referir nomes.

– Essa rapariga tem sorte de ter a sua ajuda. Usou este tempo longe do escritório de forma sábia – disse Martha, ao fim de alguns instantes.

– Estou orgulhosa de si, Libby, muito, muito orgulhosa.

A emoção abalou Libby e a sua garganta contraiu-se com estas palavras elogiosas, vindas de uma mulher tão extraordinária que tinha

dado tanto à família.

Falaram ainda durante alguns minutos, até Mrs. Reed anunciar:

– Está na hora de pormos a mão na massa, minha querida. Diga-me o que tem em mente.

Libby pegou na pasta e tirou de lá os seus apontamentos. Tivera de trabalhar de memória, dado que os ficheiros tinham ficado no escritório, mas pensava lembrar-se bem do ponto em que estava o planeamento dos fundos. Não tinha a presunção de gerir toda a conta, mas esperava que Martha lhe

entregasse os assuntos de que tratava anteriormente. Também fez algumas recomendações e sugestões para o futuro.

- São manobras financeiras muito complicadas.

- São – concordou Libby. – O que se passa é que não precisa de entender tudo, mas sinto-me obrigada a explicar-lhe o melhor que consigo. Quero que saiba o que vai acontecer no futuro aos fundos que deixará.

- Seria para isso que a

contrataria.

– Exatamente.

Libby esperava sinceramente que a senhora considerasse entregar-lhe esta parte dos seus negócios.

Martha pousou a sua chávena vazia.

– Como pode imaginar, há uma série de escritórios de advogados a competir para tratar de todos os meus assuntos legais.

Libby suspeitava que sim.

– O próprio Hershel ligou-me várias vezes, para tentar reparar os

estragos, mas receio que seja demasiado tarde. Já lhe tinha dito que aquele jovem não me servia e recusou-se a ouvir-me. Cheguei ao ponto de pedir a sua reintegração no escritório. Hershel respondeu que nada lhe agradaria mais, mas era um assunto que não dependia dele.

Libby considerava Hershel um mentor e um amigo e desconfiava que ele tinha sido derrotado pelos outros sócios.

– Naturalmente, a minha

tendência é ficar consigo –
murmurou Mrs. Reed,
cautelosamente.

Libby endireitou-se.

– Posso assegurar-lhe que seria
a minha cliente mais importante.
Teria a minha atenção total.

Não acrescentou que Mrs. Reed
seria a sua única cliente por agora.

– Como calcula, esta é uma
decisão muito importante.

– Concordo, e não quero
pressioná-la. Leve o seu tempo e
pense com cuidado – aconselhou
Libby. Acima de tudo, ela desejava

o melhor à velha senhora e à família.

– Vou falar com os meus filhos. Tem vantagem, mas tenho de avisar que ser uma pessoa só não joga a seu favor. Todos os concorrentes a tratar dos meus negócios são escritórios grandes, com equipas de apoio e recursos. Não sei como estes encarariam entregar uma parte das questões legais a outra pessoa.

Libby não podia argumentar.

– Mas nenhum outro advogado

se preocupará tanto consigo quanto eu – disse.

– Sei disso, minha querida.

Bocejou e Libby percebeu que estava na altura de se ir embora.

Pegou na pasta e guardou o bloco dos apontamentos.

– Obrigada por me receber, mais uma vez.

– Foi um prazer.

– Para mim também.

Como por magia, Alice apareceu.

– A Alice acompanha-a à porta.

Libby levantou-se e, agarrando a

pasta com as duas mãos, sorriu-lhe. Tudo estava nas mãos de Martha Reed agora. Libby tinha defendido a sua oferta e agora só lhe restava esperar.

– Ligo-lhe em breve – prometeu a velha senhora.

– Por aqui, doutora Libby – indicou Alice e dirigiu-se à porta.

Libby deixou a casa e procurou na mala o telemóvel para o ligar, vendo logo que tinha três mensagens, duas de Robin.

Não falavam desde sábado à

noite. Imediatamente, pressionou o botão para ligar à amiga. Ao descer as escadas em direção ao carro, encostou o telefone ao ouvido. Esperava apanhar Robin fora do tribunal.

A amiga atendeu ao segundo toque.

– Olá – cumprimentou-a Robin, soando abatida.

– Olá. Estás com péssima voz. O que se passa?

– Fiquei em casa com gripe.

Isso explicava porque não tinha aparecido no ginásio naquela

manhã.

– Só que não tenho gripe. Não suportava a ideia de ir trabalhar hoje. Sinto-me tão miserável e desgraçada. Tenho a certeza que o Roy nunca mais me liga.

– Pois, isso causa esses sintomas. Vou ter contigo e levo uma canja.

Capítulo 26

Robin agarrou com força um lenço e levou-o ao nariz. Se havia uma coisa que odiava era lamechiches. Três copos de vinho com Roy Bollinger e, do dia para a noite, ela própria estava transformada numa histérica.

A fungar, assoou o nariz e limpou as lágrimas que corriam

pelas faces e que contribuía para se sentir mais miserável. Sentia-se fraca, invertebrada e um destroço.

A campainha tocou e isso significava quase um esforço maior do que podia suportar. Não se teria mexido do sofá se não soubesse já que era Libby.

A amiga entrou no apartamento, deu uma vista de olhos a Robin e abanou a cabeça.

– Estás com péssimo aspeto.

– Muito obrigada – resmungou, sarcasticamente.

Ainda estava de camisa de dormir e não se tinha dado ao trabalho de arranjar o cabelo ou pôr maquilhagem. Estava um farrapo, por dentro e por fora.

– Então, conta-me – insistiu Libby. – O que aconteceu?

– Pensei que me ias trazer canja...

– Decidi que fazer uma canja iria demorar muito tempo. Ao telefone pareceste-me...

– Uma lástima. E estou.

Dirigiu-se novamente ao sofá,

arrancando outro lenço de papel da caixa, num movimento brusco que a atirou ao chão. Com as duas mãos, pegou no lenço e pô-lo sobre a cara. Retendo um soluço, caiu redonda no sofá.

— Vais contar-me o que aconteceu ou sou obrigada a torturar-te?

Libby largou a mala e juntou-se a ela, sentando-se na cadeira em frente.

Robin soltou um soluço, esforçando-se por conter um gemido. Tinha arrastado Libby para

aquela situação, expondo-se à vergonha, mas enlouqueceria se não falasse com alguém.

– Espera – disse Libby. – Vou arranjar qualquer coisa para bebermos.

Robin franziu o sobrolho e abanou a cabeça, recusando a ideia.

– É muito cedo para bebidas alcoólicas.

Libby sorriu.

– Não estava a falar de um Manhattan. Estava a pensar que

nos fazia bem, às duas, um copo de água gelada.

– Oh!

Robin achou-se ainda mais tonta, embora naquele momento qualquer coisa servisse para se sentir triste.

Libby desapareceu para a cozinha e voltou rapidamente com dois copos de água.

Robin bebeu um longo trago. O líquido frio ajudou a aliviar a impressão na garganta. Em toda a sua vida, não se lembrava de ter tido uma reação tão emotiva a

nada. Talvez fosse um sintoma de menopausa precoce. Nem sequer ficara tão perturbada durante o processo de divórcio. Na verdade, estava a ser ridícula. Mas tudo parecia tão árido, tão impossível. Bebeu mais um pouco de água. Não se tinha dado conta de que estava com tanta sede. Bem, não era de admirar. Nos últimos três dias, vertera mais lágrimas do que julgara possível.

Libby voltou a sentar-se na cadeira e aguardou pacientemente

que Robin começasse a falar. Não se precipitou nem pressionou a amiga, e Robin ficou-lhe grata por isso.

– Depois de te ires embora, Roy e eu pedimos outro copo de vinho. Recusou-se a deixar-me pagar, embora eu tenha insistido, como forma de lhe agradecer ter-te recomendado.

Libby assentiu, sem um comentário, o que incentivou Robin a continuar. Fez uma pausa para beber mais água. Mais uma vez, o fresco da bebida ajudou-a.

– É só isto. Não aconteceu nada. Nunca vai acontecer nada. Não tenho espinha dorsal e odeio-me.

– Oh, Robin, acho...

– No momento em que te foste embora, eu fechei-me... como uma ostra – disse, interrompendo a amiga. – Não sei o que Roy pensou, porque também foi ficando cada vez mais calado. Tentámos conversar, mas qualquer assunto ia dar à mulher dele, a Sally. Sally isto, Sally aquilo. Não tenho hipótese. Nunca vou ser a Sally.

– Tentaste falar do vinho? –
perguntou Libby.

Robin revirou os olhos.

– Tentei, mas há um limite para
o assunto pinot noir e eu... disse
tudo o que sabia, o que me levou
cerca de trinta segundos. Sabes o
que Roy acrescentou? Claro que
não sabes. Comentou que Sally
preferia vinhos brancos.

– Conseguiste falar de colegas
do trabalho?

Robin abanou a cabeça.

– Roy não é o tipo de fazer

mexericos e, na verdade, não tenho nada para revelar. Tendo a meter-me na minha vida, no trabalho.

– Nós as duas somos demasiado parecidas – murmurou Libby entredentes, encostando-se às costas da cadeira e cruzando as pernas. Robin ficava contente por pelo menos uma delas estar descontraída.

Libby tinha razão, elas eram muito parecidas. Robin não perdia tempo junto ao dispensador de água a ouvir as últimas intrigas. Tinha trabalho para fazer, reuniões

para ir, criminosos para condenar. Os mexericos não lhe interessavam de todo.

– Ele tem filhos? – perguntou Libby, inclinando-se um pouco para a frente. – Estive agora mesmo com a Martha Reed e ela fala ininterruptamente dos filhos e dos netos. Podias tentar falar da família com o Roy.

Robin abanou a cabeça. Libby estava a tentar ajudar, mas tudo o que conseguia era provar a absoluta inutilidade do seu esforço.

– A Sally não podia ter filhos. –
Passou a mão pelo nariz outra vez.
– Quando acabei o segundo copo de vinho, percebi que Roy jamais me verá como outra coisa a não ser uma substituta fraquinha da sua amada Sally.

– Robin, estás a tirar conclusões precipitadas.

– O que mais posso pensar?

Libby só tinha estado com eles um bocado e, depois de se ir embora, ficaram sem assunto... de forma incómoda e constrangedora.

Todas as palavras de Roy tinham sido sobre Sally. Que bom ser tão amada. Toda aquela noite provara a Robin que não tinha hipóteses com ele. Não podia competir com uma mulher morta.

Libby arregalou os olhos, descrente.

– Pareceu ficar contente com o teu telefonema na sexta-feira à noite. Foi ele que sugeriu encontrarem-se, não foi?

– Sim, mas...

– Robin...

– Estive lá – interrompeu

novamente. – Não sou uma absoluta cretina, Libby. Sei ler os sinais. Ele não está interessado. É educado e cordial, mas o seu desinteresse é evidente até para mim. O Roy respeita-me e acha que sou uma procuradora competente, mas não está interessado em desenvolver qualquer tipo de relação.

Libby deixou cair os ombros, derrotada.

– Nunca te vi tão em baixo... Quero ajudar.

– Eu sei – sussurrou Robin. – Só estou muito desiludida. Alimentei esta fantasia romântica na minha cabeça durante meses. Está na altura de encarar os factos. É só o que isto é... uma fantasia. Um faz-de-conta. E nunca será mais do que isso.

Ficaram caladas durante uns minutos, enquanto Libby refletia sobre o que a amiga lhe contara.

– Quando foi a última vez que comeste? – perguntou, olhando para o relógio.

Robin não se conseguia lembrar com exatidão.

– Ontem, por volta da hora do almoço, acho. Porquê?

– Porque tudo parecerá melhor com comida no estômago.

Libby foi para a cozinha.

– Boa sorte – gritou-lhe. – A dispensa está vazia há semanas. O leite é tão antigo que ainda tem uma fotografia do bebé Lindbergh na embalagem.

– Está bem, então. Vou comprar jantar para nós. Estou esfomeada.

O que te apetece?

Robin abanou a cabeça.

– Na verdade, não me interessa.

Escolhe tu.

Depois de Libby sair, Robin tomou um duche rápido e mudou de roupa. Estava a dar um jeito ao cabelo quando a campainha tocou. Libby tinha-se despachado a comprar o jantar.

Quando abriu a porta, não era Libby que estava à sua frente na entrada. Era Roy.

Mais uma vez, emudeceu completamente. Robin não

conseguia dizer uma palavra, nem que disso dependesse a salvação da sua alma.

Depois de um momento atrapalhado e constrangedor, Roy perguntou:

– Posso entrar por uns minutos? Prometo que não demoro.

Ainda incapaz de abrir a boca, Robin afastou-se da porta para lhe dar passagem.

Quando o sangue voltou ao cérebro, fez-lhe um gesto para que se sentasse. Envergonhada pelo

monte de lenços usados espalhados em cima da mesa de café, colocou-os rapidamente dentro da caixa vazia. A almofada da cama e um cobertor estavam estendidos sobre o sofá. Agarrou no cobertor para o dobrar.

– Vim, porque soube que ligou a avisar que estava doente. Está tudo bem? Quero dizer, parece-me que se está a sentir melhor...

– Estou melhor, obrigada.

Ele continuava especado sobre o tapete da entrada, as mãos enfiadas nos bolsos.

– Não sou bom neste tipo de situações... – murmurou baixinho.

– Que tipo de situações? – perguntou ela. Dobrou o cobertor e manteve-o junto à barriga.

Ele desviou o olhar, contemplando a sala, fixando-se aqui e ali, onde quer que fosse, menos nela.

– Não sei o que fiz mal na sexta-feira à noite...

– Não fez nada mal – apressou-se Robin a dizer-lhe. Parou-se, antes de lhe sair que ela não

poderia ser Sally. Ele tinha vindo ao seu encontro; era importante ouvi-lo, não podia tirar conclusões ou fazer julgamentos apressados.

– Não fiz nada mal, mas... – hesitou, olhando-a nos olhos pela primeira vez.

– Mas o quê? – perguntou ela, delicadamente, com o coração a mil à hora.

– Mas ficou tão calada, depois quis ir-se embora e tenho a certeza de que disse ou fiz alguma coisa que a ofendeu...

– Não, Roy, é que...

– O quê? – interrompeu-a, dando um passo na direção dela.

Robin baixou os olhos, pensando na melhor forma de abordar o assunto.

Ele aproximou-se mais um pouco.

– Gosto de si, Robin.

Robin virou a cabeça para o lado e por instantes semicerrou os olhos.

– Eu... também gosto de si – apressou-se a esclarecer.

– Gosta?

Roy parecia surpreso. Ela anuiu,

com um gesto.

– Quero dizer, eu gosto mesmo de si há muito tempo, mas não sabia como revelá-lo e depois encontrei-a na angariação de fundos e falámos e...

– Roy – ela inspirou, mal acreditando no que tinha ouvido –, está a dizer-me que está apaixonado por mim?

Ele não respondeu logo e suspirou.

– Posso sentar-me?

– Claro.

Roy ocupou a cadeira onde Libby

havia estado sentada e Robin sentou-se no sofá à frente dele, ainda com o cobertor dobrado sobre a barriga, como um escudo protetor.

– Casei-me com Sally mal saímos do liceu.

Outra vez Sally. Robin conteve um lamento.

– Só estive com uma mulher durante toda a minha vida de adulto. Quando ela morreu, parti do princípio que viveria sozinho até morrer.

Robin não sabia se devia fazer algum comentário.

– Mas sinto-me muito sozinho. Tenho mais de cinquenta anos...

– Isso não é ser velho – saiu-lhe.

– Há dias em que sinto que sim.

– Não devia – acrescentou, com um sorriso.

Ele retribuiu o sorriso e o coração de Robin quase derreteu.

Ele suspirou outra vez.

– O que estou a tentar dizer, e muito mal, pelo que se vê... é que

não quero passar o resto da minha vida sozinho. Não pensei que fosse possível apaixonar-me outra vez, mas desde que nos aproximámos... acho que é uma possibilidade. – Olhou para baixo, para as mãos. – Gostava de te conhecer melhor, Robin, eu...

– Está bem – respondeu. Agora estava a falar dela, não de Sally.

– Podemos começar com calma...

– Está bem.

Provavelmente, não era de bom-tom mostrar-se tão ansiosa.

- Jogas bridge? – perguntou ele.
- Não, mas posso aprender.
- Ensino-te – respondeu Roy, com um grande sorriso.

Robin assentiu.

Ele sorriu, ela devolveu-lhe o sorriso.

– Que tal sábado à noite? Podemos ir jantar e depois teríamos a nossa primeira lição de bridge; posso convidar os Wainwright lá para casa e...

- Os Wainwright?
- Sim, são uns amigos, meus e

da Sally...

Robin interrompeu-o.

– Roy – explicou-lhe – eu não sou a Sally. Se pretendes substituí-la, não sou a pessoa indicada.

Espantou-se com a velocidade a que o seu ânimo podia elevar-se e cair logo a seguir. Supunha que ele considerasse uma honra escolhê-la para ser a substituta de Sally, mas Robin queria, precisava, ser amada pelo que era.

– Sally e eu costumávamos jogar bridge três vezes por semana.

– Sinto-me honrada pela tua fé

nas minhas capacidades – ironizou, em voz baixa.

– Também costumávamos dançar. Danças?

Robin abanou a cabeça. Roy percorreu longamente sobre o quanto ele e a mulher gostavam de dançar.

Tudo o que ele dizendo confirmava as suas piores suspeitas.

– Receio ter falado cedo de mais – murmurou ela. – O que se passa, Roy, é que não temos assim tanto

em comum.

– Mas disseste que estavas disposta a aprender – recordou-a Roy.

– Sim, é verdade, mas nessa altura não percebi que apenas me queres para fazer o papel de Sally. Deves tê-la amado mesmo muito.

– Sim, amei.

– Provavelmente existe por aí alguém que aprecia jogar bridge, dançar e todas essas coisas que gostavas de fazer com Sally. Sinto-me honrada que as queiras partilhar comigo, mas consigo ver,

neste momento, que uma relação assim não funcionaria. Desculpa, Roy, tenho imensa pena.

Arregalou os olhos e, por um instante, pareceu que ia discutir com ela.

– Está bem, acho que tens razão.

Estendeu o braço para lhe dar um aperto de mão. Robin sorriu e aproximou-se. Pôs os braços à volta dele. Lentamente, ele correspondeu o gesto, com um toque suave, tímido.

Depois de alguns momentos, libertou-a.

– Estraguei tudo, não foi? Disse todas as coisas erradas.

– Foste honesto.

Robin afastou-se, com receio de mudar de ideias. Uma parte dela estava disposta a ser uma substituta da esposa falecida, esperando que talvez ele a viesse a amar, contra todas as expectativas. Rapidamente mudou de ideias. Era um risco demasiado grande.

Sem dizer mais nada, ele voltou-

se e saiu, relutantemente.

Para sua surpresa, ao cabo de uns minutos, Robin sentia-se melhor do que nos últimos dias. A desilusão e a frustração que pesavam sobre os seus ombros desapareceram. Tinha posto as cartas na mesa, e isso era um alívio.

Não devia ter sido fácil para Roy procurá-la. Admirava-o pela coragem que tivera, ao ir até casa dela.

A campainha soou outra vez e Robin abriu, encontrando Libby do

outro lado, com um saco de comida em cada mão.

– Comprei italiano.

– Adoro italiano.

– Eu também. E treinei esta manhã, mas tu não – lembrou-lhe a amiga.

– Lá estarei na quarta-feira – prometeu Robin, e tirou um saco das mãos de Libby.

– Estás com muito melhor aspeto. – E abriu um enorme sorriso, como se fosse obra sua.

– Sinto-me melhor – garantiu

Robin, mas não explicou porquê.

Abriu uma gaveta da cozinha, tirou dois garfos e entregou um à amiga. Foram para a pequena mesa junto à janela que exibia uma vista sobre Seattle. Ao olhar para a rua, Robin viu Roy parado à esquina, em frente ao prédio. Tinha as mãos nos bolsos e estava imóvel, a olhar para o seu andar. Era impossível vê-la dali.

Depois de alguns instantes, tirou uma mão do bolso, juntou os dedos aos lábios e mandou-lhe um beijo.

Possivelmente, aquela fora a

coisa mais querida que Robin vira um homem fazer. E Roy tinha-o feito por ela.

Phillip apareceu no ginásio pontualmente na quarta-feira de manhã. Libby fingiu não reparar, mas, para sua surpresa, ele não tirava os olhos dela. Sempre que olhava na sua direção, lá estava ele. Quando acabou de se exercitar, tinha a boca seca e o coração acelerado. Sabia que não tinha nada a ver com o seu treino normal na passadeira. Antes de sexta-feira

à noite, ela queria corrigir tudo, se fosse de alguma forma possível. Mas redimir-se não tinha sido assim tão fácil. Faltara-lhe oportunidade e coragem.

Vê-lo com a Madame Loira Burra – não estava a ser justa, a mulher era invulgarmente bonita – tinha sido difícil de engolir. Que encontro tão encantador! Na verdade, a rapariga era perfeita. Apostaria que não precisava suar as estopinhas no ginásio para perder cinco quilos. Talvez estivesse a ser demasiado dura consigo própria. Não tinha

mais do que um quilo e meio extra, em relação ao tempo em que fora contratada por Hershel.

Apesar de Phillip não ter tirado os olhos dela, não fez qualquer esforço para lhe falar. Se aquela era a sua maneira de enviar mensagens, ela era demasiado covarde para agir apenas a partir disso.

Mais tarde, nessa mesma manhã, Phillip passou no berçário. Sabia com certeza que era o seu dia de fazer voluntariado.

Entrou na sala, com um ar indiferente, e pegou na tabela de presenças, como se estivesse ali por motivos profissionais. Quando levantou os olhos, fingiu estar surpreendido por ver Libby.

Ela sentou-se na cadeira de embalar, com um bebê adormecido nos seus braços, e olhou-o diretamente nos olhos, com algum receio de que a sua expressão a denunciasse. Vê-lo outra vez renovara a esperança de se poder redimir e ressuscitar a relação.

– Nunca devias sequer pensar em pisar um palco – incitou-o.

– Desculpa?

– És muito melhor médico do que ator.

– Verdade?

Parecia que a conversa, da parte dele, estava limitada a uma palavra.

– Sabias que eu estaria aqui.

– Eu sabia?

Muito melhor. Duas palavras.

– Sim.

– Não necessariamente.

Bem, podiam jogar às respostas de duas palavras.

– Como não?

Phillip pousou a tabela e cruzou os braços.

– Pareceu-me que ficaste muito aborrecida com o atraso para a entrevista de emprego. Tanto quanto me lembro, culpaste os bebés.

– Não. Culpei-me a mim própria. Senti-me muito mal e reagi sem pensar. Acontece-me, às vezes, e depois mais tarde arrependo-me de

coisas que fiz ou disse. – Arregalou os olhos, suplicando-lhe cumplicidade.

Phillip ficou calado durante alguns instantes antes de perguntar:

– Estás então muito arrependida?

Libby anuiu.

– Mesmo muito, se queres saber.

– Compreendo.

Sem desanimar, Libby avançou.

– Estava a pensar... Na verdade, esperava que tu me pudesses

perdoar aquela explosão e fingir que nunca aconteceu. Sinto a tua falta, Phillip.

Ele juntou as mãos atrás das costas e depois, lentamente, um sorriso surgiu-lhe no rosto.

– Na verdade, estava à espera que caíesses em ti.

Libby olhou para baixo, para o bebé que tinha nos braços.

– Não acredito que tenhas sentido a minha falta como eu senti a tua.

– Ah sim?

Libby pensou que era justo fazer-lhe saber que o tinha visto com a Rainha da Beleza.

– Vi-te na sexta-feira – afirmou ela. Era importante que soubesse que saíra no mesmo dia. Tinha vida social. Acrescentou: – Eu tinha ido sair com um amigo, também.

– Alguém especial? – provocou-a Phillip, com os olhos semicerrados.

Não estava disposta a entrar em detalhes. Não era importante.

– Uma grande amizade, se queres saber.

– Divertiste-te? – inquiriu.

– Muito. Tu também me pareceste divertido.

Nisto, havia algum exagero.

– As aparências podem ser enganadoras. – Phillip sorriu-lhe timidamente. – Estive o tempo todo a desejar estar contigo.

– A sério?

O coração dela derreteu-se de emoção.

– Há coisas para esclarecer sobre... amizade. Senti a tua falta, Libby, muito mais do que julgava

possível.

– Oh, Phillip, fui tão parva. Perdoa-me, por favor.

O sorriso desapareceu-lhe do rosto e ganhou uma expressão séria. O olhar dele prendia-a.

– Foi uma boa lição para ambos. O que temos é especial, Libby. Tivemos tempo de recuar e pensar no assunto.

– Estou disposta a uma segunda oportunidade, se tu também estiveres – disparou, cheia de esperança, mas também de receio.

Depois de uma breve hesitação,

ele fez que sim com a cabeça.

Libby estendeu-lhe o braço. Phillip deu-lhe a mão e beijou-lhe os nós dos dedos.

– Então, diz-me com quem estavas na sexta-feira à noite.

– Tu primeiro – insistiu ela.

– Um encontro marcado com uma desconhecida. Um dos meus amigos do póquer armou-me a cilada.

Libby desviou o olhar.

– Ela era adorável.

– Era? – perguntou, como se não

tivesse reparado. – E tu, estiveste com a Robin?

Ela assentiu.

Phillip abriu um enorme sorriso.

– Foi o que pensei. Porque estavas a voltar sozinha a pé para casa?

– Viste-me?

E só agora é que admitia. Sentia como se tivesse levado um golpe baixo. Ficou irritada, mas passou-lhe rapidamente. Phillip tinha créditos. Podia fazê-lo, desta vez.

– Vi-te parada do outro lado da rua.

Libby olhou para ele e levantou os olhos.

– Aposto que ficaste todo contente de me ver sofrer por ti.

– Estavas a sofrer?

– Imenso.

– Ainda bem, era o que esperava.

Sharon entrou no berçário nesse preciso momento e, quando viu Phillip, olhou logo para Libby. Levantou as sobrancelhas e fez um esforço enorme para disfarçar o sorriso. Parecia que ia falar, quando

Phillip disse:

– Estou a ajudar na organização de um jantar de angariação de fundos para o hospital.

Os cartazes do jantar estavam espalhados por todo o hospital. Os bilhetes custavam duzentos dólares cada, o que era muito superior ao que Libby podia pagar. Mas se Phillip a convidava, era outra história.

– Posso estar – respondeu ela, fingendo-se desinteressada.

– Tenho espaço na minha mesa e um bilhete a mais, se quiseres ir

comigo.

– Gostaria muito.

O olhar dele envolveu-a e acarinhou-a.

– Há alguma hipótese de irmos dar um passeio de barco mais tarde? – perguntou Libby, recordando a primeira vez que se beijaram.

– Isso pode arranjar-se, sim – garantiu-lhe Phillip.

– Se precisam de um espaço mais privado, há uma sala de limpeza ao fundo do corredor –

brincou Sharon, do outro lado do berçário.

Phillip arregalou os olhos e Libby riu-se. Sabia bem dar uma gargalhada e estava muito contente por Phillip ter aceitado as suas desculpas.

Libby andou a planar durante o resto do turno. Depois de acabar, foi beber um café com Abby Higginbotham.

– Devias mesmo ir ao jantar de angariação de fundos – aconselhou a Libby. – Estás à procura de clientes e posso apresentar-te a

algumas pessoas com dinheiro.

– O Phillip convidou-me para ficar na mesa dele; tens razão, é uma boa hipótese para me promover.

Devia estar a pensar em Mrs. Reed. Não gostava de se precipitar em nenhuma decisão, por mais pequena que fosse. Libby sabia ser paciente. Mas o que lhe ocupava a cabeça não era a hipótese de a ganhar como cliente. Em vez disso, só conseguia pensar em Phillip. Não tinha querido admitir o quanto

significava para ela estarem juntos. Agora que tinham feito as pazes, a cabeça divagava com hipóteses, esperanças e uma mistura de alegria e expectativa feliz.

Capítulo 27

Depois de sair do hospital, Libby dirigiu-se à retrosaria. Há muito que não experimentava uma tal sensação de leveza. Encontrar-se-ia com Phillip mais tarde no Lago Washington e era difícil não dançar enquanto descia o passeio.

Estava apenas a um quarteirão da loja, quando o telefone tocou. O

número era o do escritório, provavelmente Sarah. A assistente nunca mais lhe dissera nada e, por isso, tinha agido de outra forma depois do encontro com Martha Reed. Positiva e inspirada, alugara um espaço num complexo de escritórios ali perto, que tinha a vantagem de ter uma rececionista. Os serviços, bem como todo o equipamento de escritório, estavam incluídos.

Quando estivesse instalada, contrataria uma assistente... e não

seria Sarah. Apesar de todos os anos que tinham trabalhado juntas, Sarah não tivera coragem para ser honesta com ela, deixando o silêncio falar por si.

Só que não era Sarah ao telefone.

Em vez disso, era o sócio-gerente, Hershel Burkhart.

– Libby – disse, soando afável e animado. – Como está, minha querida?

Não estava de todo à espera de ouvir a voz de Hershel.

– Ótima. – A verdade é que em

poucas ocasiões se sentira melhor. Embora não estivesse atolada de clientes, eles iriam surgir a seu tempo. E entretanto, continuaria a tricotar e a fazer voluntariado, gerindo tudo da melhor forma possível...

– Estava a pensar se nos poderíamos encontrar para tomar um copo esta tarde.

Libby parou subitamente e ficou especada no meio do passeio. As pessoas passavam por ela apressadas, contornando-a,

enquanto ela pressionava o telemóvel contra a orelha. Os barulhos do trânsito chegavam-lhe de todos os lados. O pensamento corria veloz ponderando as possíveis razões para Hershel ter de falar com ela. Só uma fazia sentido.

Queriam recontratá-la. Ele tinha conseguido convencer os outros sócios.

– Sim, claro. A que horas?

– Às quatro está bem para si? – sugeriu, indicando um hotel no centro da cidade.

– Lá estarei – conseguiu

responder. Terminou a chamada e atirou o telemóvel para dentro da mala. Resistiu à tentação de ligar a Robin, mas mandou uma mensagem de texto a Phillip, explicando que precisava alterar o encontro deles na marina.

Não parava de pensar. Se Hershel a queria recontratar, ela não seria fácil de convencer.

À hora combinada, Libby estava sentada no bar do Four Seasons. Endireitou-se quando Hershel se aproximou daquela área pouco

iluminada. Reparou que não mudara muito, nos últimos meses. Sorriu expressivamente quando a viu e contornou cadeiras e mesas até chegar a ela. Libby escolhera a mesa que lhes daria maior privacidade. Levantou-se quando ele se aproximou e ofereceu-lhe o rosto, que Hershel beijou levemente. Depois, pousou a pasta no chão e puxou uma cadeira.

Libby cruzou as pernas e descontraíu, satisfeita por ser dele a responsabilidade de iniciar o assunto. A empregada atendeu-os e

pediram dois copos de vinho merlot.

Trocaram cordialidades, enquanto o vinho não chegava. Fizeram um brinde.

– Vejo que seguiu o meu conselho.

– Desculpe?

– Está a fazer voluntariado no hospital, segundo ouvi dizer, e namora com aquele médico.

Então ele sabia de Phillip.

– Gosta de velejar?

Meu Deus, como ele estava bem

informado! Sem dúvida através de Sarah. Libby estava determinada a ocultar o seu espanto.

– Gosto, sim.

– Maravilhoso.

Hershel provou o vinho e moveu a cabeça em sinal de aprovação.

Libby debatia-se para não mostrar como estava surpreendida.

– Disse-me para arranjar uma vida.

– Nem toda a gente leva as minhas palavras tão a sério – ironizou ele, com um sorriso. – Soube também que tenciona abrir

um escritório – continuou, pousando o copo sobre a base redonda.

O contrato de arrendamento do escritório ainda estava fresco, mas ele não precisava de o saber.

– Parabéns.

– Obrigada.

Hershel inclinou-se para a frente ligeiramente.

– Também soube que esteve com a Martha Reed.

Libby sorriu, algo divertida, embora tivesse a certeza de que

Sarah era a fonte de toda aquela informação.

– Hershel, colocou um detetive privado atrás de mim? – perguntou, em jeito de brincadeira.

Ele abriu um enorme sorriso e abanou a cabeça.

– Tenho as minhas fontes.

– Pelos vistos, tem.

O sorriso dele desvaneceu-se.

– Liguei-lhe porque alguns dos sócios estão preocupados com a sua visita a Martha Reed.

– Ah sim?

– Acham que está a tentar

roubar-nos clientes.

– Roubar? – sublinhou Libby, espantada com a insinuação de que pudesse fazer tal coisa.

– A verdade é que, se estivesse no seu lugar, faria a mesma coisa. Infelizmente, os outros não concordam comigo. Consideram que Mrs. Reed é nossa cliente.

– Era vossa cliente – recordou-o.
– Dispensou os vossos serviços.

– Estou contente com as mudanças que fez desde que saiu da empresa – prosseguiu Hershel,

ignorando o comentário dela. – Está a fazer exatamente o que esperava que fizesse e eu aplaudo-a. Não podia estar mais satisfeito, mas – parou e encarou-a, com um olhar crédulo e sincero – não gostaria de a ver cometer um erro nesta altura.

– Um erro?

Quando acabara de admitir que, perante a oportunidade, teria agido da mesma forma?

– Martha Reed é uma amiga de longa data. Percebi a dada altura que talvez pudesse mudar de ideias. Os outros sócios e eu

falámos com ela há pouco tempo, logo após a sua visita, na verdade, e ela decidiu contratar-nos outra vez.

– Oh! – Libby não conseguia esconder a desilusão. – E quem vai tratar dos assuntos dela?

A esperança era a última a morrer: talvez ainda a quisessem de volta.

– Entregámos a conta a Linda Freeman. Os sócios acham que Mrs. Reed funciona melhor quando pode transmitir as suas necessidades a

uma mulher.

Não Libby. Linda.

Mais uma vez, sentiu o gosto da
desilusão.

– Mas...

Hershel levantou uma mão,
impedindo-a de continuar.

– Eu sei. Ela dispensou os
serviços da empresa e tinha todo o
direito de a contactar, mas isso
exasperou os outros.

Deixou a frase em aberto,
deixando-a entregue à especulação.

Libby tinha uma noção clara do
que ele lhe estava a transmitir.

Basicamente, as hipóteses de lhe pedirem para voltar tinham sido dinamitadas pela sua iniciativa de contactar Martha Reed por conta própria. Sentiu-se enjoada.

O olhar de Hershel não se desviava do dela.

– Eu tentei – confessou ele.

Libby assentiu com cabeça, sugerindo ter entendido. Sorrindo com esforço, sussurrou:

– Parabéns. Creio que Linda fará um excelente trabalho.

Hershel sorriu-lhe de volta, de

forma encorajadora:

– Abrir um escritório por conta própria é um grande desafio, Libby. Não tenho qualquer dúvida de que terá muito sucesso.

– Obrigada.

– É uma boa advogada.

Libby pôs a alça da mala ao ombro.

– Dê os meus cumprimentos aos outros sócios – terminou em voz baixa.

Ao sair do Four Seasons tinha vontade de dar pontapés em alguma coisa. Era evidente que

Sarah, a assistente que em tempos considerara uma boa amiga, tinha sido muito voluntariosa a ceder informação aos sócios. Não admirava que Libby não tivesse recebido mais notícias dela.

Quando verificou as mensagens, ao fim da tarde, Libby reparou que tinha uma chamada perdida de Martha Reed. Devolveu-a imediatamente.

– Lamento desiludi-la, minha querida – disse a digna senhora. – Discuti a decisão com os meus

filhos. Todos eles sabem como gosto de trabalhar consigo. No entanto, receiam, tanto quanto eu, que por conta própria não tenha a estrutura que existe numa empresa maior.

– Entendo – respondeu Libby, embora fosse difícil esconder o que sentia.

– E depois alguns sócios e o Hershel vieram cá a casa e apresentaram os argumentos deles.

– O que a fez voltar a contratá-los? – perguntou Libby, dominada pela curiosidade. Não podia

imaginar o que os sócios tinham proposto. Mrs. Reed fora inflexível na intenção de seguir outro caminho. O escritório já a tinha deixado mal duas vezes.

– Sinceramente, fizeram-me uma oferta muito atrativa.

– Ah sim?

– Sim e, na verdade, tornaram impossível recusar. Concordaram em limitar os honorários.

Libby já adivinhava que o incentivo tivesse sido nessa linha. Tendo em conta o dinheiro que Mrs.

Reed dava a ganhar à empresa, deviam estar desesperados por não a manter. Perder clientes nunca era bom, especialmente com a influência de Mrs. Reed.

– Desejo-lhe a melhor das sortes, minha querida – rematou a encantadora senhora.

– Sei que sim. E se algum dia precisar do meu parecer jurídico, sinta-se à vontade para me contactar.

Libby apreciava realmente Mrs. Reed e faria qualquer coisa para a ajudar.

Logo a seguir, ligou a Phillip, mas foi diretamente para o gravador de mensagens. Felizmente Robin estava disponível. Encontrou-se com ela no Starbucks mais próximo do tribunal. Pediram e sentaram-se num canto.

Robin ouviu atentamente o relato de Libby sobre os acontecimentos da tarde.

– Só podes estar a brincar.

A amiga estava escandalizada e solidária, quando Libby lhe contou do encontro com Hershel e o que

tinha percebido sobre Sarah.

– Nem sei que te diga.

– Achava que ela era minha amiga. – Libby ainda estava atordoada. – Sarah era a única pessoa que sabia que eu ia encontrar-me com Martha Reed. Só pode ter sido ela...

Robin apenas conseguia abanar a cabeça.

Libby estava cansada de tudo aquilo. Fora uma semana cheia. Parecia que tinham acontecido mais coisas na última semana do que nos cinco meses anteriores.

– E tu, como estás? – perguntou ela à amiga. Amiga verdadeira. Sabia que tinha sido difícil para Robin regressar ao trabalho, especialmente porque isso significava cruzar-se com Roy Bollinger todos os dias. Só mais tarde é que Robin lhe contou da visita de Roy a sua casa no dia em que ficara de baixa.

– Estou bem – respondeu Robin, sem olhar a amiga de frente.

Libby ergueu as sobrancelhas, pouco certa de que podia acreditar

no que ouvia.

Robin baixou a voz.

– Vi o Roy no escritório.

– Falaram?

Robin abanou a cabeça. Os olhos enterneceram-se ao falar.

– Mas gostava que sim.

– Oh, Robin.

– É melhor assim. Nunca acreditei que ele estivesse interessado em mim e agora que tem... – e deixou o resto subentendido.

– Lembra-te do que me tens dito neste longo período de

desemprego.

– O quê?

– Que tudo se resolve por si.

– Disse isso?

Libby abriu um enorme sorriso.

– Umas quantas vezes.

Robin devolveu-lhe o sorriso.

– Não sabia que podia parecer
tão sábia.

Mas ela era sábia,
maravilhosamente sábia, e Libby
valorizava-o muito.

Capítulo 28

Libby sentou-se no seu pequeno gabinete e arrumou a secretária. Tudo estava limpo e ordenado, como ela gostava. Já tinha recebido duas chamadas de trabalho. Uma rejeitara sumariamente. Era de um amigo de um amigo que procurava um advogado para o livrar de uma multa de excesso de velocidade, a

terceira do ano. Libby teve o maior prazer em encaminhá-lo para outro colega.

A segunda chamada parecia prometedora. A recomendação fora dada por Abby Higginbotham do Hospital Central de Seattle. Libby marcou uma reunião com o casal na tarde seguinte para falar de planejamento de bens patrimoniais e criar fundos de fideicomissos para os netos. Já tinham falado com consultores financeiros, mas estavam à procura de

aconselhamento por parte de alguém que não tivesse nenhum benefício financeiro com os seus investimentos.

Libby ligou para o hospital para agradecer a Abby.

– Não tens nada que agradecer. São amigos da família do meu marido. Pessoas maravilhosas.

Falaram durante mais alguns minutos e trocaram bisbilhotices do hospital. Libby terminou a chamada quando recebeu um toque da rececionista.

– Sim – disse Libby.

– Está aqui uma senhora para si.

Disse que não tinha marcação.

– Claro.

Um cliente era um cliente. Libby levantou-se da secretária, abriu a porta e encontrou Casey Goetz na sala de espera.

– Casey?

– Olá.

Casey pousou a revista, levantou-se e, lançando um sorriso «eu avisei-te» à rececionista, entrou no gabinete.

– A minha mãe contou-me que

tinha o seu próprio escritório. Fixe.
– Olhou em volta e anuiu com um gesto de cabeça, em sinal de aprovação.

Libby mantinha-se em contacto com Ava, pelo telefone, sem nunca deixar passar muitos dias, para verificar se estava tudo a correr bem. A consulta médica estava marcada para o início da semana seguinte, a data mais breve que a assistente social conseguira arranjar.

– Casey, que surpresa boa! Deduzo que estejas aqui em

negócios. O que posso fazer por ti?

Casey parecia surpreendida, embora devesse ser apenas aparência.

– Vim contratá-la.

Bem, aquilo era seguramente interessante. Libby sentou-se e Casey puxou também de uma cadeira.

– Estás com problemas legais?

– Não. Na verdade, estou aqui em representação da Ava.

– Claro.

Libby estava contente por Ava

ter uma amiga assim. Sabia que conversavam todos os dias depois de Darlene Carmichel sair para o trabalho.

– Como posso ajudar-te? E à Ava? – inquiriu Libby.

Casey endireitou-se na cadeira.

– Falámos, e a Ava decidiu que quer entregar o bebé para adoção.

– Pegou na mala e tirou a carteira.

– A Ava acha que pode custar algum dinheiro, por isso tenho aqui as poupanças da mesada e disse-lhe que pagava... se fosse preciso.

Segurava a mala com as duas

mãos.

– A avó de Ava já admite que ela está grávida? – perguntou Libby.

– Ainda não.

Bem, Mrs. Carmichel não podia ignorar o facto por muito mais tempo.

– Pode ajudar a Ava... com a adoção?

– O que posso fazer – explicou-lhe Libby – é dar a referência dela a uma agência.

Pensou que talvez a assistente

já o tivesse feito, mas apercebeu-se naquele momento que não o faria até se confirmar o estado de Ava.

– Quanto é que isso vai custar?

Casey tinha a mão na carteira, preparada para pagar um adiantamento.

– Na verdade, o serviço é gratuito.

– Gratuito?

– As referências são gratuitas – sublinhou Libby. Estava comovida com o desembaraço de Casey.

– Oh!

Os ombros da adolescente

relaxaram, sugerindo alívio.

– Posso elaborar uma lista de números de telefone ou até ligar eu mesma, em nome dela.

Casey assentiu.

– Acho que seria melhor a Libby fazer os telefonemas. Ava acha que é melhor outra pessoa... – hesitou e depois acrescentou – ficar com o bebê.

Libby sentia-se aliviada com a decisão de Ava. Dava-se conta do quão difícil deveria ter sido para ela. Como falavam com frequência,

estava surpreendida por Ava ter pedido a Casey para a abordar em relação àquele assunto, tendo em conta que nunca tinham falado das opções que Ava tinha em relação ao bebé.

– Como tem passado a Ava? – interessou-se Libby. Tinha falado com ela no dia anterior, mas Casey podia ter um enfoque totalmente diferente.

– Está bem, acho, embora agora nunca saia de casa. Contou-me que lhe levou livros e material para tricô e outras coisas... e acho que isso é

ótimo. A Ava precisa de si.

Era engraçado Casey referi-lo, porque Libby estava precisamente a pensar como se sentia bem em poder ajudar a jovem. Ava lembrava-a de si naquela idade: insegura, sozinha, perdida. Tinham conversado bastante sobre o que significava viver sem uma mãe. Libby esperava animar Ava.

– A Ava confia em si. Ela tem esperança... – Casey desviou o olhar e não terminou a frase.

– De que é que ela tem

esperança? – perguntou Libby.

Casey pôs um ar confiante.

– Quando Ava disse que queria dar o bebé para adoção, também disse que se sentia esquisita por o entregar a estranhos.

– É uma decisão difícil.

Mas por certo a mais correta. A adolescente era, ela própria, pouco mais do que uma criança. Libby achava que assumir a responsabilidade de criar um bebé estava para lá das capacidades de Ava.

– Foi duro para ela.

– Eu sei. – Libby ligaria outra vez a Ava na manhã seguinte e juntas poderiam percorrer a lista de agências de adoção.

– Eu própria falarei com a Ava sobre isto – prometeu Libby. – Ela não precisa de se preocupar com o bebé. Terá a oportunidade de consultar o perfil dos casais interessados em adotar. A assistente social vai ajudá-la e ela pode mesmo escolher a família.

– Pode ser ela a escolher? – Os olhos de Casey brilharam. – Seria

fantástico, porque ela já tem uma ideia de quem gostaria que fosse.

Ava não lhe contara nada acerca disso.

– A sério?

Casey sorriu expressivamente.

– Pode ligar-lhe?

– Queres dizer, ligar-lhe agora?

A rapariga anuiu.

– Ela está à espera do meu telefonema?

Libby não queria arriscar ser atendida pela avó.

– Ela estava com esperança que ligasse. Pediu-me para falar

primeiro consigo porque tinha algum receio da sua reação.

Aquilo era estranho, porque tinha-lhe sugerido o mais possível aquela opção. A escolha tinha de ser de Ava, mas Libby sentia que era importante que percebesse tudo o que envolvia criar um bebé sozinha.

Casey olhava fixamente para o telefone. Libby marcou o número de Ava que devia estar sentada ao lado do aparelho, porque atendeu ao primeiro toque.

– Olá – cumprimentou timidamente.

– Ava, é a Libby.

– A Casey está consigo?

– Está, sim.

– Falou consigo sobre a adoção?

– Falou – Libby tranquilizou-a.

– O que acha? – Parecia tão nervosa, tão insegura, e era compreensível, pensou Libby.

– Acho que é uma decisão sensata para o teu bebé.

– Oh, obrigada. – Ava respirou fundo e parecia prestes a desatar a

chorar. – Estava com medo que por ser solteira, não quisesse o meu bebé.

– Querer o teu bebé? Eu? Estás a falar de eu adotar o teu bebé?

Oh, meu Deus!

– Sim. – Ava respirou fundo.

– Ava, há muitas famílias que estão desejosas de ter uma criança. Lembras-te de termos falado disto? Alguns casais esperam há anos pela oportunidade de adotar um bebé.

– Explicou-me isso, mas não quero que qualquer um fique com o meu bebé.

Aquilo não fazia qualquer sentido.

– São estranhos – insistiu Ava. – Quero que a minha bebé tenha um bom lar, com alguém que eu saiba que a vai amar. Digo «ela», porque eu prefiro que seja uma rapariga e não um rapaz.

– Quem quer que seja que a adote, vai amá-la – garantiu Libby.

– A Libby ia amá-la?

A pergunta suspendeu Libby e apercebeu-se, num assomo de emoção, que já a amava.

– Sim – sussurrou, com sinceridade. Ela amaria o bebê de Ava.

– Então quero que seja a Libby a adotar a minha bebê.

Aquelas palavras deviam ter abalado o mundo de Libby, virando-o de cabeça para baixo. Mas depois do choque inicial, Libby apercebeu-se de que não. Lembrava-se de ter ao colo o bebê Wilson e pensar que podia ter sido seu filho. A onda de arrependimento que a assolara naqueles instantes multiplicara-se

por mil quando se apercebera que era o filho do seu ex-marido.

– Queres que eu adote a tua bebé? – perguntou novamente Libby, para ter a certeza que tinha entendido bem a vontade de Ava.

– Sim, quero que seja a Libby. Sei que a vai amar. Tenho a certeza que vai ser uma boa mãe... porque tem sido tão boa amiga para mim. Eu... confio mais em si do que em qualquer pessoa no mundo, mais até do que na minha avó. Por favor, diga que vai adotar a minha bebé, Libby. Por favor.

Capítulo 29

Libby não sabia o que dizer a Ava. A ideia de criar a criança dela era um assunto demasiado sério a considerar. O seu primeiro impulso era explicar quão impossível isso era para ela, especialmente nesta conjuntura da sua vida. A objeção mal se manifestou, no entanto, antes de se dissipar. À primeira

vista, a ideia não fazia qualquer sentido. Acabara de montar o seu escritório e precisava de direcionar toda a sua energia nesse sentido.

Mas lenta e gradualmente, o pensamento chegou onde o seu coração já estava havia muito. Aquele bebê devia ficar com ela. Amaria a filha de Ava e construiria a vida em torno dela.

Phillip ligou no domingo de manhã e perguntou se ela gostaria de ir ao Paradise, em Mount Rainier. Em tantos anos que vivia

em Seattle, nunca tinha ido uma única vez ao parque nacional ou à estalagem, embora sempre tivesse boas referências. Phillip disse-lhe que tinha feito reservas para o almoço e que achava que estava na altura de terem uma conversa. A viagem dar-lhes-ia privacidade para falarem sobre o que tinha acontecido e como queriam que a relação evoluísse.

Em vez disso, falaram de Ava.

– Estás segura desta ideia de adotar? – insistiu Phillip, quando Libby assumiu estar inclinada a

criar aquela criança sozinha.

– Sim... e não.

Phillip soltou uma gargalhada ligeira.

– Parece que ainda não estás decidida.

– Estou – contrapôs ela –, pelo menos por agora. – Depois, por sentir a necessidade de se explicar, acrescentou: – Uma das lições que aprendi este ano é que ter uma vida implica realmente criar relações. É mais do que inscreveres-te no clube de bowling

ou treinares no ginásio. Trata-se de abrir a vida e o coração aos outros.

– A um bebé?

– Um bebé muito especial. Tudo começou quando peguei no bebé Wilson ao colo. Dei-me conta de que, noutras circunstâncias, teria sido meu filho e de Joe. O meu coração sentiu essa necessidade, o desejo de uma criança, mas mais do que tudo, a vontade de ter uma família. Quando me apercebi de que o bebé que tinha nos braços era o filho de Joe... parecia que o mundo inteiro tinha implodido. Foi

um momento de viragem para mim.

Phillip pegou-lhe na mão. Manteve os olhos na estrada, mas a força com que a apertava diziam-lhe que também se sentia emocionado.

– A partir de então, comecei a construir a minha família. Agora tenho a oportunidade de acrescentar uma criança à minha vida. Sei que isso implica fazer sacrifícios, mas estou disposta a isso. O bebé de Ava vai dar-me um sentido para além do trabalho e vai

ajudar-me a ampliar o meu mundo. Quero dar a este bebé um lar e amor.

O seu coração já estava ligado ao do bebé de Ava. Era como se estivesse predestinado.

– Há lugar nessa família reunida para mais um, um dia, no futuro? – perguntou Phillip. Por breves instantes, desviou os olhos da estreita e tortuosa estrada de montanha.

Ficou confusa e respondeu com uma pergunta.

– Gostarias que houvesse?

– Muito – assumiu ele.

Libby suspirou.

Passaram um dia maravilhoso juntos. Depois de um almoço descontraído na estalagem, percorreram os caminhos até à zona da linha das árvores, descansando num prado repleto de viçosas flores silvestres. Beijaram-se e caminharam de mão dada, de volta ao carro. No caminho de regresso a Seattle, enquanto Phillip conduzia, Libby apercebeu-se mais uma vez de como desejava

intensamente que aquele homem extraordinário fizesse parte da família que estava a formar para si.

Na segunda-feira de manhã, Libby sentia-se muito bem. Regressava a casa, depois do habitual treino, desejosa de tomar um duche e mudar de roupa para ir para o escritório. No entanto, não tinha a pressa que via em Robin, a pressa que ela própria em tempos tivera.

Libby tinha de lhe dar crédito. A verdade é que Robin também não parecia tão focada como nos meses

anteriores. Libby perguntava-se se essas mudanças tinham sido inspiradas pelas transformações na sua própria vida. Seguramente, já não era a mulher que saíra da Burkhart, Smith & Crandall em março. E sinceramente, ainda bem. Tinha tatuado uma borboleta por brincadeira, mas a tatuagem transformara-se no símbolo das profundas mudanças a acontecer na sua vida. Representava a sua fé de que podia ser uma pessoa plena e não apenas uma advogada

dedicada que usava o trabalho para evitar lidar com emoções.

Ao rever os últimos meses, todas as suas atrapalhações para se encontrar, Libby percebeu que a sua nova vida nada tinha a ver com a anterior e estava tranquila com isso. Tal como a borboleta no fundo das suas costas, também ela estava a passar por uma metamorfose. O facto de não ter processos urgentes fazia com que não estivesse nervosa ou preocupada. Os clientes viriam com o tempo. Era bom estar de volta à ação, embora a ação de

momento fosse bastante ténue.

Outra grande oportunidade estava prestes a surgir na sua vida. Falou sobre a adoção com Phillip e Robin. Ambos a ouviram e colocaram questões importantes que lhe deram espaço para hesitar um pouco. Confrontada com todas as possibilidades, apercebeu-se de que não tinha pensado em tudo. No entanto, mantinha um sentimento profundo de paz de que aquela era a decisão certa.

– E quem ficaria com o bebé

durante o dia? Contratarias uma ama? – perguntara Robin.

Libby sabia que tinha de encontrar alguém e depressa. Explicou à amiga que faria o possível para ser ela a ficar com o bebé nos primeiros meses.

– Não podes estar a falar a sério – contrapôs Robin. – Vais trazer o bebé para o escritório e tentar trabalhar ao mesmo tempo? Estás louca?

Libby reconsiderou a ideia. Robin tinha razão. Não conseguiria trabalhar e tratar do bebé no

escritório. Precisava de encontrar uma solução para o dia.

– E o que vais fazer acerca da influência paterna? – inquiriu Phillip, fazendo-a pensar.

– Há muitas mães solteiras no mundo.

– Um bebé precisa de um pai.

– Bem, as coisas nem sempre correm como desejamos – defendeu, mas no fundo receava que Phillip tivesse razão, especialmente tendo em consideração que as agências de

adoção estavam entupidas de candidaturas de casais desejosos de constituir família.

Mesmo assim, Libby tencionava marcar algumas entrevistas preliminares com possíveis creches. Ficaria com o bebé o máximo de tempo possível quando não estivesse no escritório. Havia também a questão de preparar a sua casa para receber uma criança. Robin prometera ajudá-la nas compras.

Assim que saiu do elevador, chaves na mão, Libby encontrou

Ava sentada no tapete da entrada à frente da porta.

– Ava?! – gritou o nome da rapariga e correu para perto dela. – O que se passa?

Semanas antes, dera a Ava a sua morada e número de telefone e dissera-lhe que podia sempre contactá-la, caso precisasse de ajuda.

Ava agarrou-se à barriga.

– Dói-me, Libby, dói-me muito.

A rapariga estava em trabalho de parto.

Era muito cedo, ou talvez não. Libby não podia ter a certeza, porque Ava ainda não tinha ido ao médico. Este era um dos maiores receios de Libby, que o bebé nascesse antes que Ava recebesse qualquer cuidado pré-natal.

A tentar combater o pânico, com as mãos a tremer enquanto abria a porta, Libby levou Ava para dentro de casa. Já no hall de entrada, Ava gritava de dores e a água escorria-lhe pelo meio das pernas.

Tão calmamente quanto

conseguiu, Libby apressou-se para o telefone e ligou para o 112. Tinha de levar a rapariga para o hospital. A seguir, telefonou a Phillip.

Depois de explicar a situação, ele disse:

- Chama uma ambulância.
- Já chamei.
- Manda-os levarem-na para o Hospital Central de Seattle.
- Está bem.

Tinha o coração tão acelerado que mal conseguia ouvir a voz dele sobre o som dos seus batimentos. Punha toalhas entre as pernas de

Ava e agarrava a adolescente pela cintura, enquanto escutava os conselhos de Phillip.

– Entra em contacto com a tutora. A avó tem de assinar alguns papéis antes de podermos cuidar dela.

– Está bem.

Libby desligou a chamada.

– A tua avó já saiu para o trabalho?

Ava, que estava pálida e nervosa, abanou a cabeça.

– Acho... acho que não. Escapuli-

me de casa antes de ela acordar. Não me ouviu, de outra maneira, tinha-me impedido de vir.

Libby mantinha o telemóvel na mão.

– Preciso de entrar em contacto com a tua avó.

– Não – gritou Ava. – Por favor, não.

– Querida, desculpa, mas é necessário.

Darlene Carmichael atendeu ao quarto toque, ao mesmo tempo que os paramédicos chegaram.

– Fala a amiga de Ava, Libby. A

Ava está comigo... Chamei uma ambulância para a levar ao hospital.

– Para que é que ela precisa de ir ao hospital? – inquiriu Darlene.

– Está em trabalho de parto.

A avó da rapariga susteve a respiração de forma expressiva.

– Não, não está. Não pode estar.

Libby não tinha tempo para discussões.

– Oiça, Mrs. Carmichel, vou levar a Ava para o hospital. Ela está

cheia de dores e precisa ser vista por um médico.

– Não posso pagar isso.

– Não se preocupe com as despesas. Isso não interessa agora. Cuidar de Ava e do bebê dela, sim.

Libby estava disposta a concordar com quase qualquer coisa, desde que a avó cooperasse.

– Preciso que vá ter comigo ao Hospital Central de Seattle assinar alguns documentos para que Ava possa ser assistida. – Antes que a outra mulher pudesse refilar, acrescentou: – Se houver despesas

médicas, eu também as pago.

– Não me posso atrasar para o trabalho – gritou Darlene, como se estivesse à beira das lágrimas. – Mal posso pagar as despesas destes miúdos, quanto mais contas de hospital.

Com a voz tremida, Libby pronunciou com calma cada uma das palavras.

– Tenho a certeza de que lhe perdoam uns minutos de atraso no trabalho. É urgente que vá ao hospital assinar os papéis da

autorização para Ava ser assistida.
Entendeu?

– Está bem – murmurou Darlene. – Estarei lá dentro de quinze minutos.

– Por favor, despache-se.

Libby não estava autorizada a ir na ambulância e, quando chegou ao hospital, Ava já estava na sala de partos com Sharon Jennings. Os papéis da autorização, que aguardavam a assinatura de Darlene Carmichael, estavam presos numa pasta com mola em cima da maca.

– Libby – Ava soergueu-se da cama e esticou o braço em direção a ela.

Libby agarrou com força a mão da rapariga e levou-a aos seus lábios.

– Estou aqui. Vai correr tudo bem.

Ava relaxou sobre a almofada e inspirou profundamente.

– Ninguém me avisou que isto ia doer tanto.

Sem nunca ter estado em trabalho de parto ou perto de

alguém nessa situação, Libby mal sabia o que dizer para a confortar. Esperava que a dor não piorasse muito. A cara da jovem estava pálida e contraída, os olhos esbugalhados de dor e medo. Libby afastou o cabelo da fronte de Ava. Sobre os lençóis brancos, a adolescente parecia ainda mais nova e vulnerável, nova de mais para estar naquele sofrimento.

Em poucos minutos, Libby ouviu Darlene Carmichael aproximar-se da sala de partos.

– Onde é que ela está? – gritou

Darlene. – O que é que fizeram à minha neta?

Pelos vistos, alguém lhe indicou o caminho, porque Darlene entrou disparada na sala.

– O que é que a Ava está aqui a fazer? – perguntou, sem se importar em cumprimentar a neta.

– A Ava está em trabalho de parto – explicou Sharon, entregando a Darlene os papéis.

Darlene rasurou a assinatura e devolveu-lhe os documentos.

– Em trabalho de parto? Mas

vocês são todos malucos? A Ava não está a ter uma criança. Ela só come mais do que devia.

Nesse momento, Ava sofreu uma contração e fechou os olhos com muita força, berrando, enquanto abanava a cabeça contra a almofada.

– Façam as dores parar! Façam-nas parar!

À medida que a contração passava, deitava o ar fora e descontraía.

– Diz-lhes que não estás grávida
– ordenou a avó à neta.

– Avó – disse Ava, com a voz muito fraca –, estou a ter um bebé.

Darlene susteve a respiração, produzindo um som de susto, e levou a mão à boca.

– Mrs. Carmichael – continuou Sharon, lançando um olhar aos documentos assinados –, a sua neta está em trabalho de parto. Definitivamente, vai dar à luz uma criança nas próximas horas.

– Ela só tem treze anos – gritou Darlene.

– Pelos vistos, tem idade

suficiente – respondeu Sharon, tranquila. Trouxe um saco de soro para Ava.

– O que é que ela está a fazer?

– perguntou Ava a Libby, observando Sharon.

Agarrava a mão de Libby com tanta força que teve de forçá-la a soltar os dedos.

– Eu... não gosto de agulhas.

– Está tudo bem – tranquilizou-a Libby, falando com calma. – Vira a cabeça e não olhes.

Darlene ficou ali em pé, em silêncio, como se estivesse em

estado de choque, enquanto Sharon colocava a agulha no braço de Ava e depois a prendia com adesivo.

– Não acredito que isto está a acontecer – gritou Darlene, e começou a chorar ruidosamente. – Todo este tempo, achei que ela só estava a comer de mais.

– Desculpa, avó, desculpa. – Ava começou a chorar também.

– Está tudo bem – tentou Libby tranquilizá-la.

– Não posso permitir que esteja a perturbar a paciente – disse

Sharon à avó.

Darlene Carmichael limpou as lágrimas da cara.

– O que é que nós vamos fazer? Um bebé? Como é que eu vou alguma vez poder sustentar um bebé?

De repente, como se se apercebesse subitamente que Ava não podia ter engravidado sozinha, a mulher mostrou um ar resolutivo.

– Quem é o pai?

Furiosa, bateu com a mão na parte lateral da cama.

– Eu torço-lhe os tomates, juro!

– Mrs. Carmichael – dirigiu-se Sharon novamente à senhora –, está a perturbar a minha paciente.

– Acha que eu não estou perturbada? – explodiu Darlene. – Acabei de descobrir que a minha neta de treze anos vai ter um filho! – E soltou um gemido de frustração e choque.

– Avó, desculpa, peço imensa desculpa...

– Mrs. Carmichael – interveio Libby, colocando o braço sobre o ombro da senhora –, não é altura

para exigir respostas.

– Quero saber quem lhe fez isto, quem é o responsável!

Libby tinha um palpite, mas não podia ter a certeza.

– Haverá muito tempo para descobrir isso, depois. Neste momento, precisamos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar a sua neta.

Darlene olhou para ela com ar de que não tinha entendido uma única palavra.

– Se chego atrasada outra vez ao trabalho, perco o emprego. E

depois, o que é que nos vai acontecer?

Ava sofria mais uma contração, movendo agitadamente a cabeça para a frente e para trás na almofada enquanto murmurava, num gemido:

– Dói, dói... – e apertava mão de Libby com tanta força que deixou marca.

Era evidente que a avó estava a ser mais uma perturbação do que uma ajuda.

Ava deve ter pensado o mesmo.

– Vai trabalhar, avó. Eu fico bem. Por favor, sai, está bem?

Darlene hesitou e depois anuiu.

– Está bem, mas depois ligue-me, certo?

– Claro que sim – prometeu Libby.

Darlene Carmichael fez umas festas no ombro da neta.

– Tudo se vai resolver, Ava. Vou encontrar quem te fez isto e depois resolvemos o que fazer com o bebé. Não te preocupes.

Com os olhos brilhantes de

lágrimas, voltou-se e dirigiu-se à saída da sala de partos.

– Quem é o médico dela? – perguntou Sharon.

– Não tem nenhum – esclareceu Libby. – Tinha a primeira consulta marcada para o início da próxima semana.

Sharon abanou a cabeça.

– Está bem....

Depois, olhando para Ava, sorriu e fez-lhe festas no ombro.

– Não te preocupes. A Libby e eu estamos aqui e vamos ajudar-te. Estarei contigo o máximo possível e

vou-te explicando o que está a acontecer com o teu corpo. Vai correr tudo bem. Tu, eu e um dos nossos excelentes médicos vamos trazer este bebé ao mundo, está bem?

A sua voz tranquilizante era mesmo o que Ava estava a precisar.

– Está bem – respondeu, os olhos também marejados de lágrimas. – Mas quero a Libby aqui, também.

– Claro que sim – assegurou

Sharon, apertando-lhe carinhosamente o braço.

Libby ficou com ela à medida que o trabalho de parto avançava.

– Cante-me uma canção – pediu Ava. – Como costuma fazer aos bebés.

– Está bem.

Libby escolheu uma música mais conhecida e, para sua surpresa, depois das primeiras palavras, Ava juntou-se à ela. A qualidade da sua voz admirou Libby. Ava mencionara anteriormente que gostava de cantar, mas Libby nunca se tinha

dado conta do quanto a rapariga era talentosa.

– Ava, tens uma voz encantadora.

– Gosto de cantar.

Calou-se, quando sentiu outra contração.

Dez horas depois, na presença de uma equipa de médicos, Ava deu à luz uma rapariga de um quilo e oitocentos gramas. Libby tinha de reconhecer; a jovem rapariga fora uma verdadeira heroína. Nunca se tinha deixado vencer pela dor ou

gritado. Em vez disso, cantara. Sharon elogiara-lhe várias vezes o autocontrolo. Ava cooperou de todas as formas possíveis, apesar de não ter permitido que Libby se afastasse dela mais do que alguns instantes.

Phillip entrava e saía da sala de partos e, entre contrações, Ava sorria-lhe.

– Conheço-o.

Phillip inclinava a cabeça para um lado.

– Conheces?

O sorriso de Ava aumentava.

– É o médico que encontrámos no elevador naquele dia, o médico de que a Libby fala o tempo todo. É louca por si!

– Ava – refilava Libby, constrangida.

Phillip piscava-lhe o olho e, inclinando-se para ela, dizia baixinho:

– Bem, a verdade é que eu também sou louco por ela.

Ava ria até o aproximar de outra contração, quando se concentrava em aguentar a dor.

A seguir ao parto, Ava foi levada para um quarto, onde adormeceu de imediato. Libby aproveitou a oportunidade para espreitar a bebé... a sua filha. A criança era incrivelmente pequena, mas uma gigante quando comparada com outros prematuros que conhecera.

– Como é que ela está? – quis saber, assim que Phillip chegou. Ele estava em pé atrás de si, as mãos sobre o seu pescoço.

– Está relativamente bem. Calculamos que ela tenha entre

trinta e cinco e trinta e seis semanas. Nascer prematuro nunca é o ideal, mas os sinais vitais são fortes e os pulmões parecem desenvolvidos o suficiente para que fique bem.

– É perfeita, não é? – murmurou Libby, olhando para aquela coisa pequenina e sonolenta, toda embrulhada. – E tão bonita. – A voz falhara-lhe com a emoção. Era a criança dela, a sua filha.

Phillip aproximou-a do seu corpo.

– Está um pouco preguiçosa

ainda, não tem a certeza se quer respirar sozinha. Queres pegar-lhe?

– Posso?

– Claro que sim.

Phillip colocou a mão dentro da incubadora e levantou a recém-nascida com ternura da caminha, colocando o pequeno embrulho nos braços de Libby, postos em forma de berço.

Libby sentou-se na cadeira de baloiço e ficou surpresa ao ver a bebé abrir os olhos e fitá-la diretamente. Ficaram ligadas pelo

olhar e parecia que a pequena bebé de um quilo e oitocentos encontrara um lugar confortável para se aconchegar no coração de Libby.

– Gostava de lhe chamar Amy Jo... – sussurrou. – O segundo nome da minha mãe era Jo e sempre gostei de Amy.

– Amy Jo – repetiu Phillip, de pé atrás dela, com a mão sobre o seu ombro.

– Sei que tu e a Robin levantaram questões muito pertinentes sobre a adoção desta criança. Eu própria tive dúvidas,

mas assim que a vi, soube que torná-la parte da minha vida era a decisão certa. Vou avançar com a adoção, Phillip. Esta bebé é minha filha.

Ele apertou-lhe o ombro.

– Vais ser uma mãe maravilhosa.

O voto de confiança de Phillip era tudo para ela. Cruzou a mão sobre o peito, tocando na dele, pousada no seu ombro.

– Obrigada – murmurou, e a garganta deu um nó de emoção.

Phillip inclinou-se e beijou-a no pescoço.

– Parabéns, mamã.

Libby estava contente por terem tido oportunidade de conversar sobre as implicações na sua vida resultantes das mudanças causadas pela adoção. Precisava do apoio dele. O comentário tranquilizador era o suficiente para provocar uma torrente de lágrimas sobre o rosto. Para uma mulher que raramente chorava, as lágrimas escorreram com muita facilidade. A emoção

bloqueou-lhe a fala. Tinha sido um dia e tanto e ainda não acabara. Precisava de tratar de todos os procedimentos legais para dar início ao processo de adoção e garantir a guarda da criança até tudo estar devidamente formalizado. Depois precisava de encontrar uma creche e preparar as coisas para levar Amy Jo para casa. Não tinha berço, nem carrinho, nem fraldas. Na verdade, não tinha nada.

– Foste fantástica com a Ava – comentou Phillip. – Motivadora, apoiante, útil e carinhosa.

Libby estava tão preocupada com Ava que mal tinha reparado que Phillip entrara várias vezes na sala de partos durante o dia.

– Gosto muito da Ava.

E também amava a bebé. Deixava-a estupefacta como era possível sentir tanto amor por aquele pequenino ser quando nem sequer tivera Amy Jo dentro do seu corpo, nem dado à luz, fisicamente. Apesar disso, assim que pôs os olhos nela, soube intuitivamente que aquela bebé era sua, e que iria

amá-la para lá de tudo o que alguma vez pudesse ter imaginado.

O nascimento de Amy Jo seria o ponto de viragem para Libby. A sua vida ficaria para sempre marcada por aquele dia, o dia em que se tornara mãe, o dia em que o seu mundo se voltara para a criança agora entregue ao seu cuidado. Só podia acreditar que Deus tinha querido que Amy Jo fizesse parte da sua família.

Libby limpou as lágrimas do rosto e sorriu, quando Phillip tirou Amy Jo dos seus braços, colocando-

a de novo no berço fechado que a ajudaria a respirar.

Libby saiu da Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais. A primeira pessoa a quem ligou foi ao pai.

Pareceu surpreendido por a ouvir depois das oito da noite, numa segunda-feira.

– Está tudo bem?

– Sim; escuta: eu sei que isto é um pouco em cima da hora, mas pensei que gostasses de saber que és avô.

O silêncio do outro lado era ensurdecedor.

– Estás grávida?

– Não, vou adotar uma menina.

Nasceu há uma hora. Vou-lhe chamar Amy Jo. Jo, por causa da mãe. É muito pequenina, tem cerca de um quilo e oitocentos, e terá de ficar no hospital mais ou menos uma semana, mas vai ficar tudo bem.

– Adotar uma criança? – repetiu, soando chocado.

– Vais adorá-la, pai. A tua

primeira neta.

– Sim, imagino que sim...

– Desculpa contar-te assim tão à pressa, mas tenho milhares de coisas para fazer.

– Está bem. Enfim, parabéns.

– Obrigada, pai.

Esta tinha sido provavelmente uma das mais longas conversas telefónicas que tivera com o pai nos últimos dez anos. Sentia-se bem. Na verdade, sentia-se maravilhosamente bem. A pessoa a quem ligou a seguir foi Robin.

– É uma rapariga! – exclamou.

– A Ava teve a bebé?

– Há uma hora.

– Porque não me mandaste uma mensagem? – protestou Robin. – Teria ido ao hospital.

Libby tinha querido muito avisar a amiga, mas não conseguira.

– Ava não me deixava sair de perto dela mais de um minuto. Portou-se lindamente, a propósito. Aquela rapariga tem um dom.

– Estás preparada?

– Preparada?

– Tens o que precisas para levar

a bebé para casa?

– Nem uma única coisa. – Libby soltou um risinho. – A verdade é que para uma pessoa tão focada e organizada como eu, estou completamente perdida. Como é óbvio, não podia imaginar que chegaria quatro semanas mais cedo.

– Que horas são?

– Já passa das oito – respondeu Libby, verificando o relógio.

– As lojas estão fechadas. Vais ter de ir amanhã de manhã e eu vou contigo – anunciou Robin.

Robin ia com ela num dia de trabalho?

– Podes fazer isso?

– Tiro um dia de férias. Vamos as duas ao centro comercial e trazemos a loja de bebés inteirinha para tua casa.

Libby mal podia acreditar que Robin ia tirar um dia de folga. Soltou outra gargalhada.

Capítulo 30

Robin pegou num pequeno vestido cor-de-rosa e sentiu o coração derreter-se. Era incrivelmente engraçado.

– Tens de comprar isto – insistiu, e colocou-o sobre o braço, juntamente com outros dez vestidos que achava indispensáveis para a filha de Libby.

– Robin, não posso comprar isso tudo. Lembra-te, estou com um orçamento limitado.

– Tu podes estar, mas eu não, e sou a madrinha da Amy Jo.

Robin ficara entusiasmada quando Libby lhe dera a honra de a convidar para assumir esse importante papel na vida de Amy.

– Estou estafada – desabafou Libby, com um enorme sorriso de felicidade –, para não falar em falida.

Robin sabia que Libby estava

ansiosa por regressar ao hospital, para visitar Ava e a bebé. Já lá tinha passado de manhã, antes da maratona das compras, e estava desejosa por voltar. Robin não sabia a que horas a amiga chegara a casa na noite anterior, mas deu-se conta que devia ter sido bastante tarde. Em todos os anos de contacto com ela, nunca a vira tão alegre e entusiasmada.

Robin estava genuinamente feliz por Libby. A alegria da amiga contagiava-a. Como não? Apesar da desilusão que sentira com a visita

de Roy a sua casa, estava invadida pela felicidade dela. Sabia bem focar-se em alguém que não o juiz. Só esperava que a falecida mulher tivesse valorizado a grandeza daquele amor.

Robin separou-se de Libby por volta das duas horas nessa tarde. Em vez de ir para o tribunal, voltou para casa. Se fosse para o escritório, o mais provável era ser bombardeada com trabalho. Era essa a sua natureza, enquanto procuradora. Trabalhar a partir de

casa seria menos incómodo do que ir para o escritório. Responder aos e-mails de um dia completo com certeza iria ocupar-lhe a tarde toda.

Já em casa, Robin tirou os sapatos e serviu-se de ice tea. Depois de alguns goles, ligou o computador. Como suspeitava, os e-mails começaram a cair, preenchendo o ecrã. Passou por todos eles, até ter a certeza que tinha respondido aos mais urgentes. Assim, quando voltasse ao escritório no dia seguinte, a lista de tarefas não a sufocaria.

A campainha tocou. Era Libby de certeza. Descalça, apressou-se para a porta, divertida com a ideia de que ainda agora se tinham separado e a amiga já estava de volta.

Só que não era Libby.

Pela segunda vez, deu com o juiz Roy Bollinger do outro lado da porta, com um saco branco na mão. Parecia completamente fora do seu elemento. Ao vê-lo, Robin empalideceu.

– Roy – murmurou, espantada

de o encontrar ali.

Desde o último encontro, tinham-se cruzado no tribunal quase todos os dias e ambos desviaram o olhar, fingindo... ela não sabia o quê.

– Não estás doente? – perguntou, parecendo desapontado com o facto de ela estar nitidamente de boa saúde.

– Não.

– Não foste ao tribunal – argumentou.

– Tirei um dia de férias.

– Oh! – Roy entregou-lhe o saco

de papel branco e tinha ar de quem queria meter o rabo entre as pernas e fugir.

Agora que ele estava à sua porta, Robin não queria que se fosse embora.

– O que é isso? – perguntou, tentando demorá-lo.

Roy sorriu de forma relutante.

– Canja de galinha com massa. Presumi que estavas doente.

– Como vês, estou perfeitamente bem.

– Pois. E sim, estás... ótima. –

Calou-se e tossiu ligeiramente. – Na verdade, estás mais que bem. Estás maravilhosa.

Os elogios não tão eram expressivos na boca de Roy como na de outros homens, mas, mesmo assim, Robin não conseguiu evitar corar.

– Queres entrar? – convidou.

Roy hesitou. Agora que ela segurava no saco, ele enterrava as mãos bem dentro dos bolsos.

– Nunca faltaste nenhum dia sem estares doente.

– Até hoje – corrigiu, e lembrou-

se da vez anterior em que ligara a avisar que estava doente; tinha sido no dia a seguir ao encontro desastroso.

– Fui às compras com uma pessoa.

– Uma pessoa? – repetiu ele pausadamente, apontando o olhar para os pés. Pelos vistos, partira do princípio de que se tratava de um homem.

– Libby Morgan. Conheceste-a no dia em que fomos beber um copo – esclareceu-o Robin. Não

queria que ficasse com a ideia de que andava com alguém, porque não era verdade.

Imediatamente, os olhos dele cruzaram-se com os dela, sendo visível que ficara aliviado.

– Sim, claro. Lembro-me de Libby.

– Está a adotar uma bebé e convidou-me para ser a madrinha. Ajudei-a a arranjar o que era preciso para a receber em casa.

– Não sabia que Libby era casada – Roy franziu o sobrolho, espantado.

– Não é. – Era um bocado ridículo estarem à porta a ter aquelas conversas. – Roy, por favor, entra. – Agarrou-lhe na mão e conduziu-o delicadamente ao interior do apartamento.

O juiz olhou à volta, como se estivesse ali pela primeira vez. Robin resistiu ao impulso de o informar que não tinha trocado de casa na última semana.

– Fico contente que não estejas doente.

– Roy... – começou ela,

hesitante. Nenhum deles parecia saber como continuar. Se ela seguramente não sabia, ele parecia também não encontrar palavras e, portanto, ficaram apenas em pé, a olhar um para o outro.

– Sabes... Tenho pensado – disse Roy num rompante.

– Oh! – exclamou ela, também precipitadamente.

– Sobre o que me disseste acerca de... não seres uma substituta da Sally.

Sentiu os joelhos prestes a paralisarem. Afogou-se no sofá.

Assim que se sentou, Roy fez o mesmo. Estava tão à beira da almofada que por um momento receou que caísse.

– No fundo, tinhas razão. Estava à procura de uma mulher para colocar no lugar de Sally, alguém que tornasse a minha vida igual ao que era.

– Essa mulher não sou eu – reafirmou-lhe Robin; embora a entristecesse admiti-lo, não podia deixar de ser quem era, por muito que gostasse de Roy.

– Percebo isso agora. Dei-me conta de que não me sinto atraído por ti porque te pareces com a Sally. São tão diferentes como a água do vinho.

Robin não conseguia fazer outra coisa além de olhar para ele.

– Sally nunca faria uma tatuagem.

Então ele tinha reparado. Instintivamente, teve vontade de pôr o braço atrás das costas. O orgulho exigia que não o fizesse.

– Admiro-te porque és decidida

e direta – prosseguiu Roy. – Tens uma ética profissional sólida e importas-te com a lei, com ajudar quem está disposto a aceitar ajuda. Muitos, entre nós, ficaram desanimados e cínicos ao lidar com a criminalidade.

Isso era verdade. A mãe de Robin preocupava-se que isso lhe estivesse a acontecer e talvez assim fosse. Robin ganhara reputação de ser dura com os criminosos e com os advogados de defesa. A atitude dela em relação a quem infringia a lei era inflexível.

Acreditava em consequências rígidas. Mas não se importava com o que os outros pensavam dela, à exceção de um homem... Roy Bollinger.

– Vim cá hoje para te entregar a sopa. Parti do princípio que estavas doente; na verdade, sabes, não estava preparado para falar disto...

Robin não queria que ele se fosse embora tão cedo.

– Mas já estás aqui... – argumentou.

– Isso é verdade – disse ele, e

baixou o olhar para as mãos. – Em primeiro lugar, queria pedir-te desculpas por ser obtuso. Não sei o que me passou pela cabeça, mas nunca mais te pedirei para jogar bridge ou ir dançar, a menos que o queiras fazer.

– Isso é passado, Roy. Mas se te tranquiliza, as desculpas foram aceites.

– Obrigado. – Os seus olhares cruzaram-se. Na verdade, ele quase sorriu, como se Robin lhe tivesse tirado um peso de cima dos ombros. – Estava com alguma

esperança que me desses uma segunda oportunidade.

– Teria todo o gosto em...

– Nesse caso, queria convidar-te para jantar.

– Hoje à noite?

– Hoje à noite – repetiu. – Isto é, se estiveres livre; ou amanhã ou depois de amanhã ou em qualquer outro dia que sugiras. – E sorriu abertamente.

– Pode ser hoje à noite.

– Ótimo.

Ele levantou-se e pegou-lhe na

mão, fazendo-a levantar-se. Franziu a testa, ao observar a tatuagem.

– O que é isto, afinal?

– Um caracter chinês. –

Respondeu-lhe o que diria a qualquer pessoa.

Ela e a tatuadora eram as únicas que sabiam o que significava; bem, além de todos os falantes fluentes de chinês.

– O que quer dizer? – interessou-se Roy, olhando para ela em seguida, ao sentir a sua hesitação.

– É um pouco constrangedor, na

verdade – respondeu Robin, resistindo ao impulso de soltar a mão. Se não desejasse tanto o toque dele, de uma forma mais inocente, tê-lo-ia feito. Só estarem assim tão perto fazia-a flutuar. Em toda a sua vida, nunca tivera sentimentos tão intensos por um homem, nem mesmo pelo marido, por mais breve que o casamento tivesse sido.

– A tatuagem causa-te constrangimento, agora? – perguntou Roy.

- Não é bem isso.
- O significado?
- Também não é esse o caso.
- Então o que te constrange?

Susteve a respiração por alguns segundos antes de ser capaz de lhe responder.

- Os meus sentimentos por ti.

Robin olhava para ele sem conseguir respirar ou pestanejar sequer.

– Sentimentos? – perguntou Roy, a voz baixa e cuidadosamente entoada.

Voltou o pulso para cima para que ele pudesse ver a tatuagem outra vez e declarou:

– Não disse a ninguém o que este caracter chinês significa, mas vou contar-te.

Olhavam-se nos olhos.

– A Libby e eu bebemos um copo a mais e decidimos que íamos fazer uma tatuagem. Na verdade, ela é que queria uma. De qualquer forma, fui para o estúdio de tatuagem com ela e ajudei-a a escolher a borboleta.

– Então acabaste por fazer a tatuagem quando estavas com a Libby?

– A dela é num sítio mais privado – acrescentou Robin.

– Pois bem.

– Enquanto lá estava, comecei a olhar para os vários desenhos do catálogo. Nenhum deles me chamava a atenção ou me dava a mais ligeira vontade de ter uma coisa inscrita permanentemente no meu corpo, até tropeçar neste carácter.

Roy franziu a testa.

– Deve ter um significado muito pessoal.

– Tem – concordou, com a voz tremida. – Significa esperança – sussurrou.

– Esperança – repetiu ele. – Porquê?

– Tu deste-me esperança, Roy. Nunca pensei que fosse possível gostar tanto de um homem como gosto de ti. Admiro-te há tanto tempo e sonhei que um dia pudesses sentir o mesmo por mim.

Calou-se, pensando se devia abrir tanto o coração.

Roy ficou atónito.

– Não tinha ideia. Desde quando? – perguntou.

Tendo a conversa chegado àquele ponto, não fazia sentido recuar.

– Desde que trabalhámos juntos no comité político há muitos anos. Era o homem mais decente e gentil que já conhecera. Esperei encontrar alguém assim durante muito tempo, e nunca aconteceu. O

problema é que então estavas casado com Sally e não disse nada. Não fiz nada.

– Oh...

Pôs os braços à volta dela e aproximou-a de si, beijando-a. Os seus lábios eram quentes e húmidos. Robin tinha a certeza que se ia desfazer numa poça de água aos pés dele. Acariciou-lhe as costas e encostou-se a ele. Quando Roy se apartou dos seus lábios, estava a tremer.

Ele afastou-a do seu corpo, mas as mãos continuavam sobre os

ombros.

– Nunca ninguém me disse nada tão bonito e tão perfeito.

Encostou a testa à dela.

– Seria muito fácil amar-te.

Sentiu-se tomada pela felicidade.

– Não resistas, está bem?

Ele sorriu expressivamente.

– Não creio que conseguisse, mesmo que quisesse.

– Ainda bem.

Capítulo 31

Ao fim da tarde de quarta-feira, Libby saiu à pressa do hospital, mudou de roupa e debatia-se agora com uns collants. A dada altura, as meias de nylon tinham passado a fazer parte da sua rotina diária, juntamente com sóbrios fatos saia-casaco e saltos altos. Agora, parecia que estava a encher

salsichas, tentando enfiar as pernas na cinta. Como a memória é curta.

Optou por levar um vestido preto justo e as pérolas da mãe para o jantar de angariação de fundos do hospital. Phillip convidara-a para ficar na mesa dele e, por sugestão de Libby, convidara também Robin e Roy. Abby Higginbotham dos Recursos Humanos conseguira os bilhetes à última da hora.

Libby tinha passado a maior parte do dia com Amy Jo no

hospital. Ava já tivera alta e voltara para casa com a avó. Darlene Carmichael tinha enviado o seu pedido de desculpas pela neta, embora o choque do nascimento da bisneta ainda não se tivesse dissipado por completo. Estava agradecida por Libby ter concordado em adotar a criança e por não ter de se responsabilizar por mais ninguém, além de Jackson e Ava.

O único problema de Libby era ter visto Phillip apenas de raspão nos últimos dias. Hoje, ele vinha

acelerado pelo corredor fora, quando se cruzaram.

– O jantar de angariação de fundos é esta noite – recordou-lhe.

– Não te preocupes, eu lembro-me.

– Ainda bem.

Começaram a andar para trás, em pequenos passos, com vontade de estar noutro sítio.

– Estás a estragar-me a reputação, sabes.

Libby franziu a cara.

– A tua reputação?

– Sim. Costumavam chamar-me «Doutor Coração de Pedra». Mas desde que te conheci, isso mudou.

– Eu também mudei.

Era importante que Phillip soubesse que ela também não era a mesma mulher.

– Mudaste, sim – concordou ele –, mas nem todas as tuas mudanças têm a ver comigo.

– Não estejas tão seguro disso.

Pôs as pontas dos dedos sobre os lábios e depois ofereceu-lhe a palma da mão. Phillip murmurou

qualquer coisa entredentes e colocou a mão sobre o coração.

– Vês, lá estás tu outra vez – e depois acrescentou, como se toda esta conversa sentimental fosse desconfortável. – Queres encontrar-te comigo à entrada do salão?

– Claro. Até logo.

O olhar dele era sugestivo: comunicava uma promessa que Libby queria cobrar mais tarde.

Sharon notara os olhares sensuais que Libby e Phillip trocaram e abanou a cabeça.

– Estão mesmo caidinhos...

Libby corou, envergonhada com o facto de os seus sentimentos por Phillip serem tão óbvios para os outros.

A cabeça rodopiava quando entrou na casa de banho para se maquilhar. Estava a ficar atrasada, porque Abby tinha-lhe pedido para falarem antes de sair do hospital.

— Sei que alugaste recentemente um escritório e que vais arrancar com uma empresa tua, mas há um lugar aqui no hospital para o qual estás mais

qualificada do que qualquer pessoa.

– Eu? Um emprego no hospital?

– Precisamos de outra angariadora de fundos na equipa. Robert Lopes, que dirige o departamento, informou-me que o jovem que trabalhava com eles aceitou um emprego noutro lugar. Robert irá reformar-se dentro de poucos anos e estamos à procura de alguém que assuma o lugar dele, quando o fizer.

– Queres que eu me candidate?

– Libby mal sabia o que responder.

– Tendo trabalhado em Fundos

e Património, tiveste acesso a várias famílias com dinheiro que podem considerar a hipótese de fazer um donativo ao hospital. Precisamos de alguém com o teu perfil para contactos com o meio empresarial, também.

No seu íntimo, Libby achou que não era um lugar para ela, mas sentia-se honrada com a proposta.

– Pensa no assunto – pediu-lhe Abby. – Serias perfeita para o lugar.

– Vou pensar – prometeu Libby. Mais do que qualquer outra coisa, o

incentivo de Abby mostrava-lhe como tinha evoluído no relacionamento com os outros.

Como não queria guiar, apanhou um táxi. Se não fosse pelos saltos altos, poderia ter ido a pé. O hotel onde seria o evento de angariação de fundos não era longe. Estava ansiosa de se encontrar com Robin e Roy, e com Phillip, claro. Afinal, o outro casal tinha decidido dar andamento à relação. Libby estava contente por eles.

A zona anterior ao salão estava cheia para o cocktail. Quando

chegou, a primeira coisa que fez foi procurar Phillip, mas não o encontrou logo. Robin aproximou-se dela; estava com um aspeto fabuloso, com o seu vestido preto justo. Roy sorriu e ofereceu-se para ficar na fila das bebidas.

– Então, como está a correr? – perguntou Libby.

– Até agora, está tudo maravilhoso. Temos estado juntos todas as noites, esta semana. Ele nem precisava esforçar-se tanto para eu ficar nas nuvens, mas não

Iho vou dizer.

Gargalharam, como duas adolescentes no baile de finalistas.

Phillip apareceu mesmo antes de abrirem as portas do salão para o jantar. Não conseguia tirar os olhos dela. Com as mãos no fundo das costas de Libby, conduziu-a ao interior da sala de jantar e à mesa. Robin e Roy estavam sentados ao lado.

Quando as mesas se esvaziaram, a seguir ao jantar, Abby aproximou-se com um dos médicos da equipa.

– Libby, queria apresentar-te o doutor James Buckley.

– Olá – cumprimentou Libby, olhando para o médico. Conhecia a cara dele do hospital, mas nunca tinham sido formalmente apresentados.

– Se tiver um momento, gostava de a apresentar aos meus pais – disse o Dr. Buckley. – Podem vir a precisar de alguma ajuda no planeamento de fundos.

– Claro – respondeu Libby, levantando-se.

Phillip apertou-lhe a mão carinhosamente e ela saiu da mesa. O Dr. Buckley levou-a para a ponta oposta da sala. Os pais dele, um casal idoso muito elegante, sorriram ao vê-la aproximar-se.

– Mãe, pai, esta é Libby Morgan, a advogada de que vos falei há pouco – apresentou-a o Dr. Buckley. – Libby, os meus pais, John e Wilma Buckley.

– Muito prazer em conhecê-los.

James puxou uma cadeira para ela.

– Por favor, sente-se.

Libby sentou-se, e o casal mais velho inclinou-se para ela. John falou primeiro.

– Tenho noção de que esta não é a noite indicada para tratar de negócios, mas Wilma e eu gostaríamos de discutir um planeamento de fundos, quando for conveniente para si.

– Terei todo o prazer.

– Só ouvimos boas referências de si, da parte da nossa amiga Martha Reed.

– Sinto-me honrada de ter trabalhado com Martha Reed – afirmou Libby.

– O nosso património não é nem de perto nem de longe tão complexo de gerir como o de Martha – Wilma continuou –, mas não estamos satisfeitos com o que foi feito até agora. Sabemos que começou recentemente a sua empresa, mas estamos à vontade com isso.

– Posso ligar-lhes amanhã para marcarmos uma reunião? – sugeriu

Libby. – Posso ir a vossa casa, se for mais simples.

John assentiu, batendo ligeiramente na cadeira de rodas.

– Isso seria útil. Obrigada pela consideração.

Disse-o como se ela estivesse a fazer uma grande cedência, quando, na verdade, Libby preferia assim. Se os Buckley fossem ao seu escritório, com uma rececionista partilhada, talvez mudassem de ideias. Por ora, as instalações estavam de acordo com um orçamento reduzido, se bem que,

com o tempo, isso fosse mudar, sobretudo se conseguisse mais clientes como os Buckley.

– Temos uma família amiga que talvez também possa estar interessada nos seus serviços – continuou John a explicar-lhe. – Importa-se que lhe demos o seu contacto, para pedirem informações?

– Claro que não.

Quando Libby voltou para a mesa de Phillip, parecia que estava a planar. Os discursos que se

seguiram, embora sobre o hospital, foram cheios de humor, com referências mordazes e piadas descontraídas. Conquanto Libby se tivesse rido nos momentos certos, a cabeça dela estava à velocidade da luz. Uma das razões apresentadas por Hershel para a despedir fora a sua incapacidade de atrair novos clientes. Bem, aqui estava um potencial cliente para ela agarrar e, se trabalhasse arduamente, talvez conseguisse também os amigos dos Buckley.

Quando a festa terminou, Libby

reparou que Robin e o juiz estavam muito juntinhos, o braço do juiz sobre o ombro da amiga. O olhar de Phillip seguiu o dela, enquanto lhe dava a mão, entrelaçando os dedos de ambos. O toque dele era firme e apertado, como se não suportasse a ideia de a largar. Pela parte dela, gostaria de ficar assim para o resto da vida. Não tinham falado do futuro. Por enquanto, era apenas um dia de cada vez. Phillip era tudo o que alguma vez desejara num homem, e ele entendia-a e apoiava

a sua busca de sucesso. Ajudara-a a alargar horizontes e a agarrar a vida de novas e inesperadas formas. A vela, a viagem, as longas conversas que tinham tido deram-lhe um sentimento de expectativa e esperança em relação a construírem uma vida juntos.

Os dois casais saíram para tomar um copo de vinho a seguir ao banquete. Conversaram amigavelmente por mais de uma hora, até Phillip não conseguir esconder um bocejo.

– Já não sou tão novo como

dantes – queixou-se.

– A quem o dizes... –
acrescentou Roy.

– Já passou a hora de ires para a cama? – provocou-o Robin.

Libby reparou como os dois se estavam a dar otimamente. Também nesse campo tudo corria bem entre ela e Phillip. Separaram-se na entrada do hotel, e Phillip ofereceu-se para levar Libby a casa, antes de pedir ao empregado para chamar um táxi.

Ela hesitou e admitiu:

– Depois de trocar de roupa, estava a pensar passar pelo hospital uns minutos.

– É tarde – protestou Phillip. – Não pode ficar para amanhã?

– Queria dar um beijo a Amy Jo e contar-lhe que tive uma noite muito agradável com os meus amigos.

– Amigos? – perguntou Phillip, levantando a sobrancelha. – Amigos? É só isso que sou para ti?

Libby sorriu expressivamente.

– Oh, com franqueza!! Quem te

oíça acha que amigo é um palavrão.

A verdade é que ela tinha medo de sugerir algo mais, antes que Phillip o declarasse.

– Na realidade, estava a pensar há bocado que podíamos promover a nossa amizade – propôs.

– Amigos e amantes? – questionou ele. Soergueu as sobrancelhas, encarando-a com o olhar.

Ela sorriu-lhe.

– Sem dúvida. Quando for altura.

Pareceu desiludido e não respondeu nada, naquele momento.

– Parece-me justo. Deixa-me levar-te lá acima.

– Está bem.

Já lhe tinha dito que queria passar no hospital, mas isso podia esperar alguns minutos.

– Claro. Sobe.

Esperou ter soado natural.

Ele estacionou à frente do prédio e ajudou-a a sair do carro. Ao subirem no elevador, encostado atrás dela, acariciava-lhe a

curvatura do pescoço. Nenhum dos dois falava.

Dentro de casa, Phillip não esperou que acendesse as luzes para a abraçar e beijar. Estava longe de ser a primeira vez que se beijavam, mas sentira sempre um constrangimento por parte de Phillip... até agora. Os joelhos de Libby quase foram abaixo, enquanto ele devorava os seus lábios, uma e outra vez.

Inspirou profundamente, acalmando a respiração quando conseguiu, e pôs a mão sobre o

peito.

– Uau – sublinhou ele, com a testa encostada à dela, fazendo-lhe festas no braço.

– Ok, Phillip, vou precisar de algumas referências, aqui.

– Como assim?

– Em que ponto estamos exatamente, nesta relação?

Sentiu o toque fresco dos lábios dele no seu pescoço.

– Estou apaixonado, Libby.

Sorriu e enrolou os braços à volta da cintura forte dele.

– A sério? Lembra-te que eu venho com brinde.

– Eu aguento.

Beijou-o debaixo do queixo. Ambos traziam feridas de relacionamentos antigos e, embora fosse assustador tornarem-se vulneráveis outra vez, Libby estava disposta a isso e Phillip parecia acompanhá-la. Aceitava que a medicina era importante para ele, que por sua vez respeitava a paixão dela pela advocacia. Ajudar-se-iam mutuamente a manter um equilíbrio

saudável entre vida profissional e pessoal.

As mãos dele continuavam a acariciar-lhe os braços e beijaram-se muitas vezes, antes de ele se separar do corpo dela abruptamente, contra a vontade de ambos.

– Quando é que vai ser a altura certa? – repetiu. – Não será agora?

Encostou a testa contra o peito dele e suspirou profundamente.

– Esta noite, não.

Ele beijou-a no alto da cabeça.

– Está bem. Vou-me embora.

A tentação de o manter ali era forte. Libby obrigou-se a dar um passo atrás.

– Vemo-nos amanhã – sussurrou Phillip passando os lábios ao de leve sobre as sobrancelhas dela.

– Está bem.

Phillip saiu. Depois de vestir umas calças de ganga e uma camisola, Libby pegou nas chaves do carro. Pôs-se a caminho do hospital para ir visitar a filha. Mesmo agora, pensar nessas palavras ainda exigia alguma

adaptação mental.

A pequena Amy Jo estava bem e, embora mantê-la internada fosse uma precaução necessária, Libby ansiava pelo dia em que a pudesse levar para casa.

Cantarolava baixinho para si mesma, quando entrou no hospital praticamente deserto. Amy Jo tinha sido mudada da Unidade de Cuidados Intensivos Neonatais para um berçário normal. Ao entrar no hall, viu um jovem alto e desajeitado andar de um lado para o outro da sala de espera, mãos

metidas nos bolsos, nitidamente agitado.

Peter Armstrong.

Libby reconheceu logo o vizinho de Ava. Enquanto estava em trabalho de parto, Ava confirmara a Libby as suas suspeitas quanto à paternidade da criança. Explicara-lhe que o Estado iria requerer a assinatura do pai para concluir o processo de adoção. Ava estava espantada por Libby ter adivinhado.

– Olá, Peter – disse baixinho.

Ele voltou-se abruptamente.

– Não me deixam vê-la. Gostava pelo menos de olhar para ela.

– É linda – confirmou Libby, num tom sussurrante. – Vou ver o que consigo fazer.

Libby encontrou uma pessoa da equipa que conhecia e explicou-lhe a situação, de forma a obter autorização para Peter entrar no berçário.

– Não sabia que a Ava estava grávida – declarou o rapaz, enquanto subiam no elevador.

Isso não surpreendeu Libby,

tendo em conta que a própria Ava ignorara o facto até aos oito meses.

– Ela devia ter-me contado.

– Não teria mudado nada – garantiu Libby, lamentando a juventude dos dois.

– Pois, imagino que não – murmurou o rapaz, sem parecer muito convencido.

As portas do elevador abriram-se e eles saíram. Peter avançou rapidamente para a vitrina do berçário. As mãos continuavam enfiadas nos bolsos.

Libby reparou que os olhos dele

brilhavam.

– Gostavas de pegá-la ao colo?

– perguntou.

Peter desviou o olhar do berçário e anuiu, lentamente, com um gesto de cabeça.

Capítulo 32

Na manhã seguinte, Libby acordou com um sentimento de expectativa. Treinou no ginásio, mas Phillip não estava lá, o que a desiludiu. Ou fora preguiçoso e adormecera ou então tinha sido chamado para uma emergência no hospital. Descobriria mais tarde. Robin também não tinha aparecido,

mas normalmente só treinava três vezes por semana. Depois, quando tivesse um momento livre, Libby poria a conversa em dia com a amiga e ficaria a saber como tinha corrido o resto da noite com o juiz. Pelo que se via de fora, na festa de angariação de fundos e a seguir, parecia estar tudo a correr muito bem. Muito bem mesmo.

Libby chegou ao escritório, contactou os Buckley e marcou um encontro para mais tarde nesse dia. Estava nervosa. Os Buckley

estavam ansiosos por ouvir os seus conselhos e já tinham passado o contacto aos amigos mencionados na véspera.

Libby dirigiu-se ao hospital uma hora mais tarde e a primeira pessoa que encontrou foi Phillip. Pareceu ficar feliz por vê-la, mas não mais do que ela estava por o ver a ele.

– Olá – disse ela, e odiou o som da sua voz, murmurada, como se estivesse sem ar. – Senti a tua falta hoje de manhã no ginásio.

– Foste lá?

Não queria admitir que a

principal motivação para ir ao ginásio atualmente era a possibilidade de ele lá estar também.

– Sim, onde te meteste?

– Adormeci.

– Calculei.

Phillip olhou para o relógio.

– Tens tempo para um café?

– Claro. Quando? – Não queria soar tão ansiosa nem tão disponível, mas não conseguia evitar. Estava desejosa de estar com ele e o sentimento parecia

mútuo.

– Daqui a meia hora?

Sorriu.

– Até lá, então.

Libby começou a afastar-se quando Phillip a agarrou pela mão. Aparentava surpresa, como se não soubesse o que estava a fazer. Depois sorriu, trouxe a palma da mão dela até aos lábios e beijou-a.

Abanou a cabeça e resmungou.

– Belo coração de pedra que eu sou.

Libby ficou parada no meio do corredor, paralisada, a olhar para

ele. Quando desviou o olhar, reparou em Sharon Jennings, observando-a, de braços cruzados.

– Garanto-lhe só de vos ver juntos, o meu coração bate mais depressa. Já me tinha esquecido como é estar apaixonada dessa maneira.

Libby preparava-se para negar tudo quando percebeu que era impossível. Estava apaixonada por Phillip. O problema era as suas vidas atarefadas. Tinham de arranjar alguns minutos aqui e ali,

quando podiam. Um quarto de hora para um café, um telefonema ao fim da noite, andar de barco quando o tempo permitia.

Mesmo assim, a relação estava a avançar, tornando-se mais profunda a cada dia que passava. Até agora, tinham sido ambos prudentes, cuidadosos por medo de se magoarem outra vez, de cometerem erros. Também isso mudara.

Na hora combinada, Libby encontrou-se com Phillip na cafetaria. Esperava paciente que

ela chegasse, tendo já ocupado uma mesa e pedido os cafés. Libby deslizou sobre a cadeira e alcançou a mão dele no outro lado da mesa.

– Tive uma manhã maravilhosa – disse ela, ainda num êxtase emocional. As últimas notícias era que talvez pudesse levar Amy Jo para casa no fim de semana. Libby mal podia esperar. Estava mais do que pronta para ser mãe. – Vou encontrar-me com os Buckley às três – contou-lhe, e deu uma olhadela ao relógio, assegurando-se

que tinha reservado tempo suficiente para se preparar para a reunião.

– Há mais alguma coisa a acontecer que eu deva saber? – perguntou Phillip, torcendo a boca para o lado, de forma estranha, num sorriso enviesado.

Libby percebeu que estava a falar ininterruptamente há vários minutos.

– Oh, Phillip, lá estou eu outra vez. Não consigo parar de tagarelar. Peço imensa desculpa. Como está a correr o teu dia?

Ele abriu um enorme sorriso que lhe deu um ar quase infantil.

– Muito melhor, agora que estou contigo. – Apertou-lhe os dedos. – Ver-te feliz faz-me feliz.

– Posso ligar-te mais tarde? – perguntou ela. – Depois do encontro com os Buckley?

– Ficava desiludido se não o fizesses.

– Posso fazer-te o jantar, esta noite?

– Combinado, querida.

– Liga-me se vires que te

atrasas.

Deu um gole no café e pôs-se rapidamente em pé. Beijou-lhe a face e saiu a correr da cafetaria, reparando que quase toda a gente olhara para ela ao passar. Aquilo incomodou-a, até perceber que não era ela o alvo da atenção, mas Phillip. Ou melhor, o facto de verem Phillip com ela.

A reunião com os Buckley não podia ter corrido melhor. Libby estava contentíssima com o adiantamento. O encontro com os amigos deles ficara marcado para a

semana seguinte. A vida estava mesmo a melhorar.

Tinha acabado de entrar no carro quando o telemóvel tocou. Era Mark Williams, o advogado que contratara para finalizar o processo de adoção.

– Onde está? – perguntou.

– No carro, porquê?

– Acho que é melhor ir para o hospital.

Libby engoliu em seco, tomada pelo susto.

– Está tudo bem com Amy Jo?

– Sim, ela está bem.

– Então o que se passa?

Ele hesitou.

– Recebi uma chamada do advogado que representa a família Armstrong.

– O Peter vai assinar a papelada, não vai?

Ele tinha-lhe dado claramente essa impressão, na noite anterior. Estava confuso e inseguro, era normal. Que rapaz de quinze anos não estaria?

– É sobre isso que querem falar

conseguiu – adiantou Mark. – É melhor falarmos assim que chegar aqui.

O coração de Libby abrandou quase até parar.

– Estou a caminho.

Em questão de minutos, Libby estava a estacionar no parque do hospital e dirigiu-se apressadamente à enfermaria da maternidade. Sharon cruzou o olhar com ela, mas desviou-o logo que pôde. As pulsações de Libby já estavam aceleradas, como se tivesse subido três lanços de

escadas em vez de apanhar o elevador.

A pessoa que viu a seguir foi Peter, com um homem que ela deduziu ser o pai do rapaz. Mark estava lá também, a conversar com outro homem, que presumiu ser o advogado da família Armstrong. Estavam do lado de fora do berçário. Pela vitrina, Libby viu uma mulher, que pensou ser a mãe de Peter, sentada na cadeira de baloiço com a menina ao colo.

Assim que reparou em Libby,

olhou para o marido.

– Olá, Libby – cumprimentou-a Peter, evitando olhá-la de frente.

– Olá. – Avançou para estender a mão ao pai do rapaz. – Libby Morgan – apresentou-se.

– Ron Armstrong. Aquela é a minha mulher, Marlene. Poderia conversar connosco, de preferência num lugar mais privado?

– Claro que sim. Há uma pequena sala de reuniões neste piso. Podemos falar lá, se quiserem.

– Serve.

Ron, Peter, Libby e os dois

advogados esperaram que Marlene se juntasse a eles e foram para a sala de reuniões. Depois de entrarem, Ron fechou a porta. Esperou que todos estivessem sentados à volta da mesa para dizer:

– Marlene e eu pedimos esta reunião porque queremos falar consigo sobre a bebé. – Olhou para o advogado, que o incentivou com um gesto a prosseguir.

– Claro – concordou Libby. Era perfeitamente natural que

quisessem conhecer a mulher que ia adotar a neta deles. – Estou disponível para responder a qualquer questão que me queiram colocar.

– Sabemos que foi uma ajuda preciosa para Ava – afirmou Marlene. – Contou-nos tudo o que fez por ela e queremos que saiba como estamos agradecidos.

– A Ava é uma rapariga doce, um pouco perdida, desde a morte da mãe, e confusa sobre a vida. Com o tempo, vai ficar bem.

Como queria que entendessem a

ligação emocional que tinha com Ava, contou-lhes que perdera a mãe também na adolescência.

Marlene, Ron e Peter escutaram-na e depois Marlene continuou:

– Quando soubemos da bebé, bem, pode imaginar como ficámos surpreendidos.

– Imagino – respondeu Libby.

– Pelo que sabemos, quer adotá-la.

– Sim – e lançou um olhar ao advogado.

– Também temos a informação

de que está neste momento desempregada – afirmou Ron, dando a mão à mulher.

– Abri recentemente o meu próprio escritório – declarou Libby, endireitando-se.

– Tem os meios financeiros para criar uma criança?

Libby estava a ver onde queriam chegar e hesitou. As poupanças dela estavam perigosamente em baixo, mas tinha investimentos feitos.

– Tenho – respondeu, sem se alongar em explicações.

- Seria uma mãe solteira.
- Sim.

Desejava poder referir-se ao seu namoro com Phillip, mas estavam ainda longe de ter um compromisso sério.

- Compreendo.

Ron e Marlene trocaram olhares.

– Como pode imaginar, levou-nos alguns dias a posicionarmo-nos e tomarmos uma decisão sobre o que é melhor para o nosso filho e para a filha dele – disse Ron, olhando-a nos olhos.

Libby ficou tensa, sem saber o que iria acontecer a seguir, embora tivesse um triste pressentimento.

– E? – perguntou, com a garganta num nó causado pela ansiedade, quase ao ponto de lhe roubar a voz.

Tinha todo o direito de se preocupar.

Marlene olhou para o marido, que falou em nome do casal:

– A minha mulher e eu decidimos que queremos ser nós criar a filha do Peter. Esta criança é

nossa também. Marlene sempre quis ter uma rapariga e, apesar de todas as tentativas, só conseguimos ter o Peter. Esta bebé é sangue do nosso sangue. Temos os recursos financeiros para a criar e a vantagem de sermos um casal. Já falámos com um advogado, que entrou em contacto com o seu. Legalmente, não pode avançar com a adoção.

O resto do que ele disse perdeu-se numa nuvem. A ideia principal era que Libby não podia adotar Amy Jo. Na verdade, os Armstrong

já tinham até escolhido outro nome. Um nome de família. Grace Jennifer.

Já não era a filha de Libby. Amy Jo seria de outra família, que já tinha escolhido outro nome. Outra mãe.

– E Ava? – perguntou Libby, quando o nevoeiro se dissipou na sua cabeça.

– O nosso advogado está a tratar dos pormenores com ela e com a avó, neste momento.

– Era bom que Ava também

tivesse representação legal.

Libby iria garanti-lo.

– Imaginamos que isto seja uma terrível desilusão para si – lamentou Marlene, por simpatia. – Desculpe, mas de certeza que consegue perceber que esta é a melhor solução. Grace estará com uma família, com aqueles que a amam.

– Eu amo-a – insistiu Libby.

– Percebemos isso – disse Ron, com brandura. – Mas ela terá uma mãe e um pai que são seus parentes de sangue. Não quer tirar

isso a Grace, pois não?

– Não – balbuciou. – Não, quero que ela tenha o melhor.

– Também nós – murmurou Marlene. – Também nós.

Capítulo 33

Assim que Phillip soube das novidades através de Sharon Jennings, saiu do hospital. Não fazia a menor ideia onde é que Libby estaria. Pensar que ela estava a passar por aquilo tudo sozinha destruía-o. Libby não atendera nenhuma das chamadas, nem respondera às mensagens. A

frustração cresceu ao ponto de lhe ser impossível trabalhar, e decidiu ir para casa.

Phillip encontrou Libby no chão do quarto da bebé. Estava encolhida sobre si e chorava tanto que o corpo todo tremia.

– Libby – sussurrou, e deitou-se no chão ao lado dela. Abraçou-a e ela aconchegou-se ansiosamente nos braços dele. – Lamento imenso, minha querida, imenso.

Ela não conseguia falar e, por instantes, perguntou-se se estaria a

respirar enquanto a embalava. Não sabia o que dizer para confortá-la, não havia palavras sensatas que chegassem. Perante uma dor tão profunda, pensou que o melhor era permanecer em silêncio.

Ao fim de algum tempo, ela parou de chorar e apenas se agarrou a ele com força.

– Querem adotar Amy Jo – murmurou, fazendo pausas entre cada palavra.

– Já soube.

– Ela é neta deles.

– Eu sei.

– Eles acham que não a posso amar tanto quanto eles.

– Estão enganados.

Os braços dela apertaram-no mais.

– Como é possível amar tanto uma bebé, sem ter nenhuma ligação de sangue? – perguntou, num sussurro.

Phillip não tinha resposta para lhe dar.

– Não sei como acontece, mas acredito que sim. Já vi, sei que é verdade.

Resistiu ao impulso de a beijar, com receio de onde isso pudesse levar. Desejava-a intensamente, ansioso de a consolar, de lhe mostrar o seu amor, encostar o seu corpo ao dela e protegê-la da dor que a consumia. Tudo o que podia fazer era abraçá-la e beijá-la. A resposta dela foi expressiva e imediata. Apercebeu-se de que poderia fazer amor com ela já ali no chão. A sua vontade era grande, mas o amor era ainda maior. Iriam ultrapassar aquilo juntos. Iria

ajudá-la da melhor maneira que conseguisse.

– Como... como é que entraste em minha casa? – perguntou, limpando as lágrimas da cara.

– A porta estava encostada. Toquei à campainha, mas acho que não ouviste.

– Não ouvi mesmo – confirmou ela, assoando-se ao monte de lenços que tinha na mão.

Phillip afastou-lhe os cabelos da cara. Tinha o nariz avermelhado e os olhos inchados e, no entanto, ele podia afirmar sinceramente que

nunca a amara tanto. O coração dele sofria por ela. Se fosse humanamente possível, teria absorvido o sofrimento dela, teria ficado com a dor, tudo para não ver Libby passar por aquele turbilhão emocional. Nunca se sentira assim antes. Nunca.

– O que posso fazer por ti? – perguntou-lhe, desejando fazer alguma coisa, qualquer sacrifício. O que quer que ela pedisse, ele arranjaría uma forma.

– Abraça-me, só.

– Abraço.

Beijou-lhe o alto da cabeça, mantendo-a junto ao seu coração.

– Fui... fui à capela depois de estar com a família Armstrong – explicou Libby, baixinho. – Não falei com Deus... falei com a minha mãe. Perguntei-lhe... – Separou-se dele por uns instantes e esforçou-se por não começar a chorar novamente. – Perguntei à minha mãe – tentou concluir – o que devo fazer.

Phillip podia imaginá-la na capela do hospital, de coração

partido, em busca de consolo junto da única pessoa no mundo que ela tinha a certeza que a amara.

— Os meus primeiros pensamentos foram disparatados — assumiu Libby. — Engendrei um plano para fugir com Amy Jo e levá-la para um lugar qualquer. Comecei a imaginar como o podia fazer e magiquei todo o tipo de esquemas, antes de perceber que estava a delirar. Amo-a. E dava qualquer coisa para que isto não passasse de um pesadelo.

Enfiou a cara no peito dele e

desabou em soluços de partir o coração. Phillip pousou o queixo sobre a cabeça dela e fez-lhe festas nas costas.

– Queria tanto ser a família dela.

– Eu sei, minha querida, eu sei.

– A Abby ia organizar uma festa do bebé para mim no hospital.

Phillip estava a par de tudo.

– Perdi a minha família quando o meu irmão e a minha mãe morreram. O meu pai... parece que desistiu. Não melhorou, nem depois

de voltar a casar. Sempre me senti posta de parte, como se não importasse.

– Importas, para mim – declarou Phillip, com uma voz meiga, acariciando-lhe o cabelo.

– Estou só a ter pena de mim, não é? Isto não passa de uma sessão de autocomiseração.

– Estás no teu direito.

– Liguei ao meu pai e sabes o que ele me disse?

– Não – murmurou Phillip, apesar de ter a ideia de que o pai não era muito solidário com ela.

– Que não estava destinado a acontecer...

O homem podia ter tentado tranquilizar Libby, mostrando-lhe que ainda estava a tempo de ter a sua próxima família, pensou Phillip. Pelos vistos, não estava nos planos do velho senhor dar amor e apoio à filha. Se não o conseguira quando Libby perdera a mãe, fazia sentido que agora fosse igualmente incapaz.

Ela permaneceu em silêncio durante muito tempo.

– Senti-me melhor depois de falar com a minha mãe.

– Ainda bem.

– Nunca ninguém me amou tanto como ela.

– Ninguém nunca supera esse amor – murmurou Phillip.

A campainha tocou outra vez e antes de Libby ou Phillip reagirem, a porta abriu-se e Robin entrou apressadamente no quarto da bebé.

– Libby, vim para cá assim que pude – exclamou Robin. Calou-se

quando viu Phillip abraçado a ela no chão do quarto. O berço estava pronto, com um telemóvel de brincar engraçado suspenso no ar. Estava tudo planeado e preparado para quando Amy Jo viesse para casa. Phillip sabia que Libby devia ter ficado acordada a noite toda para ter tudo pronto. Para nada.

– Oh, Libby – e pôs-se de joelhos. – Lamento imenso.

Pôs os braços à volta deles os dois e abraçou Libby também.

– Quem... quem te contou? – perguntou Libby, em voz baixa.

– O Phillip. Ligou-me a dizer o que tinha acontecido, preocupado por não atenderes o telefone.

Libby levantou a cabeça, para conseguir olhar para cima, para ele.

– Tentaste ligar-me?

Phillip deixara pelo menos seis mensagens no gravador antes de sair para ir ter com ela.

– Phillip achou que quererias ter amigos à tua volta.

Libby estendeu-lhe o braço e Robin agarrou-lhe os dedos.

– Vais ultrapassar isto, sei que

vais.

Libby anuiu e pareceu encontrar forças nas palavras da amiga.

– Vou... mas dói tanto agora.

Phillip deu-se conta de que aquela era mais uma perda para Libby, em cima de tantas outras.

Ouviu-se uma pancada na porta e uma voz a chamar da entrada do apartamento.

– Libby? Libby, onde estás?

Era Lydia, da retrosaria.

– Entra – convidou Robin. – Estamos no quarto.

– Oh, Libby – disse Lydia,

ajoelhando-se no chão, junto a eles. – Lamento imenso. A Ava contou a Casey que os pais do Peter decidiram adotar a criança.

– Diz à Alix, a pasteleira, que pode cancelar as encomendas dos bolos para a festa do bebé – pediu-lhe Libby, mordendo o lábio inferior.

– Oh, querida, não te preocupes com nada disso agora. Nós tratamos de tudo – garantiu-lhe Lydia.

Agora que Libby estava rodeada pelas amigas, Phillip sabia que

estava em boas mãos. Lentamente, soltou-a e levantou-se.

Libby levantou o olhar para ele, suplicando-lhe que não se fosse embora.

– Volto dentro de uma hora. – Colocou os dedos sobre os lábios e mandou-lhe um beijo, tal como ela lhe fizera há pouco tempo.

– Prometes?

– Prometo.

Quando voltou com uma sopa de won-ton, as amigas já se tinham ido embora. Libby atendeu a porta e tinha um aspeto pesado, embora

ele pudesse perceber que já ultrapassara a primeira onda de choque.

– O que é isso? – perguntou, espreitando para dentro do saco que ele tinha na mão.

– Sopa. Não sabia o que trazer.

Grande parte do tempo em que se ausentara, estivera a decidir o que comprar para o jantar. É que as ementas não tinham sugestões de pratos adequados para corações partidos.

– Sopa – repetiu ela.

– Achas que dá?

– Eu ia fazer-te o jantar – lembrou ela, em voz baixa.

– Eu sei. Podes cozinhar para mim noutro dia. Hoje o jantar fica por minha conta.

– Obrigada.

Foi à cozinha e trouxe dois pratos fundos.

– Teria comprado vinho, se soubesse o que combina com sopa de won-ton.

– É won-ton?

– Uma das tuas preferidas, não

é?

– Sim, mas espanta-me que saibas.

Phillip não se lembrava como obtivera aquela informação sobre ela, mas guardara-a numa gaveta da memória.

– A minha mãe deve ter-te guiado.

Ele sorriu... Talvez sim. Era possível que a mãe de Libby o tivesse conduzido nesse sentido. Remexeu as gavetas, até descobrir onde Libby guardava os talheres. Preparou tudo na bancada e juntou-

se a ela. Tocaram com a colher uma na outra e começaram a comer. Phillip terminou primeiro. Libby só comeu um bocadinho.

– Está bom... Eu é que não tenho muito apetite.

– Não te preocupes com isso.

Phillip despejou os pratos e colocou-os no lava-loiça.

– Também arrumas a cozinha.

– Sou um homem dos sete ofícios – respondeu, tentando manter um ambiente ligeiro. Secou as mãos e juntou-se a ela na sala.

Ainda estava de dia, o sol iluminava até tarde o céu de agosto.

– O que é que queres fazer? – perguntou ele. – Queres sair? Sinto-me sempre melhor quando vou velejar um pouco.

Ela ponderou essa hipótese; depois, abanou a cabeça.

– Podemos ficar por aqui?

– Tudo o que quiseres, querida.

– Abraças-me outra vez?

– Nada me daria mais prazer.

Aconchegaram-se no sofá. Ao fim de um tempo, Libby pegou no comando remoto e ligou a

televisão. Phillip já nem se lembrava da última vez que tinha visto uma hora de televisão seguida. Não conhecia nenhum dos programas.

Perdeu a noção de quanto tempo ficaram ali sentados. Riu-se de uma piada disparatada numa série e reparou que Libby esboçou um sorriso. Vê-la divertida, mesmo que por um breve instante, deu-lhe uma tão intensa sensação de amor que fechou os olhos, estranhando a profundidade daquele sentimento.

Querendo corresponder de alguma forma, beijou-lhe o topo da cabeça.

Não era um homem de estar sentado sem fazer nada. No entanto, sentia-se totalmente em paz, ali com Libby, partilhando o tempo, sabendo que ela precisava dele.

O que o espantava, o que ele não conseguia explicar, era a consciência de também precisar dela. Estar ali era igualmente importante para si. As anteriores reservas tinham-se desfeitos com a evolução da relação. Acompanhara-

a desde que embalava bebés no hospital e se tornara a mentora de Ava. Libby era uma mulher que ele poderia amar, amar com todo o seu ser para o resto da vida.

Quando deu o noticiário de fim de noite, Phillip reconheceu que estava altura de se ir embora. No entanto, não queria ir, não se sentia bem em deixá-la sozinha. Não naquela noite.

- Devia ir para casa.

- Não vás – pediu-lhe Libby, agarrando-se ao braço dele.

– Libby...

– Não te estou a pedir para fazeres amor comigo.

– Querida, acredita, não era preciso pedires.

Se soubesse como parecia desejável, com olhos vermelhos e tudo. Nunca se sentira tão atraído por uma mulher como estava por ela naquele momento.

Libby olhou para ele e sorriu.

– Preciso de alguém para me abraçar esta noite. Nada mais. Consegues fazer isso?

– Por ti, meu amor, tudo.

– Sou o teu amor? – perguntou, enrugando a testa com a questão.

– Sim – sussurrou ele, e inclinou-se para a beijar. Embora fosse fácil deixar aquele beijo transformar-se noutra coisa, ele abandonou-o, receando não ter a força para evitar desenvolvimentos.

– Amo-te, Libby. Mais do que julguei possível amar alguém. Já tinha desistido de me apaixonar.

Se não a amasse, tê-la-ia levado para a cama para fazer amor. Isso

chegaria a seu tempo, mas não agora. Não naquela noite.

– O amor assusta-me um pouco.

Ele soltou uma gargalhada ligeira.

– A mim também. Somos dois casos difíceis, não somos?

Na verdade, assustava-o mais do que um pouco, mas não o suficiente para desistir agora. Com o braço à volta da cintura dela, conduziu-a ao quarto.

Capítulo 34

Quando acordou sábado de manhã, Libby encontrou Phillip ao seu lado, a dormir profundamente. Pestanejou, pensando que podia ser um sonho, e depois lembrou-se que perdera Amy Jo para a família biológica. Phillip fora o seu consolo. Duvidava que tivesse sobrevivido à noite anterior sem ele. No auge do

seu sofrimento, até lhe tinha pedido para não a abandonar. Sexta-feira fora um dos piores dias da sua vida. Libby gostava de ser independente. Desde a morte da mãe que tinha orgulho na sua capacidade para lidar com os golpes que a vida lhe reservava. Era forte, capaz e desembaraçada, mas naquele momento necessitara desesperadamente de Phillip. Agarrara-se a ele, incapaz de enfrentar a noite sozinha. Que fácil teria sido para ele aproveitar-se.

Mas não fizera qualquer avanço; apenas a abraçou com força e murmurou-lhe palavras tranquilizadoras.

Embora o Dr. Stone apreciasse a sua reputação de coração de pedra, era uma alcunha pouco apropriada. Na realidade, Phillip era terno, compassivo e gentil. A relação deles não se baseava na atração sexual, embora isso fosse definitivamente um elemento presente. Ah sim, estava presente e em grande escala, mas era rigorosamente controlado por

ambos. As feridas de outras relações tinham deixado cicatrizes no coração dele, e dela também. Tinham sido muito cuidadosos quanto a envolverem-se com alguém novamente, talvez até de mais.

O que sentia por Phillip estava para além do físico. Em tempos, ele caíra na falácia de que o trabalho seria a solução para todos as questões da vida. Tal como no caso dela, a profissão alimentara-lhe o ego e permitira-lhe escamotear os

problemas atrás de uma parede defensiva. Mas Phillip libertara-se da sua tendência para ser absorvido pelo trabalho e, porque o tinha feito, ela sentia esperança e confiança na possibilidade de também o conseguir. Eram mesmo almas gémeas, parecidas em tantos aspetos.

Phillip deve ter-se sentido observado, porque os olhos dele começaram a abrir aos poucos.

– Bom dia – disse, esticando os braços acima da cabeça e soltando um bocejo. Afastou os lençóis e

endireitou-se. Aparentemente só naquele instante se lembrou da razão que o fizera passar lá a noite. Sentou-se na ponta do colchão e virou-se, olhando para ela.

– Como te sentes?

– Mais ou menos.

A dor não era tão intensa como no dia anterior, mas estava lá, a fazer pressão sobre o peito, um peso sobre o seu coração meigo. Desde que se lembrava, sempre aproveitara o trabalho como cura; trabalhar com mais afinco e durante

mais tempo, ignorando tudo e todos, fora sempre um truque útil. Se pudesse ocupar a cabeça com assuntos menores, não ficaria a remoer os problemas. Fora assim que aguentara a morte da mãe e passara pelo divórcio.

– Ainda bem. – Ele inclinou-se e beijou-lhe a testa. – Desculpa sair à pressa, mas fiquei com o turno de fim de semana de um colega e tenho de ir para o hospital.

Embora preferisse que ele ficasse, aceitou que era imperativo sair. Levou-o à porta e resistiu ao

impulso de o abraçar, receosa que isso agravasse a dificuldade da separação.

– Obrigada – murmurou.

– De nada.

Phillip pôs a mão no pescoço dela e aproximou a boca, beijando-a suavemente.

– Posso ver-te hoje à noite? – perguntou. – Queres ir andar de barco?

Tinha feito a mesma pergunta na noite anterior, achando, ela tinha a certeza, que a água a

ajudaria a lidar com a dor. Tinha sido impossível pensar em abandonar o conforto da sua casa mais cedo. Naquela manhã, sentia-se mais disposta a fazê-lo.

– Seria perfeito.

– Mando-te uma mensagem assim que puder – hesitou, com dificuldade em deixá-la.

– Está bem.

Acompanhou-o ao elevador e ele voltou a beijá-la, colocando os braços à volta dela, abraçando-a tão intensamente, com tanta força, que por momentos foi difícil

respirar.

Libby teve um dia atarefado. Robin passou por lá depois de Phillip sair, e arrumou as coisas do quarto de Amy Jo. Lydia ligara para saber se ela estava bem. A família e os amigos cercavam-na de amor. Mais tarde, e depois também no domingo, Phillip levou-a a dar uma volta de barco no Lago Washington. O vento batia-lhe na cara, secando as lágrimas, e esforçava-se por esconder que chorava. Phillip abraçava-a apenas, enquanto ela

se debatia com a perda.

Segunda de manhã, Libby encontrou Phillip à sua espera na entrada do ginásio e Robin no balneário.

– Não tinha a certeza se vinhas
– disse a amiga, observando-a vigilante.

Libby sentou-se no banco e olhou para ela.

– Bem, ou ficava em casa a sentir pena de mim própria ou seguia em frente com a minha vida. Decidi avançar.

Não seria fácil, mas Libby ia

ignorar o buraco que se abrira no seu coração e dar o seu melhor para esquecer aquela abrupta e indesejada viragem na história que imaginara para si. Era como se tivesse acontecido uma intervenção do destino, pondo um ponto final no seu novo eu, capaz de correr riscos e procurar a felicidade.

– Há alguma coisa que possa fazer por ti?

– Na verdade, não, mas obrigada.

– O que é que vais fazer hoje?

Libby tinha refletido um pouco sobre isso.

– Depois do ginásio, vou falar com a Ava sobre a adoção. Quero garantir que, como mãe biológica da Amy Jo, ela possa ter um papel na vida da criança mais tarde, mesmo que agora ache que não. O meu receio é que ela mude de ideias a dada altura. Também pensei em entrar em contacto com a família do Peter, para lhes oferecer a mobília que comprei. Vão precisar.

– Deviam pagá-la – insistiu Robin.

Libby também considerara essa possibilidade por breves instantes.

– Não, será o meu presente para eles. Não são pessoas ricas, já estão a suportar os custos do advogado para tratar da adoção e a fazer grandes mudanças na vida deles pela... Grace – tropeçou no novo nome de Amy Jo.

Robin abanou a cabeça.

– Tens um coração generoso, Libby.

Libby considerava que não era tanto ter um coração generoso, mas antes autopreservação. Não queria a mobília da bebé em casa dela mais tempo do que o necessário. Era um lembrete constante de tudo o que perdera.

– Não tens uma segunda reunião esta tarde com os amigos dos Buckley?

– Sim, tenho.

O encontro com a família Nyquist estava marcado para as três horas, para tratarem de um

fundo destinado à educação universitária dos netos. Após um primeiro contacto, Libby ficara com a sensação de que aquele era o início de uma longa e produtiva relação. Sentia seguramente o mesmo sobre os Buckley.

A seguir à reunião com os Nyquist, Libby passou por A Good Yarn. Depois de tudo o que Phillip fizera por ela, queria agradecer-lhe de uma forma especial. Ia tricotar-lhe uma camisola.

Encontraram-se para jantar na zona do porto. Phillip tinha imensas

histórias do hospital para contar. Sabia que estava a tentar distraí-la e entretê-la. Andaram de mão dada ao longo do paredão. Decidiram apanhar o ferry para Bainbridge Island só para comprar um latte e voltar. Todo o tempo que vivera em Seattle, Libby nunca viajara de ferry só por prazer e Phillip confessou-lhe que também não.

Na terça-feira de manhã, Libby subiu para a passadeira rolante e começou o treino. Correu durante mais tempo e com maior velocidade

do que era costume, tentando com todas as forças não pensar em Amy Jo. Reconhecia que os Armstrong tinham direito à bebê por serem avós da criança, mas isso não tornava as coisas mais fáceis de ultrapassar.

Eram quase onze horas quando Libby passou pelo escritório, onde releu a papelada da adoção antes de se dirigir a casa de Ava para falar do processo. Escolheu propositadamente uma hora em que Darlene Carmichael não estivesse. Aquela conversa, queria

tê-la sem a avó de Ava por perto. Ava faria qualquer coisa para satisfazer a avó e Libby queria libertá-la dessa pressão.

Ava esperava-a nos degraus da entrada. Quando estacionou junto ao passeio em frente, a jovem levantou-se e correu para ela.

Libby abraçou-a.

– Como estás? – perguntou, pondo-lhe o braço à volta da cintura, enquanto caminhavam pelo mal conservado passeio em direção à casa.

– Sinto-me melhor a cada dia que passa.

Libby estava extremamente orgulhosa de Ava.

– Sabia que ia ser assim.

– O Peter e eu falámos. Ele lamenta muito e jura que me teria ajudado se soubesse o que se passava... só não sei o que poderia ter feito. Queria dizer-me que os pais dele gostam muito da nossa bebé.

Ergueu um olhar interrogativo em direção a Libby, como se

buscassem a sua aprovação.

– Vão ser bons pais para Grace – declarou Libby, tirando o cabelo da testa de Ava para poder ver melhor os olhos da rapariga. Quase tropeçou nas palavras, mas estava determinada a ser positiva, para bem dela.

– Queria... eu queria que a Libby a adotasse. – Ava franziu o sobrolho, sem saber bem o que pensar.

Libby engoliu em seco, com a garganta apertada.

– Nada me faria mais feliz. Mas

às vezes a vida lança-nos desafios e temos de lidar com eles o melhor possível.

Ava baixou a cabeça.

– O que é importante para mim é que os teus direitos em relação à tua filha sejam claramente enunciados.

– Não... não entendo.

– Vamos sentar-nos e conversar – sugeriu Libby.

Sentaram-se as duas nos degraus da entrada. A laje de cimento era pequena, por isso

apertaram-se uma contra a outra.

– Lembras-te de quando te expliquei a adoção aberta?

Ava anuiu.

– Sim. Mas acho que é melhor não ver mais a bebé. Nunca mais.

Libby não retirava importância a este sentimento.

– O que acontece, Ava, é que a Grace vai viver ao teu lado. Claro, o Peter e a família podem mudar-se um dia, mas até lá, não poderás evitar vê-la – Libby desconfiava que a família já planeava a mudança, pela simples razão de que o

agregado iria aumentar e precisavam de mais espaço.

– Acho... que tem razão.

– Já perdeste a tua mãe – lembrou-a Libby. – Não quero que olhes para trás um dia e lamentes ter entregado a tua filha sem salvaguardares a possibilidade de vires a fazer parte da vida dela.

Ava considerou as palavras de Libby, com um olhar reflexivo a moldar-lhe a testa.

– Isso vai permitir-me ver a minha bebé, se quiser.

– Exatamente.

– Então acho que a adoção aberta é o melhor, se a Libby também achar.

– Eu acho. Vou entrar em contacto com o advogado assim que chegar ao escritório e garantir que tudo será acordado para que tenhas essa hipótese. Antes de assinares qualquer documento, quero lê-lo, entendido?

Mais uma vez, Ava assentiu.

– Está bem.

Libby deu-lhe um abraço rápido.

– Vou estar na retrosaria mais logo à tarde. Vais lá?

A adolescente abriu um enorme sorriso e sugeriu que sim com a cabeça.

– A Casey pediu-me para ir à loja hoje, e prometi-lhe que iria depois de falar consigo. Pensei em tricotar qualquer coisa para levar para a escola. Começo as aulas na segunda-feira.

– De que cor?

– Gosto de roxo. Roxo claro, clarinho.

– Roxo também é uma das minhas cores preferidas. Tenho de ir lá porque vou tricotar uma camisola para o Phillip.

– Em roxo?

Libby riu-se.

– Se for isso que ele quer. Vou deixá-lo escolher a lã e o modelo.

– Boa. Deve gostar mesmo dele.

Falaram durante vários minutos e depois Libby teve de se ir embora.

– Até mais logo, então – garantiu.

Ava, entusiasmada, fez um gesto afirmativo.

Mais uma vez, Libby espantava-se com a resiliência da rapariga, embora soubesse que Ava era demasiado nova para perceber o que estava a atravessar. Era por isso que se achava no dever de proteger os direitos dela em relação à criança.

Libby voltou ao escritório. Teve uma longa conversa telefónica com o advogado dos Armstrong. Minutos depois, Marlene Armstrong ligou

para agradecer a oferta da mobília.

Trabalhou sobre as questões da família Buckley o resto da tarde e também nos fundos para os Nyquist. Depois do encontro com eles, Lois e Jamison Nyquist pagaram-lhe também um adiantamento. Tinham ambos cerca de sessenta anos, eram reformados, e pensavam seriamente no futuro financeiro. Esperavam, tanto quanto possível, proteger os seus bens e pôr algum dinheiro de parte para os filhos e os netos. Libby propusera várias

opções.

Phillip passou por casa dela e Libby preparou uma salada Cobb. Aliás, fizeram-na juntos, escolhendo e juntando os ingredientes em conjunto. Phillip trouxera uma garrafa de vinho merlot que abriu com habilidade, servindo-o nos copos, enquanto ela punha a mesa. Ajudou-a depois a arrumar a cozinha.

— Decidi tricotar-te uma camisola — anunciou Libby, enquanto Phillip secava a frigideira

que tinham usado para o bacon e a colocava em cima do fogão. – Mas se vou empenhar-me tanto, quero ter a certeza de que gostas do modelo.

Margaret tinha opinado que Libby não devia sequer considerar uma atenção tão exigente a nível de tempo, antes de um anel no dedo. Quando uma mulher decide tricotar uma camisola para um homem, a relação tem de ser séria. Libby estava muito empenhada na relação com Phillip e cada dia que passava ficava mais. Fazer-lhe uma

camisola parecia-lhe bem.

Phillip pegou no copo de vinho.

– Não tenho de voltar à retrosaria, pois não?

– Isso seria um sacrifício? –
olhou para ele e sorriu de forma sedutora, ou o mais próximo que conseguia disso.

– Não, acho que não.

Ele não parecia nem soava convencido.

– Ajudava se escolhesses a lã.

Phillip dobrou o pano da loiça e guardou-o.

– Lamento informar-te, mas não percebo nada de lãs.

– A cor, querido. Sei que gostas de azul.

– Gosto – franziu as sobancelhas, de forma a juntá-las numa linha dentada. – Como sabes?

– Não estás a falar a sério, pois não? Quase todas as tuas camisas são azuis.

– São? – Parecia surpreendido.

– São, e a cor combina muito bem com os teus olhos.

Phillip abriu um sorriso expressivo, aceitando o elogio sem problemas.

– Muitas mulheres dizem-me o mesmo.

Ela deu-lhe uma palmada e ele fingiu magoar-se.

– Anda cá, senta-te comigo para vermos alguns modelos.

Phillip seguiu Libby obedientemente para a sala. Trouxe o livro de modelos que comprara e entregou-o a Phillip. Só demorou cinco minutos para

escolher uma camisola em bico.

– Mas... vais tricotar para mim?

– Sim.

Olhou para ele e pestanejou, lançando charme. Sentia-se melhor quando estava com Phillip; a ferida no coração doía menos e, por um instante, era capaz de esquecer.

– Parece-me que isso implica muito trabalho.

– É uma empreitada e peras! A Margaret até sugeriu que eu já devia ter uma aliança de noivado antes de comprar a lã. É um investimento, percebes?

– O anel ou a lâ? – perguntou, com olhos de brincadeira.

Ela sorriu.

– Na verdade, ambos.

Phillip suspirou, como se estivesse a ponderar seriamente.

– É um pouco cedo para pensares em arrastar-me para o altar, não achas?

– Arrastar-te para o altar? Oh, francamente, isso é a coisa mais ridícula que já disseste.

– Está bem, está bem. Só queria ter a certeza que nos entendíamos

um ao outro. Esta camisola é uma forma de mostrar que a nossa relação... promete? – arqueou as sobrancelhas, ao fazer a pergunta.

– Bem – murmurou ela, hesitante. – Para falar com franqueza, consigo ver-nos com facilidade a construir uma vida juntos. Não somos miúdos. Sabemos os dois o que queremos. Certo?

Phillip anuiu, bem-disposto, com um gesto de cabeça.

– Eu sei o que quero.

Ela esperou que continuasse,

mas como hesitou, deu-lhe um empurrão.

– Bem, não me mantenha em suspenso.

Sorrindo, tomou-a nos seus braços.

– Já devias ter percebido, a esta altura, Libby Morgan. Quero-te a ti.

Capítulo 35

No dia seguinte, Libby estava atarefada a trabalhar, quando a rececionista anunciou uma chamada de Hershel Burkhart. Endireitando-se, Libby olhou para o telefone, com dificuldade em raciocinar. Bem, o melhor era atender e descobrir o que ele queria. Libby levantou o

auscultador.

– Libby Morgan.

– Libby – cumprimentou Hershel, calorosamente. – Que bom ouvir a sua voz. Estou a ligar para saber como estão a correr as coisas.

Apesar de as últimas duas conversas entre eles terem sido tensas, no mínimo, Libby continuava a sentir bastante respeito pelo homem que fora o seu mentor. Depois de uma pequena hesitação da sua parte, atualizou-o

sobre os últimos acontecimentos. Sentia-se orgulhosa de poder mencionar os dois novos clientes que tinha angariado. Não fez qualquer referência à adoção falhada.

– Fico muito contente por saber que está tudo a correr bem – prosseguiu ele. – Martha Reed esteve cá há pouco tempo e falou-nos do orgulho que tem em si.

Libby nem sempre gostava de recordar o seu tempo na antiga empresa, mas estava a superar a desilusão e a amargura que vivera

quando Hershel a dispensara relutantemente. Em primeiro lugar, ela era uma sobrevivente. Os últimos seis meses eram prova disso. E, por ora, tinha muito trabalho, e mais haveria de vir. O passa-palavra espalhava-se depressa. Os seus honorários eram mais razoáveis do que os das grandes empresas. Se continuasse a receber novos clientes, teria de contratar uma assistente.

Sabendo que Hershel não tinha ligado só para fazer conversa,

avançou:

- O que posso fazer por si?
- Seria possível passar por cá um dia desta semana?

Aquilo era cada vez mais intrigante.

- Para?
- Os outros sócios gostariam de ter uma conversa consigo.

Libby endireitou-se na cadeira.

- Sobre?
- Preferia não tratar de negócios pelo telefone. Penso que será do seu agrado, Libby. Quando seria mais conveniente?

Hesitou por um instante e depois, sorrindo interiormente, pediu:

– Deixe-me consultar a minha agenda.

Pôs a chamada em espera e deixou passar algum tempo. Quando retomou a linha, informou:

– Posso passar por volta das cinco, na sexta-feira, por exemplo.

Marcou propositadamente ao fim da tarde para poder trabalhar o máximo possível.

– Vemo-nos sexta às cinco,

então – concordou ele. – Como lhe disse, penso que será do seu agrado.

Libby desligou o telefone e ligou logo a Phillip, que estava fora numa conferência de médicos em Las Vegas. Não tendo conseguido falar com ele, deixou mensagem no correio de voz.

A seguir, enviou uma mensagem de texto a Robin. Trinta minutos depois, Robin respondeu-lhe sugerindo que se encontrassem para tomar um copo de vinho nessa mesma tarde.

Passadas três horas, estavam as duas sentadas a tomar um merlot num bar de vinhos da Fourth Avenue, perto do escritório de Libby.

– Acho que me querem oferecer o emprego de volta – pensou em voz alta, segurando no copo de vinho pelo pé, enquanto combatia o impulso de o rodopiar, à semelhança do movimento de possibilidades na sua cabeça.

– Claramente precisam de ti para alguma coisa – resmungou

Robin, batendo com os dedos na mesa e semicerrando os olhos com um ar de suspeição.

– Mas porquê?

– A resposta é evidente – sugeriu Robin, recostando-se no banco do balcão. – Mrs. Reed. Gostavas de voltar?

Aquela era a pergunta que Libby se fazia desde que Hershel ligara. A mesma que Phillip lhe fizera, por mensagem de texto, respondendo à sua chamada. Voltaria?

– A verdade é que não sei – confessou. Segurava agora o pé do

copo com as duas mãos, como se precisasse que aquela sensação a centrasse.

– Vais voltar – afirmou Robin, com uma expressão decidida.

– A sério? E o que te leva a pensar nisso?

– Bem, em primeiro lugar, Hershel não chegou onde está sem umas quantas qualidades de persuasão. Pelo que me tens dito, sempre gostou de ti, de uma forma um tanto ou quanto paternalista. E também desconfio que a Martha

Reed continue insatisfeita.

Libby chegara às mesmas conclusões.

– E – continuou Robin – por causa das dificuldades com Martha Reed, Hershel conseguiu convencer os outros sócios de que a única coisa que a tranquilizaria era trabalhar contigo.

– Achas que me vão oferecer sociedade? – perguntou Libby baixinho, como se não acreditasse que a empresa fosse tão longe.

Robin deu um pequeno gole de vinho, o olhar pensativo.

– Até pode acontecer. Depende.

Libby abanou a cabeça. Estavam as duas a tirar conclusões precipitadas. Nem se tinha encontrado com Hershel. Ainda assim, a ideia estava na cabeça dela. O coração acelerou ligeiramente. Seria possível estarem tão desesperados ao ponto de lhe oferecerem sociedade?

– É o que tu queres? – questionou-a novamente, inclinando-se um pouco sobre a amiga. – Fizeste muitas mudanças

positivas. Tens a certeza de que queres voltar ao mesmo?

Libby não precisava pensar duas vezes.

– Tenho. Mereço ser sócia. Foi para isso que trabalhei tanto.

Na cabeça dela, tudo mudava de figura se alcançasse o objetivo que a motivara nos últimos seis anos. Ser sócia tornaria todos os sacrifícios anteriores válidos. Além disso, era uma pessoa diferente, agora. Ia procurar ter outro equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, e evitaria os erros do

passado. Seria difícil, mas possível, sobretudo com o sistema de apoio que construía nos últimos meses e com Phillip ao seu lado.

– Só te resta esperar, para saber o que Hershel e os outros têm a dizer – concluiu Robin, olhando para o pulso. – Tenho de ir, vou ter com o Roy para jantarmos.

Libby anuiu. Robin mudara, já não era a pessoa exclusivamente dedicada à carreira que costumava ser. Hoje em dia, saía do gabinete às seis e passava a maior parte do

tempo livre com Roy. Eram o assunto do dia no tribunal, pelo que Libby sabia. Ver Robin tão feliz entusiasmava-a.

A amiga pousou dinheiro no balcão, para pagar a conta.

– Já falaste sobre isto com o Phillip?

– Está fora. Deixei-lhe uma mensagem e ele respondeu por escrito. Não falámos ainda.

Sorrindo, perguntou-se a quantas horas da conferência iria ele assistir. Sempre que ligava, Libby só conseguia ouvir o barulho

das máquinas de casino ao fundo. Estaria de volta a Seattle no domingo.

O resto da semana arrastou-se. Finalmente, sexta-feira à tarde, faltavam dois minutos para as cinco, Libby entrou no familiar escritório. A rececionista, Lois, levantou-se quando a viu sair do elevador.

– Doutora Morgan, seja bem-vinda – cumprimentou, oferecendo-lhe um largo sorriso. – Creio que os sócios a esperam.

Libby mostrou-se confiante.

O gabinete de Hershel era ao fundo do corredor e embora Libby conhecesse bem o caminho, conduziu-a até à sala e anunciou a sua chegada.

Assim que entrou, todos se levantaram e avançaram para lhe apertar a mão. Os sócios sorriam-lhe.

Libby pestanejou umas quantas vezes, para ter a certeza de que não estava a fantasiar. Se aquilo era um sonho, não queria acordar

tão cedo.

Depois de dois ou três minutos de conversa de circunstância, Hershel aclarou a garganta.

– Sei que está curiosa sobre o motivo deste encontro.

Libby anuiu.

– Resumindo – disse Hershel –, gostávamos de lhe oferecer o seu antigo emprego. Claro, trabalharia com Sarah outra vez, e estamos dispostos a propor-lhe um ligeiro aumento, em relação aos honorários praticados anteriormente.

Howard Smith falou. Era um homem baixo, cerca de um metro e setenta, que usava o cabelo bastante curto, quase todo grisalho.

– Gostaríamos que começasse para a semana.

Libby piscou os olhos. Hershel garantira-lhe que a proposta seria do seu agrado, e era, mas estava hesitante. Porquê a pressa? Na próxima semana?

Cruzou as pernas e depois de se instalar na poltrona, olhou-os frontalmente.

– Imagino que saibam que tenho o meu próprio escritório.

Antes de se comprometer, queria obter mais pormenores. Quanto a trabalhar com Sarah, a proposta não era tão atrativa como fora em tempos. Já não sentia o mesmo pela assistente desde que se tinha tornado claro que traíra a sua confiança com os sócios, sem falar na ausência de resposta à proposta que lhe fizera.

– Tivemos em conta que se estabeleceu por conta própria –

explicou Hershel em nome do grupo. – Poderá manter esse escritório se quiser, e a empresa assumirá o arrendamento, ou, se preferir, pode reaver o seu gabinete aqui.

– Um maior – sugeriu Howard Smith.

Oh, meu Deus, eles queriam mesmo que voltasse. Interessante, muito interessante.

Olhando em redor, Libby apercebeu-se da ansiedade espelhada nos rostos dos sócios. Estava prestes a falar, quando

Hershel se adiantou:

– Como então lhe expus, uma das razões pelas quais a dispensámos foi a sua incapacidade para angariar novos clientes. Trabalhava arduamente, tinha muitas horas faturadas e era uma mais-valia para a empresa, mas cada sócio precisa trazer alguma coisa para a mesa. Desde então, provou que o conseguia fazer.

– Então estão a oferecer-me sociedade.

Os homens na sala trocaram

olhares.

Hershel respondeu.

– É uma possibilidade.

Howard Smith cruzou os braços.

– Quando Hershel refere que a sociedade é uma possibilidade para breve, queremos deixar claro que é uma hipótese, embora forte. Se os Buckley e os Nyquist mudarem as suas contas para aqui, e penso que falo por todos nós, está garantido.

– E se não mudarem?

– Seis meses.

– Está a assegurar-me que me tornarei sócia em seis meses,

aconteça o que acontecer? – perguntou Libby. Queria deixar isso aquele ponto bem explícito.

Howard sorriu expressivamente e anuiu com um gesto de cabeça.

– Deu provas do seu valor, Libby. Damos-lhe alguns meses para se instalar de novo no escritório e partimos daí.

– Temos acordo? – questionou Hershel.

– Quero pensar na vossa proposta durante o fim de semana.

Já sabia o que tencionava fazer,

mas queria conversar com Phillip primeiro. E com Robin, também. E não queria parecer demasiado impaciente.

– Claro, claro. Esta é uma decisão importante. Naturalmente, queremos que pense com todo o cuidado no assunto – concordou Howard, brindando-a com um dos seus raros sorrisos.

– Esperamos notícias suas na segunda-feira de manhã, então – rematou Hershel.

– Sim, segunda-feira – Libby levantou-se da cadeira. – Só mais

uma coisa – disse, pensando melhor.

– Sim?

– Se aceitar, gostaria de ter outra assistente. Estou certa de que a Sarah fez uma transição bem-sucedida ao trabalhar com o Ben Holmes. Prefiro alguém novo.

– Com certeza – garantiu-lhe Howard.

Libby esperou até se encontrar fora do edifício para mandar uma mensagem a Phillip: TELEFONA-ME ASSIM QUE PUDERES.

Menos de cinco minutos depois, ele ligou.

– O que se passa?

– Não vais acreditar no que acabou de acontecer – começou ela, falando tão depressa que as palavras quase se atropelavam. Antes que Phillip pudesse fazer alguma pergunta, contou-lhe tudo. – O que achas? – perguntou no final.

A hesitação dele foi uma surpresa. Libby esperava que ficasse tão entusiasmado como ela,

ou quase.

– É isto que queres, Libby?

– Claro que é. – Não havia necessidade de negar o óbvio. – Sinto-me vingada, ao fim destes meses todos.

– Não tens medo de cair na mesma rotina que tinhas antes de saíres da empresa?

– Não – retorquiu. – Aprendi a minha lição. Oh, pode ser intenso nas primeiras semanas enquanto preparo a nova assistente e me atualizo com a conta da Reed, mas prometo-te, Phillip, nunca voltarei

ao que era antes. Tenho uma vida agora, amigos e... – hesitou, o coração transbordante de felicidade – tenho-te a ti.

O silêncio na linha foi ensurdecedor.

– Diz alguma coisa – murmurou. Queria, mais do que isso, precisava que Phillip ficasse contente por ela. Ser sócia era tudo quanto mais desejara, desde o princípio. Era tudo aquilo por que tinha lutado nos últimos seis anos, e mesmo antes. Era o que a mãe sonhara

para ela.

– O que queres que eu responda? – perguntou-lhe, com uma definitiva falta de entusiasmo.

– Quero que me digas que estás contente por mim e apoias a minha decisão – saiu-lhe.

– A decisão é tua, querida. Tua e apenas tua. Pensei que estavas feliz com a ideia de teres um escritório próprio, mas se queres voltar para aquela empresa, então tens o meu apoio incondicional.

– Obrigada.

– Vemo-nos no domingo e

depois podemos conversar melhor.

– Está bem...

Contrariada, terminou a chamada. Sabia que Phillip estava ocupado com o congresso, mas desejava que tivessem conversado mais.

Libby só ligou a Robin sábado de manhã. Encontraram-se para irem ao centro comercial. Robin odiava comprar roupa, mas já não tinha nada apropriado para vestir nos seus encontros com Roy. O seu único vestido preto já dera o que

tinha a dar.

– Detesto isto, sabes –
resmungou, assim que avistou
Libby na baixa.

– Sei, mas vai ser indolor.

Robin bufou.

– Não estejas tão certa disso.

Libby já lhe contara todos os pormenores da conversa com os sócios. Sentada do lado de fora dos provadores, esperava que Robin experimentasse os vestidos. As idas e vindas da empregada com imensos vestidos pendurados nos braços não indicavam sucesso.

– Estou ridícula – resmungava Robin, de vez em quando.

– Duvido que Roy concordasse.

– Quem me dera ter prestado mais atenção à minha mãe. Tinha um sentido de estilo que, infelizmente, não me tocou.

Tendo dito isto, Robin abriu a porta do provador, com um vistoso vestido vermelho – estava incrível.

– Robin... – Libby ficou de queixo caído.

– Já sei. Pareço uma estrela de Natal com peso a mais.

– Estás linda. – Libby acreditava em cada palavra.

– A sério?

Libby anuiu.

Robin olhou para a vendedora.

– Vou levar o vestido azul, e o rosa também.

Robin de cor-de-rosa.

Provavelmente, não usava nada há anos que não fosse azul, preto ou castanho.

Depois de Robin pagar e guardar o saco com as roupas no carro, decidiram almoçar.

Fizeram o pedido e só então Robin abordou o assunto da reunião de Libby na empresa.

– Duas perguntas.

– Dispara. – Libby pousou o copo de água.

– O que disse o Phillip?

Libby soltou um suspiro lento e profundo. Estava com algumas dificuldades em interpretar a reação dele. Apoiara-a, mas moderadamente. Pressentiu que ele preferia que levasse avante o seu escritório em vez de voltar para a

empresa, mas não o declarara abertamente.

– Disse-me que apoiava a minha decisão. Acho que não quis fazer declarações que me levassem num sentido ou noutro. Afinal, eles fizeram-me uma excelente proposta, e Phillip sabe que já quase esgotei as minhas poupanças. Preciso disto. A minha conta bancária precisa disto.

Robin franziu a cara, enquanto tirava um pãozinho do meio da mesa, expressando saber que se tratava de mais do que o dinheiro.

A empregada surgiu com as duas saladas. Depois de lhes virar as costas, Robin fez a segunda pergunta:

– Falaste com a Martha Reed?

Libby sorriu jovialmente. Estivera toda a tarde desejosa para lhe contar aquela novidade.

– Falei e contei-lhe que o Hershel me quer recontratar para a empresa, o que ela achou perfeitamente natural.

Robin pousou o pão.

– A velha senhora decidiu deixar

de os contratar de vez se não trabalhasse contigo, foi isso?

– Acertaste em cheio – respondeu Libby. – Mrs. Reed explicou a Hershel que, após apurada reflexão (expressão dela, não minha), após apurada reflexão concluiu que a ligação dela comigo superava a história com a empresa e a redução de honorários.

Robin bateu palmas.

– Adoro. Portanto, estão prestes a perdê-la.

Libby estava quase a explodir de pedantismo.

– Era exatamente a arma que Hershel precisava para convencer os outros sócios que eu era indispensável. Continuo sem saber se os filhos dela ficariam à vontade caso Mrs. Reed me entregasse a parte do património, mas era sem dúvida uma preocupação.

Ajudara que Libby também tivesse clientes que potencialmente se tornariam clientes da firma.

- Outra pergunta.
- Já são três.
- É importante.

Robin fora bastante comedida até então, o que surpreendia Libby. Endireitou-se na cadeira e fazendo um gesto, indicou à amiga:

– Pergunta.

Robin olhou-a nos olhos.

– Tens a certeza... Estás mesmo convencida de que a tua determinação em voltar para a empresa não é um escape ao sofrimento de perder a Amy Jo?

Uma súbita sensação de dor emergiu à superfície e a emoção prendeu a garganta de Libby.

Esperou que passasse antes de responder, até sentir que podia confiar na voz.

– Não... não sei, mas o que sei é que esta é uma oportunidade única e que vou agarrá-la com unhas e dentes. Esta é a hipótese de me afirmar.

– Então avança – aconselhou Robin. – Dá o teu melhor.

– É isso mesmo que tenciono fazer – declarou Libby.

Mais tarde nesse dia, exausta das compras, Libby sentou-se em casa a olhar o pôr do sol. Phillip

regressaria de Las Vegas no dia seguinte. Estava combinado ir lá a casa assim que aterrasse. Ao refletir sobre a reação dele às novidades, chegou a uma conclusão. Phillip podia nem querer partilhar o que sentia, mas ela conseguia adivinhar com precisão os pensamentos dele sobre o assunto.

Estava com receio do que lhes poderia acontecer, enquanto casal, se ela voltasse à empresa. Se tivesse escritório próprio, Libby só

teria de competir com ela mesma. Na empresa, os sócios estariam sempre a espreitar-lhe por cima do ombro, criticando o desempenho e a capacidade de angariar novos clientes.

O que Phillip não entendia era que não precisava de se preocupar. Ela não permitiria que nada se interpusesse entre eles. Não seria vítima daquela lógica trituradora outra vez. Tinha uma vida e estava determinada a não repetir os mesmos erros.

Quando foi para a cama nessa

noite, Libby parou no quarto da bebê. Estava vazio agora. Os Armstrong tinham ido lá e levado toda a mobília. Libby ficou a olhar para o espaço vazio muito tempo. Depois, com um nó na garganta, bateu com o punho fechado contra a parede e apagou a luz.

Capítulo 36

Dois meses depois, Libby entrou disparada em casa, desabotoando os botões do blazer com uma mão enquanto, com a outra, atirava a pasta ao chão. Descalçou os saltos altos com um pontapé: um aterrou no sofá, outro algures na cozinha. Não queria saber. Já estava atrasada e Phillip viria buscá-la

dentro de minutos. Julie Busbee, esposa de um dos colegas de Phillip, preparara uma festa surpresa para o marido, Scott, e Phillip e Libby estavam convidados. Não podiam de forma alguma chegar atrasados: isso estragaria a surpresa.

A festa era na propriedade dos Busbee, na parte norte de Seattle. De acordo com o convite, ia haver uma gincana, um buffet ao jantar e, mais tarde, uma fogueira ao ar livre. Era impossível levar um fato

formal e saltos altos. Ao arrancar muito rapidamente uma camisa do armário, deixou o cabide a balançar. Enfiou a blusa pela cabeça, pegou numas calças de ganga e enfiou os pés dentro de uns mocassins.

Mal teve tempo de passar uma escova pelo cabelo e pôr batom, a campainha tocou. Phillip!

Libby deu uma borrifadela do seu perfume preferido e inspirou fundo para o coração acalmar.

Phillip esbugalhou os olhos ao entrar no apartamento.

– Parece que passou um furacão por aqui – comentou, atravessando-a com o olhar. O blazer também fora atirado para o chão, seguido pela saia, deixando um rasto de roupa e acessórios que ia até ao quarto.

– Estava a tentar despachar-me – explicou, esperando que ele não percebesse na voz dela que estava tão ofegante.

– Libby, Libby – admoestou, beijando-lhe a testa e abraçando-a por um instante. Parecia que queria

dizer mais alguma coisa, mas conteve-se. – Veste um casaco, vamos chegar atrasados.

– O meu casaco – repetiu Libby, abrindo o armário para tirar de lá um, escuro e de lã.

Phillip conduziu-a ao elevador, colocando-lhe a mão sobre o fundo das costas. Libby só relaxou quando chegaram ao carro. Só então respirou de alívio.

– Não foste ao ginásio esta manhã – comentou ele.

– Não, precisei de estar no escritório mais cedo.

Era essencial, se também queria sair mais cedo para chegar a horas àquela festa de aniversário. Não precisava de se preocupar por ter falhado um treino: tinha feito bastante exercício na sua corrida apressada do escritório para casa.

Tentara. Fizera um esforço genuíno para não trabalhar demasiadas horas no escritório, mas as boas intenções rapidamente caíram por terra. Ao fim do dia, estava demasiado cansada para pensar, demasiado cansada para

sentir.

O que Robin conversara com ela antes de voltar à empresa vinha-lhe muitas vezes à cabeça nas últimas semanas. A sua melhor amiga perguntara se, no fundo, ela não estaria a escolher matar-se a trabalhar para esquecer aquela bebé que adorara. Na altura, Libby não estava totalmente certa. Agora sim. Trabalhar horas a fio fazia-a sentir-se confortável. No escritório, podia bloquear a dor. Tinha objetivos, ambição, direção e convencia-se de que a empresa

precisava dela. Mrs. Reed também.

– A Robin foi ao ginásio.

Libby lançou um olhar a Phillip.

– Liguei-lhe para a avisar que não conseguiria ir.

Calculou que Phillip comentasse a sua ausência e reteve a respiração à espera da censura. Não aconteceu nada.

– A Robin comentou que ligaste.

Phillip ficou calado por longos minutos enquanto conduzia pelo trânsito de Seattle. Quando estavam na via rápida, perguntou:

– E como vai a minha camisola?

Tinha de perguntar! Não a admoestava pelo tempo a mais que acrescentava aos dias de trabalho. Em vez disso, punha questões concretas. A verdade é que naquela semana ela nem pegara nas agulhas de tricô.

– A camisola vai bem. Está feita até às cavas, nas costas.

– Não estava já assim da última vez que te perguntei? Quando é que foi? Há duas, três semanas?

– Estava. Têm sido umas

semanas cheias.

Não chegara a casa antes das sete uma única noite. Não queria que aquilo acontecesse. Em conjunto com Phillip, até elaborara uma lista de regras, muitas à moda dele. Eram linhas de orientação que o ajudavam, e Libby esperava que a impedissem de cair no ritmo antigo, só trabalho e nenhum divertimento.

Regra número um: nunca traria trabalho para casa novamente.

Regra número dois: manteria o programa de treino.

Regra número três: continuaria a ver Ava.

Regra número quatro: arranjaria tempo para as suas novas amigas Robin, Lydia, Abby e Sharon.

Até agora, o seu desempenho não fora dos melhores. Não demorara sequer uma semana para cair no velho padrão de trazer trabalho para casa. Não se sentia bem com isso e só o fazia por causa de Phillip: ele ligava-lhe todas as noites e, quando não a apanhava em casa antes das sete, ela

percebia que ficava irritado.

Phillip não fizera nenhum comentário negativo sobre o regresso dela à empresa. Na verdade, ela não poderia ter recusado aquela quantia de dinheiro; assustava-a as poupanças estarem tão baixas. Os cartões de crédito estavam no limite e precisava de os liquidar quanto antes. A proposta de trabalho viera na altura certa e por mais um número de razões do que aquelas que explicara a Robin e Phillip. Como preferiu ter um gabinete na

empresa, Hershel negociou a suspensão da renda do seu escritório.

Conseguira manter o programa de treinos... com algumas faltas. Antes de regressar, ia ao ginásio pelo menos quatro vezes por semana, muitas vezes cinco. A frequência passou rapidamente a três e esta semana tinha ido apenas uma vez. Libby jurou a si mesma que a semana seguinte seria diferente.

Depois de tratar dos assuntos da

família Buckley e de corrigir a confusão que Ben Holmes tinha armado com os documentos de Martha Reed, e tendo dado a formação necessária à assistente, Libby não precisava trabalhar tantas horas. Mas de momento, era muito difícil despachar trabalho no escritório, com a sucessão de reuniões e outras exigências que lhe tomavam o tempo. Ou chegava cedo e saía tarde ou levava trabalho para casa.

Quanto a manter o contacto com Ava, conversavam pelo menos duas

vezes por semana. Ava voltara à escola. Tudo parecia correr bem, embora a adolescente raramente falasse das aulas. Libby receava que se passasse alguma coisa que Ava não lhe confidenciara. Planejava almoçar com ela no fim de semana, para pôr a conversa em dia, ao vivo. Desconfiava que tinha corrido a notícia de que ela era a mãe da bebé adotada pela família de Peter.

– Estás macambúzia – comentou Phillip, tirando momentaneamente os olhos da estrada. – Passa-se

alguma coisa?

– Nada. Estava só a pensar na Ava.

– O que se passa com ela?

– Não sei bem, mas alguma coisa é.

– Quando é que falaste com ela pela última vez? – perguntou.

– Terça-feira, acho...

Tinha pensado voltar a ligar-lhe, mas a semana fora agitada, com uma tarefa atrás da outra. Felizmente, a nova assistente de Libby parecia uma boa aposta, mas estabelecer uma relação

profissional requeria tempo e paciência.

– Estás outra vez sisuda – observou Phillip, soltando uma pequena gargalhada.

– Oh, desculpa. Estava a pensar na Sarah.

– A nova assistente está a funcionar bem?

– A Melinda é ótima – Libby voltou a cabeça e olhou pela janela, para esconder um bocejo. Phillip reparou, pensou ela.

– Estás exausta.

– Estou bem – contrapôs. – A sério.

– Fecha os olhos um bocadinho – sugeriu ele. – Vamos demorar ainda uns vinte minutos. Quero que te divirtas, esta noite – disse, acariciando-a.

Seguindo a sugestão dele, Libby fechou os olhos e encostou a cabeça à janela. Sabia bem relaxar. Embora não quisesse admitir, estava muito cansada. Tinha sido uma semana difícil. Estava sem prática de trabalhar tantas horas e

parecia que tudo estava a acontecer ao mesmo tempo. Fora difícil convencer os Buckley a irem para a empresa. Os Nyquist tinham decidido mudar de advogado. Apesar de Libby os ter tranquilizado que não seriam negligenciados numa grande empresa e de lhes ter prometido uma atenção personalizada, decidiram não ficar com Libby.

Hershel, por seu lado, era um homem de palavra. Numa questão de meses, ela seria recebida na empresa como sócia plena. Cada

vez que pensava em ver o seu nome no papel de carta, o coração batia de contentamento.

Libby merecia tornar-se sócia e era gratificante ver finalmente o seu valor reconhecido. Fora necessário quase perderem Mrs. Reed para o perceberem. Bem, estavam a compensá-la agora.

O carro abrandou e Libby abriu os olhos, surpreendida por perceber que dormira o resto da viagem. Estavam na propriedade dos Busbee. Como era uma festa-

surpresa, Phillip estacionara o carro num descampado que não se via da habitação nem da estrada. Dirigiram-se à casa de mãos dadas. Julie Busbee havia combinado esconderem-se todos no celeiro. O plano era revelar a Scott que a prenda dele estava lá. Partiria do princípio que era o cavalo de corrida que tinha pedido. Julie também lho comprara, mas os seus melhores amigos estariam à espera dele, quando lá entrasse.

O plano de Julie resultou na perfeição, e Scott ficara

completamente espantado. A festa fora muitíssimo bem organizada. Uma das mulheres que Libby conhecera na retrosaria, Bethanne Hamlin, ex-cunhada de Robin, geria um negócio de festas e ajudara nos preparativos.

O jantar de buffet estava maravilhoso, seguido de música ao vivo. A festa continuou com uma gincana com cavalos. Toda a gente se estava a divertir imenso, com muito bom humor e bastantes gargalhadas. À medida que a noite

avançava, Libby tentava disfarçar o cansaço. Conhecia quase toda a gente do hospital e entrosou-se facilmente com os amigos de Phillip e Scott. Era bom rever as pessoas, em particular Sharon Jennings.

Em vez do bolo tradicional com as velas, Julie preparara uma enorme fogueira ao ar livre, no meio do campo. Toda a gente grelhava marshmallows na fogueira em honra de Scott, com muitas piadas simpáticas sobre a sua avançada idade.

Depois de cantarem os

parabéns, Libby engoliu mais um bocejo, esperando que ninguém reparasse.

Infelizmente, Phillip apanhou-a em flagrante.

– Tenho de te levar para casa, antes que adormeças em pé.

Ainda era cedo, e ela detestava estragar-lhe a noite.

– Vamos mais daqui a pouco – sugeriu, dando-lhe o braço.

Sem sombra de dúvidas, eles eram agora considerados um casal e ouviram várias piadas sobre

quando se tornaria oficial. Phillip ria-se das graças bem-intencionadas. Mas Libby nem tanto. Queria casar com ele, constituir uma família. Quando atingisse o objetivo de se tornar sócia, sentir-se-ia à vontade para tirar algum tempo. O lugar estaria seguro.

Depois de os primeiros casais saírem, Libby concordou que era altura de se irem embora também. Na viagem de regresso para a cidade, Phillip vinha invulgarmente silencioso.

– Cansado? – perguntou-lhe, lutando para se manter acordada também. O carro aquecido, a noite festiva e o simples facto de estar com Phillip tinham-lhe tirado o peso dos ombros.

Ele não respondeu logo.

– Não particularmente.

Então havia outra razão para o silêncio dele, e ela tinha uma ideia do que poderia ser.

– Em que é que estás a pensar?

Mais uma vez, ele permaneceu calado. Reparou que as mãos

agarravam com força o volante e que se concentrava na estrada, sem arriscar olhar para ela.

– Basicamente gostaria de saber como tencionas equilibrar a tua vida profissional e a tua vida privada. Porque o que estás a fazer agora não está a resultar.

– A minha vida privada? – repetiu, brincalhona.

– Libby, estou a falar a sério.

– Sim, eu sei que estás a falar a sério, e eu também.

– Caíste na velha rotina. Era isto que eu receava, se deixasses o teu

escritório. Criaste regras, mas não te serviram para nada. Quase desististe de treinar no ginásio. Só falaste com a Ava uma vez esta semana e praticamente deixaste de tricotar.

– Phillip, eu sei que correu tudo mal esta semana.

– Está tudo mal. Era suposto sairmos para beber um copo esta quarta-feira, e o que é que aconteceu?

Não que ele não soubesse.

– Está bem, cheguei uns

minutos atrasada.

Ficara retida no escritório.

– Trinta e dois minutos, para ser exato.

– Não podia deixar...

– Dizes tu.

Tinha os lábios cerrados de irritação.

– Não fui só eu que mudei, sabes – retorquiu-lhe. – É complicado falar contigo. É como se existisse uma parede de cimento entre nós. Eras assim quando nos conhecemos.

– Assim como?

– Não sei. Emocionalmente rígido. Costumávamos conversar muito, mandar mensagens o tempo todo, mas agora, se te mando, nem respondes.

– Possivelmente porque me mandas mensagens a dizer que vais chegar atrasada... outra vez.

– Isso não é verdade – Libby não queria discutir. Não esta noite. Nem em nenhuma outra noite. Tinha sido uma semana longa e estavam ambos cansados. Agredirem-se mutuamente era o

caminho mais fácil. Gostaria de conversar sobre o que mudara nele, mas podia ver que não serviria de nada naquele momento.

O silêncio estendeu-se entre os dois, como uma vedação de arame farpado. Por fim, Libby não aguentou mais.

– Foi uma bela festa. A Julie esmerou-se. O Scott ficou mesmo surpreendido.

– Fiquei feliz por teres vindo – resmungou ele, sem preocupação em esconder o sarcasmo.

– Phillip, por favor, não sejas

assim.

– Tens sempre uma desculpa, Libby. Espera só. Será igual no próximo mês e no outro e no seguinte. Sabíamos os dois que isto podia acontecer e, apesar de todas as tuas promessas, caiu tudo por terra ao fim de dois meses.

– Por favor, Phillip, não quero discutir. Não depois de termos tido uma noite tão agradável.

Estendeu-se para lhe tocar no braço e lançou-lhe um olhar suplicante.

Ele suspirou e assentiu com um gesto de cabeça.

– Também não quero discutir.

O silêncio tornou-se um pouco mais confortável, até Phillip dizer:

– Achas que se te enterrares em trabalho, não tens de pensar na Amy Jo?

Libby cerrou os maxilares com força, num esforço para conter a raiva que automaticamente crescera no seu peito. Esperou até o coração se acalmar. O comentário dele fora um golpe baixo que muito

a desagradara.

– Não vais deixar esse assunto em paz, pois não?

Phillip saiu da via rápida e parou num sinal vermelho. Mantendo os olhos na estrada, respirou fundo e concordou:

– Está bem, tens razão. Peço desculpa. Eu amo-te, Libby. Tinha esperança de que juntos pudéssemos construir um futuro.

Pousou a mão no braço dele.

– Quero ter uma vida contigo, Phillip, e também uma carreira. Adoro o que faço e sou boa nisso. –

Pensou em Martha Reed e nos Buckley. – Dá-me apenas alguns meses e prometo-te que tudo vai mudar.

Seriam alguns meses muito duros, não lhe ia mentir. Ele precisava preparar-se para ela chegar tarde a casa várias noites e faltar a muitas sessões de treino. Terminaria a camisola que lhe prometera, mas não antes do Natal.

Phillip estacionou à beira do passeio junto ao prédio dela e respirou fundo, movendo os ombros

para cima e para baixo, como se estivesse em conflito interno.

– Está bem, Libby. Vou tentar ser paciente.

– Tudo se comporá em breve – prometeu, e encostou a cabeça ao ombro dele. – Sobe por uns minutos, está bem?

Ele desligou o carro e subiram juntos no elevador. O ambiente aligeirou-se e ela estava contente com isso. Enquanto apanhava a roupa espalhada, Phillip preparou-lhes dois copos de vinho do Porto.

Aconchegaram-se no sofá. Libby

estava aninhada nos braços dele com a cabeça encostada ao peito. Gostava de ouvir as batidas fortes e sincopadas do coração de Phillip. Inclinando-se, ele beijou-a. Os lábios demoraram-se nos dela, enquanto Libby lhe acariciava o pescoço. Tinham conseguido evitar um conflito maior e ela sentia-se grata. Phillip estava disposto a dar-lhe o tempo que precisava até conseguirem uma rotina satisfatória.

Tudo seria diferente, tinha de

ser. Libby não permitiria que a história se repetisse.

Capítulo 37

Corria a segunda semana de novembro. Libby abriu os lençóis e caiu na cama. A empresa desafiara-a a provar que podia ser uma deles, seguindo uma política de esforço e diligência. Em resultado disso, para além do trabalho no escritório, ela deveria agradar potenciais clientes em jantares sociais, pelo que

chegava a casa muitas vezes depois das dez ou onze da noite.

O último mês fora uma correria, entre contactos e a função de anfitriã nesses jantares especiais. As suas excelentes competências relacionais, recentemente adquiridas, foram-lhe benéficas, já que em três semanas angariara dois novos clientes. A sua importância na empresa crescera e, embora fosse incentivada, pagava um preço alto na vida pessoal.

Apesar de Phillip ter prometido

conceder-lhe aquele tempo, tornara-se cada vez mais impaciente com os horários. Tentou trazê-lo à razão. Ele deveria entender que aquela era uma enorme oportunidade profissional. Era vital que Phillip compreendesse como era importante para ela provar aos sócios que tinham tomado a decisão acertada ao recontratá-la. Como em qualquer outro negócio, desejavam obter provas de que o investimento que fizeram nela tinha retorno. Sabia bem crescer profissionalmente e

desenvolver capacidades em áreas onde costumava ser frágil. Mas era tão frustrante o dia não ter horas suficientes para fazer tudo o que gostaria para viver a vida preenchida e plena que desejava. Em vez disso, estava presa num equilíbrio delicado, procurando tranquilizar os sócios, por um lado, e manter a relação com Phillip e as amigas, por outro. Não queria acreditar que fosse uma situação «isto ou aquilo».

Phillip distanciara-se. Os muros

emocionais estavam mais robustos e difíceis de ultrapassar. Mostrava-se frequentemente sarcástico, irritadiço e desejoso de começar uma discussão. Libby tentara ser paciente. Mordia a língua tantas vezes que receava já ter feito marcas para a vida.

O plano de cirurgias dele também se intensificara depois da reforma antecipada de um dos cirurgiões. O hospital contrataria um substituto, mas o processo de entrevistas estava a ser mais longo do que o previsto. Como

consequência, a carga de trabalho de Phillip aumentara significativamente.

Phillip ligava-lhe muitas vezes entre cirurgias, pedindo-lhe para ir ter com ele, arranjar tempo para um café, dar uma escapadela ao almoço ou simplesmente parar de trabalhar para estarem ao telefone. A cada solicitação, Libby não tinha outra alternativa senão descartá-lo. Por muito que desejasse passar tempo com ele, não podia sair do escritório cada vez que ele

conseguia uma ou duas horas livres. Ela também tinha responsabilidades.

Por duas vezes, as discussões tornaram-se tão acesas que teve de se afastar para acalmar os ânimos.

– O que aconteceu à mulher por quem me apaixonei? – perguntara Phillip.

– Estou aqui. Nada mudou – insistira Libby.

Phillip riu-se, troçando dela.

– És a mesma mulher que dedicou o seu tempo a ajudar uma adolescente grávida?

– Claro que sou.

– Quando foi a última vez que falaste com a Ava?

Libby cerrou os punhos junto ao corpo.

– Ela também me pode ligar, sabes.

Phillip apenas a fitou, abanando a cabeça.

E aquele não era o único dos ataques.

– Sharon contou-me que desde que começaste a trabalhar não foste ao berçário nem uma vez.

Libby tinha de admitir que ficara sem tempo para embalar bebés.

– Não fui e tenho saudades.

– Sharon sente a tua falta e os bebés também. Eras maravilhosa com eles. Apaixonei-me por ti vendo-te cantar às crianças.

Os olhos de Phillip tornaram-se sombrios e tristes, como se a mulher de quem falava tivesse desaparecido para sempre.

– Estava desempregada. Havia tempo de sobra. Agora não. Tenho um emprego e outras

responsabilidades.

Ele olhou-a como se não tivesse escutado uma única palavra.

– Como está a Robin? –
perguntou de seguida.

A interrogação deu a Libby um motivo para sorrir.

– Está boa.

– A sério? Quando falaste com ela pela última vez?

– Esta semana – retaliou, embora, agora que ele perguntara, não tivesse a certeza absoluta.

Libby não partilhou com Phillip o comentário sarcástico de Robin na

última conversa telefónica. Tinham combinado encontrar-se depois do trabalho para beber um copo e Libby cancelara à última da hora. A amiga não levara a bem ficar pendurada. Era a segunda vez em apenas duas semanas.

Agora, estafada como estava, Libby deitava-se de costas, olhando para o teto, ponderando os últimos meses. Os dias tinham voado, derrubando-se sucessivamente como peças de dominó. A festa de aniversário de Scott parecia ter

acontecido no fim de semana anterior, mas já fora há mais de um mês. Em breve, seria o Dia de Ação de Graças e logo a seguir o Natal.

Phillip convidara-a para conhecer os pais dele, viajando de avião até ao Arizona, no Dia de Ação de Graças. Tinha-lhe partido o coração recusar. Ironicamente, ele não pareceu ficar incomodado. Simplesmente ignorou, quase como se não se importasse.

O som da campainha assustou-a. Libby sentou-se na cama e olhou para o relógio na mesa de

cabeceira. Era quase uma da manhã. A única pessoa que lhe ocorreu foi Ava e a ideia inquietou-a.

Libby tinha falado com Ava muito pouco nos últimos tempos, e a rapariga não parecia feliz. Não estava a ter boas notas e discutia muito com a avó. A família de Peter já pusera a casa à venda e tinham-se mudado para fora do bairro.

Pegou no roupão, enfiou os braços nas mangas e deu um nó ao cinto sobre a cintura. Antes de

alcançar a porta, a campainha tocou novamente. Olhando pelo óculo da porta, ficou surpresa ao ver Phillip desgrenhado no hall. Estava com um aspeto terrível. Pelos vistos, tinha andado à chuva, porque o casaco estava ensopado e escorria-lhe água do cabelo.

Destrancou a fechadura, abriu a porta e, com o coração na garganta, perguntou:

– Phillip, o que aconteceu? Estás bem?

Ele olhou-a, piscando os olhos como se não soubesse onde estava

ou como tinha ido ali parar. Passou os dedos pelos cabelos, sem saber o que dizer.

Conduziu-o para a sala, pela mão, e ajudou-o a tirar o casaco.

– Que horas são? – perguntou Phillip, antes de se deixar cair no sofá. Inclinou-se para a frente e olhou para o chão, com os braços pendurados entre os joelhos.

– Quase uma.

Sentou-se ao lado dele e pegou-lhe nas mãos. Estavam geladas. Esfregou-as para que a circulação

voltasse aos dedos.

– O que aconteceu? – sussurrou.

– Deixa-me só abraçar-te por um instante.

Libby nunca o vira assim. Dobrou os joelhos sobre o sofá e deu-lhe o abraço maior que conseguiu. Pousando o queixo sobre a cabeça molhada dele, afastou-lhe suavemente as volumosas madeixas de cabelo da testa, enquanto cantava baixinho, como costumava fazer com os bebés no berçário.

Devem ter passado dez minutos

até ele falar.

– Perdi um bebê esta tarde.

Libby supusera que fosse qualquer coisa do género. Phillip levava a morte a peito, como se fosse responsável, como se a vida ou a morte fossem uma decisão tomada por ele e não por Deus. Quis lembrá-lo que era apenas um instrumento, mas sabia que ele não queria ouvi-la. Duvidava até que acreditasse nela naquele momento.

– Era uma criança especial... muito prematura.

Calou-se como se as palavras lhe doessem.

– A mãe tinha feito cinco fertilizações in vitro e o bebê nasceu mais cedo e com uma deficiência cardíaca. Aquele filho era a única hipótese de terem uma família e ela suplicou-me que lhe salvasse o bebê. – Phillip silenciou-se de novo e não parecia capaz de continuar. Passaram alguns instantes antes de retomar a palavra. – Morreu na mesa de operações. Não conseguimos

reanimá-lo. Viveu menos de cinco horas e eu... eu tive de comunicar aos pais. – Esfregou as mãos na cara.

Neste ponto, Libby estava tão perturbada com o sofrimento dele que sentiu um nó na garganta e não conseguia articular palavra. Imaginava como os pais teriam reagido à notícia. Só conseguiu abraçá-lo, como ele fizera com ela, quando a adoção falhara. Seria capaz de qualquer coisa para atenuar a dor dele, para apaziguar o sofrimento lancinante do seu

coração.

Ao fim de vários minutos, Phillip libertou-se do abraço e levantou-se, os olhos mais intensos do que nunca.

– Não posso continuar com isto.

– Phillip, amor – murmurou, sofrendo com vontade de o consolar. – O hospital precisa de ti, estes bebés precisam de ti. A pior coisa que podes fazer agora é afastares-te. Concordo que o que aconteceu entristeceria qualquer um, mas não podes permitir que te

destrua.

Levantado, olhou para ela, demorando longos segundos.

– Não estava a falar do hospital. Referia-me a nós. Está tudo acabado.

Um arrepio gelado atravessou-a.

– Não estás a falar a sério.

Ele estava em sofrimento e não sabia o que dizia.

– Não é uma decisão do momento – explicou, num tom calmo e sensato. – De há semanas para cá que a nossa relação me tem pesado. Pensei que conseguia

dar-te o tempo necessário até teres um ritmo de trabalho normal. Se aguentasse, se fosse paciente, finalmente as coisas resolver-se-iam. Esperei, e vejo agora que nada vai mudar. Só se for para pior.

– Vai mudar, Phillip. Prometo-te que vai.

Abanou a cabeça.

– És tonta se acreditas nisso, Libby. Tonta.

Enterrou as unhas nas palmas das mãos. Ser chamada de tonta não lhe agradava.

– Precisas de dormir sobre o assunto. Nós fomos feitos um para o outro. Tu sabes isso, eu sei isso. Não queiras desistir de nós. Ainda não.

Deu o seu melhor para aparentar tranquilidade. Por dentro, estava em pânico. Não podia perder Phillip.

– Sei o que está a acontecer, Libby. Tentei ter paciência, mas está na altura de encarar os factos. Esta relação não está a funcionar para nenhum de nós.

Negou-o, abanando a cabeça vigorosamente.

– Isso não é verdade. Está a funcionar para mim. Preciso de ti. Não sabes do que falas.

– Estás a dizer-me que ainda não descobriste porque tens tido tão pouco contacto com a Ava?

– Caso não tenhas reparado, tenho estado ocupada – declarou, zangada, surpreendida com a veemência da sua resposta.

– A Ava lembra-te a Amy Jo. Não conseguiste lidar com o que

aconteceu, quando os Armstrong a adotaram, e por isso evitas a Ava. Ela precisava do teu encorajamento e apoio quando estava grávida, mas agora ainda mais, e onde estás tu? No escritório. Estás sempre no escritório, porque o teu trabalho funciona como um esconderijo. Não precisas pensar no que perdeste. Aconteceu a mesma coisa quando a tua mãe morreu e depois de o Joe te deixar. Enterraste-te em trabalho.

Cada palavra era uma acusação e atingia-a como se estivesse

indefesa e exposta. Lágrimas pesadas enchiam-lhe os olhos e rapidamente começou a pestanejar para as disfarçar.

– Tu também não és o homem que pensava que eras – gritou. – O homem que amo jamais diria essas coisas horrorosas e más, fossem verdadeiras ou não.

Phillip passou a mão pelo pescoço.

– Desculpa.

Engoliu em seco e, como não conseguia falar, aceitou as

desculpas com um gesto de cabeça rápido e abrupto.

– Peço perdão, mas não pelo que disse, Libby – corrigiu e, embora a voz fosse suave, quase gentil, as palavras causaram-lhe um buraco no coração. Cerrou os olhos, dirigindo-se a ele, sem saber o que pensar.

– Lamento, porque acredito mesmo que poderíamos ter sido um casal – lastimou Phillip, voltando-se para a porta.

Durante um momento paralisante, Libby ficou petrificada

no meio da sala. Depois correu atrás dele e agarrou-lhe na mão, impedindo-o de sair. Permitira que Joe tivesse partido. Não deixaria que acontecesse outra vez. Não com Phillip.

– Não vás – suplicou. – Por favor, Phillip, não faças isto.

Phillip aproximou-se, pôs-lhe a mão na nuca e encostou-a ao seu corpo. Quando a beijou, foi com uma paixão contida que era quase dolorosa de tão intensa. Largou-a subitamente, ao ponto de quase a

fazer cair.

– Acabou, Libby – declarou, de forma absoluta. – Não o tornes mais difícil.

Saiu a seguir, deixando-a gelada e em estado de choque.

No final da tarde do dia seguinte, Libby tinha deixado pelo menos seis mensagens no telemóvel de Phillip. Ele não lhe respondeu. Como não conseguia falar com ele por telefone, passou pelo hospital.

– O doutor Stone tirou alguns dias de férias – informou-a Abby,

depois de ter encontrado o gabinete dele trancado.

– Sabes para onde foi? – perguntou Libby, tentando aparentar que tudo estava normal, e falhando redondamente. Estava em pé, de braços cruzados, e com um nó na garganta.

– Não, lamento – respondeu Abby, solidária. – Sentimos a tua falta por aqui.

– Tenho saudades de vir cá – suspirou Libby, apercebendo-se da verdade que existia naquelas

palavras. – Se vires o Phillip, pode dizer-lhe que passei por cá?

– Claro.

Libby saiu do hospital e ficou sentada no carro por alguns minutos. Sabia que devia voltar para o escritório. Recebia vários olhares de revés quando saía sem justificação. Com certeza estavam à sua espera, mas ela precisava de ir a outro lado. Ver outra pessoa.

Quando estacionou à porta de casa de Ava, viu Jackson a treinar cestos na entrada dos Armstrong. Parou quando a viu e ficou a olhar

para ela como se fosse um extraterrestre acabado de sair da nave.

Libby dirigiu-se à entrada e tocou à campainha. Ava atendeu, e os olhos brilharam mal a reconheceu através da portada.

Libby abriu os braços e Ava avançou para ela, apertando-a com tanta força que quase magoava as costelas de Libby.

– Tive tantas saudades suas – murmurou a adolescente. – Nunca a vejo agora.

– Devia ter vindo antes –
respondeu Libby, baixinho,
enquanto lhe fazia festas no cabelo.

– Desculpa, peço imenso desculpa,
mas estou aqui agora. Vamos a
algun lado, para falarmos. Só tu e
eu.

– Está bem – Ava respirou fundo
no fim de um soluço.

Capítulo 38

Libby não soube nada de Phillip todo o fim de semana, embora se agarrasse à esperança que ele devolvesse as chamadas. No sábado à noite estava um farrapo emocional. Convencida de que o perdera, tal como a Joe, aconchegou-se no sofá, enrolada num cobertor, e hibernou o resto do

dia, a ver o Food Network e repetições do Law & Order.

Phillip desaparecera. Pedira-lhe, basicamente, para não o perseguir. Para ele, não havia volta a dar, a decisão estava tomada. Estava farto e não havia reafirmação de intenções, da parte dela, que pudessem mudar esse facto.

Amy Jo estava fora da sua vida, também. Acabara o sonho de criar e amar aquela bebé adorável. Phillip fizera-lhe acusações dolorosas, ao dizer que escondia a

dor enterrando-se em trabalho. Na altura, negara-o. Negara tudo. Mas agora podia ver que ele estava certo. Quando os Armstrong decidiram adotar a neta, sentira como se a tivessem arrancado dos seus braços. A dor simplesmente não passava. A distração que arranjava fora a mesma da vida inteira. Estudava, trabalhava, fazia o que fosse preciso para não se confrontar com a dor que a assaltava.

Só lhe restava a carreira. Libby trabalhara muito para se afirmar,

para ser o orgulho da mãe. E apesar de tudo o que conseguira desde que tinha voltado à empresa, não estava feliz.

Como podia estar se tinha a vida pessoal virada do avesso? Sentia saudades das amigas e da rotina que construía com esforço enquanto estivera desempregada. Sentia a falta de Phillip e da proximidade que em tempos partilharam. Mesmo assim, ainda ouvia a voz da mãe no leito de morte dizer-lhe que devia

aproveitar todas as oportunidades que surgissem, porque nada era garantido.

Molly Morgan desejava que a filha fosse um sucesso, mas de repente Libby apercebeu-se de que a mãe quisera que se desse bem na vida. A felicidade significava abrir-se a estar com os outros, ser afetuosa e aceitar o amor de outrém.

A mãe desejava que fosse uma pessoa completa. Para Libby, isso era sinónimo de relações sólidas: um marido, uma família, amigos e

um trabalho de acordo com os seus talentos. Tinha estado tão focada em tornar-se sócia, como se o título por si só preenchesse os vazios da sua vida.

Aprendera com Phillip que precisava de muito mais do que um nome numa porta ou no papel de carta da empresa. Precisava da família que encontrara, dos amigos. Acima de tudo, precisava dele.

Aqui estava ela, apenas a algumas semanas de alcançar o objetivo, e profundamente infeliz.

Alcançaria o lugar de sócia, muito em breve. Tinha-o nas palmas das mãos.

Não significava nada.

Não sentia nada...
absolutamente nada.

Nenhum júbilo.

Nenhuma alegria.

Nenhum orgulho.

O vazio dentro dela devia estar preenchido, a transbordar. Não estava. Tinha trabalhado, tinha-se desdobrado, lutado e sacrificado para nada.

Porque tinha lidado mal com a

adoção falhada, Libby desiludira Ava. Phillip tinha razão: ver a rapariga lembrava-a de Amy Jo, da perda. Só que era mais do que isso. Era a soma de todas as perdas que sofrera na vida: a mãe, o casamento, o emprego. Uma perda atrás da outra até formarem um monte intransponível que a esmagava sempre que era forçada a confrontá-lo. Deixara que esse monte se interpusesse entre si e Phillip, entre si e o futuro que tinham juntos.

Independentemente do que viesse a acontecer, Libby estava decidida a manter o contacto com Ava. Podia não ter controlo sobre muito mais, mas isto ela podia e devia fazer. Como sabia o que era viver sem mãe, podia ajudar a rapariga a orientar-se pela estrada tortuosa e irregular da adolescência. Seria a sua guia. Durante anos, vira-se a si mesma como alguém sem mãe. Apercebeu-se, de repente, que talvez isso não fosse verdade.

Libby tivera uma mãe, uma mãe maravilhosa, afetiva, apoiante e encorajadora. Ela apenas já não estava ali. Molly desaparecera fisicamente, mas estaria sempre com Libby, da mesma forma que a mãe de Ava estaria com ela.

Darlene Carmichael amava a neta, mas, tal como o pai de Libby, fora apanhada nas malhas da sua própria dor. A senhora fazia o melhor que podia com o que tinha, mas isso não bastava a Ava. Darlene não entendia as

necessidades emocionais da neta, tal como o pai de Libby não entendia as dela. Libby estava decidida a dar-lhe todo o alento e apoio de que precisava. Ninguém tinha estado lá para Libby, mas ficaria ao lado de Ava, porque sabia muito bem o que era sentir-se sozinha, isolada e receosa.

Ava não era a única pessoa que Libby abandonara desde que voltara à empresa. Não falava com Lydia há semanas. A primeira vez que tornara a ver Abby Higginbotham fora quando tentara

encontrar Phillip no hospital. Como estava muito perturbada, Libby não trocara mais que duas frases com a mulher que já considerara uma boa amiga.

Domingo de manhã, Libby saiu da cama depois de uma noite irrequieta. Ao sentar-se na beira do colchão, pés assentes no chão, deu-se conta de que tinha uma grande decisão a tomar. Podia seguir em frente e ser proativa ou ser uma falhada em tudo o que valorizava, para o resto da vida.

Sem saber bem o que fazer primeiro, vestiu-se e decidiu ir à igreja. Havia uma mesmo ao fundo da rua onde morava. Não sabia de que confissão era, mas não estava demasiado preocupada. Depois de perder Amy Jo, sentara-se na capela do hospital e falara com a mãe, ignorando Deus. Agora voltara a querê-lo na sua vida, para a guiar.

Foi brindada com música de órgão ao entrar no templo. Sentou-se num banco atrás tentando

manter-se discreta. Quando decidira ir à missa sentia-se em baixo, mas pouco a pouco, conforme baixara a cabeça para rezar, um sentimento de paz tomou conta dela. Era como se Deus tivesse estado sempre à espera que regressasse e se voltasse para Ele. Tinham sido precisos todos aqueles golpes, aquelas perdas gigantes, para perceber do que precisava e como devia conduzir a sua vida.

Libby voltou para casa e sentou-se à secretária. Ligou o computador e, ao fazê-lo, reparou na planta

murcha ao canto. A mesma planta que ressuscitara com os seus cuidados durante os meses de desemprego.

– Pobre coitada, abandonada – murmurou. Pegou nela. Levou-a para a cozinha, pousou-a num prato, regou-a e adubou-a. Depois colocou-a ao sol, decidida a cuidar da planta para que regressasse à vida... se não fosse tarde de mais.

Capítulo 39

Domingo à tarde, Libby escreveu a carta de demissão da Burkhart, Smith & Crandall. Hershel iria ficar chocado. Na verdade, ela também estava bastante abalada. Podia ser demasiado tarde para si e Phillip, embora rezasse que não fosse. Aquilo era o que precisava de fazer por si... pelo seu futuro.

Assim que acabou, assinou a carta e pô-la dentro de um envelope; depois ligou a Robin.

– Queres ir às compras ou ao cinema?

– Libby, és mesmo tu? – interrogou-se Robin, como se ouvisse uma voz do além. – Não estás a trabalhar? Pensava que trabalhavas sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia.

– Já não.

– Desde quando? – perguntou Robin com uma entoação cética na

VOZ.

– A partir de hoje. Olha, sobre o filme: estou com desejos de pipocas amanteigadas.

– Ah... – Robin parecia estar sem palavras. – Claro, acho...

– Ótimo. Apanho-te daqui a meia hora.

Passaram uma tarde soberba juntas e, a seguir, Libby passou por casa de Ava e foram jantar fora.

– Quero ser cantora – confessou-lhe Ava, enquanto comiam uma salada de tacos. – Acho que sou boa. Há audições na

escola para um musical e devia tentar. O que acha? – perguntou timidamente a Libby, com os olhos fixos na comida.

– Se é aquilo que gostas, acho que deves.

Ava sorriu.

– Então vou tentar. Posso ligar-lhe, se ficar com um papel?

– Podes ligar-me sempre.

– Mesmo que esteja no trabalho?

– Claro. Mas usa o meu número de telemóvel, está bem?

– Está bem.

Ava sorriu enternecida.

Segunda-feira de manhã, Libby sentia-se melhor do que nunca. Entrou calmamente no escritório e ofereceu café e donuts à rececionista.

– Hershel queria vê-la imediatamente – informou Lois.

– Perfeito – retorquiu, tão feliz que quase podia ir a dançar até ao luxuoso gabinete de Hershel.

Fez-lhe um sinal de mãos, assim que a viu.

– Libby, Libby, entre.

– Bom dia, Hershel.

– Vejo que está bem-disposta – comentou, sorrindo ele também. – E estou prestes a dar-lhe uma razão para ficar ainda mais feliz.

A sério? Libby duvidava que ele pudesse dizer ou fazer alguma coisa condizente com a sensação de paz que tinha desde que redigira a carta de demissão. Estava de volta à estaca zero, mas conseguiria lidar com isso. Abby fizera referência, há um tempo, a um lugar de

angariadora de fundos no hospital. Talvez ainda estivesse disponível e ela pudesse candidatar-se.

– Os outros sócios e eu consideramos que tem feito um trabalho extraordinário desde que voltou, de modo que vamos antecipar-nos e torná-la sócia mais cedo do que estava previsto. Provou ser um trunfo para a empresa. Dois novos clientes em três semanas. Incrível. Martha Reed está satisfeita e todos sabemos o quanto esta conta significa para a firma.

Libby levantou a mão, impedindo-o de continuar.

– Antes de dizer mais alguma coisa, talvez queira ler esta carta.

Avançando, entregou-lhe o envelope.

Hershel franziu o sobrolho e rasgou-o. Rapidamente, percorreu as linhas com os olhos semicerrados.

– O que é isto?

– O próprio Hershel me aconselhou a arranjar uma vida, e foi o que fiz. Fiz mesmo e descobri

que adoro a minha nova vida, os amigos que criei, a família que constituí.

Com uma expressão perturbada, Hershel recostou-se na cadeira, batendo suavemente com os dedos no queixo. Fez-lhe um gesto indicando outra cadeira e ela sentou-se.

– E a sua carreira? – perguntou.
– É uma excelente advogada. Tem a certeza de que quer desistir? O que tenciona fazer à sua vida? Regressar à prática privada?

– Não sei. Ainda não decidi. O

hospital poderá ter uma vaga para angariadora de fundos.

Hershel enrugou a testa, como se não a imaginasse nesse lugar.

– Imagina-se num emprego desses?

Mais uma vez, ela não tinha a certeza.

– Penso que sim. O horário seria mais razoável.

– E o rendimento bastante inferior.

Ofereceu-lhe um enorme sorriso e cruzou as pernas.

– Se não fosse por mais nada, tantos meses de desemprego ensinaram-me a viver de forma frugal. Sabe que mais? Não era assim tão mau. E, Hershel, aprendi uma lição neste processo: o dinheiro não traz felicidade. Não traz mesmo. Pensei que tornar-me sócia era o objetivo máximo e, no entanto, quero voltar as costas a tudo e afastar-me, sem uma única dúvida, pois sei o que estaria a perder.

– Pensei que queria tornar-se

sócia – realçou Hershel.

– Também achei que era isso que queria na vida. Mas tudo se alterou no dia cinco de março.

– Cinco de março? – repetiu ele.

– Foi o dia em que me chamou ao seu gabinete para me despedir. Fiquei arrasada e zangada. Deu-me conselhos. Na altura não os quis ouvir, mas escutei o suficiente e ainda bem. Afirmou que era uma oportunidade para mim: deveria alargar horizontes, fazer amigos. Levei as suas palavras a peito; não logo, repare, mas a seu tempo. Fiz

voluntariado no hospital, apaixonei-me e... e tive a hipótese de adotar um bebé. Infelizmente, isso não resultou. – Fraquejou ligeiramente ao referir Amy Jo e fez uma pausa até se recompor. – Mas ela está entregue a uma boa família, que a vai amar. Quando perdi a perspetiva desta criança fazer parte da minha vida, regressei a tudo o que me era familiar. A proposta da empresa não podia ter vindo em melhor altura, e eu agi como sempre: soterei os meus

sentimentos e foquei-me em ser a melhor advogada do mercado. Trabalhar muito não me trouxe realização ou satisfação duradoura. A minha carreira não preencheu o vazio resultante das dores e das perdas que vivi, por mais horas que trabalhasse.

Libby calou-se, sem saber se Hershel iria comentar. Não o fez, por isso continuou:

– Voltar à antiga rotina teve exatamente o efeito contrário. Em vez de me ajudar a esquecer, tornou tudo muito pior. Apercebo-

me agora de quanto os meus amigos são importantes para mim. Negligenciei a relação com Ava porque achei mais importante trazer um novo cliente para a empresa e ganhar pontos consigo do que passar tempo com ela. Isso foi outro erro. Ava lembra-me a rapariga que eu fui na idade dela: órfã de mãe, infeliz e solitária, assustada e sem ninguém. Considero um dever e uma honra ser um exemplo e uma amiga para ela.

– E o homem que ama?

– Talvez... talvez seja demasiado tarde para nós. Ainda não sei. Espero que não, mas se for recuperaremos, eu e ele.

Hershel endireitou-se na cadeira, refletindo seriamente.

– É demasiado importante para a empresa. Não posso deixar que se afaste.

Adorava ouvir aquilo, mas o raro elogio não era suficiente para a convencer a mudar de ideias.

– Não podemos correr o risco de

perder a conta de Martha Reed. Estaria disposta a continuar a trabalhar com ela? É difícil de agradar e está claramente ligada a si.

Libby sentia um enorme afeto pela senhora e teria todo o gosto em trabalhar para ela, mas não se tivesse de sacrificar alguma coisa importante.

– E os Buckley, se assim desejar, uma vez que foi a Libby que os trouxe para cá – acrescentou. – E os novos clientes, se quiser.

– Não sei se estou a entender – disse Libby, confusa mas expectante sobre a explicação.

– Eu chego às nove e saio às seis – disse Hershel. – Tive de obrigar-me a sair mais cedo porque o meu casamento estava em risco. Os meus filhos mal me conheciam. Pensava que era mais importante trabalhar arduamente e proporcionar-lhes os bens materiais que desejavam do que passar tempo com eles. Quase perdi tudo o que tem valor para mim no

processo. Conseguia ver que Ihe estava a acontecer a mesma coisa.

– Mas não sei se sou capaz de abrandar.

– Pode e vai abrandar. Eu vou ajudá-la. Daqui em diante, nunca chegará antes das nove e sairá sempre às seis. A sua carga de trabalho passará a metade e será sócia na mesma.

– E a questão de trazer novos clientes?

– Já deu o seu contributo.

– Mrs. Reed, os Buckley e os outros novos clientes, mas só se eu

quiser?

– Exatamente.

– E o que dirão os outros sócios?

Hershel sorriu.

– Vão concordar. Assegurar-me-ei disso pessoalmente. Não lutei por si o suficiente da última vez; não cometo o mesmo erro duas vezes. Além disso, provou o que vale. Vá falar com o homem que quer para si, crie a família que deseja e a carreira também. Vou ajudá-la a encontrar o equilíbrio, tal como um grande amigo fez comigo

há uns anos.

Libby, sentada na poltrona, estava demasiado estupefacta para responder.

– Ah, e Libby, parabéns, já é sócia da empresa. – E dito isto, rasgou a carta de demissão e atirou-a para o caixote do lixo.

Hershel levantou-se da sua cadeira de costas altas em pele e deu a volta para se colocar à frente da sua secretária. Estacou em frente a Libby e colocou as mãos sobre os ombros dela.

– Só lhe desejo felicidade.

Demasiado atordoada para reagir, Libby agradeceu e foi para o seu gabinete. A primeira pessoa a quem ligou foi Robin.

– Já te demitiste?

– Hershel convenceu-me a ficar. A empresa vai diminuir as minhas horas e responsabilidades. No fundo, fico com Martha Reed e umas poucas contas mais.

Fazia sentido que a quisesse manter, apenas pela conta de Martha Reed. A cliente já expressara muito claramente o que

pensava. Preferia trabalhar com Libby. Se saísse, muito provavelmente iria segui-la, e a empresa não podia permitir que tal acontecesse. Não outra vez.

– Só vais trabalhar em meia dúzia de contas? – Robin disse-o como se fosse demasiado bom para ser verdade.

– Oh, e não é tudo.

– Há mais?

Libby não conteria o sorriso nem por um milhão de dólares. Na realidade, o seu rosto até se alterou com a alegria que a

inundava.

– Tornaram-me sócia.

Robin deu uma gargalhada expressiva.

– Isso é ter o melhor de dois mundos. Parabéns, Libby.

– Não me dês os parabéns já. Ainda me falta reconquistar o Phillip.

– Vais conseguir – garantiu a amiga, confiante.

Libby queria muito que Robin estivesse certa.

O telefonema seguinte foi para

Abby.

Depois de lhe dar as notícias, Abby informou:

– Um passarinho contou-me que o Phillip Stone volta ao hospital na quarta-feira.

– Agradeça ao passarinho por mim.

Quarta à tarde, Libby passou no hospital para embalar recém-nascidos. Sharon nem acreditava que a via por ali e cumprimentou-a com um abraço carinhoso.

– Os bebés sentiram a tua falta – disse a enfermeira-chefe. – E eu

também.

Libby vestiu uma bata, entrou no berçário e escolheu o bebé que chorava mais alto. Pegou-lhe com cuidado e acomodou-se na cadeira de baloiço, olhando-o.

– Então, então – sussurrou de forma a sossegá-lo. – Quem te deixou tão zangado?

Começou a cantar-lhe baixinho, embalando-o para trás e para a frente.

Cerca de vinte minutos mais tarde, Phillip saía do elevador. Foi

diretamente ao berçário, espreitou lá para dentro e seguiu, avançando alguns passos, até se deter, incrédulo. Parou, olhou para ela e, depois de alguns segundos, continuou o seu caminho como se não a tivesse visto.

Dez minutos depois, estava de volta. Desta vez, entrou no berçário e dirigiu-se imediatamente a Libby.

– O que estás a fazer aqui? – perguntou, de forma pouco amigável.

Libby pôs uma mão na anca.

– A embalar bebés. Caso te

tenhas esquecido, estive aqui duas a três vezes por semana, durante vários meses.

– Isso foi antes de voltares para a empresa – argumentou Phillip. – O que aconteceu? Despediram-te outra vez?

– Não – respondeu. – Tornaram-me sócia.

Franziu a testa, como se não tivesse a certeza do que ouvira.

– Sócia?

– Sim – retorquiu-lhe, simplesmente. – Na verdade,

também foi um choque para mim. Fui ao escritório na segunda-feira, disposta a entregar a minha demissão e...

– Ias demitir-te? – Ele mantinha-se a uma certa distância dela, as costas rígidas e os ombros tensos.

Libby deitou o bebé adormecido no berço.

– Tentei demitir-me, mas o Hershel convenceu-me a ficar, com horário reduzido. Só vou trabalhar em algumas contas.

– Porque quererias afastar-te de uma carreira que adoras?

Encolheu os ombros.

– Há objetivos mais importantes que quero alcançar.

– Tais como?

– Tais como ser mentora da Ava e uma boa amiga para a Robin, a Lydia, a Abby; e isso é só o começo. Não sou uma exímia executante de tricô, mas sou bastante boa, e ando a trabalhar numa camisola há algum tempo. Estou quase a terminá-la.

– Uma camisola?

– Para um homem que conheço.

– Um amigo?

– É um amigo, com certeza. Um grande amigo, mas gostaria que fosse muito mais.

Os olhares deles cruzaram-se. Phillip semicerrou os olhos, como se não tivesse a certeza de que podia confiar nela. O coração de Libby batia tão depressa que pousou a mão sobre o peito. Era o momento. Agora ou nunca. Phillip ou a aceitava ou a rejeitava.

– O que é que vai ser diferente desta vez? – perguntou ele.

– Há um certo prazer em trabalhar como advogada e ter-me tornado sócia, mas sei o que é mais importante e não é a minha carreira.

Ele arqueou as sobrancelhas mas não reagiu.

– Descobri que quero muito mais da vida.

– Por exemplo?

Phillip cruzou os braços, numa atitude autodefensiva, como se estivesse de guarda ao seu coração.

– Um marido, para começar – declarou, surpreendida pelo nível a que a sua voz baixara.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

– Isso é uma possibilidade.

– Filhos também – acrescentou Libby.

A boca de Phillip torceu-se, contendo um sorriso.

– É negociável.

– Phillip – murmurou. – Não posso perder-te. Não posso, simplesmente.

Baixando os braços, deu dois passos largos em direção a ela. Prendeu-a no seu abraço e levantou-a meio metro acima do chão. Os braços de Libby envolveram-lhe o pescoço.

– Não quero encarar o futuro sem ti. Amo-te, Phillip.

A voz tremeu-lhe, com a sinceridade das palavras.

– Nada do que lutei por alcançar tem valor se não o puder partilhar contigo.

Ele fechou os olhos e assentiu.

– Não te facilitei as coisas, pois não? Convenci-me de que tínhamos terminado. Pensei que era melhor para nós fazer um corte absoluto, mas não conseguia parar de pensar em ti, na promessa de nós os dois juntos. Amo-te. Achei que me podia afastar de ti, mas não levei muito tempo até perceber que era impossível. Não seria capaz de deixar de te amar.

– Não tentes com tanta força, da próxima vez – brincou Libby.

Olharam-se durante um longo

tempo.

– Amo-te – sussurrou ele, com uma voz profunda, e juntaram os lábios.

Libby entregou-se àquele beijo, deslizando a boca sobre a dele e desabrochando como uma flor ao sol de verão.

Largaram-se quando Sharon tossiu, para se fazer notar.

Libby encostou a testa à dele.

– Estou preparada para passar a vida inteira contigo, a partir de agora – sussurrou.

– Engraçado – brincou Phillip. –

Estava a pensar no mesmo.

Epílogo

Um ano mais tarde

O auditório da Escola Secundária John Adams Junior já estava repleto de estudantes, professores, pessoal da escola e pais quando a banda se sentou no lado esquerdo do palco a afinar os instrumentos. Os chios dissonantes só davam mais graça a

tudo, à medida que Libby e Phillip se dirigiam aos lugares reservados. Libby passou à frente, de mão dada com ele. Tentou não pisar os pés a ninguém, ao passar por pais e professores.

Robin e Roy seguiram-na até alcançarem os seus lugares.

Libby suspirou de alívio ao sentar-se na cadeira de metal. Não era o mais confortável dos assentos, mas servia. Abriu o programa e sentiu uma onda de orgulho ao ver, em primeiro lugar, o

nome de Ava. Interpretava o papel de Maria, no Música no Coração.

Robin aproximou-se.

– Isto é um bocado ambicioso para espetáculo de escola secundária, não é?

– Têm um excelente programa de música. – A banda não interpretaria o musical inteiro, apenas uma versão reduzida. – Reparaste que Ava é a protagonista?

– Creio que mencionaste isso uma dezena de vezes – gozou Robin, dando-lhe um toque com o

cotovelo.

– O que é que estão a cochichar? – perguntou Phillip, aproximando-se.

– Nada, querido. – Libby respondia-lhe sempre ternamente. Depois, esperando que Phillip se tivesse lembrado, perguntou: – Encomendaste as flores para a Ava?

– Sim, amor.

Libby descontraiu.

O diretor da escola fez a sua aparição em palco e calaram-se assim que ele avançou.

– Senhoras e senhores, temos a honra de lhes apresentar esta noite os nossos talentosos alunos. Não podíamos estar mais orgulhosos de todo o trabalho empenhado que foi desenvolvido para esta apresentação. Somos abençoados com cantores e músicos excepcionalmente dotados. Em breve verão com os vossos próprios olhos. Agora, juntem-se a mim concedendo-lhes a vossa atenção e aplausos.

Libby bateu as palmas

intensamente e por um longo tempo. Estava entusiasmada por Ava e também nervosa. Libby aprendera a tocar piano quando era mais nova e ajudara-a a praticar antes das provas. Até Phillip tinha dado algum apoio.

Olhou à volta e ficou triste ao verificar que Darlene Carmichael ainda não chegara, embora tivesse reparado que Jackson, o irmão, estava sentado com os amigos.

A fina cortina abriu-se e Ava estava ao centro do palco, rodeada por vasos com flores. Abriu os

braços e explodiu a cantar: «The hills are alive...»

Os olhos de Libby encheram-se de lágrimas; era impossível estar mais orgulhosa da jovem rapariga e de como tinha ultrapassado tantos desafios nos últimos dois anos. Ava tinha crescido e estava elegante e bonita. A voz tinha amadurecido e ela também. Libby tornara-se uma irmã mais velha e não tanto uma substituta da mãe.

Sentiu uma movimentação e, pelo canto do olho, viu a porta

lateral abrir-se. Darlene Carmichael entrava sorrateira no auditório. Durante vários minutos, ficou em pé, deslumbrada, como se não pudesse acreditar no que via. Só quando uma senhora de casaco vermelho lhe disse que estava a tapar a vista é que se desviou. Pediu desculpa e depois apontou para Ava, gabando-se de ser avó da rapariga que estava a cantar.

A senhora tinha conseguido vir. Libby estava contente. Darlene precisava de ouvir Ava cantar em palco para valorizar o talento da

neta.

Quando os artistas passaram para a segunda canção, Phillip aproximou-se.

– Estás confortável?

– Estou bem.

Arqueou as duas sobrancelhas.

– Phillip, estou bem – declarou, com um pouco mais de ênfase.

Ele deixou cair o assunto. Quarenta minutos depois a cortina desceu, após o grupo terminar a atuação com Edelweiss, convidando a audiência a acompanhá-los.

Phillip procurou a mão dela; entrelaçaram os dedos, e ele juntou a sua voz forte de barítono ao suave tom de soprano de Libby. Até Robin e Roy cantaram.

Quando a cortina voltou a abrir, Ava e o rapaz que fazia o papel de Capitão Von Trapp avançaram para receber os aplausos ruidosos da plateia.

Um dos professores entrou e ofereceu a Ava o ramo de flores que Phillip tinha encomendado. Os Von Trapp desapareceram novamente atrás da cortina.

Os dois casais mantiveram-se sentados à medida que o auditório se esvaziava. Assim que pôde, Ava juntou-se a eles, descendo as escadas do palco aos pulos. Libby abraçou-a em primeiro lugar.

– Fizeste um excelente trabalho. Estou tão orgulhosa de ti.

– A minha avó veio – disse Ava, entusiasmada.

– Via gabar-se a uma das mães de que era tua avó.

Ava fez um largo sorriso.

– Fez mesmo isso?

– Não estou a inventar, Ava. Vi-a com os meus próprios olhos.

Ava olhou para Phillip.

– Obrigada pelas flores.

Phillip fingiu-se surpreendido.

– Mandámos-te flores?

– O cartão vinha em nome da minha avó, mas eu sei que foram vocês.

Robin tossiu ligeiramente.

– E a Robin e o Roy, também.

Ava observou a pequena saliência arredondada da barriga de Libby.

– Nota-se que está grávida – disse, sorrindo timidamente.

– Oh, meu Deus!

– Começou a usar roupas de pré-mamã às duas semanas – provocou Robin.

– Robin – gritou Libby –, não fiz nada disso!

As graçaolas bem-humoradas continuaram até Ava ter de se ir embora.

Quando os dois casais saíram da escola, Phillip trazia o braço sobre os ombros de Libby.

– Ela vai sair-se bem na escola,
para o ano.

– Acredito que sim.

– Nós também estamos
destinados a ter um ano excecional.

Libby sorriu ao marido. Ele tinha
razão. Seria, de facto, um ano
muito bom.